# Fundamentos Antropológicos e Sociológicos

# Fundamentos Antropológicos e Sociológicos

Daniela Feriani
Marcos Roberto Mesquita

© 2018 por Editora e Distribuidora Educacional S.A.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Editora e Distribuidora Educacional S.A.

**Presidente**
Rodrigo Galindo

**Vice-Presidente Acadêmico de Graduação e de Educação Básica**
Mário Ghio Júnior

**Conselho Acadêmico**
Ana Lucia Jankovic Barduchi
Camila Cardoso Rotella
Danielly Nunes Andrade Noé
Grasiele Aparecida Lourenço
Isabel Cristina Chagas Barbin
Lidiane Cristina Vivaldini Olo
Thatiane Cristina dos Santos de Carvalho Ribeiro

**Revisão Técnica**
Carla Patrícia Fregni
Emanuela Patrícia de Oliveira

**Editorial**
Camila Cardoso Rotella (Diretora)
Lidiane Cristina Vivaldini Olo (Gerente)
Elmir Carvalho da Silva (Coordenador)
Letícia Bento Pieroni (Coordenadora)
Renata Jéssica Galdino (Coordenadora)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Feriani, Daniela Moreno
F356f Fundamentos antropológicos e sociólogicos / Daniela Moreno Feriani, Marcos Roberto Mesquita. – Londrina : Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018.
240 p.

ISBN 978-85-522-0614-9

1. Antropologia. 2. Sociologia. I. Feriani, Daniela Moreno. II. Marcos Roberto Mesquita. III. Título.

CDD 300

Thamiris Mantovani CRB-8/9491

*2018*
*Editora e Distribuidora Educacional S.A.*
*Avenida Paris, 675 – Parque Residencial João Piza*
*CEP: 86041-100 — Londrina — PR*
*e-mail: editora.educacional@kroton.com.br*
*Homepage: http://www.kroton.com.br/*

# Sumário

**Unidade 1 | Sociologia e Antropologia: um novo pensar** 7

Seção 1.1 - A sociedade como objeto de estudo: o surgimento de um novo pensar 10
Seção 1.2 - Alguns conceitos e métodos sociológicos e antropológicos 29
Seção 1.3 - Sociologia e Antropologia no Brasil 47

**Unidade 2 | Cultura e instituições sociais** 71

Seção 2.1 - O conceito de cultura 74
Seção 2.2 - Igualdade e diferenças 91
Seção 2.3 - Instituições sociais: continuidades e transformações 108

**Unidade 3 | Trabalho, classe social e globalização** 127

Seção 3.1 - Trabalho e vida econômica 131
Seção 3.2 - Classe social, desigualdade e mundo do trabalho 147
Seção 3.3 - Globalização e diversidade social e cultural 162

**Unidade 4 | A sociologia na era da informação** 181

Seção 4.1 - Tecnologia e sociedade 183
Seção 4.2 - Ciências sociais e tecnologia 198
Seção 4.3 - Mídia e indústria cultural 215

# Palavras do autor

Você já se perguntou por que algumas pessoas agem de uma maneira e não de outra? Em nosso dia a dia, nos deparamos com situações que nos causam surpresa, espanto, admiração, repulsa. Quando não conseguimos compreender alguma cena, é comum fazermos perguntas: por que essas pessoas estão vestidas dessa forma? Por que falam assim? O que estão fazendo?

Ao longo deste livro, vamos aprender a pensar em algumas dessas perguntas a partir de um olhar crítico e reflexivo. Diante dos problemas da vida em sociedade, por exemplo, o desemprego, o choque cultural, o suicídio, o preconceito, a desigualdade, a Sociologia e a Antropologia surgiram como modos de conhecimento numa tentativa de compreender as questões que nos envolvem enquanto participantes de um grupo. O que podemos e o que não podemos fazer numa vida em sociedade? Quais são os alcances e limites de nossas ações? Como conciliar a liberdade de expressão com o respeito às diferenças culturais? Qual é a influência da mídia em nosso modo de ser e pensar? Em que a tecnologia nos ajuda e em que ela atrapalha?

Vamos aprender que a Sociologia e a Antropologia se constituem como conhecimentos científicos a partir de pesquisas e estudos aprofundados sobre um determinado tema, baseando-nos em dados, análises, observação de comportamentos, numa tentativa de compreender aquele problema social deixando de lado as opiniões, os preconceitos, os julgamentos morais, e pensar no porquê dele existir, como, para quê, quais são as suas consequências e possíveis soluções.

Assim, ao longo desse aprendizado, na Unidade 1, vamos ver como surgiu esse novo pensamento sobre a vida em sociedade, quem foram os primeiros pensadores e quais são as questões e os métodos para compreender os problemas sociais. Também acompanharemos como essa "ciência da sociedade" chegou ao Brasil e como alguns sociólogos e antropólogos pensaram a sociedade e cultura brasileiras. Já na Unidade 2, vamos refletir sobre o significado de cultura, como conviver com um outro tão diferente de mim e conciliar igualdades e diferenças. Além disso, refletiremos sobre como as relações de gênero, a família, o Estado e a religião influenciam as nossas vidas.

Mais adiante, na Unidade 3, entraremos no mundo do trabalho e das classes sociais, mostrando como esses conceitos foram pensados de um ponto de vista sociológico, bem como algumas questões associadas a eles, como desemprego, pobreza, desigualdade e os impactos sociais e políticos da globalização. Por fim, na Unidade 4, vamos discutir, principalmente, a influência da tecnologia em nossa vida social, a qual trouxe novas maneiras de viver e compreender o mundo ao redor. Assim, percorreremos a Terceira Revolução Industrial, as consequências sociais da automação do trabalho, as inovações tecnológicas na era das comunicações e da internet, o poder da mídia e como a Sociologia e a Antropologia podem nos ajudar a pensar em dois fenômenos importantes e atuais, como a sociedade de massas e a indústria cultural.

Ter um pensamento crítico e reflexivo sobre a vida em sociedade é uma importante ferramenta para combater preconceitos, compreender situações complexas, ver o mundo de uma nova maneira e propor soluções mais eficazes para o convívio em um mundo que seja mais igualitário e tolerante.

Você está preparado para embarcar nessa viagem a novos mundos e outras maneiras de olhar e pensar? Então desperte sua curiosidade e deixe se guiar pela vontade de saber.

# Sociologia e Antropologia: um novo pensar

**Convite ao estudo**

Você já parou para pensar como são as relações entre homens e mulheres em sua sociedade e por que elas são assim? Quando ouvimos que "a mulher é mais sentimental e frágil" e "o homem é mais forte" ou "homem não chora", o que isso significa? De onde vêm tais afirmações? Quais são os fatores que influenciam nelas?

A antropóloga norte-americana Margaret Mead estudou, de maneira minuciosa e profunda, o estilo de vida de três sociedades da Nova Guiné: os pacíficos, dóceis e suscetíveis Arapesh; os guerreiros, violentos e agressivos Mundugumor e os Tchambuli, entre os quais os homens são carentes, frágeis e vaidosos, responsáveis pelos ornamentos, cuidados com as crianças e atividades domésticas, já as mulheres são dominantes, práticas e trabalham arduamente. Mead conviveu por um longo período com as pessoas, observando regras sociais, organizações familiares, vestimentas, hábitos alimentares, tipos de trabalho, levando em conta diferentes faixas etárias (da infância à idade adulta) e relações de gênero (homens e mulheres). A pesquisa científica foi publicada em 1935, no livro *Sexo e temperamento* (a edição em português é de 1969).

O livro, na época, foi bastante ousado e polêmico ao mostrar que as diferenças entre homens e mulheres não se baseavam em diferenças sexuais, não sendo determinado pela biologia ou por uma suposta natureza corporal, mas que tais diferenças eram aprendidas e transmitidas por meio de comportamentos sociais e culturais. O que é considerado feminino e masculino não é, assim, universal, mas varia para cada sociedade. Ao

questionar os pressupostos da própria sociedade em que vivia (norte-americana) e ao mostrar outras possibilidades de ser homem e mulher, o estudo de Mead suscitou muitas controvérsias e debates, causando uma transformação no modo de pensar as relações de gênero.

Imagine que você tivesse que escolher viver em uma das três sociedades descritas por Mead. Qual você escolheria? Por quê?

Tente imaginar como seria a sua vida nessa nova sociedade. Quais seriam as principais vantagens e os principais desafios?

A incompreensão diante de algo que vimos e/ou soubemos pode nos levar a ter preconceitos e uma visão negativa e estereotipada daquela situação. Como não são fundamentados em dados e análises, os preconceitos acabam sendo uma maneira simplista, incompleta e, muitas vezes, distorcida de olhar para uma determinada situação. Ao longo desta unidade, veremos como é possível ter um novo olhar, uma nova maneira de pensar os fenômenos sociais, não através de preconceitos, mas a partir de conceitos, ou seja, reflexões fundamentadas em estudos, pesquisas de longo prazo, com coleta e análise de dados. Assim, ao invés de simplesmente dizer que "os homens não choram" ou "as mulheres são mais frágeis", vamos desconfiar de tais afirmações, desnaturalizá-las, ou seja, mostrar que elas se inserem em um contexto específico, não sendo, portanto, universais ou verdades absolutas. A Sociologia e a Antropologia buscam problematizar aquilo que o senso comum costuma encarar como "natural" ou "inquestionável" e levantam, frequentemente, questões como: será que é isso mesmo? Há outras maneiras de ser e pensar? Se são assim, por que são assim? Quais são as suas implicações?

Vamos ver que a Sociologia e a Antropologia surgem como esse novo pensar sobre a vida em sociedade, numa tentativa de compreender as diferentes situações sociais que nos rodeiam em sua complexidade e profundidade. Assim, vamos percorrer o contexto de surgimento desse outro olhar através das transformações e conflitos resultantes da sociedade moderna,

de quem foram e o que propuseram os primeiros pensadores e de como a descoberta de outras culturas influenciou nessa nova maneira de pensar a vida social.

Para conhecer essa nova sociedade moderna e esses novos mundos, foi preciso desenvolver métodos, questões, instrumentos de pesquisa e análise dos dados. Assim, veremos como a Sociologia e a Antropologia se constituíram como conhecimento científico, os seus principais desafios e questões, além das novas perspectivas em um mundo que está sempre se transformando.

Finalizando esta unidade, conheceremos o percurso das Ciências Sociais no Brasil, quem são os principais sociólogos e antropólogos brasileiros e como a sociedade e a cultura brasileiras foram pensadas por alguns deles.

Convidamos você, aluno, a embarcar nessa viagem a novos mundos e outras maneiras de olhar, pensar e conhecer a tão complexa e plural vida em sociedade.

# Seção 1.1

## A sociedade como objeto de estudo: o surgimento de um novo pensar

### Diálogo aberto

Conforme descrevemos anteriormente, o contexto de aprendizagem desta unidade tem suas bases no trabalho de Margaret Mead e a sua análise sobre estilo de vida de três sociedades da Nova Guiné: os Arapesh; os Mundugumor e os Tchambuli. Incialmente, lançamos a seguinte reflexão: se você tivesse que escolher viver em uma destas sociedades descritas, qual você escolheria? Por quê?

Imagine que você chegou à sociedade escolhida. Você não conhece as pessoas, não sabe quais são as regras para um bom convívio social, o que é permitido e o que não é permitido fazer. Não consegue compreender por que as pessoas são e agem daquele jeito.

Vamos supor ainda que você presencie, como parte dessa nova cultura, um ritual de sacrifício de gatos e cachorros, que depois se transformaria em um banquete para todas as pessoas da comunidade. Como você se sentiria? O que faria? Você participaria do banquete como uma maneira de se integrar à sociedade ou recusaria por não concordar com aquilo, mesmo que isso possa colocar em risco a sua permanência naquele lugar?

Como se adaptar a essa nova sociedade? Quais estratégias você adotaria para conseguir conviver com as outras pessoas?

Às vezes nem é preciso sair de sua própria sociedade: em nosso dia a dia, estamos constantemente vendo, lendo, sabendo de situações que nos causam desconforto, admiração, choque, repulsa. O que fazer com tais reações, já que não estamos presos em casulos, mas somos pessoas inseridas em um contexto maior, em um espaço público compartilhado no qual o convívio com o outro não só é inevitável como necessário?

O sentimento de espanto diante do que não compreendemos pode nos mover no sentido de querer saber mais sobre aquilo, conhecer os motivos de ser e agir daquele modo, compreender

de maneira profunda as causas e consequências, ouvir as pessoas envolvidas para entender o ponto de vista delas.

Nesta seção, veremos como o advento da sociedade moderna trouxe uma série de transformações e conflitos sociais que exigiram outra maneira de olhar e pensar. Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx foram importantes pensadores que se esforçaram para compreender a nova sociedade que emergia de maneira crítica, séria e profunda. Vamos aprender como eles desenvolveram métodos, questões e análises para abordar os problemas sociais e como esse novo modo de conhecimento continua importante e eficaz para a compreensão dos problemas e fenômenos sociais presentes nos dias de hoje. Se a sociedade moderna abalou as formas de viver e pensar até então vigentes, a descoberta de novas culturas por meio de relatos de viajantes também contribuiu para a emergência de um novo modo de conhecimento.

Se o mundo já não é mais o mesmo, é preciso criar novas ferramentas para compreendê-lo. Surge, assim, um novo pensar.

## Não pode faltar

### O indivíduo e a sociedade

Você já deve ter ouvido falar das histórias de Tarzan e Mogli, os "meninos lobos" que vivem em florestas. Mas você sabia que há casos reais de crianças que viveram e aprenderam com animais a se locomover, comunicar e comer?

Um dos casos mais recentes foi o de uma menina russa. O pai teria sequestrado a filha, ainda bebê, e a trancado em um quarto com cães e gatos, passando a comida por debaixo da porta. Após denúncia da mãe da menina, policiais a encontraram suja, andando de quatro, rosnando e latindo. Não falava uma palavra sequer. A menina, então com 5 anos, foi levada a uma clínica para tratamento médico e psiquiátrico. Ao lhe oferecerem garfo e faca, a menina recusou, preferindo comer com as mãos ("Menina criada com cães já brinca com crianças, mas não fala". Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/menina-criada-com-caes-ja-brinca-com-criancas-mas-nao-fala,1f5a43e78784b310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 28 ago. 2017.

**Pesquise mais**

Para conhecer mais histórias de pessoas que viveram isoladas, sem contato humano, assista ao seguinte filme:

- *O garoto selvagem*, de François Truffaut, 1970. Um menino é encontrado nu em uma floresta na França, vivendo com um bando de lobos. Não sabia falar, andar de maneira ereta, ler e escrever. Após ser encontrado, ele é levado a um médico, que tenta ajudá-lo.

Trailer disponível em: <http://www.seuyoutuber.com/trailer/1627/o-garoto-selvagem-1970.html>. Acesso em: 19 set. 2017.

O que essas histórias nos mostram? As pessoas não nascem "prontas", sabendo como devem ser e agir, mas se tornam pessoas sociáveis por meio de um longo e constante aprendizado passado de geração a geração por aqueles que convivem no mesmo grupo social. Tornamo-nos o que somos porque aprendemos, desde quando nascemos, regras sociais dos grupos com os quais convivemos ao longo da vida, como família, escola, religião etc. Em seu estudo sobre o desenvolvimento dos modos de conduta, o sociólogo alemão Norbert Elias (1994) mostrou como as atitudes, os sentimentos, os comportamentos e os gestos aparentemente mais banais e "naturais" do homem ocidental, tais como assoar o nariz, comer com garfo e faca, tomar banho, fazer amor, brigar, são, antes de tudo, traços culturais, frutos de um processo histórico e social, chamado pelo autor de "processo civilizador", no qual há a aprendizagem e a construção de novos hábitos. Não existe, portanto, atitude natural no homem: qualquer gesto faz parte de uma determinada experiência histórica, cultural, social e política. É preciso, pois, buscar o sentido dessas atitudes e comportamentos não numa "natureza" ou "essência" humana, mas sim no contexto no qual esse humano está inserido.

"Ninguém nasce mulher, torna-se mulher" (BEAUVOIR, 1970, p. 9). Essa frase, da filósofa francesa Simone de Beauvoir, em seu livro *O segundo sexo*, também vai no sentido de que nada no ser humano é determinado de antemão, mas que seus comportamentos, maneiras de ser e pensar são aprendidos socialmente, até mesmo ser homem ou ser mulher. Não é a biologia, ou o órgão sexual,

que determinam o que um homem ou o que uma mulher é. Ter um pênis ou uma vagina não diz nada sobre quem você é, como é, o que pensa, do que gosta etc. Ser homem e ser mulher fazem parte de uma série de regras e convenções sociais: cada sociedade ensina, desde o nascimento, como devemos nos comportar, agir e pensar. Assim, pensando em nossa sociedade, aprendemos desde cedo que mulheres são delicadas, frágeis, meigas e mais emocionais, enquanto que os homens devem ser fortes e provedores. Também podemos ouvir que "lugar de mulher é na cozinha" ou que "homem não chora". Nenhuma mulher nasce sendo mais meiga ou frágil, assim como nenhum homem nasce sendo mais forte e menos emocional: é a sociedade, com seus valores, comportamentos e regras, que nos ensina – ou nos impõe – a ser dessa maneira. Assim, desde que nascemos, meninas e meninos são ensinados a se comportar de uma determinada maneira, a gostar de determinadas cores e coisas. Se bonecas, panelas, bichinhos de pelúcia e vestidos rosas são oferecidos para as meninas, aos meninos temos carrinhos, bolas de futebol, super-heróis e camisetas azuis. Como acabamos nos acostumando com isso, muitas vezes não há qualquer questionamento do porquê ser assim, já que podemos ver como algo natural, normal, verdadeiro, universal.

Porém, é só ver as coisas de outro modo para perceber que não é bem assim. Se você olhar ao redor, verá que há homens muito diferentes entre si, uns mais emotivos do que outros, mais fracos, menos fracos, mais românticos, menos românticos, assim como as mulheres também são muito diferentes: nem todas são frágeis, delicadas e carentes. Não é a biologia, pois, que nos define, mas os comportamentos que aprendemos ao longo de uma vida em sociedade. É numa tentativa de compreender os comportamentos, as regras sociais, as maneiras de ser, viver e pensar das pessoas que a Sociologia e a Antropologia se constituem como um modo de conhecimento científico que se propõe a desnaturalizar aquilo que se mostra como natural, problematizar o que parece ser simples, relativizar o que supostamente é tido como universal, tornar conscientes realidades que antes não o eram. Não ver os fenômenos sociais como algo natural, biológico, universal, possibilita compreender suas transformações ao longo da história, de uma sociedade a outra, e propor soluções para os problemas sociais.

**Pesquise mais**

Para refletir sobre como as relações de gênero são moldadas pela sociedade, veja o vídeo realizado pela BBC, que está disponível em: <https://www.facebook.com/bbcbrasil/videos/10154850839847816/>. Acesso em: 2 out. 2017.

A BBC fez a seguinte atividade: pegou duas crianças pequenas, uma menina e um menino, e trocaram as roupas delas, ou seja, a menina se vestiu com as roupas do menino e o menino, com as roupas da menina. Em seguida, pediu para quatro adultos voluntários (que não estavam sabendo da troca de roupas) brincar com as crianças, oferecendo brinquedos a elas. Quer saber como foram os resultados? Veja o vídeo e reflita!

O vídeo também está disponível no endereço a seguir com um breve texto comentando a atividade proposta: <http://www.bbc.com/portuguese/geral-40974995>. Acesso em: 16 out. 2017.

A vida em sociedade é dinâmica e está sempre se reinventando: uma regra que vale aqui pode não valer em outro lugar, o que é considerado verdadeiro e belo para um grupo pode não representar o mesmo para outro, e o preconceito que existe hoje pode deixar de sê-lo amanhã. Se, por exemplo, antigamente as mulheres que se divorciavam eram vistas de maneira negativa, hoje sabemos o quanto o divórcio se tornou uma prática comum. Ao invés de julgar, o estudo sociológico e antropológico busca ouvir as pessoas para compreender os motivos delas agirem e pensarem daquela maneira. Assim, ao invés de dizer que a greve de professores "atrapalha" ou que só tem "vagabundo" no movimento estudantil, a Sociologia e a Antropologia investigam o porquê de tais movimentos e grupos existirem. Diante dos dados de que os negros têm mais dificuldade para conseguir um emprego, o conhecimento sociológico e antropológico vai tentar refletir sobre isso não a partir de afirmações (preconceitos) como "o negro é inferior", mas levando em conta, por exemplo, o processo histórico de escravidão, o qual deixou sequelas que se fazem presentes ainda hoje.

Desconfiar de "verdades prontas" é ter uma visão crítica, profunda, reflexiva sobre o mundo complexo e plural em que vivemos. E isso pode mudar a nossa maneira de ver, ser, pensar, viver e conviver.

## A sociedade moderna: um novo mundo, um novo pensar

A sociologia surgiu na Europa do século XIX, junto com o pleno desenvolvimento do mundo industrial, em um momento de grandes transformações sociais que resultaram no advento do capitalismo e na chamada sociedade moderna.

Com as viagens de descobrimento, os europeus entraram em contato com outros continentes e povos, o que acabou por expandir as trocas comerciais e ter um acúmulo de riqueza extraordinário. Tal crescimento econômico, com a expansão da produção de mercadorias para outros lugares, criou um contexto favorável à industrialização, com a primeira Revolução Industrial, urbanização, com o crescimento das cidades, e o surgimento da burguesia como nova classe dominante, uma vez que o sistema feudal deu lugar ao modo capitalista de produção.

Além da forte expansão econômica, o fim dos feudos medievais propiciou uma mudança política com o surgimento dos Estados Nacionais. Além disso, a Revolução Francesa, em 1789, contribuiu consideravelmente para uma nova mentalidade social e política, ao proclamar a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão – até então a França vivia sob o domínio de uma monarquia absolutista – por meio dos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade.

Havia também, na Europa, uma efervescência cultural e intelectual. O desenvolvimento das ciências e das artes, com o Iluminismo, promoveu uma crítica à religião – lembrando que a Igreja Católica detinha, até então, um poder considerável sobre a produção e difusão do conhecimento –, valorizando a razão e a humanidade em oposição à fé e à divindade. A concepção teológica do mundo vai sendo substituída pela visão filosófica e racionalista, bem como pela concepção científica. Além disso, a Reforma Protestante também acabou por contestar o catolicismo como a "verdade" e a única forma de conhecimento da realidade. Uma nova forma de pensar o mundo vinha à tona: se antes tudo era explicado por Deus (o que é conhecido como Teocentrismo), tudo passa a ser explicado pelos próprios homens (Antropocentrismo). O indivíduo, assim, passa a ser o centro das explicações e ações.

Todas essas mudanças trouxeram uma nova forma de viver e pensar a sociedade. Esse momento turbulento de grandes e

profundas transformações foi acompanhado de muitos problemas sociais, como desemprego, violência, miséria, formação do proletariado, aumento de suicídios etc. A necessidade de explicar esse novo mundo foi a centelha para que uma nova ciência surgisse. Como explicar que mesmo com o crescimento econômico houvesse desigualdade, desemprego, suicídio? Como explicar a existência de sociedades e culturas tão diferentes umas das outras? Como explicar a influência da religião e da política em nosso modo de viver e pensar?

A Sociologia surge, portanto, como uma tentativa de responder a essas e tantas outras perguntas, como um novo conhecimento para entender um novo mundo. Surge com a sociedade moderna para ser um meio de refletir sobre ela. Não se trata de uma visão ingênua, uma visão que só vê avanços no mundo moderno, mas uma visão crítica, que também leva em conta os problemas sociais, os conflitos, e não apenas os aspectos positivos que a modernidade nos trouxe.

Quem inventou a palavra Sociologia (socio = social; logia = ciência) foi o filósofo francês Auguste Comte (1798-1857). Os principais pensadores, considerados os clássicos da Sociologia, são: Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx.

**Pesquise mais**

Para aprofundar a discussão sobre o que é Sociologia, leia o livro:

- MARTINS, Carlos B. **O que é Sociologia**. São Paulo: Nova Cultural/ Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos).

Com uma linguagem simples e acessível, o livro aborda, em apenas 3 capítulos, o surgimento, a formação e o desenvolvimento da Sociologia.

Para visualizar as transformações e conflitos da sociedade moderna, assista ao filme:

- Tempos modernos, de Charlie Chaplin, 1936.

Trailer disponível em: <http://www.cafecomfilme.com.br/filmes/os-tempos-modernos>. Acesso em: 19 set. 2017.

## Os primeiros sociólogos e a consolidação de uma nova ciência

Como uma ciência que tinha acabado de nascer, a Sociologia, como qualquer outra ciência, precisou passar por um processo de constituição e consolidação. O francês Émile Durkheim (1858-1917) foi um dos primeiros a definir o que seria essa "ciência da sociedade", propondo questões e métodos. Para se diferenciar das outras ciências que já estavam bem consolidadas na época, como a Física, a Química, a Biologia, Durkheim lançou a famosa prerrogativa de que a "sociedade é sui generis", ou seja, a sociedade tem uma lógica própria que não se submete a nenhuma outra: a sociedade não é uma simples somatória de indivíduos, mas uma interação com uma especificidade que é anterior, ou seja, não depende dos indivíduos. Assim como cada ciência tem o seu próprio objeto de estudo, os fenômenos sociais também têm uma particularidade e devem ser estudados por uma ciência específica: a Sociologia.

Em *As regras do método sociológico*, Durkheim descreve como a nova ciência deve se desenvolver, contribuindo, assim, para que a Sociologia se consolidasse enquanto um modo de conhecimento eficaz e legítimo. Ele queria que a Sociologia fosse reconhecida, assim como a Física e a Biologia, por exemplo, como uma ciência objetiva e racional. Assim, estabeleceu que o objeto de estudo dessa nova ciência são os fatos sociais, ou seja, os modos de agir, pensar e viver das pessoas enquanto membros de uma sociedade. Para ele, os fatos sociais devem ser vistos como coisas, isto é, devem ser estudados de maneira científica, com objetividade e racionalidade, por meio de coleta e análise de dados, deixando de lado opiniões e preconceitos.

Além disso, os fatos sociais são: **exteriores**, ou seja, não dependem dos indivíduos, uma vez que eles já existiam antes mesmo de nascermos e continuarão a existir depois que morrermos; **gerais**, pois valem para todos os membros de um grupo; e **coercitivos**, porque são impostos a nós e nos conduzem a agir de determinada maneira, além de sofrermos punições quando desobedecemos. Assim, se um aluno aparecer vestido de uma maneira que não está de acordo com as regras da escola, ele sofrerá alguma punição. Se for a um casamento com trajes de banho, poderá ser alvo de chacota pelos convidados, além de ser expulso da festa. Se for a

um velório e ficar dando gargalhada, você poderá receber olhares recriminatórios pelas demais pessoas. As punições podem ser desde mais severas, como sanções penais, a mais brandas, como risos e chacotas. Além do modo de se vestir e de se comportar em determinados lugares e situações, a religião, as leis, o sistema monetário e a língua são outros exemplos de fatos sociais.

## Exemplificando

Quer mais exemplos de fatos sociais com os quais nos deparamos em nosso dia a dia? Émile Durkheim mostra alguns deles no trecho logo a seguir:

> Quando desempenho minha tarefa de irmão, de marido ou de cidadão, quando executo os compromissos que assumi, eu cumpro deveres que estão definidos, fora de mim e de meus atos, no direito e nos costumes. Ainda que eles estejam de acordo com meus sentimentos próprios e que eu sinta interiormente a realidade deles, esta não deixa de ser objetiva; pois não fui eu que os fiz, mas os recebi pela educação. Aliás, quantas vezes não nos ocorre ignorarmos o detalhe das obrigações que nos incumbem e precisarmos, para conhecê-las, consultar o Código e seus intérpretes autorizados! Do mesmo modo, as crenças e as práticas de sua vida religiosa, o fiel as encontrou inteiramente prontas ao nascer; se elas existiam antes dele, é que existem fora dele. O sistema de signos de que me sirvo para exprimir meu pensamento, o sistema de moedas que emprego para pagar minhas dívidas, os instrumentos de crédito que utilizo em minhas relações comerciais, as práticas observadas em minha profissão, etc, funcionam independentemente do uso que faço deles. (...)
> Aliás, pode-se confirmar por uma experiência característica essa definição do fato social: basta observar a maneira como são educadas as crianças. Quando se observam os fatos tais como são e tais como sempre foram, salta aos olhos que toda educação consiste num esforço contínuo para impor à criança maneiras de ver, de sentir e de agir às quais ela não teria chegado espontaneamente. Desde os primeiros

> momentos de sua vida, forçamo-las a comer, a beber, a dormir em horários regulares, forçamo-las à limpeza, à calma, à obediência; mais tarde, forçamo-las para que aprendam a levar em conta outrem, a respeitar os costumes, as conveniências, forçamo-las ao trabalho, etc, etc. Se, com o tempo, essa coerção cessa de ser sentida, é que pouco a pouco ela dá origem a hábitos, a tendências internas que a tornam inútil, mas que só a substituem pelo fato de derivarem dela. (...) A educação tem justamente por objeto produzir o ser social. Essa pressão de todos os instantes que sofre a criança é a pressão mesma do meio social que tende a modelá-la à sua imagem e do qual os pais e os mestres não são senão os representantes e os intermediários (DURKHEIM, 1999, p. 1-2; 6).

Outro sociólogo que contribuiu para a consolidação da Sociologia como modo de conhecimento científico foi o alemão Max Weber (1864-1920). Diferentemente de Durkheim, Weber argumenta que a sociedade não tem uma explicação em si mesma, não tem uma lógica própria, não tem um sentido intrínseco. A sociedade é um enigma e está sempre mudando de acordo com as escolhas e ações dos indivíduos. A sociedade não está acima dos indivíduos, mas, ao contrário, depende dos indivíduos porque são eles que dão um sentido a ela. Se o principal conceito de Durkheim é o fato social, para Weber é a ação social, ou seja, uma ação que tem um sentido e é voltada para outra pessoa. Se duas pessoas se cruzarem na rua, isso não constitui uma ação social. Mas se elas, ao se cruzarem, interagirem de alguma forma, conversarem, brigarem ou até mesmo desviarem uma da outra, isso é um exemplo de ação social, já que cada uma agiu com um motivo tendo como referência o comportamento da outra pessoa. Uma relação amorosa, um jogo de futebol, uma aula, uma greve, um ato religioso são outros exemplos de ações sociais. Weber, com isso, valoriza mais a ação do indivíduo do que o funcionamento de regras sociais. Para ele, o indivíduo é consciente, livre e autônomo na construção da sua vontade e é ele que cria o social por meio de seus valores e de suas ações.

Weber propõe um método interpretativo e uma Sociologia compreensiva, ou seja, como a sociedade não tem um sentido próprio, o dever do sociólogo é compreender o sentido da ação social, interpretar a vida em sociedade que, em si, é desordenada, conturbada.

O alemão Karl Marx (1818-1883) é outro sociólogo considerado fundador da Sociologia. Para ele, o indivíduo não é nem tão passivo (como é para Durkheim ao enfatizar o funcionamento e a imposição das regras sociais) nem tão ativo (como é para Weber ao privilegiar as ações sociais): se o homem faz a história, se ele é capaz de mudar a sociedade, ele o faz sob condições determinadas. Marx não se contentou em explicar a sociedade, ele também queria mudá-la. Após estudar profundamente o capitalismo, o que lhe deu sua obra mais famosa - *O capital* -, Marx se tornou um crítico desse modo de produção ao mostrar a desvalorização do trabalhador e as condições precárias de trabalho em detrimento do lucro exorbitante do empregador.

Para Marx, o objeto de estudo da Sociologia é a luta de classes (entre operários e burgueses). É o fortalecimento da luta de classes que desencadeia os conflitos e as mudanças sociais. Assim como o enfrentamento entre os senhores feudais e os servos deu origem ao capitalismo e a uma nova classe dominante (a burguesia), Marx acreditava que a luta entre o proletariado e a burguesia levaria ao fim do capitalismo, surgindo um novo modo de produção – o socialismo e, por fim, o comunismo. Para ele, o modo de produção (o que e como se produz, como o feudalismo e o capitalismo) e, consequentemente, a posição dos indivíduos na estrutura produtiva, determina, em última instância, como os indivíduos se relacionam e quais são seus interesses. Por isso, acreditava que, mudando o modo de produção, mudaria a forma de viver e a visão de mundo das pessoas. Assim, com o fim do capitalismo, surgiria outra maneira de viver e pensar, e o trabalhador seria, de fato, livre, em um sentido pleno, uma vez que não mais estaria alienado e subordinado à exploração capitalista.

Durkheim, Weber e Marx, como vimos, têm diferentes maneiras de pensar a vida social. Qual está correta? A Sociologia pode abarcar uma diversidade de pontos de vista e paradigmas, por vezes antagônicos, uma vez que cada um deles consegue dar conta de um aspecto da vida social, mas não de todos, já que a sociedade

é extremamente complexa, plural e inesgotável. Assim, Durkheim pode ser mais interessante para a compreensão de como funcionam as regras sociais e elas se mantêm ao longo do tempo. Já Weber e Marx podem contribuir para uma reflexão sobre os conflitos e as mudanças sociais, enfatizando as ações dos indivíduos. Nesse sentido, todos estão corretos, porque cada um olha para um ângulo da vida social e, assim, por mais diferentes que possam ser, são modos de pensamento que contribuem para a reflexão e para o entendimento da sociedade.

**Assimile**

Como vimos, Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx foram os primeiros sociólogos a pensar o que e como a Sociologia deveria estudar. Cada um elaborou conceitos e métodos importantes que são relevantes ainda hoje para refletir sobre a vida social. Se Durkheim enfatizou o funcionamento das regras ao longo do tempo, Weber e Marx olharam mais para as mudanças e os conflitos sociais. Para deixar mais claro o que cada um propôs como objeto de estudo da Sociologia, vamos ler alguns trechos escritos por eles mesmos.

Boa leitura!

A) Durkheim e os fatos sociais

> **"...consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir, exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele. Por conseguinte, eles não poderiam se confundir com os fenômenos orgânicos, já que consistem em representações e em ações; nem com os fenômenos psíquicos, os quais só têm existência na consciência individual e através dela. Esses fatos constituem, portanto, uma espécie nova, e é a eles que deve ser dada e reservada a qualificação de sociais. (...) Eles são portanto o domínio próprio da sociologia." (DURKHEIM, 1999, p. 3-4)**

B) Weber e a ação social

> Nem toda espécie de contato entre os homens é de caráter social, mas somente uma ação, com sentido próprio, dirigida para a ação de outros. Um choque de dois ciclistas, por exemplo, é um simples evento, como um fenômeno natural. Haveria ação social na tentativa dos ciclistas se desviarem, ou na briga ou considerações amistosas subsequentes ao choque. (WEBER, 1977, p. 139)

C) Marx e a luta de classe

> A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária, da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta. (MARX, 1999, p. 7)
>
> Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos (MARX, 2011, p. 25)

## A descoberta de outras culturas e a Antropologia

Com as viagens de descobrimento, os europeus chegaram à América, Ásia, África e encontraram povos com estilos de vida e hábitos totalmente diferentes. Esse choque cultural, ou seja, essa diferença considerável entre as culturas, trouxe uma grande questão que permanece até hoje: como lidar com o outro que é tão diferente de mim? O que fazer com a diferença cultural?

Sabemos que esses encontros tiveram consequências trágicas. A incompreensão, o espanto, a incredulidade diante de costumes tão diferentes levou a saques, roubos, torturas, genocídio (morte de uma etnia, como, a morte dos índios pelos colonizadores – aliás, "índio" é uma palavra criada pelos europeus como uma tentativa de nomear esse outro tão diferente).

Se a Sociologia, como vimos, surge da necessidade de dar respostas aos problemas sociais da sociedade moderna, a Antropologia nasce como uma reflexão sobre a diversidade cultural, uma tentativa de entender a lógica do outro, aprender o sistema de referências daquela sociedade. Como compreender essa cultura que é tão diferente? Como compreender, por exemplo, o ritual de antropofagia sem julgar, como fizeram os colonizadores, como algo "absurdo", "monstruoso", "demoníaco", "selvagem", mas ouvir o ponto de vista daqueles que o praticam? Como ver a poligamia, a nudez, o canibalismo, a magia, o incesto, o paganismo não como pecados, mas como valores e hábitos de uma sociedade? Como reconhecer que uma cultura, por mais diferente que seja, é tão legítima, verdadeira e correta como a sua?

Encontrar respostas para estas questões não é uma tarefa fácil. Se índios foram mortos, torturados, roubados, convertidos, ainda nos defrontamos constantemente com ações e movimentos intolerantes, e não precisamos ir até a uma sociedade indígena para isso. Em agosto de 2017, um protesto de extrema-direita de pessoas que se autodenominavam nazistas ganhou as ruas de Charlottesville, nos Estados Unidos, com palavras de ordem contra negros, homossexuais, imigrantes e judeus ("'Sou nazista, sim': o protesto da extrema-direita dos EUA contra negros, imigrantes, gays e judeus – Ricardo Senra". BBC Brasil. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-40910927>. Acesso: 28 set. 2017). Apesar de não ser algo novo – o movimento neonazista já existe faz tempo e já tinha feito outras marchas antes –, a manifestação causou espanto e preocupação no mundo, pois, além de indicar o crescimento desse discurso de ódio, não foi prontamente repudiada pelo presidente Donald Trump, o qual só se pronunciou alguns dias depois.

Para a antropóloga Ana Lucia Pastore, da Universidade de São Paulo (USP), o protesto nos Estados Unidos e tantas outras situações de intolerância nos trazem uma questão muito importante e urgente: como nós nos colocamos no espaço público em relação

às diferenças? Qual é a posição que queremos assumir? Quando a liberdade de expressão se torna um discurso de ódio e uma incitação ao crime, ainda assim é liberdade? Como indivíduo, cada um de nós pode ter nossas opiniões sobre as diferenças raciais, religiosas, de orientação sexual, mas como nos colocamos no espaço público, como pessoas que vivem numa sociedade, não depende apenas de cada um, mas de um acordo em comum que saiba reconhecer a diversidade cultural. Caso contrário, a nossa própria sobrevivência está em jogo ("Antropóloga comenta os recentes episódios de intolerância em Charlottesville, EUA – Ana Lucia Pastore" [vídeo]. Disponível em: <http://gnt.globo.com/programas/saia-justa/videos/6084673.htm>. Acesso em: 19 set. 2017).

Ao tentarem compreender o ponto de vista dos outros, estando eles na mesma sociedade ou em outra, a Sociologia e a Antropologia são modos de conhecimentos fundamentais para criticar os preconceitos e respeitar as diferenças, contribuindo para a criação de um mundo em comum mais justo, igualitário e tolerante.

**Reflita**

Leia atentamente o seguinte trecho:

> É tão pouco habitual tratar os fatos sociais cientificamente que algumas das proposições contidas nesta obra correm o risco de surpreender o leitor. Entretanto, se existe uma ciência das sociedades, cabe esperar que ela não consista em uma simples paráfrase dos preconceitos tradicionais, mas nos mostre as coisas diferentemente de como as vê o vulgo; pois o objeto de toda ciência é fazer descobertas, e toda descoberta desconcerta mais ou menos as opiniões aceitas. (...) Ainda estamos por demais acostumados a resolver essas questões com base nas sugestões do senso comum para que possamos facilmente mantê-lo a distância das discussões sociológicas. Quando nos cremos livres dele, ele nos impõe seus julgamentos sem que o percebamos. Somente uma prática longa e especial é capaz de prevenir semelhantes lapsos. Eis o que pedimos ao leitor para não perder de vista. Que tenha sempre presente no espírito que suas maneiras de pensar mais costumeiras são antes contrárias do que favoráveis ao estudo científico dos fenômenos sociais e, por conseguinte, que se acautele contra suas primeiras impressões. (DURKHEIM, 1999, p. XI; XII)

Como vimos, a Sociologia e a Antropologia buscam afastar os preconceitos, as opiniões, os "achismos" - o chamado senso comum - para fazer um estudo científico fundamentado na análise de dados. Assim, ao invés de julgar algo, procuram investigar e compreender o porquê de aquilo ser de tal maneira. Por exemplo, se você for fazer um estudo socioantropológico sobre homossexuais e tiver uma opinião contrária, o seu preconceito ou a sua opinião vai influenciar no resultado de seu estudo: ao invés de compreender, de maneira científica, neutra, crítica, os motivos, hábitos, pensamentos, maneiras de ser e agir daquele grupo, ouvir o ponto de vista deles, você vai acabar julgando-os como "errado" ou "ruim" e isso é contrário ao que propõe a pesquisa científica. A Sociologia e a Antropologia não devem dizer se as coisas são boas ou ruins, certas ou erradas, ou como elas deveriam ser, mas buscam compreender como as coisas são e porque são daquela maneira. Assim, o pesquisador precisa fazer um esforço para que suas opiniões não interfiram na pesquisa, suspendê-las temporariamente para poder compreender aquilo que está sendo pesquisado. Se eu já for com uma opinião pronta, se eu já acho algo sobre aquilo, por que, então, fazer pesquisa?

Por outro lado, somos seres humanos, pessoas com opiniões, julgamentos e preconceitos. Todos nós estamos sujeitos a isso. Não há problema em ter as nossas opiniões numa conversa de amigos, numa mesa de bar, numa reunião em família, porém, quando nos propomos a fazer uma pesquisa científica, essas opiniões precisam ser deixadas de lado para que o resultado seja o mais neutro, objetivo e verdadeiro possível. Como, porém, fazer isso? Como abrir mão de opiniões que nos acompanham há tanto tempo? E será que existe neutralidade e objetividade quando se trata de pesquisar outros seres humanos que também têm suas opiniões e julgamentos?

Vamos retomar essas e outras questões na próxima seção. Aguarde!

## Sem medo de errar

O medo do desconhecido pode ser tanto um convite ao aprendizado e deslumbramento quanto à intolerância e repulsa. Ao se deparar com uma sociedade diferente, com outros hábitos, comportamentos, valores, referências, somos acometidos pelo choque, estranheza, curiosidade. Imagine você tendo que participar de um banquete de

cães e gatos? Isso provocaria espanto e até mesmo horror, repulsa, nojo, já que, em nossa cultura, tais animais são vistos como animais domésticos, e se tornam companheiros em nossos lares. O que é considerado doméstico, porém, não é um dado pronto, mas muda conforme o contexto. Se no Brasil a carne de vaca é consumida, na Índia isso seria uma afronta, já que, lá, a vaca é um animal sagrado (até mesmo os carros param para ela passar). Assim também acontece com muitos outros hábitos alimentares: cada cultura tem uma definição do que é saboroso, consumível, repulsivo, nojento.

Trata-se de uma escolha cultural que envolve um dilema ético: você pode decidir comer a carne de cachorro e gato como uma maneira de demonstrar respeito àquela cultura, ainda que não concorde com aquilo, construindo, com isso, uma convivência mais solidária com as pessoas, ou até mesmo se sentir "pressionado" e constrangido a participar do banquete, ou, ainda, você pode recusar a fazê-lo, o que poderá causar certo desconforto àqueles cujo hábito alimentar é normal, podendo colocar em risco sua própria permanência no grupo. Vemos, assim, que não são decisões fáceis, e aqueles que se dispõem a fazer pesquisa em outras sociedades e culturas precisam lidar com elas constantemente.

É normal que, em um primeiro momento, a gente julgue aquilo que não conhecemos a partir de nossos preconceitos, opiniões, nossa visão de mundo. O senso comum é uma primeira forma de conhecer o mundo em que vivemos, e vamos formando-o ao longo de nossa convivência com os grupos nos quais participamos, como família, escola, religião e sociedade. Porém, se quisermos compreender, de fato, aquilo que não conhecemos, é preciso fazer um esforço para deixar os julgamentos e as opiniões de lado, assumir que não sabemos nada sobre aquele grupo ou comportamento, ainda que já tenhamos ouvido falar e, por isso, já temos alguma ideia ou noção. É somente quando suspendemos as nossas pré-noções que nos colocamos à disposição para ouvir o outro, aprender com o seu ponto de vista, conhecer a sua visão de mundo sem que a minha interfira ou sem achar que a minha é a correta: respeitar a diferença é saber se colocar na situação do outro e compreender que a sua maneira de ser e pensar, mesmo tão diferente da minha, é tão correta e verdadeira quanto a de outros.

Se os sociólogos e antropólogos fizeram disso a sua profissão através de pesquisas científicas profundas, sérias, reflexivas, fundamentadas

em dados e análises a longo prazo, não é preciso ser um deles para levar essa postura ao nosso dia a dia, assim como não é preciso viajar para uma sociedade distante e exótica para colocá-la em prática. Ter um pensamento crítico, desconfiar das "verdades prontas", ouvir o que o outro tem a dizer, ainda que você pense de maneira diferente, são os pilares para o amadurecimento tanto como indivíduo quanto como participante de um contexto maior, de um mundo em comum que seja tolerante com as diferenças. Sabemos o quanto isso não é uma tarefa fácil, mas é necessária, urgente, para que tenhamos uma boa convivência social, seja para discutir política e religião, discordar dos pais, assumir uma orientação sexual, defender uma causa, tomar uma posição diante de um assunto polêmico, argumentar que você não concorda: tudo isso pode e deve ser feito, mas o como fazer mostra muito sobre quem nós queremos ser. Afinal, como você quer se colocar no mundo? Que atitude você quer ter?

## Faça valer a pena

**1.** A Sociologia surgiu na Europa, no século XIX, em um momento de grandes transformações sociais, econômicas e políticas, sendo considerada como "filha da modernidade" e "ciência da sociedade". Desemprego, desigualdade, suicídio, pobreza eram alguns dos problemas sociais na época.

Sobre o surgimento da Sociologia, assinale a alternativa correta:

a) A Sociologia surgiu como um elogio à sociedade moderna.
b) A Revolução Francesa não teve influência alguma no surgimento da Sociologia.
c) A Reforma Protestante não teve influência alguma no surgimento da Sociologia.
d) A Sociologia surgiu com o feudalismo.
e) Industrialização e Iluminismo contribuíram para o surgimento da Sociologia.

**2.** Leia atentamente o poema a seguir:

Nada é impossível de mudar.
Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:

não aceiteis o que é de hábito
como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural,
nada deve parecer impossível de mudar.
(Bertolt Brecht, poeta alemão. Disponível em: <http://www.avozdapoesia.com.br/obras_ler.php?obra_id=2176&poeta_id=233>. Acesso em: 4 out. 2017.)
Como o poema descrito anteriormente se relaciona com o modo de conhecimento da Sociologia e da Antropologia? Assinale a alternativa correta.

a) A negação da biologia como ciência.
b) A incitação à revolta e desobediência das leis.
c) A desconfiança em relação ao que dizem ser natural.
d) A valorização dos hábitos como algo inquestionável.
e) A valorização da desordem e confusão.

**3.** Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx foram os primeiros sociólogos a contribuir para que a Sociologia fosse reconhecida como um novo modo de conhecimento. Com visões diferentes da vida social, cada um deles vai propor um objeto de estudo e método para a "ciência da sociedade".

Considerando os conceitos e as teses propostos por cada um dos três autores, assinale a alternativa correta.

a) Para Durkheim, a sociedade é uma somatória de indivíduos.
b) Para Marx, a sociedade é contraditória e caracterizada por conflitos sociais.
c) Weber acredita que o indivíduo é passivo, ou seja, não tem ação sobre a sociedade.
d) Durkheim valoriza as mudanças sociais, diferentemente de Weber, quem enfatiza o funcionamento das regras.
e) Marx estudou o capitalismo, por considerá-lo o modo de produção mais eficiente e justo socialmente.

# Seção 1.2

## Alguns conceitos e métodos sociológicos e antropológicos

### Diálogo aberto

No começo desta unidade, soubemos de três sociedades da Nova Guiné com estilos de vida diferentes: os pacíficos, dóceis e suscetíveis Arapesh; os guerreiros, violentos e agressivos Mundugumor e os Tchambuli, entre os quais os homens são carentes, frágeis e vaidosos, responsáveis pelos ornamentos, cuidados com as crianças e atividades domésticas, já as mulheres são dominantes, práticas e trabalham arduamente.

Inicialmente, propusemos que você escolhesse uma dessas sociedades para viver durante um período. Agora, imaginemos a seguinte situação: após um tempo de convivência, ainda sem poder compreender o estilo de vida da nova sociedade em que está vivendo, você decide que está mais do que na hora de conhecer aquelas pessoas. Resolve, assim, fazer uma investigação séria, profunda, um estudo científico, ou seja, fundamentado em dados, análises de resultados, sem a interferência de opiniões, "achismos" e preconceitos. Para isso, você teria que elaborar um roteiro de perguntas que gostaria de fazer às pessoas. Quais seriam essas perguntas? Como abordá-las? Tente imaginar como seriam suas ações, postura e linguagem como pesquisador. Além das perguntas, o que mais você poderia fazer para estudar aquela sociedade? Como desenvolver a pesquisa? Como colocar em prática e responder as suas questões e expectativas como pesquisador? Quais são os resultados e os desafios que você espera encontrar?

Como vimos, o senso comum, ou seja, o conhecimento que adquirimos ao longo de nossa vivência em sociedade, baseado em opiniões e julgamentos que vamos formando a partir de nossa história de vida, é uma das formas, normalmente a primeira, de lidar com o desconhecido, com aquilo que não compreendemos. O problema é que esse tipo de conhecimento pode trazer afirmações falsas, preconceitos ou explicações simplistas para situações que normalmente são bem mais profundas e complexas. Como é

um conhecimento muito pessoal, ele não pode ser generalizado. Por exemplo, se você participa de uma determinada religião, provavelmente você a considera como a mais verdadeira e correta em relação às outras, mas, apesar de fazer sentido para a sua vida, tal sensação pode não ser a mesma para outras pessoas. É, assim, uma verdade para você, mas não é a verdade, já que nem todo mundo vai pensar e sentir isso da mesma maneira, pois pode ter outra religião ou mesmo não ter religião alguma. Da mesma forma, se você nasceu e conviveu em um grupo que considera que as mulheres são mais frágeis e vulneráveis do que os homens, talvez você ache que isso sempre foi assim e que seja em qualquer lugar.

A Sociologia e a Antropologia, porém, vão desconfiar do senso comum, afastando-se de opiniões, julgamentos e preconceitos para se aproximarem de um estudo científico do mundo em que vivemos. Mas o que significa conhecer algo cientificamente? Como fazer isso se a sociedade, diferentemente de uma equação matemática, não é algo exato, não tem uma única resposta possível, mas, por ser tão complexa e plural, permite diferentes possibilidades de reflexão e interpretação?

Nesta seção, vamos conhecer alguns métodos que sociólogos e antropólogos desenvolveram para conhecer os fenômenos sociais, sejam aqueles inseridos na própria sociedade ou em sociedades distantes. Quais são os desafios de se fazer uma "ciência da sociedade"? Quais são as novas perspectivas em um mundo que está sempre se transformando?

Vamos conhecer algumas reflexões sobre as relações de gênero feitas por sociólogos e antropólogos, exemplificando, na prática, como estudar uma situação social de maneira científica. Se, em nossa sociedade, homens e mulheres são pensados de determinada maneira, como ter uma visão crítica sobre essa forma de pensar, mostrando que ela não é a única possível?

Imagine que você esteja entrando no ritual de iniciação de um cientista social. Como pensar o mundo de maneira sociológica e antropológica? Quais são os alcances e limites desse modo de conhecimento?

Avançando nessa viagem da busca pelo desconhecido, você vai descobrir novas realidades e maneiras de interpretá-las e aprender que o mundo em que vivemos é muito mais complexo, plural, misterioso e instigante do que imaginamos.

## Não pode faltar

### O conhecimento científico nas ciências sociais: métodos e questões

Como vimos, a sociologia nasce como uma reflexão sobre a sociedade moderna: os sociólogos começaram estudando situações e fenômenos presentes na própria sociedade. Já a antropologia surgiu com a descoberta de outros povos através das viagens de descobrimento e, assim, como uma tentativa de compreender sociedades e culturas distantes, consideradas exóticas, ou seja, diferentes daquelas em que os antropólogos estavam inseridos. Compreender a própria sociedade e compreender outra sociedade tem implicações e métodos diferentes para a pesquisa nas ciências sociais. Se a primeira situação requer o processo de "transformar o familiar em exótico", na segunda trata-se de "transformar o exótico no familiar", nas palavras do antropólogo brasileiro Roberto DaMatta (1978), do qual falaremos mais na próxima seção.

Fazer um estudo científico sobre a própria sociedade requer que o pesquisador desconfie do senso comum e de afirmações e situações que foram tidas como verdades até então. Inserido naquela sociedade com a qual já tem uma convivência, participando dos costumes e modos de ser, o pesquisador precisa se esforçar para ver tudo aquilo que já é familiar com outros olhos, numa tentativa de pensar no porquê de ser daquela maneira e não de outra. É preciso, assim, transformar o familiar em exótico, ou seja, suspender todo o conhecimento que você tem sobre aquilo que se quer estudar para se colocar numa posição de quem quer conhecer, compreender, aprender, como se não soubesse nada daquilo. Trata-se de um processo de desligamento emocional do pesquisador com o objeto a ser estudado, ou seja, uma tentativa de se distanciar para tomar aspectos de nossa vida social considerados como "normais" e "naturais" e provocar um estranhamento diante deles para compreender suas razões de ser, agir e pensar. Se, por exemplo, você quiser estudar sua própria religião, é preciso deixar de lado suas opiniões e crenças como fiel para se posicionar como pesquisador e ter uma visão científica, crítica sobre o que significam aquelas crenças e ações, o porquê das pessoas pensarem e agirem daquele modo.

Quando, porém, você quer olhar e compreender cientificamente outra sociedade, diferente daquela na qual você está inserido, o movimento é inverso. O esforço do pesquisador é, aqui, no sentido de se aproximar daquilo que, à primeira vista, é tão diferente e estranho numa tentativa de transformar o exótico em familiar, ou seja, compreender a lógica daquela sociedade, apreender o ponto de vista das pessoas que ali vivem. Ao fazer isso, você vai perceber que o exótico não é tão estranho assim: apesar de diferente, aquela sociedade também tem uma lógica, um sistema de referências tão coerente e verdadeiro quanto qualquer outro. É desse modo que o pesquisador consegue se distanciar dos preconceitos e julgamentos: ao invés de dizer que os índios são preguiçosos porque não trabalham, ou que os Tchambuli são "doidos" porque deixam as mulheres dominarem os homens, compreender que se trata de estilos de vida diferentes, com regras e significados próprios.

Estudar a própria sociedade e estudar outra sociedade requer métodos e estratégias de pesquisa. A Sociologia e a Antropologia fazem uso tanto dos métodos qualitativos quanto quantitativos (como dados estatísticos, tabelas, censos, softwares de análise e cruzamento de dados). Porém, o que de fato as tornam ciências especiais, ou seja, ciências denominadas "humanas" ou "sociais", é porque, além de ter um objeto de estudo específico – os aspectos sociais e culturais de um grupo ou fenômeno –, elas têm um olhar próprio, uma perspectiva fundamentada em uma análise crítica, profunda e reflexiva, na qual estudos com diferentes ângulos ou pontos de vista acabam, muitas vezes, por se complementar. Algumas pesquisas se baseiam principalmente na observação e no acompanhamento de pessoas e grupos sociais por longos períodos de tempo – o chamado método qualitativo. O antropólogo polaco Bronislaw Malinowski (1884-1942) foi o primeiro a descrever esse método como pesquisa de campo, isto é, a convivência prolongada com as pessoas a serem estudadas por meio da observação participante, a participação nos aspectos da vida social daquele grupo.

Assim, por exemplo, se você quer entender porque os Tchambuli são daquele jeito, você deve viver como eles por um determinado período, participar das situações do dia a dia: fazer as refeições junto com eles, acompanhar homens e mulheres em seus afazeres diários, observar a rotina de trabalho, perceber como são as relações familiares, como eles se dirigem uns aos outros, ficar atento aos

gestos e comportamentos, conversar com eles. Após esse longo período de convivência com o grupo social a ser estudado, o cientista social faz uma análise do material coletado e escreve sobre isso. O antropólogo estadunidense Clifford Geertz (1926-2006) chama esse método de apresentação e interpretação dos dados sociológicos e antropológicos de "descrição densa", ou seja, uma descrição detalhada e profunda dos aspectos e fenômenos sociais observados ao longo da pesquisa de campo. Para ele, fazer pesquisa em ciências sociais é como tentar ler um manuscrito estranho, cheio de incoerências, e buscar o seu significado, a sua lógica, a sua coerência (GEERTZ, 1989).

Se, em um primeiro momento, muito do que estiver sendo visto soará como algo estranho e incompreensível, com o tempo de convivência as coisas vão se tornando mais familiares e inteligíveis. Isso exige que se crie uma relação de confiança entre pesquisador e pesquisado: tanto um quanto outro devem permitir que a convivência seja a melhor possível, o que não significa, porém, que não haja conflitos e desafios.

**Pesquise mais**

Para aprofundar o seu entendimento sobre a observação participante, leia o artigo:

- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia,** São Paulo, USP, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.

### Desafios e perspectivas: a relação entre pesquisador e pesquisado

A sociologia e a antropologia são ciências sociais e humanas, o que implica numa relação entre pessoas. Isso traz um desafio à pesquisa, já que o objeto de estudo, não sendo um número, uma planta ou um animal, é ativo, fala, opina, pensa, sente e interage. Trata-se, assim, de uma ciência especial, singular, em que a relação que se estabelece entre pesquisador e pesquisado é fundamental para o desenvolvimento e as conclusões da pesquisa.

Se, como vimos, um estudo científico é aquele em que deixamos de lado preconceitos e julgamentos para ter uma visão crítica, profunda e reflexiva, isso não é tão fácil quando se trata de um estudo intersubjetivo, ou seja, no qual envolve uma relação entre pessoas. Se a objetividade e neutralidade são princípios buscados pelo cientista, essa busca encontra dificuldades quando estudamos seres humanos, uma vez que somos fundamentalmente subjetivos, movidos por paixões, interesses e expectativas.

Dessa forma, é impossível suspender totalmente nossos juízos e sentimentos em nome de uma objetividade completa, mas isso não significa que o pesquisador não deva fazer um esforço nesse sentido para que eles interfiram o menos possível nos resultados da pesquisa. Para o antropólogo Geertz,

> **nunca me impressionei com o argumento de que, como é impossível uma objetividade completa nesses assuntos (o que de fato ocorre), é melhor permitir que os sentimentos levem a melhor. Conforme observou Robert Solow, isso é o mesmo que dizer que, como é impossível um ambiente perfeitamente asséptico, é válido fazer uma cirurgia num esgoto. (GEERTZ, 1989, p. 21)**

Se o pesquisador observa aqueles a serem estudados, ele também é observado por eles. Nesse sentido, é difícil manter uma posição distanciada e neutra quando se trata de conviver com as pessoas, participar do dia a dia delas, conversar, observar, perceber gestos e comportamentos. A pesquisa de campo implica em envolvimento, interação e, com isso, a barreira entre observador e observado, pesquisador e pesquisado tende a se diluir. Se o termo "objeto" é muitas vezes usado para designar aquilo que se estuda cientificamente, aqui, nas ciências sociais, ele se mostra insuficiente, pois estamos lidando com pessoas ao invés de coisas inertes e passivas. Trata-se, assim, muito mais de sujeito do que de objeto.

No surgimento da sociologia e antropologia e, por um bom tempo foi importante tomar aquilo que se estudava como objeto para que os ideiais de neutralidade e objetividade fossem alcançados e, com isso, elas fossem consolidadas e reconhecidas como modos de conhecimento científico. Assim, a relação entre pesquisador e pesquisado era pautada pela assimetria de poder: era o primeiro quem

detinha a palavra e a autoridade para falar em nome do segundo. Porém, cada vez mais sociólogos e antropólogos questionam a própria posição e autoridade como porta-voz e detentor da verdade (como se essa fosse única e absoluta) do povo estudado: se, de fato, eles têm conhecimento sobre o assunto, eles vêm reconhecendo que se trata de um conhecimento parcial e não total, ou seja, em se tratando de pessoas e sociedades, não é possível conhecer tudo, mas fragmentos, aspectos da vida social, assim como a objetividade e a neutralidade completas não existem. Isso levou e vem levando a uma mudança de atitude e reflexão sobre o próprio ato de conhecer: ao invés de ver o outro como objeto passivo, percebê-lo como sujeito, capaz de falar por si próprio, até mesmo discordar e se posicionar em relação a algo que foi dito pelo pesquisador, contribuindo, com isso, de maneira ativa com a pesquisa por meio de uma relação mais simétrica e dialógica. Nesse sentido, não se trata de um mero objeto de estudo, mas de um sujeito também capaz de produzir conhecimento.

Sociologia e Antropologia são, sim, ciências, mas de um tipo muito especial: ser ciência, aqui, não significa ser uma verdade única, universal e absoluta, mas uma interpretação – verdadeira, porque é baseada em dados e análises – que não esgota toda a complexidade e pluralidade da vida social. Reconhecer os alcances e limites da própria pesquisa através da autocrítica, ao invés de enfraquecer os resultados do estudo, acaba por torná-los ainda mais potentes, uma vez que abre para outras possibilidades de ver, pensar e conhecer aqueles aspectos e fenômenos sociais, deixando assim, a compreensão ainda mais profunda e instigante.

Os desafios da relação entre pesquisador e pesquisado se tornam ainda mais interessantes quando o que era antes considerado "objeto" de estudo ou um mero informante (aquele que passa informações ao pesquisador) se torna autor do próprio conhecimento. Recentemente, temos visto surgir importantes lideranças indígenas que não se conformam mais com a posição que pesquisadores assumiram: posição de autores e produtores. É o caso, entre outros, de Davi Kopenawa, um xamã yanomami (grupo indígena que vive na Amazônia), que tem ganhado notoriedade no Brasil e no mundo como porta-voz de seu povo e outros índios ao criticar a exploração capitalista do mundo dos brancos e a destruição das florestas, mostrando que é possível viver de outras

formas, além de reivindicar a garantia de direitos indígenas, como a demarcação de terras.

Em parceria com o antropólogo francês Bruce Albert, que estuda os Yanomami há quarenta anos, Davi Kopenawa escreveu o belíssimo livro A queda do céu: palavras de um xamã yanomami, publicado em 2010, na França, e em 2015, no Brasil. O livro, com mais de 700 páginas, é um importante relato do modo de vida yanomami, como ele se tornou xamã (líder espiritual) as crenças e os rituais dos espíritos da floresta. Ele também conta como foram os primeiros contatos com os brancos, a sucessão de epidemias e destruição que se sucederam desde então, e como ele se tornou um porta-voz em defesa do modo de vida e visão de mundo indígenas e da proteção das florestas.

Se antes tínhamos apenas relatos de viajantes sobre como foi o encontro com os índios, os quais, muitas vezes, mostraram-se perplexos com costumes tão diferentes, agora temos cada vez mais relatos de índios contando a sua versão desse encontro, os quais também se mostraram atônitos e espantados com o modo de ser, agir e pensar dos brancos (não índios). Conhecer o ponto de vista dos índios por eles próprios é muito importante para, de fato, vê-los como sujeitos capazes de produzir conhecimento e ter voz ativa, reconhecendo a legitimidade de sua visão de mundo através de uma relação mais igualitária e respeitosa. Isso tem levado os antropólogos a repensarem o modo de fazer pesquisa, já que cada vez se torna mais difícil manter uma posição de autoridade e uma relação desigual com os grupos indígenas estudados.

**Exemplificando**

O movimento cada vez mais frequente de índios que assumem uma posição de autores do próprio conhecimento e cultura tem sido chamado de "antropologia reversa" ou "antropologia simétrica". Davi Kopenawa tem sido um grande nome nesse sentido. Para conhecer melhor o teor e a importância desses relatos, vejamos algumas das palavras desse importante líder, em A queda do céu: palavras de um xamã yanomami:

> **Os xamãs yanomami não trabalham por dinheiro, como os médicos dos brancos. Trabalham unicamente para o**

céu ficar no lugar, para podermos caçar, plantar nossas roças e viver com saúde. Nossos maiores não conheciam o dinheiro. (...) O dinheiro não nos protege, não enche o estômago, não faz nossa alegria. Para os brancos, é diferente. Eles não sabem sonhar com os espíritos como nós. Preferem não saber que o trabalho dos xamãs é proteger a terra, tanto para nós e nossos filhos como para eles e os seus. (KOPENAWA, 2015, p. 216-217)

"... não maltratamos a floresta, como fazem os brancos. Sabemos bem que, sem árvores, nada mais crescerá em sua terra endurecida e ardente. Comeremos o quê, então? Quem irá nos alimentar se não tivermos mais roças nem caça? Certamente não os brancos, tão avarentos que vão nos deixar morrer de fome. Devemos defender nossa floresta para podermos comer mandioca e bananas quando temos a barriga vazia, para podermos moquear macacos e antas quando temos fome de carne. Devemos também proteger seus rios, para podermos beber e pescar. Caso contrário, vão nos restar apenas córregos de água lamacenta coberto de peixes mortos. Antigamente, não éramos obrigados a falar da floresta com raiva, pois não conhecíamos todos esses brancos comedores de terra e de árvores. Nossos pensamentos eram calmos. (...) Não falo da floresta sem saber. Contemplei a imagem da fertilidade de suas árvores e a da gordura de seus animais de caça. Escuto a voz dos espíritos abelha que vivem em suas flores e a dos seres do vento que mandam para longe as fumaças de epidemia. Faço dançar os espíritos dos animais e dos peixes. Faço descer a imagem dos rios e da terra. Defendo a floresta porque a conheço... (KOPENAWA, 2015, p. 391).

Acho que vocês deveriam sonhar a terra, pois ela tem coração e respira (KOPENAWA, 2015, p. 468).

É importante dizer, para melhor compreensão dos trechos citados anteriormente, que os índios Yanomami, assim como outros grupos indígenas, acreditam que todos os seres são dotados de espírito. Assim, os animais, as plantas e os fenômenos naturais (como tempestades, raios, trovões) detêm poder e intencionalidade, influenciando, assim, a vida social. Os xamãs, como líderes espirituais, são capazes através de rituais específicos, de ouvir e conversar com esses espíritos passando para o restante do grupo suas profecias, aprendizados e orientações de como agir em situações de desordem, como doença, morte, guerra e destruição.

**Pesquise mais**

Para conhecer mais sobre Davi Kopenawa, importante líder indígena no Brasil e no mundo, acesse o link a seguir:

- Davi Kopenawa Yanomami: um livro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4gWPamU0aXw>. Acesso em: 12 set. 2017.

## O conceito de gênero: um panorama

Como estamos vendo, a sociologia e a antropologia, como conhecimentos científicos, buscam desnaturalizar situações e afirmações tidas como naturais por certo grupo social ou cultural. Assim, quando Margaret Mead fez seu estudo nas sociedades de Nova Guiné, apresentadas no início desta unidade, ela mostrou como as relações entre homens e mulheres mudavam de uma cultura para outra, argumentando, assim, que tais relações, longe de serem resultados de uma suposta biologia ou natureza, são estabelecidas por meio de comportamentos aprendidos ao longo da vivência em um grupo social.

*Gênero* foi um conceito criado por pesquisadoras feministas para se referir ao caráter cultural das distinções entre homens e mulheres, bem como as ideias de feminilidade e masculinidade. Também serviu como um instrumento analítico e político para denunciar a desigualdade presente nessas relações, frequentemente pesando de maneira negativa para as mulheres. Por mais que as mulheres de hoje não sejam iguais às de antigamente e tenham conquistado muitos direitos, há muito o que caminhar em alguns lugares. No Brasil, ainda hoje mulheres recebem um salário menor para exercer a mesma função do que o homem, além de serem vítimas de violência e crimes, como lesão corporal, assédio, estupro e homicídio, pelo simples fato de serem mulheres. A mídia, através de anúncios publicitários, também reforça a imagem da mulher como mãe e dona de casa, associada aos afazeres domésticos.

Os estudos sobre gênero vêm, assim, como uma maneira de problematizar, questionar, pensar o porquê de tais estereótipos, mostrando como eles não são naturais e biológicos – se assim fossem, seriam iguais em toda parte do mundo -, mas são culturais

e, portanto, podem ser transformados ao longo do tempo e da situação, tendo influência de religião, história de vida, classe social e cultura.

As relações de gênero ultrapassam as relações entre homens e mulheres para se referir aos modos como masculino e feminino, masculinidade e feminilidade são definidos e quais as suas implicações para as posições que as pessoas assumem na vida social. A categoria gênero, assim, transcende as categorias "homem" e "mulher", uma vez que abarca duas outras mais gerais: masculino e feminino. "As categorias "mulher" ou "homem" recobrem (...) um campo de referências mais restrito que as categorias masculino e feminino, e as primeiras poderiam ser consideradas como partes das segundas" (KOFES, 1993, p. 28-29). Não há, portanto, uma única masculinidade, assim como não há uma única feminilidade, justamente pelo fato de não estarem restritas, respectivamente, a homens e mulheres e, enquanto categorias, serem arbitrárias, contingentes e históricas.

Um objeto, uma cor, uma vestimenta, um artefato qualquer pode ser considerado feminino ou masculino. Em algumas sociedades indígenas, o tear é visto como uma atividade feminina, em outras, como masculina, o que indica que não há nada naturalmente feminino e masculino. O antropólogo estadunidense Marshall Sahlins mostra como as vestimentas (a cor, a textura dos tecidos e a direção das linhas) são marcadas por relações de gênero. Desse modo, a seda é feminina, em contraposição à masculinidade da lã; tons pastéis são femininos, cores escuras, masculinas; a linha levemente curvada, ondulante, é frouxa, flexível, preguiçosa, passiva, gentil, macia, voluptuosa e feminina, já a linha reta sugere rigidez, precisão e é considerada positiva, direta, tensa, rija, inflexível, dura, rude e masculina (SAHLINS, 1979).

Até mesmo a diferença sexual, tida como supostamente natural e biológica, é parte da cultura: ter um pênis ou uma vagina ganha significados diversos de acordo com o grupo social. O órgão sexual em si não quer dizer nada sobre a pessoa: não diz sobre o seu caráter, nem mesmo sobre a orientação sexual e identidade de gênero. Ter um pênis não necessariamente faz você gostar de mulher e/ou se sentir como homem, assim como ter uma vagina não significa gostar de homem e/ou se sentir mulher. O historiador Thomas Laqueur, no

livro *Inventando o sexo*, mostra como as visões sobre o sexo foram sendo construídas ao longo da história e das culturas. Segundo ele, anteriormente, as pessoas não se viam como tendo dois sexos distintos, mas apenas um único e mesmo sexo, com a diferença de que, nas mulheres, ele era interno e, nos homens, externo. A visão de que há dois sexos diferentes, um masculino e outro feminino, nem sempre existiu, mas foi uma construção social e histórica.

Você já deve ter ouvido falar de pessoas que se dizem transgêneros, ou seja, pessoas que não se reconhecem no órgão sexual com o qual nasceram: tem um pênis, mas se sente e se comporta como mulher; tem uma vagina e se considera como homem. Esse sentimento de não se reconhecer no sexo de nascença é tão forte que, em algumas vezes, a criança tenta se automutilar ao não ver aquele órgão como parte dela, por não estar de acordo com o que ela sente, pensa, vive. Além dos transgêneros, travestis (pessoas com órgão masculino e trajes, comportamentos, adornos femininos; e também pessoas com órgão feminino e trajes masculinos) e hermafroditas (pessoas com a presença dos dois órgãos sexuais) nos mostram o quanto a sexualidade e as relações de gênero são complexas, plurais e envolvem um constante processo de descoberta e aprendizagem. Essas pessoas questionam a imposição social de ter que assumir um gênero, mostrando que há diferentes maneiras de ser homem e mulher, bem como a possibilidade de ser uma composição entre essas duas dimensões ou ainda estar além disso. Como não se deixam classificar de maneira linear como apenas homens ou mulheres ao embaralhar masculinidades e feminilidades, desestabilizando definições prontas e supostamente naturais, essas pessoas são, muitas vezes, incompreendidas e alvo de preconceitos.

Desvendar e denunciar as posições de poder e desigualdade marcadas pelas relações de gênero e sexualidade, bem como pensar em novas possibilidades de articular tais relações na construção de uma vida mais igualitária, são objetivos importantes dos estudos sociológicos e antropológicos sobre o tema. Nas palavras do antropólogo brasileiro Júlio de Assis Simões: "A sexualidade humana é uma produção histórica e cultural, aberta à mudança, à variação, ao inesperado, portanto. Nesse terreno, o grande desafio também está em combinar a celebração das diferenças com a redução do sofrimento e da desigualdade" (SIMÕES, 2009, p. 190).

## Assimile

*Gênero* é um conceito criado por pesquisadoras feministas para se referir às diferenças entre feminino e masculino como sendo categorias culturais, ou seja, construídas e transformadas ao longo da história e dos grupos sociais. Na famosa frase da filósofa francesa: "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto..." (BEAUVOIR, 1980, p. 9).

Ao mostrar como essas categorias mudam de acordo com as sociedades e as culturas, a sociologia e a antropologia acabam por desnaturalizá-las, já que, não sendo universais nem naturais, dependem dos contextos nos quais estão inseridas. Relações de gênero marcam posições de poder não só entre homens e mulheres, mas também no que diz respeito a atividades, artefatos, objetos, sexualidades, profissões, visto que também são classificados como feminino ou masculino (como vimos, a seda, vista como feminina em relação à lã, masculina; o tear, que pode ser feminino, em algumas sociedades, e masculino, em outras; e também algumas profissões, como enfermagem, caminhoneiro, babá, que podem, dependendo do grupo social, serem vistas como mais femininas ou mais masculinas). Nesse sentido, gênero é tanto um instrumento analítico de reflexão e pensamento crítico quanto político ao denunciar a desigualdade presente em algumas das relações pautadas pela relação entre feminilidades e masculinidades. Trata-se, assim, tanto de uma maneira de compreender tais relações a partir de uma visão crítica e profunda do porquê delas serem daquela maneira quanto de pensar e propor formas mais justas e igualitárias de convívio social.

## Reflita

Leia atentamente o trecho seguinte, do filósofo Paulo Ghiraldelli Jr.

> **Obter a simpatia das pessoas em relação às leis que protegem minorias depende, não raro, da quebra da crosta conservadora de uma sociedade. Essa crosta não é mágica, ela é o que se forma pelo que é dito e por prática de pessoas conservadoras. Entre estas, há as que se indispõem em relação às minorias única e exclusivamente por não terem refletido de um modo**

> sério sobre o assunto. As minorias querem poder viver segundo algumas práticas diferentes das da maioria, ou simplesmente querem viver segundo a maioria, e precisam de ajuda para isso. Essas práticas novas ou os direitos novos em nada atrapalharão a maioria. Todavia, há o conservador bem-intencionado, aquele que, muitas vezes por desconhecimento do assunto, acredita que as minorias possuem práticas que o prejudicam em algum plano de sua vida. (...) Mas, o que é uma minoria? As minorias não são minorias pela questão quantitativa, mas por razões que têm a ver com as práticas e as necessidades ou os desejos de seus integrantes, como também porque possuem uma representação social e/ou política menos hegemônica. Dentro desse quadro, as minorias mais conhecidas são as mulheres, os negros (ou, se quisermos, os afrodescentes), os gays (ou o espectro que acolhe todos os homoafetivos), os deficientes (ou os portadores de necessidades especiais) e os indígenas (ou povos originários). Nesse caso, todo cuidado é pouco. Usei a expressão, representação social e/ou política menos hegemônica, para deixar claro, por exemplo, que as mulheres no Brasil podem ser maioria em número ou até mesmo ter suas melhores representantes em importantes cargos de comando político, e isso ainda não faz com que as mulheres não sejam uma minoria. O que vale é a hegemonia da representatividade, ou seja, o que impera na sociedade, que usos e costumes são de todos nós que não permitem ou dificultam que a mulher se coloque no mesmo plano que o homem na conquista de bens, cultura, empregos, escolha amorosa, posições, descanso, defesa, respeito, etc. (GHIRALDELLI, 2013, [s.p.])

O problema das minorias é complexo e polêmico. Você já deve ter ouvido ou até mesmo compartilhe da mesma opinião de pessoas que reclamam da existência de cotas raciais, por exemplo, por considerá-las injustas, uma vez que todos devem ser vistos como iguais perante as leis e oportunidades, afinal vivemos em uma democracia.

Porém, será mesmo que todos são iguais em termos de oportunidades e diante das leis? Será que vivemos, realmente, numa democracia, em que as condições de vida são as mesmas para todas as pessoas? Como

explicar a desigualdade, os preconceitos, a violência que alguns grupos sociais – as chamadas minorias, como vimos – sofrem?

Quais são os alcances e limites de nossa democracia? Como seria viver em um sistema democrático realmente pleno e eficaz? Que obstáculos e problemas ainda precisam ser superados?

**Pesquise mais**

Sobre relações de gênero e sexualidade:

-*Não gosto dos meninos*. Depoimentos muito interessantes de histórias de vida e visões de mundo de pessoas homossexuais: como descobriram a sexualidade, os desafios que enfrentam, como pensam a vida, o que sentem e conselhos para uma boa convivência em sociedade.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yjFFbgo9Gi4>. Acesso em: 12 set. 2017.

-*Laerte-se*. Documentário sobre a vida do cartunista e artista Laerte Coutinho, que, com quase 60 anos, assumiu-se como transgênero, passando a se vestir e a se comportar como mulher – ser, enfim, mulher. Laerte faz uma reflexão interessantíssima sobre a imposição social dos papéis de gênero e sexualidade, e assume que não quer se encaixar em nenhum desses padrões e definições, sendo livre para ser o que quiser.

Trailer disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XruSkaEMPog>. Acesso em: 12 set. 2017.

Tabu Brasil. Série da *National Geographic* que traz relatos e histórias de vida de homossexuais e transgêneros ou transexuais.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fCDeJaGCcs0>. Acesso em: 12 set. 2017.

## Sem medo de errar

A chegada em outra sociedade ou cultura provoca estranhamento e curiosidade. Como vimos ao longo desta seção, ter uma visão sociológica ou antropológica sobre um determinado grupo ou fenômeno social significa desenvolver uma reflexão apurada, séria e

profunda, fundamentada em um estudo científico e, possivelmente, em uma pesquisa por meio da convivência, observação e participação no dia a dia das pessoas.

Para de fato entender aquele estilo de vida tão diferente, é preciso assumir uma posição de pesquisador, em um esforço, tanto quanto possível, de se afastar de julgamentos morais, "achismos" e preconceitos. Vimos que isso não é fácil, já que somos pessoas movidas por opiniões, interesses, paixões. Nas ciências humanas ou sociais, como são a sociologia e a antropologia, a dificuldade é ainda maior, já que somos pessoas estudando outras pessoas que também têm seus pontos de vista. É preciso, assim, treinar o olhar para perceber sutilezas, gestos, comportamentos, aguçar o ouvido e o pensamento, ter sensibilidade para elaborar uma compreensão que seja a mais verdadeira e respeitosa possíveis. Conviver com as pessoas, participar das atividades do dia a dia, ouvir o que elas têm a dizer, buscar compreender os motivos e significados de suas maneiras de agir, pensar, sentir, vestir-se, alimentar-se, relacionar-se uns com os outros são estratégias importantes para o desenvolvimento de uma pesquisa sociológica e antropológica.

Cada vez mais a posição e a autoridade do pesquisador têm sido questionadas quando elas se fundamentam em uma relação assimétrica com os sujeitos – e não mais "objeto" de estudo. Estar realmente disposto a ouvir, fazer, participar e aprender com as pessoas é imprescindível para a realização de uma boa pesquisa sociológica e antropológica. Quando fazemos isso e compreendemos a visão de mundo de pessoas tão diferentes de nós, percebemos que, afinal, não somos tão diferentes, que aquela sociedade também tem a sua coerência, a sua lógica, os seus motivos para ser daquele jeito, e que o convívio, portanto, não só é possível como necessário se quisermos um mundo mais tolerante.

## Faça valer a pena

**1.** Assim como toda ciência tem sua especificidade, a sociologia e a antropologia também têm métodos, questões e desafios próprios que as fazem ser chamadas de "ciências sociais" ou "ciências humanas".

Sobre a particularidade da sociologia e antropologia como ciência, é correto afirmar que:

a) Sociologia e antropologia não usam métodos quantitativos.
b) A pesquisa de campo feita na sociologia e antropologia é um método ineficaz para o desenvolvimento destas ciências.
c) Não há qualquer neutralidade e objetividade em sociologia e antropologia.
d) Sociologia e antropologia buscam uma verdade universal.
e) Sociologia e antropologia são conhecimentos parciais.

**2.** Em *A queda do céu*: *palavras de um xamã yanomami*, o líder indígena Davi Kopenawa assim nos apresenta a intenção de seu livro:
"Gosto de explicar essas coisas para os brancos, para eles poderem saber. (...)
Por isso quero mandar minhas palavras para longe. (...) Elas não podem acabar. Se as escutassem com atenção, talvez os brancos parem de achar que somos estúpidos. Talvez compreendam que é seu próprio pensamento que é confuso e obscuro, pois na cidade ouvem apenas o ruído de seus aviões, carros, rádios, televisores e máquinas." (KOPENAWA, 2015, p. 63 e 76).

Após ler as frases de Kopenawa e refletindo sobre o processo de produção do conhecimento antropológico, é correto afirmar que:

a) O surgimento de lideranças indígenas é uma ameaça aos sociólogos e antropólogos.
b) A "antropologia simétrica" é uma maneira de compreender o ponto de vista dos índios.
c) Para fazer ciência, o pesquisador precisa estudar um objeto neutro e passivo.
d) A relação entre pesquisador e pesquisado não interfere nos resultados da pesquisa antropológica.
e) Davi Kopenawa, ao escrever esse livro, está abandonando sua própria cultura e dificultando o desenvolvimento da antropologia.

**3.** Analise as citações a seguir:
A) "Quando um bebê vai nascer, a primeira reação da humanidade, antes de saber se está fisiologicamente bem, é certificar a respeito do sexo, se é menino ou menina. E sobre essa base, a educação sentimental, emocional e o preparo para a vida serão radicalmente diferentes" (David Barros, sexólogo. Direção: Natgeo. Tabu América Latina/Episódio 2: "Mutação sexual". National Geographic, 2011).
B) "Nascer com uma certa anatomia significa ter que fazer uma coisa e não fazer outra, incluindo os sentimentos, as emoções, tudo está amarrado a um sistema de gênero limitado ao qual eu vivia e sentia. E quando você

vê os efeitos em termos de leis, de discriminação, você se dá conta que o fato de ser classificado como homem ou como mulher é uma justificativa para pertencer a um status social, para definir certas possibilidades" (Brigitte Bapstiste, biólogo, 46 anos. Direção: Natgeo. Tabu América Latina/Episódio 2: "Mutação sexual". National Geographic, 2011.

Assinale a alternativa que apresenta corretamente uma tese que esteja de acordo com as ideias presentes nas frases anteriores.

a) A sociedade não interfere nos papéis que se espera de um homem e de uma mulher.
b) Gênero é um conceito para designar as diferenças biológicas entre homens e mulheres.
c) Aquilo que se percebe como natural/biológico é resultado de uma visão de mundo.
d) A desigualdade que a mulher sofre em relação ao homem é por causa de sua anatomia.
e) O corpo não sofre interferências de relações de poder.

# Seção 1.3

## Sociologia e Antropologia no Brasil

### Diálogo aberto

Imagine que após um longo tempo convivendo e pesquisando as sociedades na Nova Guiné, conforme foi apresentado no contexto de aprendizagem da unidade, você retornou ao Brasil. Com a descoberta de uma nova sociedade, com outras regras e estilos de vida, e inspirado pelo estudo de Margaret Mead, você passou a reparar com mais cuidado as relações entre homens e mulheres presentes em seu convívio social. Para completar esta situação hipotética, pense que você fará um estudo científico, de um ponto de vista sociológico e antropológico e sobre como o gênero é pensado e vivido na sociedade brasileira. Tente imaginar como seria fazer esse tipo de pesquisa no Brasil, refletindo sobre as especificidades de nosso país em termos de cultura, nível socioeconômico, religiosidade, raça etc. Como você descreveria as relações de gênero em nossa sociedade? Por que elas são assim? Essas relações mudam segundo quais situações, contextos e características das pessoas envolvidas? Como a cultura e sociedade brasileiras influenciam no modo de pensar e viver as relações entre homens e mulheres?

Nesta seção, vamos saber como as Ciências Sociais são construídas no Brasil, bem como os avanços e os recuos, as conquistas e os desafios ao longo dessa história. Também vamos conhecer alguns sociólogos e antropólogos brasileiros e ver como alguns deles pensaram o Brasil, elaborando estudos e pesquisas sobre aspectos de nossa sociedade e cultura. Imagine que você tenha que descrever para alguém que não é daqui e não conhece o Brasil, como é a nossa cultura e sociedade. Quais elementos e dimensões você destacaria? Alguns de nossos pensadores elegeram as relações raciais como tema importante para analisar a formação de nossa identidade. Além das relações de gênero, como nos sugere Margaret Mead, se você tentasse compreender o Brasil a partir de suas diversas etnias, como você descreveria as interações entre

brancos, negros, mulatos e índios em nossa sociedade? Em que elas nos ajudam a refletir sobre a cultura brasileira?

Você está preparado para ver o Brasil com outros olhos? Para esta descoberta, não deixe de ler e estudar o que será discutido nas próximas páginas desta seção.

## Não pode faltar

### As Ciências Sociais no Brasil

As chamadas Ciências Sociais são compostas por Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Ainda que haja algumas nuances em relação a métodos, temas e questões e até mesmo objetos, as áreas que compõem as Ciências Sociais se relacionam entre si através de um objetivo em comum: compreender a vida social e cultural em sua complexidade, heterogeneidade e densidade de relações, aspectos, situações, conflitos e sujeitos.

A Sociologia começa a se constituir no Brasil, principalmente por meio de iniciativas de inclusão da disciplina no Ensino Médio. Segundo Tomazi (2010), a primeira tentativa foi com a reforma educacional de 1891, de Benjamin Constant, após a Proclamação da República. O ensino religioso era predominante, até então, e o objetivo dessa reforma foi defender o Estado laico, ou seja, a separação entre Estado e religião em todos os níveis da vida social – como na escola, a qual não deveria impor o ensino de uma religião em particular. Porém, não sendo de fato incluída na grade curricular, a Sociologia acaba sendo eliminada pela Reforma de Epitácio Pessoa, em 1901. Desde então, a Sociologia tem tido uma trajetória de idas e vindas: ora é estabelecida como disciplina no Ensino Médio, ora é descartada da grade curricular dos cursos.

Ainda de acordo com Tomazi (2010), em 1925, ela foi adotada regularmente no currículo no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, e, três anos depois, foi introduzida nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco.

A partir de 1931, com a criação de cursos universitários e centros de pesquisa, as Ciências Sociais vão ganhando outros espaços e se consolidando como importante área de ensino e produção de conhecimento científico. Em 1933, em São Paulo, foi fundada a

Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), sendo um importante local de estudo sobre a realidade brasileira. Em 1934, foi fundada a Universidade de São Paulo e, em 1935, criou-se a Universidade do Distrito Federal (UDF), espaços em que as Ciências Sociais integram as Faculdades de Filosofia e Ciências Humanas. Segundo Tomazi (2010), a partir da Segunda Guerra Mundial até meados da década de 1960, disseminaram-se as faculdades de Filosofia, Ciências e Letras no Brasil. Se durante o golpe militar de 1964 muitos intelectuais foram presos, torturados, cassados e demitidos, também foi um período de intensa mobilização política, reflexão social e luta por direitos por professores e alunos.

Fundada em 1962, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) começou a funcionar em 1966, tendo como principal curso o de Medicina. O Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) foi criado em 1968, com o Departamento de Planejamento Econômico e Social. Em 1978, o Instituto ganhou os Departamentos de Filosofia e História e, em 1991, os de Antropologia, Sociologia e Ciência Política. Tomazi (2010) mostra que, a partir da década de 1980, expandiram-se os cursos de pós-graduação (como mestrado e doutorado) em Ciências Sociais em todo território nacional, intensificando o ensino e a produção de pesquisas nessa área, com uma grande diversidade de temas, como trabalho, saúde, família, arte, violência, gênero, religião, juventude, comunicação, mundo rural, urbanização, entre outros.

**Reflita**

Se desde o seu surgimento as Ciências Sociais vêm ganhando cada vez mais espaço em centros universitários, institutos de pesquisa e até mesmo em ramos empresariais, como setores de Recursos Humanos e Gerenciamento, Consultoria e Desenvolvimento de projetos, elas também são alvo de contrainvestidas que as deixam em uma constante situação de risco. Por mais consolidadas que já estejam enquanto modo de conhecimento para a compreensão da vida social e do mundo em que vivemos, ainda assim, em algumas situações, as Ciências Sociais são estigmatizadas como "ciências menores" e precisam reivindicar a sua posição e defender a sua importância diante da comunidade.

Recentemente, sob o argumento da crise e contenção de gastos, temos visto cortes governamentais às pesquisas (como as bolsas de pesquisas

de pós-graduação) e aos investimentos na ciência, de maneira geral, sobretudo nas áreas de humanas e ciências sociais, muitas vezes vistas como "menos úteis", uma vez que os produtos de seus estudos não são necessariamente visíveis e palpáveis, tais como a construção de uma ponte ou a descoberta de um remédio. São, porém, tão importantes quanto, uma vez que contribuem com reflexões e proposições para compreender e lidar com os fenômenos e conflitos sociais.

Outra mudança recente foi em relação à disciplina de sociologia no Ensino Médio: se, em 2008, após um amplo movimento de sociólogos, a partir da década de 1990, a Sociologia passou a compor oficial e obrigatoriamente a grade curricular. Com a Reforma de Michel Temer, em 2017, não só ela, como também Filosofia e Artes, deixaram de ser disciplinas obrigatórias. Em um processo concomitante, o Supremo Tribunal Federal autorizou o ensino religioso confessional em escolas públicas, ou seja, a possibilidade da disciplina em questão se vincular a uma religião específica. Ainda no governo Temer, temos o Escola Sem Partido, um projeto que vem suscitando debates e polêmicas ao considerar que alguns assuntos não devem ser abordados em salas de aula por serem supostamente perniciosos, ideológicos e prejudiciais, como a violência e discriminação por gênero e sexualidade.

O que tais mudanças sugerem? Por que, em alguns momentos históricos e políticos, as Humanidades (Filosofia, História, Literatura, Artes, Ciências Sociais) sofrem represálias por parte de alguns grupos e governos? Pensando no caso do Brasil atual, será que essas mudanças podem ser explicadas apenas com a justificativa da crise e contenção de gastos ou tem algo a mais por trás delas?

## Sociólogos e antropólogos brasileiros

Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes, Octavio Ianni e Darcy Ribeiro são autores que, mesmo já falecidos, permanecem como grandes pensadores brasileiros, e seus estudos têm importância até hoje.

Gilberto Freyre (1900-1987) foi antropólogo, sociólogo e escritor, graduado e pós-graduado nos Estados Unidos. Seu grande tema de pesquisa foi a formação da sociedade brasileira a partir de uma abordagem cultural. Em 1933, publicou *Casa grande e senzala*, sua principal obra, na qual se contrapõe ao racismo vigente na época,

o qual via na mestiçagem uma forma de atraso. Ao invés disso, Gilberto Freyre atribui a riqueza e força cultural dos brasileiros à mistura de etnias, valorizando o mestiço e a contribuição africana e indígena na formação da sociedade brasileira. Também contribuiu com temas como moda, sexualidade, clima, alimentação, morte, costumes. Além de *Casa grande e senzala*, entre suas obras mais importantes, temos: *Nordeste* (1937) e *Ordem e progresso* (1957) (OLIVEIRA, 2010; BONEMY; FREIRE-MEDEIROS, 2010).

Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) foi historiador, sociólogo, crítico literário e jornalista. Dedicou-se a estudar a sociedade brasileira a partir de sua história. Graduado em Direito, trabalhou grande parte de sua vida na academia e na imprensa. Viveu em diversos países, mas foi principalmente em Berlim, na Alemanha, onde se dedicou à carreira intelectual, entrando em contato com a escola alemã de Sociologia, na qual se identificou com a obra de Max Weber, autor que teve grande influência em seu pensamento. Ao voltar para o Brasil, em 1936, publicou *Raízes do Brasil*, sua obra mais importante, a qual teve grande reconhecimento no exterior, sendo traduzida para vários idiomas, como inglês, espanhol, italiano, alemão, francês e japonês. Além desse trabalho, entre suas obras mais importantes estão: *Monções* (1945) e *Visão do paraíso* (1959) (BONEMY; FREIRE-MEDEIROS, 2010).

Florestan Fernandes (1920-1995) estudou Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP), onde foi professor até 1969, quando foi aposentado compulsoriamente pela ditatura militar. Sofreu perseguição e foi obrigado a sair do país, lecionando em várias universidades estrangeiras, principalmente nos Estados Unidos e no Canadá. De volta ao Brasil, em 1976, deu aulas na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Fundou uma escola de Sociologia, em São Paulo, onde trabalhou junto com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, também formado em Sociologia. Florestan Fernandes foi o principal representante da Sociologia Crítica no Brasil, tendo como grande tema de estudo as desigualdades sociais, por meio de uma reflexão profunda sobre a realidade brasileira. De família humilde, filho de uma empregada doméstica, Florestan Fernandes considera que a sua história de vida foi uma espécie de aprendizagem sociológica, a qual teve início já na infância, quando, aos seis anos, precisou trabalhar para ajudar no sustento da família, tendo sua educação formal interrompida. Trabalhou como engraxate

e em outros serviços desqualificados, continuando a estudar por conta própria. Tem uma vasta produção intelectual, da qual podemos destacar: *A organização social dos Tupinambá* (1949), *A sociologia numa era de revolução social* (1963), *A integração do negro na sociedade de classes* (1965) e *A natureza sociológica da Sociologia* (1980) (OLIVEIRA, 2010; BONEMY; FREIRE-MEDEIROS, 2010).

Octavio Ianni (1926-2004) se graduou em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), onde também fez mestrado e doutorado. Em 1969, teve seus direitos políticos cassados pela ditadura militar, tendo que deixar o país. Voltou ao Brasil em 1977 para lecionar na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo e na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Fez parte da Escola Paulista de Sociologia, cuja principal referência é Florestan Fernandes. Teve como temas principais o populismo e o imperialismo. Na década de 1990, sua pesquisa se voltou para a crítica à globalização e à nova ordem global. Entre suas obras, temos: *Metamorfoses do escravo* (1962), *Industrialização e desenvolvimento social no Brasil* (1963), *O colapso do populismo no Brasil* (1965) e *A sociedade global* (1992) (OLIVEIRA, 2010).

Entre os antropólogos, destacaremos as trajetórias de Darcy Ribeiro, Roberto DaMatta, Eduardo Viveiros de Castro e Manuela Carneiro da Cunha.

Darcy Ribeiro (1922-1997) chegou a ingressar no curso de Medicina, abandonando-o depois de três anos. Formou-se em 1946, em Ciências Sociais na Escola de Sociologia e Política, em São Paulo, especializando-se em Antropologia. De 1949 a 1951, trabalhou no Serviço de Proteção aos Índios (antecessor da FUNAI). Passou muito tempo pesquisando e convivendo com as sociedades indígenas de Mato Grosso e da Amazônia. Colaborou para a fundação do Museu do Índio (que dirigiu) e a criação do parque indígena do Xingu. Trabalhou no Ministério da Educação e Cultura, lutando pela defesa da escola pública e ajudou a fundar a Universidade de Brasília, sendo reitor em 1962-1963. Foi ministro da educação em 1961, no governo de Jânio Quadros e chefe da Casa Civil no governo de João Goulart. Com o golpe militar de 1964, foi cassado e exilado. Viveu em vários países da América Latina, defendendo a reforma universitária. Foi professor na Universidade Oriental do Uruguai. Em 1976 retornou ao Brasil, dedicando-se à educação pública. Quatro anos depois foi anistiado, iniciando uma bem-sucedida carreira política. Em 1982, elegeu-se

vice-governador do Rio de Janeiro tralhando junto ao governador Leonel Brizola na criação dos Centros Integrados de Educação Pública (Ciep). Em 1990, foi eleito senador, posto em que teve grande destaque. Em 1992, passou a integrar a Academia Brasileira de Letras, pois também escrevia romances, como *Maíra, O Mulo, Utopia Selvagem e Migo* (Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/darcy-ribeiro.htm>. Acesso em: 17 out. 2017. Entre suas obras antropológicas, temos: *A política indigenista brasileira* (1962), *O processo civilizatório: etapas da evolução sócio-cultural* (1968) e *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995).

Com forte presença na mídia por meio da realização de palestras e entrevistas para o público em geral, o antropólogo Roberto DaMatta é, segundo Bomeny & Freire-Medeiros (2010), o quarto autor mais citado em trabalhos acadêmicos em ciências sociais no Brasil, ficando atrás apenas de três pensadores estrangeiros (os sociólogos alemães Karl Marx e Max Weber, já apresentados nesta unidade, e o francês Pierre Bourdieu). Nascido em 1936, graduado e licenciado em História pela Universidade Federal Fluminense, Roberto DaMatta fez o curso de especialização em Antropologia do Museu Nacional na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Inicialmente, dedicou-se a pesquisas sobre populações indígenas. Com o decorrer da carreira, diversificou os temas estudados, abordando a sociedade brasileira em diferentes aspectos, principalmente no que se refere aos padrões culturais, com pesquisas sobre carnaval, futebol, comida, morte, jogo do bicho, malandragem, relação entre público e privado etc., numa tentativa de compreender a identidade nacional. Lecionou durante muitos anos na Universidade de Notre Dame, nos Estados Unidos, onde é professor emérito. Essa experiência lhe possibilitou pensar a sociedade brasileira em comparação com a norte-americana. Atualmente, o antropólogo leciona no Departamento de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro (BONEMY; FREIRE-MEDEIROS, 2010). Entre algumas de suas obras, estão *Carnavais, malandros e heróis* (1979), *O que faz do brasil, Brasil?* (1984), *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil* (1985) e *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social* (1987).

Eduardo Viveiros de Castro é um dos antropólogos brasileiros mais notórios atualmente. Nascido em 1951, formou-se em Ciências Sociais na PUC-Rio. Fez mestrado e doutorado em Antropologia no Museu Nacional, também no Rio de Janeiro. Lecionou na França

e nos Estados Unidos. Uma de suas principais contribuições é o desenvolvimento do conceito de perspectivismo, a partir de pesquisas com sociedades indígenas da Amazônia. Viveiros de Castro mostra como, nessas sociedades, o humano é um ponto de vista, uma perspectiva de um "eu" que assume uma posição de sujeito na relação com outros seres e outros mundos. Assim, cada ser se vê como humano e o outro como um não humano: a onça, por exemplo, se vê como humano e vê o caçador como predador ou espírito. Isso traz diferentes perspectivas, já que cada ser vê coisas diferentes dependendo da posição que assume na relação com outros seres: "o que para nós é sangue, para o jaguar é cauim; (...) o que vemos como um barreiro lamacento, para as antas é uma grande casa cerimonial..." (CASTRO, 1996, p. 127). Além da carreira acadêmica, o antropólogo tem se envolvido cada vez mais na defesa do meio ambiente, denunciando as destruições das florestas e as mudanças climáticas. É um importante defensor dos modos de vida indígena, mostrando como eles nos ensinam a viver de outra maneira, diferente do modo predatório do sistema capitalista. Para ele, os índios não são o passado, mas o futuro, já que, em um mundo em crise e colapso, com um fim cada vez mais próximo devido à devastação dos recursos materiais e naturais, são eles, os índios, que vão nos mostrar como outros mundos e outros estilos de vida não só são possíveis como necessários e urgentes. Entre seus livros, temos: *Araweté: os deuses canibais* (1986), *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia* (2002), *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins* (2014) e *Metafísicas canibais* (2015).

Manuela Carneiro da Cunha também é uma antropóloga que concilia as pesquisas acadêmicas com a militância em defesa das sociedades indígenas e das florestas, denunciando mortes de índios, desmatamentos e outros tipos de predação. Nascida em 1943, luso-brasileira, fez graduação em matemática pura na Faculdade de Ciências de Paris, em 1967. Na França, foi aluna do grande antropólogo Claude Lévi-Strauss, referência na abordagem estruturalista. De volta ao Brasil, ingressou na pós-graduação em Antropologia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), compondo a primeira turma de mestrado naquela instituição. Desde 1984, leciona no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP), onde fundou, com outros antropólogos, o Núcleo de História Indígena e do

Indigenismo. Também lecionou na Universidade de Chicago, nos Estados Unidos. No Brasil, foi cofundadora e primeira presidente da Comissão Pró-Índio de São Paulo, de 1979 a 1981, onde estudou a história da legislação indigenista, principalmente no que se refere aos direitos territoriais, contribuindo na defesa e implantação da demarcação de terras indígenas. Organizou, junto com seu marido, o antropólogo Mauro Almeida, a *Enciclopédia da floresta* (2002), uma importante obra sobre conhecimento tradicional do Alto Juruá, uma área de conservação ambiental, no Acre, e que teve participação de seringueiros, índios, biólogos e antropólogos. É uma importante defensora, seja por meio de pesquisas ou de ações de âmbito jurídico, dos direitos intelectuais indígenas, ou seja, o reconhecimento de que os índios também são produtores de conhecimento, o qual deve ser preservado e protegido de forasteiros (Cunha, 2009). Entre seus vários livros, temos: *Os mortos e os outros* (1978), *Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África* (1985), *Cultura com aspas e outros ensaios de antropologia* (2009) e *Índios no Brasil* (2012).

**Exemplificando**

Uma antropologia militante é aquela em que o antropólogo não se contenta em apenas estudar algum povo ou grupo social, mas também contribuir com ações práticas, seja no âmbito jurídico ou não, para que aquela sociedade tenha os seus direitos reconhecidos e garantidos. Assim, por exemplo, o antropólogo Mauro William Barbosa de Almeida participou, junto com os índios, ribeirinhos e seringueiros, da criação da reserva extrativista do Alto Juruá, no Acre, tornando-a uma área de proteção ambiental, e também planejou a Universidade da Floresta (Universidade Federal do Acre – campus Floresta). Este é um centro inovador que promove o ensino e a pesquisa sobre conhecimentos e modos de vida tradicionais, na qual índios, seringueiros e ribeirinhos possam assumir a posição de professores e autores da própria produção intelectual, dialogando, assim, conhecimento acadêmico/científico e conhecimento tradicional/indígena. Sua esposa, Manuela Carneiro da Cunha, além de estudar antropologicamente sociedades indígenas, também contribui para que suas terras sejam demarcadas e seus modos de vida sejam respeitados e garantidos. Assim também Eduardo Viveiros de Castro concilia os estudos acadêmicos com a militância a favor da causa indígena.

## Pesquise mais

- Para conhecer mais a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, importante defensora dos direitos e modos de vida indígenas:

A questão indígena hoje. [vídeo]

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mnMUUT0dj7M>. Acesso em: 28 set. 2017.

- Para conhecer o importante e inovador projeto da Universidade da Floresta:

Entrevista com o antropólogo Mauro Almeida, um dos realizadores do projeto.

Disponível em: <https://ensinosuperiorindigena.files.wordpress.com/2012/01/almeida-mauro-w-b-2005-sobre-a-universidade-da-floresta.pdf>. Acesso em: 28 set. 2017.

- Para conhecer mais o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro:

Entrevista bem-humorada, realizada por Rafucko, que se veste de português e simula alguns cenários para falar sobre assuntos sérios [vídeo]

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yhdXGoiMOhE>. Acesso em: 28 set. 2017.

- Para conhecer mais o antropólogo Roberto DaMatta:

Leituras do cotidiano. O antropólogo fala sobre os principais temas e aspectos que escolheu ao longo da sua carreira para pensar o Brasil. [vídeo]

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VQjW_vDX_dA>. Acesso em: 27 set. 2017.

Algumas das ideias de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro e Roberto DaMatta serão discutidas a seguir. Estes são pensadores que viram no Brasil não só um local de nascimento e convivência, mas também um objeto de estudo, dedicando-se a elaborar e desenvolver teorias para pensar a sociedade e cultura brasileiras.

## O pensar sobre a sociedade e cultura brasileiras

Em sua grande obra *Casa grande e senzala*, publicada em 1933, Gilberto Freyre faz uma análise da formação da sociedade patriarcal, a qual se caracteriza por ser agrária, escravocrata e híbrida, tendo na família a unidade colonizadora. Segundo o autor, a casa grande e a senzala se completavam em um sistema social, econômico e político, dando origem à civilização brasileira nos trópicos.

Levando em conta que são os aspectos sociais, culturais, históricos e geográficos – e não a biologia – que caracterizam o comportamento e a personalidade das raças, Freyre valorizou, além do colonizador português, o papel do índio e do negro na constituição da identidade brasileira, vendo na miscigenação um fator positivo, indo contra, assim, ao racismo da época em que a via como um fator de atraso para o Brasil. Para ele, a mescla de raças que formou o povo brasileiro se deu de forma fraterna, solidária e generosa. A miscigenação teria sido uma maneira de dissolver a violência da colonização, permitindo uma confraternização entre senhores e escravos, vencedores e vencidos no processo da conquista. É, então, a partir da figura do mestiço, enquanto fusão das raças, que o autor vai caracterizar o brasileiro, uma união de contrários que acaba por dar a identidade, a unidade do Brasil. Acreditava, assim, numa democracia racial nas relações entre brancos, negros e índios.

O livro de Freyre, reconhecido como uma obra-prima, gerou debates controversos. Se Freyre inovou ao ser contrário ao racismo vigente e valorizar a miscigenação, além de ver a raça não como determinante biológico, mas a partir de seus aspectos sociais, históricos e culturais, ele também foi alvo de críticas. Uma delas foi o seu olhar elitista, ou seja, ver a história de um ponto de vista dos vencedores, valorizando a colonização portuguesa como um espaço de harmonização das raças, como uma escravidão benevolente e suave, numa ideia de que ser escravo não era algo ruim, já que recebia proteção e alimento dos senhores da casa grande. Com isso, Freyre desconsiderou a violência e discriminação sofridas por negros e índios no período colonial – e que, como sabemos, permanecem –, tendo um pensamento muito mais conservador do que crítico da situação, contribuindo para criar alguns estereótipos que se fazem presentes até hoje, como a ideia de que o brasileiro é receptivo,

tolerante, hospitaleiro, pacífico, e que não há preconceito de raça no Brasil – o famoso mito da democracia racial.

Sérgio Buarque de Holanda também se dedicou a analisar o significado da escravidão e como esse processo histórico resultou no Brasil contemporâneo (dos anos 1930). Em seu livro *Raízes do Brasil*, o autor argumentou que a colonização trouxe uma série de elementos culturais europeus para uma outra realidade, o que fez com que os brasileiros ficassem como "desterrados em sua própria terra", dando origem a uma civilização que não se enquadrava com os hábitos que lhe foram trazidos de fora. Ao fazer uma diferença entre aventureiro e trabalhador, o autor mostrou como a colonização portuguesa foi uma obra muito mais de aventureiros, com a apreciação pelo ócio e a presença de projetos vastos, predatórios e ambiciosos, em que reinou a instabilidade e originou o patriarcado no Brasil.

Assim, ainda que também tenha visto a família patriarcal como o núcleo da discussão, tendo percorrido os mesmos temas de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda teve uma visão crítica, discutindo a herança cultural da escravidão e colonização ao Brasil, vendo essa herança muito mais como um entrave responsável pelo arcaísmo do Brasil, e que, portanto, precisava ser superada. Com isso, o autor abriu a possibilidade de pensar mudanças sociais, propondo ações que vão na direção de uma sociedade mais racional e da cidadania como uma questão importante a ser debatida.

Principal representante da Escola de São Paulo, da qual Fernando Henrique Cardoso também fez parte, Florestan Fernandes, por sua vez, queria compreender as trocas comerciais desiguais, as diferenças entre as nações – é dessa época que surgem as expressões "países de primeiro mundo", os desenvolvidos, e "países de terceiro mundo", os subdesenvolvidos, e as teorias sobre dependência –, numa tentativa de pensar em soluções para que o Brasil, ainda visto como um país atrasado, se incorporasse, de fato, à modernidade. Na época, a formação do proletariado, o controle do modo de produção e das relações de poder pela burguesia, a dualidade entre o campo (marcado pela produção de subsistência, tradição e agricultura) e a cidade (com forte industrialização e fortalecimento do mercado) levaram os pesquisadores a pensar se havia, de fato, capitalismo no Brasil.

Pensando na singularidade e nas consequências do sistema capitalista ao Brasil, Florestan Fernandes enfatizou a marginalização do negro depois da abolição, a dificuldade de adaptação nessa sociedade de classes. Por que os negros ocupavam posições marginais? Por que havia preconceito racial no Brasil? Como explicar a desintegração dos negros no capitalismo?

Para responder a essas questões, Florestan Fernandes voltou ao processo da abolição como algo importante para o ponto de vista do negro, e refletiu sobre as consequências para os libertos, os quais se viram despreparados para essa nova organização social, não tendo havido qualquer política pública para contribuir nessa inserção. Apoiando-se em censos, relatos de viajantes, noticiários de época e ensaios/memórias sobre imigração, o autor demonstrou que o Brasil vivia um estado de anomia, uma situação conturbada e caótica em que o negro, aniquilado como sujeito histórico, não tinha condições de sobreviver fora do regime escravocrata.

**Assimile**

Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Florestan Fernandes olharam o Brasil a partir do mesmo tema – a colonização e a escravidão –, mas de ângulos e pontos de vista diferentes. Assim, para Freyre, a colonização portuguesa foi uma obra elogiosa, que possibilitou a civilização brasileira nos trópicos por meio da miscigenação, essa mistura entre raças que, segundo ele, se deu de forma harmoniosa e pacífica. Apesar de ser contrário ao racismo vigente na época, valorizando o índio e o negro como importantes para a formação da sociedade brasileira, e de ter inovado ao ver os comportamentos das raças a partir de seus aspectos sociais e culturais – e não biológicos –, Freyre, ao ter um olhar elitista, não levou em consideração a violência e desigualdade do período colonial. Fernandes, por sua vez, vai justamente olhar para o que Freyre não viu: a desintegração do negro após a abolição, a qual não foi suficiente para inseri-lo em condições de igualdade na nova sociedade. Assim, para ele, a questão principal é pensar a desigualdade e o preconceito racial, que se mantiveram no Brasil pós-escravocrata. Sérgio Buarque de Holanda também teve um olhar crítico, vendo a colonização portuguesa como um atraso para o Brasil ao deixar de herança o patriarcado, o ruralismo, o espírito aventureiro (a valorização do ócio ao invés do trabalho, a ambição e a predação). Para ele, o país só se desenvolver á quando essa herança colonial for superada por meio de uma revolução lenta e profunda. A seguir, temos dois trechos em que ele mostra a crítica à colonização e suas consequências:

> Como esperar transformações profundas em país onde eram mantidos os fundamentos tradicionais da situação que se pretendia ultrapassar? Enquanto perdurassem intatos e, apesar de tudo, poderosos os padrões econômicos e sociais herdados da era colonial e expressos principalmente na grande lavoura servida pelo braço escravo, as transformações mais ousadas teriam de ser superficiais e artificiosas. (HOLANDA, 1995, p. 78)
>
> Trouxemos de terras estranhas um sistema complexo e acabado de preceitos, sem saber até que ponto se ajustam às condições da vida brasileira e sem cogitar das mudanças que tais condições lhe imporiam. Na verdade, a ideologia impessoal do liberalismo democrático jamais se naturalizou entre nós. Só assimilamos efetivamente esses princípios até onde coincidiram com a negação pura e simples de uma autoridade incômoda, confirmando nosso instintivo horror às hierarquias e permitindo tratar com familiaridade os governantes. A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. (HOLANDA, 1995, p. 160)

Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Florestan Fernandes foram pensadores que aliaram a análise social e cultural com a abordagem histórica, tentando compreender o Brasil a partir da colonização e escravidão.

De uma perspectiva mais antropológica, Darcy Ribeiro também vai analisar a formação do povo brasileiro a partir da miscigenação. Em seu livro *O povo brasileiro*, última obra escrita, quando já estava muito doente de um câncer, o autor descreveu o Brasil em 5 tipos: o Brasil crioulo (formado principalmente pela influência do engenho de açúcar), o Brasil sertanejo (que se funde e difunde por meio dos currais de gado), o Brasil caboclo (formado pelas populações da Amazônia, como índios e seringueiros), o Brasil caipira (com influência das atividades de caça dos índios; depois, da mineração de ouro e diamantes; e, mais tarde, das grandes fazendas de café e industrialização) e o Brasil sulino (com a presença da cultura gaúcha do pastoreio e de colonizadores imigrantes).

Se a mistura étnica contribuiu para a criação de uma identidade brasileira, isso não significa que ela tenha sido necessariamente boa. Para Darcy Ribeiro, o brasileiro, formado na e pela interação entre brancos, negros e índios, traz uma personalidade ambígua, em que características positivas e negativas coexistem. Essa visão crítica de nossa identidade plural se torna bastante clara no trecho a seguir:

> **Todos nós, brasileiros, somos carne da carne daqueles pretos e índios supliciados. Todos nós brasileiros somos, por igual, a mão possessa que os supliciou. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram para fazer de nós a gente sentida e sofrida que somos e a gente insensível e brutal, que também somos. Descendentes de escravos e de senhores de escravos seremos sempre servos da malignidade destilada e instalada em nós, tanto pelo sentimento da dor intencionalmente produzida para doer mais, quanto pelo exercício da brutalidade sobre homens, sobre mulheres, sobre crianças convertidas em pasto de nossa fúria. A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista. (RIBEIRO, 1995, p. 120)**

Também de um ponto de vista antropológico, Roberto DaMatta se dedica a pensar nas singularidades da sociedade brasileira a partir de aspectos principalmente culturais, enfatizando os rituais e as festas populares, como carnaval, futebol, jogo do bicho, parada militar.

Para ele, o Brasil é um país de dilemas, em que contrastes, tensões e paradoxos, como igualdade e desigualdade, democracia e autoritarismo, coexistem e se complementam, de algum modo. Assim, por exemplo, se o brasileiro preza o respeito à lei, ele também é aquele que tenta dar um "jeitinho" quando a situação é desfavorável, elaborando estratégias para burlar e tangenciar a lei, como furar uma fila, estacionar em lugar proibido, pegar "carona" em um ônibus, "comprar" uma carteira de motorista. Essa "malandragem" seria característica de uma identidade nacional brasileira.

Se algumas dessas estratégias – ou "quebra-galho" – são mais inofensivas e pacíficas, outras já trazem um tom mais autoritário. Assim, por exemplo, se um guarda parar alguém que esteja dirigindo em alta velocidade, e essa pessoa for filho do prefeito da cidade, ele poderá

lançar mão do "você sabe com quem está falando?", numa tentativa de se posicionar hierarquicamente, ainda que a lei seja válida para todos, e se safar da aplicação de uma multa. Você, provavelmente, já viu ou ouviu situações parecidas em que alguém, valendo-se de uma posição supostamente superior, tenta se beneficiar por alguma vantagem. A fala "eu pago o seu salário" também pode ser vista como uma variação disso, ou, ainda, filhos de pais influentes – seja porque são ricos (capital econômico) ou porque tem alguma outra notoriedade política e social (capital simbólico) – que, ao cometerem algum crime, conseguem se esquivar da cadeia ao lançar mão dessa rede de contatos e influências. Para DaMatta, o carnaval é um importante ritual brasileiro, porque nele os papéis cotidianos se invertem – o rico se veste de pobre, a filha da empregada é a rainha, ou seja, as pessoas podem ser o que quiserem, subvertendo e a ordem ao suspender, momentaneamente, a hierarquia e desigualdade presentes no país.

### Exemplificando

Vimos que o famoso "jeitinho brasileiro" foi objeto de estudo de Roberto DaMatta como uma característica importante da sociedade brasileira, repleta de contrastes e ambiguidades, como a valorização da lei e, ao mesmo tempo, as tentativas hierarquizantes de burlá-la. Para compreender melhor essas situações que fazem parte de nosso dia a dia, o antropólogo traz alguns exemplos:

> De fato, como é que reagimos diante de um "proibido estacionar", "proibido fumar", ou diante de uma fila quilométrica? Como é que se faz diante de um requerimento que está sempre errado? Ou diante de um prazo que já se esgotou e conduz a uma multa automática que não foi divulgada de modo apropriado pela autoridade pública? Ou de uma taxação injusta e abusiva que o Governo novamente decidiu instituir de modo drástico e sem consulta? (...)
> Por tudo isso, somos um país onde a lei sempre significa o "não pode!" formal capaz de tirar todos os prazeres e desmanchar todos os projetos e iniciativas. (...) Ora, é precisamente por tudo isso que conseguimos descobrir e aperfeiçoar um modo, um jeito, um estilo

de navegação social que passa sempre nas entrelinhas desses peremptórios e autoritários "não pode!" Assim, entre o "pode" e o "não pode" escolhemos, de modo chocantemente antilógico, mas singularmente brasileiro, a junção do "pode" com o "não pode". Pois bem, é essa junção que produz todos os tipos de "jeitinhos" e arranjos que fazem com que possamos operar um sistema legal que quase sempre nada tem a ver com a realidade social.
(...) Em geral, o jeito é um modo pacífico e até mesmo legítimo de resolver tais problemas, provocando essa junção inteiramente casuística da lei com a pessoa que a está utilizando. (DAMATTA, 1984, p. 97-98)

## Pesquise mais

Sugestões de filmes para pensar o Brasil:

- *O auto da Compadecida* (2000), de Guel Arraes. Adaptação da peça de mesmo nome de Ariano Suassuna. Cheio de esperteza e malandragem, o personagem principal da história vai resolvendo os seus problemas e os dos outros, dando um "jeitinho" aqui e ali.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-tlk8E8Wy68>. Acesso em: 16 out. 2017.

- *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles. O filme aborda o período inicial (décadas de 1970-80) da formação da Cidade de Deus, uma das mais violentas favelas do Rio de Janeiro, mostrando a guerra entre duas quadrilhas de traficantes. O personagem principal, um jovem pobre e negro, consegue escapar da criminalidade e se torna fotógrafo profissional.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MTvmYZb5YzU>. Acesso em: 16 out. 2017.

- *Ilha das Flores* (1989), de Jorge Furtado. O curta faz uma reflexão sobre as relações de pobreza, desigualdade e consumo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LETSDS8qm9U>. Acesso em: 28 set. 2017.

## Sem medo de errar

Analisar o Brasil – ou qualquer outro país – não é uma tarefa fácil. Como a sociedade é muito complexa, heterogênea e plural, nenhuma teoria, por melhor que seja feita, dá conta de sua totalidade, sendo, assim, um conhecimento parcial, o que não significa que não seja científico ou não deva ser reconhecido como sério, legítimo, eficaz e profundo. Assim, os estudos sobre a sociedade brasileira aqui apresentados – há muitos outros – têm enfoques diferentes e nos ajudam a pensar em algumas das questões e em alguns dos aspectos que compõem o Brasil, mas não o esgotam, já que o Brasil é muito mais vasto, complexo e plural. Se o Brasil pode ser visto pela exuberância de seus recursos naturais, pelo clima tropical, pela paixão pelo futebol e carnaval, pela hospitalidade de seu povo, pela imensidão do território, pela sensualidade, pelo tempero da comida, ele também pode ser interpretado através da desigualdade, do preconceito racial, do machismo, da injustiça, do desmatamento, da negligência com os povos indígenas, do desemprego, da violência e criminalidade, da corrupção.

Até mesmo falar em "sociedade brasileira", "realidade brasileira" ou "cultura brasileira" é questionável, uma vez que não existe uma fórmula, uma explicação definitiva, uma única definição, e, como discutiremos, principalmente, na próxima unidade, pertencer a uma cultura não quer dizer que todos nós pensamos, sentimos e agimos de maneira igual.

Ao invés de desanimar alguém que queira fazer uma pesquisa sobre o Brasil, a não totalidade do conhecimento sociológico e antropológico pode servir de inspiração ao permitir imaginar outras questões, outros temas, outras abordagens que ajudem a compreender o nosso país. Assim, se é possível investigar as relações de gênero e interétnicas, uma imensidão de outros aspectos também pode ser investigada. Se você tivesse que escolher algum, qual seria? Inspirado na pergunta de Roberto DaMatta – o que faz o brasil, Brasil? –, por onde você tentaria respondê-la? Pela música? Pela alimentação? Pelos rituais e festas populares? Pelo vestuário? Pela organização familiar? Pela religiosidade? Pela organização política?

A não totalidade do pensamento sociológico e antropológico, longe de ser uma fraqueza, é o que dá força a esse tipo de conhecimento, já que ele sempre poderá se abrir para novas questões, novos ângulos,

novos desafios. Se a sociedade está sempre mudando, a Sociologia e a Antropologia também estão.

## Faça valer a pena

**1.** A filósofa Hannah Arendt (1906-1975) foi uma das mais influentes pensadoras do século XX. Alemã de origem judaica, foi perseguida e presa durante o holocausto, e dedicou parte de sua vida ao estudo das formas de totalitarismo, como o nazismo e o stalinismo, sendo grande defensora da liberdade e igualdade. Ela dizia que não existem pensamentos perigosos: o ato de pensar é perigoso em si mesmo. E, mais do que isso: o não pensar é mais perigoso ainda.

Como é possível relacionar o pensamento de Hannah Arendt com a história das Ciências Sociais no Brasil?

a) A compreensão de que pensar é algo perigoso tem levado a medidas de desconfiança e incômodo em relação às Ciências Sociais.
b) Porque pensar é perigoso, os sociólogos defendem que as Ciências Sociais não devem ser institucionalizadas como disciplinas em escolas e cursos universitários.
c) Como pensar é perigoso, alguns sociólogos e antropólogos brasileiros foram demitidos, cassados e deportados na época da ditadura porque desejavam fazer mal ao país.
d) Sociólogos e antropólogos brasileiros defendem que pensar é perigoso porque, ao mostrar os problemas sociais, atrapalha a vida em sociedade.
e) Se pensar é perigoso, a alternativa encontrada por cientistas sociais é não pensar.

**2.** (Enem, 2004 - adaptada). A questão étnica no Brasil tem provocado diferentes atitudes:

I. Instituiu-se o "Dia Nacional da Consciência Negra" em 20 de novembro, ao invés da tradicional celebração do 13 de maio. Essa nova data é o aniversário da morte de Zumbi, que hoje simboliza a crítica à segregação e à exclusão social.
II. Um turista estrangeiro que veio ao Brasil, no carnaval, afirmou que nunca viu tanta convivência harmoniosa entre as diversas etnias.
Também sobre essa questão, estudiosos fazem diferentes reflexões:
A) "Entre nós [brasileiros], (...) a separação imposta pelo sistema de produção foi a mais fluida possível. Permitiu constante mobilidade de classe para

classe e até de uma raça para outra. Esse amor, acima de preconceitos de raça e de convenções de classe, do branco pela cabocla, pela cunhã, pela índia (...) agiu poderosamente na formação do Brasil, adoçando-o." (FREYRE, Gilberto. **O mundo que o português criou**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940).
B) "[Porém] o fato é que ainda hoje a miscigenação não faz parte de um processo de integração das "raças" em condições de igualdade social. O resultado foi que (...) ainda são pouco numerosos os segmentos da "população de cor" que conseguiram se integrar, efetivamente, na sociedade competitiva." (FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. Rio de Janeiro: Global, 2007)

A partir das atitudes expostas anteriormente e os trechos de livros dos sociólogos Gilberto Freyre e Florestan Fernandes, é correto aproximar

a) a posição de Gilberto Freyre e a de Florestan Fernandes igualmente às duas atitudes.
b) a posição de Gilberto Freyre à atitude I e a de Florestan Fernandes à atitude II.
c) somente a posição de Gilberto Freyre a ambas as atitudes.
d) a posição de Florestan Fernandes à atitude I e a de Gilberto Freyre à atitude II.
e) somente a posição de Florestan Fernandes a ambas as atitudes.

**3.** No romance de Miguel Sousa Tavares, o personagem assim descreve o seu primeiro contato com o Brasil:
"(...) enfim, uma explosão sociológica incontrolável, incompreensível e impossível de catalogar, porque, no mundo inteiro, nunca tinha existido um país assim como o Brasil, uma tamanha orgia de raças e proveniências, de instintos e emoções, de selvagem e de civilizado, de primitivo e de moderno, de mar e de floresta, de cidades e de selva, de sons, de música, de cheiros, de cores, de amores. E, sobre tudo isso, mesmo sobre as imensas tristezas, desgraças, injustiças e abusos de toda a ordem, sobrava sempre uma incompreensível alegria – uma alegria que brotava das montanhas e das florestas por desbravar, pairava sobre os morros como os gaviões, descia sobre as cidades com um cheiro flutuante a clorofila, introduzia-se nas conversas dos botequins e dos cafés, infiltrava-se entre o beijo dos namorados incendiando o seu desejo, transformava-se em sons nas ruas e em música nos bares, enrolava-se como um novelo sobre a areia das praias e nunca, nunca, partia pelo mar afora, abandonando essa terra brasil."
(TAVARES, Miguel S. **Rio das flores**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 237)

Tendo em mente o trecho anterior e os estudos sobre o Brasil, é correto afirmar:

a) O Brasil é um país de contrastes, o que inviabiliza a sua compreensão.
b) O Brasil é um país de contrastes, o que significa que uma teoria sobre ele deva abarcar todos os seus aspectos.
c) O conhecimento sociológico sobre o Brasil é parcial e, portanto, ineficaz.
d) O conhecimento sociológico sobre o Brasil é parcial e, ainda assim, é válido.
e) O conhecimento sociológico sobre o Brasil é inexistente, por ser um país de contrastes.

# Referências


BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BOMENY, Helena & FREIRE-MEDEIROS, Bianca. A Sociologia vem ao Brasil. **Tempos modernos, tempos de Sociologia**. São Paulo: Editora do Brasil, 2010, p. 134-259.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Araweté**: os deuses canibais. Rio de Janeiro: ANPOCS; Jorge Zahar, 1986.

_____. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana** 2 (2), 1996, p. 115-144.

_____. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Metafísicas canibais**. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

CASTRO, Eduardo Viveiros de; DANOWSKI, Déborah. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Rio de Janeiro: Instituto Socioambiental (ISA) e Cultura e Barbárie Editora, 2014.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Os mortos e os outros**: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

_____. **Negros, estrangeiros**: os escravos libertos e sua volta à África. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Índios no Brasil**: história, direitos e cidadania. São Paulo: Claro enigma, 2012.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter "Anthropological Blues". In: NUNES, Edison de O. **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

_____. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma Sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FERNANDES, Florestan. **A organização social dos Tupinambá**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963.

_____. **A sociologia numa era de revolução social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. **A natureza sociológica da Sociologia**. São Paulo: Ática, 1980.

_____. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo Editora, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. São Paulo: Global Editora, 2003.

_____. **Sobrados e mucambos**. São Paulo: Global Editora, 2003.

_____. **Nordeste**. São Paulo: Global Editora, 2013.

_____. **Ordem e Progresso**. São Paulo: Global Editora, 2013.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GHIRALDELLI, Paulo. Velhas e novas minorias. In: **Filosofia política para educadores**: democracia e direitos de minorias. Barueri: Manole, 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Visão do paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

IANNI, Octavio. **Industrialização e desenvolvimento social no Brasil**. São Paulo: Civilização brasileira, 1963.

_____. **O colapso do populismo no Brasil**. São Paulo: Civilização brasileira, 1975.

_____. **Metamorfoses do escravo**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **A sociedade global**. São Paulo: Civilização brasileira, 1993.

KOFES, Suely. Categorias analítica e empírica: Gênero e Mulher: Disjunções, conjunções e mediações. **Cadernos Pagu**: de trajetórias e sentimentos. Campinas: Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n. 1, p.19-30, 1993.

KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MARTINS, Carlos B. **O que é Sociologia**. São Paulo: Nova Cultural; Brasiliense, 1986 (Coleção Primeiros Passos).

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. [s.l.]: Ridendo Castigat Mores, 1999.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

OLIVEIRA, Pérsio Santos de. Grandes mestres das Ciências Sociais. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Ática, 2010, p. 272-276.

RIBEIRO, Darcy. **A política indigenista brasileira**. São Paulo: Sia, 1962.

_____. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **O processo civilizatório**: etapas da evolução sócio-cultural. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SAHLINS, Marshall. La Pensée Bourgeoise: a sociedade ocidental enquanto cultura. In: **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SIMÕES, Júlio de Assis. A sexualidade como questão social e política. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de & SZWAKO, José (Orgs.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. (Coleção Sociedade em foco: introdução às Ciências Sociais).

TOMAZI, Nelson Dacio. A Sociologia no Brasil. **Sociologia para o Ensino Médio**. São Paulo: Saraiva, 2010.

WEBER, Max. Ação social e relação social. In: FORACCHI, Marialice e MARTINS, José de Souza (orgs.). **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

# Cultura e instituições sociais

**Convite ao estudo**

Uma situação que aconteceu em fevereiro de 2017 reacendeu uma polêmica sobre apropriação cultural, expressão usada para se referir ao uso de símbolos e elementos específicos de uma cultura por um grupo social diferente. Na rede social Facebook, uma jovem descreveu a seguinte cena, reproduzida no jornal El País de 20 Fev. 2017:

> **Eu estava na estação com o turbante toda linda, me sentindo diva. E eu comecei a reparar que tinha bastante mulheres negras, lindas aliás, que tavam me olhando torto, tipo 'olha lá a branquinha se apropriando da nossa cultura', enfim, veio uma falar comigo e dizer que eu não deveria usar turbante porque eu era branca. Tirei o turbante e falei 'tá vendo essa careca, isso se chama câncer, então eu uso o que eu quero! Adeus'. Peguei e saí e ela ficou com cara de tacho'. Desde então, Thauane, você deu entrevistas, foi xingada e foi elogiada nas redes sociais. (BRUM, 2017)**

Após a publicação do post, uma série de comentários e opiniões sobre o ocorrido circularam pela rede, alguns a favor da atitude da jovem, outros contra. Se você tivesse que tomar uma posição sobre a polêmica, qual seria? Quais argumentos usaria para defender ou criticar o uso do turbante pela moça branca?

Tente pensar em outros exemplos de apropriação cultural. Por que você acha que eles existem? O que as pessoas buscam ao se apropriar desses símbolos? O sentido deles muda quando é usado por pessoas de uma cultura diferente da qual eles se originaram? Por quê?

Nesta unidade, vamos desvendar o olhar antropológico e sociológico sobre o conceito de cultura e as instituições sociais, como família, religião e Estado. Ora, por que isso é importante? Ao longo de nossa convivência em sociedade, vemos, ouvimos, vivemos diversas situações em que a cultura, a família, a religião e o Estado influenciam nossa maneira de pensar, às vezes sem perceber as vantagens e as desvantagens dessas interferências. Como vimos, o exemplo do uso do turbante pela garota branca traz uma série de elementos para refletir sobre os alcances e os limites de nossa liberdade como indivíduos diante dos aspectos sociais, culturais e políticos que nos cercam como membros de uma sociedade. Será que somos realmente livres para pensar e viver da maneira como queremos? Ou sofremos constrangimentos, pressões, ponderações que estão fora de nosso controle?

Vamos descobrir como a Antropologia pensa o conceito de cultura de uma maneira diferente do senso comum e como esse outro olhar pode nos ajudar a lidar com situações com as quais nos deparamos constantemente em nossa vida social. Para isso, percorreremos as visões e os estudos de alguns autores e perspectivas antropológicas, mostrando como a reflexão sobre a cultura foi se desenvolvendo ao longo da disciplina.

Para a Antropologia, o conceito de cultura se desdobra em outros conceitos, como os de alteridade, etnocentrismo, relativismo, identidade, o que permite complexificar o debate, ao mostrar como situações sociais cotidianas, tal como a do uso do turbante pela garota branca, não se esgotam em soluções fáceis, mas implicam em escolhas e dilemas éticos difíceis de serem enfrentados, pois, como membros de uma sociedade, estamos envolvidos em uma rede, um emaranhado de sujeitos, funções, esferas, ações, causas e consequências que precisam ser levados em conta quando tomamos uma decisão. Veremos que a discussão antropológica sobre cultura nos ajuda a revelar as ambiguidades, os desafios, os conflitos presentes nessas relações, nesses fios, que nos envolvem numa grande teia

social, contribuindo para pensar e realizar um mundo em que igualdade e diferenças possam – e devam – coexistir.

Nossa viagem ao desconhecido continua! Estamos entrando em terrenos ainda mais misteriosos, polêmicos, curiosos e, por tudo isso, mais instigantes.

# Seção 2.1

## O conceito de cultura

### Diálogo aberto

Em meio à polêmica sobre o uso do turbante pela garota branca, alguém pediu a sua opinião e você decidiu escrever um texto sobre o assunto para postar no Facebook. Tente se imaginar na situação, quais argumentos mobilizaria (você pode ser a favor, contra ou ainda assumir uma posição que pese os dois lados da polêmica)? Para deixar o debate mais interessante, você pode se arriscar a pensar no conceito de cultura. Como você a definiria e como essa definição pode te ajudar a pensar e analisar a polêmica do uso do turbante pela garota branca?

A Antropologia nos ajuda a pensar e a lidar com situações cotidianas em que aspectos culturais, de uma forma ou de outra, estão envolvidos. Nesta seção, vamos ver como alguns antropólogos pensaram a cultura a partir de ângulos diferentes, mostrando os alcances e os limites de cada uma dessas perspectivas, como o Funcionalismo de Malinowski e Radcliffe-Brown, o Estruturalismo de Lévi-Strauss e a Hermenêutica de Geertz.

Na visão antropológica, o conceito de cultura é pensado de maneira diferente do que normalmente costumamos pensar. Isso permite aprofundar o debate em torno de situações polêmicas, como a que abriu esta unidade, mostrando como elas não podem ser resolvidas de maneira fácil e simplista. Assim, junto com o conceito de alteridade, que também vamos discutir, o olhar antropológico sobre a cultura nos ajuda a refletir sobre os dilemas éticos, os constrangimentos sociais, as causas e as consequências de nossas ações enquanto membros de uma sociedade.

Com certeza, os autores que veremos em *Não pode faltar* darão elementos importantes para a sua reflexão sobre a cena do uso do turbante e tantas outras com que nos deparamos ao longo da vida em sociedade.

## Não pode faltar

### Cultura e alteridade

Se cultura costuma ser associada como o objeto de estudo da Antropologia, ela, cada vez mais, transborda o campo da academia para se tornar uma palavra usada pelos mais diferentes sujeitos nas mais diferentes situações. Índios falam de cultura para reivindicar direitos; empresários, para selecionar funcionários; políticos, para atrair votos; ambientalistas, para solucionar mudanças climáticas. Temos a cultura do futebol, a cultura da telenovela, a cultura do videogame.

Existe, assim, no senso comum, uma popularização do termo cultura. Você já deve ter ouvido frases como "os índios estão perdendo sua cultura" ou "fulano não tem cultura". Na primeira delas, a cultura é pensada como um conjunto de coisas, as quais podem ser perdidas. Assim, o índio, por estar vestido de camiseta e calça jeans, usar celular, ir para a cidade, estaria perdendo sua cultura. Já na segunda afirmação, a cultura é vista como sinal de erudição e, com isso, alguns a teriam, outros não.

A Antropologia, porém, traz uma maneira diferente de olhar para o conceito de cultura, rebatendo, assim, as duas afirmações anteriores ao mostrar que a cultura não é um mero conjunto de coisas: mais do que isso, ela é um conjunto de símbolos, ou seja, a capacidade de as pessoas atribuírem significados às suas ações e ao mundo em que vivem. Nesse sentido, os índios, por mais que estejam usando jeans e camiseta, falando ao celular, vendo televisão, não deixaram de ser índios, porque seu pensamento, seu modo de interpretar, seus mitos e rituais continuam particulares e diferentes em relação à maneira como os brancos – ou não índios – o fazem.

A cultura, portanto, é mais complexa e profunda do que um amontoado de coisas, é uma forma de pensamento e de visão de mundo. Por isso, todos têm cultura, e ela não acaba simplesmente, apesar de estar em constante mudança. Podemos questionar nossos próprios modos de pensar e interpretar as coisas e mudá-los. Assim, outro ponto importante para a perspectiva antropológica é que a cultura é dinâmica e híbrida – não há culturas estáticas e puras –, ela se transforma com o passar do tempo e recorre a diversas fontes e interferências de outros grupos sociais. Se estamos constantemente em busca de novas tecnologias, em um mundo

cada vez mais globalizado, fazendo uso de diferentes elementos de culturas diferentes, por que os índios não poderiam fazer o mesmo? Por que, para eles, isso é visto como perda de cultura e, para nós, como modernidade? Se nós não deixamos de ser brasileiros porque comemos comida japonesa e dançamos tango, os índios também não deixam de ser quem são por usar roupa e falar ao celular.

## Exemplificando

Vimos que a Antropologia, de maneira geral, considera a cultura um sistema de símbolos, uma perspectiva, uma lente para se enxergar o mundo que nos cerca (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1998), como definiu a antropóloga estadunidense Ruth Benedict, em seu livro *O crisântemo e a espada*. Para aprofundar essa discussão, veja os interessantes exemplos que o antropólogo Roque de Barros Laraia traz, em seu livro *Cultura:* um conceito antropológico:

> Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas. Por exemplo, a floresta amazônica não passa para o antropólogo – desprovido de um razoável conhecimento de botânica – de um amontoado confuso de árvores e arbustos, dos mais diversos tamanhos e com uma imensa variedade de tonalidades verdes. A visão que um índio Tupi tem deste mesmo cenário é totalmente diversa: cada um desses vegetais tem um significado qualitativo e uma referência espacial. Ao invés de dizer como nós: "encontro-lhe na esquina junto ao edifício X", eles frequentemente usam determinadas árvores como ponto de referência. Assim, ao contrário da visão de um mundo vegetal amorfo, a floresta é vista como um conjunto ordenado, constituído de formas vegetais bem definidas.
>
> A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. Por isto, discriminamos o comportamento desviante. Até recentemente, por exemplo, o homossexual corria o risco de agressões físicas quando era identificado numa via pública e ainda

é objeto de termos depreciativos. Tal fato representa um tipo de comportamento padronizado por um sistema cultural. Esta atitude varia em outras culturas. Entre algumas tribos das planícies norte-americanas, o homossexual era visto como um ser dotado de propriedades mágicas, capaz de servir de mediador entre o mundo social e o sobrenatural, e portanto respeitado. Um outro exemplo de atitude diferente de comportamento desviante encontramos entre alguns povos da Antiguidade, onde a prostituição não constituía um fato anômalo: jovens da Lícia praticavam relações sexuais em troca de moedas de ouro, a fim de acumular um dote para o casamento.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura. (...)

Em algumas sociedades o ato de comer pode ser público, em outras uma atividade privada. Alguns rituais de boas maneiras exigem um forte arroto, após a refeição, como sinal de agrado da mesma. Tal fato, entre nós, seria considerado, no mínimo, como indicador de má educação." (LARAIA, 2008, p. 67-68; 71-72).

A primeira definição de cultura foi do antropólogo inglês Edward Tylor (1832-1917) como um "... todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade" (TYLOR, 1871, p. 1). A dimensão social, portanto, é outro ponto importante para a discussão antropológica. Cultura, de maneira geral, é o modo pelo qual o indivíduo constrói seus símbolos, suas interpretações do mundo por meio de um longo processo de aprendizado e de convivência em sociedade. Por isso, apesar de depender da subjetividade e da interpretação do indivíduo, a cultura não é algo individualizado/individualista, porque mostra a maneira pela qual as pessoas se relacionam entre si. Assim, cultura, na Antropologia, se associa ao conceito de alteridade, isto é, a relação entre eu e o outro, a convivência com a diversidade, com o diferente, estando ele em uma sociedade longínqua ou sendo nosso vizinho.

Como pensar e lidar com o outro e as implicações sociais, éticas e políticas que isso pode trazer para a convivência em um mundo em comum é a grande questão que a Antropologia busca responder. Ainda que haja, entre os antropólogos, um consenso e uma definição mais geral da cultura como capacidade de simbolizar e interpretar o mundo, veremos que há diferentes perspectivas, usos e implicações do conceito, o que traz, por sua vez, diversas maneiras de ver e lidar com as diferenças.

**Reflita**

> **A primeira vez que vimos um índio Kaapor rir foi um motivo de susto. A emissão sonora, profundamente alta, assemelhava-se a imaginários gritos de guerra e a expressão facial em nada se assemelhava com aquilo que estávamos acostumados a ver. Tal fato se explica porque cada cultura tem um determinado padrão para este fim. Os alunos de uma nossa sala de aula, por exemplo, estão convencidos de que cada um deles tem um modo particular de rir, mas um observador estranho a nossa cultura comentará que todos eles riem de uma mesma forma. Na verdade, as diferenças percebidas pelos estudantes, e não pelo observador de fora, são variações de um mesmo padrão cultural. Por isso é que acreditamos que todos os japoneses riem de uma mesma maneira. Temos a certeza de que os japoneses também estão convencidos que o riso varia de indivíduo para indivíduo dentro do Japão e que todos os ocidentais riem de modo igual". (LARAIA, 2008, p. 69).**

Se a cultura pode definir um povo, dar uma identidade, ela também pode contribuir para criar estereótipos. Será que, porque compartilhamos uma mesma cultura, somos todos iguais? Olhando para o Brasil, todos os brasileiros pensam e agem da mesma maneira? Quais são as semelhanças e as diferenças? Quais são os estereótipos por meio dos quais um estrangeiro vê o Brasil, como ele nos definiria? Você concorda com essas visões sobre o Brasil criadas pelo olhar estrangeiro? Como você se sente diante delas? Quais são as vantagens e desvantagens que isso pode trazer?

## A perspectiva funcionalista: Malinowski e Radcliffe-Brown

O Funcionalismo, que tem o antropólogo britânico Aldred Radcliffe-Brown (1881-1955) e o antropólogo polaco Bronislaw Malinowski (1884-1942) como representantes, é uma corrente da teoria social que vê a sociedade como um conjunto de instituições sociais que desempenham funções específicas de modo a garantir a integração e continuidade do todo social. Alguns autores, como o filósofo e sociólogo inglês Herbert Spencer (1820-1903), usavam a metáfora do corpo humano para pensar as instituições sociais como partes do corpo, como se fossem órgãos que precisam funcionar e interagir bem. As instituições (como família, escola, igrejas, polícia, parlamento) são centrais nessas teorias – elas precisam funcionar bem e de forma integrada para que a sociedade se mantenha sem conflitos.

Para o Funcionalismo, a cultura serve à satisfação de funções primárias: as pessoas criam as regras sociais para satisfazer suas próprias necessidades, por exemplo, conhecer e classificar os alimentos como meio de saciar a fome. Os funcionalistas acreditam, assim, que as pessoas só passaram a conhecer as espécies de plantas e animais conforme perceberam que eram comestíveis. O conhecimento estaria atrelado, portanto, à utilidade (só se conhece aquilo que é útil), a cultura sendo a maneira mais eficiente para satisfazer os desejos biológicos primários (alimentação, reprodução e proteção) do ser humano. Nessa perspectiva, a cultura codifica a relação do ser humano com o mundo material e prático, impondo esquemas para organizar a classificação da natureza, a qual se relaciona com a satisfação de necessidades básicas.

Na perspectiva funcionalista, o estudo científico das sociedades deve privilegiar a análise da organização social no presente ou num tempo claramente delimitado. Empreende-se, assim, uma crítica acirrada à visão evolucionista, argumentando que ela se baseia em conjecturas sobre o passado histórico da humanidade, que dificilmente poderiam ser comprovadas. O evolucionismo é uma corrente da teoria social que foi dominante no final do século XIX e início do XX e via a sociedade como se ela sempre "evoluísse" para algo melhor, mais desenvolvido, como se todas as sociedades humanas passassem pelas mesmas etapas, desenvolvendo-se a partir de instituições mais simples para as mais complexas. Por exemplo, achavam que a humanidade teria tido inicialmente uma

crença mágica, que depois se desenvolveu em religião e que, no estágio mais evoluído haveria apenas a ciência. A realidade social contemporânea mostra que não é isso que ocorre, porque convivem nas sociedades a religião, a ciência e a magia. A cultura, assim, era vista como uma sucessão de inovações tecnológicas e científicas.

Os funcionalistas, por sua vez, não estão interessados na noção de "sobrevivência" e nas condições que levam à mudança social. Seu foco passa a ser a compreensão das funções das instituições no presente. Por exemplo, a explicação para a existência do crime é que ele tem a função de dizer quais comportamentos são socialmente aceitáveis e quais não são e, portanto, o crime é funcional à vida social, da mesma forma que, do ponto de vista da análise funcionalista, a religião e as instituições religiosas servem para gerar e manter a solidariedade

Um dos problemas do Funcionalismo é não levar em conta os conflitos sociais, vendo-os como "disfunções" de algo que não está indo bem, e não como parte da sociedade. Nesse sentido, o Funcionalismo não questiona as desigualdades de poder. Porém, é importante realçar que a perspectiva funcionalista coloca em novos termos a diversidade cultural, criticando a visão evolucionista de que as sociedades que estariam fora da civilização ocidental seriam atrasadas, primitivas, ignorantes ou incapazes de raciocínio lógico e que representariam um estágio ultrapassado pelas sociedades europeias. Assim, para os funcionalistas, as sociedades ditas "primitivas" não são irracionais ou incoerentes, mas possuem uma lógica própria, a qual pode ser apreendida pelo ponto de vista nativo, o qual deverá ser interpretado pelo pesquisador.

### A perspectiva estruturalista: Lévi-Strauss

Assim como o Evolucionismo e o Funcionalismo, o Estruturalismo também tem várias vertentes, mas o interesse principal de todas elas é desvendar estruturas semelhantes subjacentes a fenômenos aparentemente muito distintos, mostrando o que é comum e constante em todas as sociedades, mesmo que a maneira de aplicar esses invariantes ou essas regras sociais seja diferente em cada uma delas. Assim, por exemplo, o antropólogo belga Claude Lévi-Strauss (1908-2009), considerado o maior representante dessa perspectiva, fez um amplo estudo sobre os mitos em diversas

sociedades e buscou, para além das variações nas estórias e nos modos de contar, os elementos que se repetiam em todas elas, montando, com isso, uma estrutura em comum. Essa relação entre universalidade e particularidade das culturas – e também do próprio Estruturalismo – é descrita por ele do seguinte modo:

> **O homem é como um jogador que tem nas mãos, ao se instalar à mesa, cartas que ele não inventou, pois o jogo de cartas é um dado da história e da civilização (...). Cada repartição das cartas resulta de uma distinção contingente entre os jogadores e se faz à sua revelia. Quando se dão as cartas, cada sociedade assim como cada jogador as interpreta nos termos de diversos sistemas, que podem ser comuns ou particulares: regras de um jogo ou regras de uma tática. E sabe-se bem que, com as mesmas cartas, jogadores diferentes farão partidas diferentes, ainda que, limitados pelas regras, não possam fazer qualquer partida com determinadas cartas. (LÉVI-STRAUSS, 1999, p. 98-99)**

A primeira regra cultural, para Lévi-Strauss, é o **tabu do incesto** – proibição de relações sexuais ou do casamento entre homens e mulheres tidos como parentes. Trata-se, para ele, de um fundamento da vida social, já que impede o fechamento das famílias nelas mesmas. Ao obrigar o casamento fora do grupo familiar, o tabu do incesto impõe a troca entre famílias, o que garante a circulação de bens e a comunicação entre grupos que integram a sociedade. É o que marca, portanto, a passagem da natureza à cultura. Existindo em todas as sociedades humanas conhecidas, é uma criação universal, mas, ao mesmo tempo, é também particular, uma vez que o modo por meio do qual a família e o parentesco são definidos varia muito. A definição de quem é parente pode variar, mas toda sociedade estabelece laços de parentesco que determinam com quem, pelo fato de ser seu parente, um indivíduo não pode se casar.

Diferentemente do Funcionalismo, a perspectiva estruturalista não subordina a cultura à satisfação das necessidades básicas. Segundo Lévi-Strauss, as espécies de plantas e animais não são conhecidas apenas porque são boas para comer, mas porque são sobretudo boas para pensar, ou seja, são classificadas pelo conhecimento em si, e não meramente por uma função utilitária, estando, portanto, os aspectos materiais e as necessidades biológicas em segundo plano.

Assim, classificar a natureza antecede a utilidade que ela irá adquirir, sendo uma satisfação de ordem intelectual, do pensamento, em que se conhece para introduzir um princípio de ordem no universo – e não para saciar necessidades biológicas. Para o autor, o que distingue o ser humano do animal é que o primeiro transforma o seu alimento por meio de um traço cultural, ao cozinhá-lo, por exemplo, ao invés de comê-lo cru. Nesse sentido, o ser humano faz o que faz não apenas para satisfazer suas vontades básicas, mas para se afirmar enquanto tal e se diferenciar de outros animais.

Ao invés de codificar e impor a relação do ser humano com o mundo material e prático, a cultura, na vertente estruturalista, proporciona diversas possibilidades de se relacionar com o meio, não havendo uma única opção. Trata-se, aqui, de um paradigma mentalista ao invés de materialista, como é no Funcionalismo. Se, para Malinowski, a cultura é um sistema funcional e equilibrado, formado por instituições interdependentes, com funções e características próprias, principalmente no que se refere à satisfação de necessidades básicas, para Lévi-Strauss, a cultura é um sistema simbólico, no qual se incluem a linguagem, a arte, a ciência, a religião, as regras matrimoniais e as normas econômicas, não estando subordinada ao utilitarismo ou aos aspectos materiais da vida social.

Lévi-Strauss também faz uma crítica ao evolucionismo ao mostrar que, por mais que os conteúdos sejam diferentes – como as diferenças sociais e culturais –, existe uma estrutura em comum para toda a humanidade, que é o pensamento lógico. Assim, pessoas de sociedades ocidentais e não ocidentais, indígenas e não indígenas, possuem a mesma capacidade mental, ainda que as formas e os produtos desse pensamento variem. Não há, portanto, pensamento pré-lógico, irracional, como os evolucionistas imaginavam para as sociedades indígenas, por exemplo, tidas como "atrasadas" e "inferiores". Para Lévi-Strauss, o pensamento mágico – ou o conhecimento tradicional –, por exemplo, não é um esboço, um começo ou uma iniciação do pensamento científico, mas sim um sistema independente e tão bem articulado e coerente quanto a ciência, assim como as sociedades indígenas também têm uma lógica própria.

### A perspectiva hermenêutica: Clifford Geertz

Crítico do paradigma materialista, como é no Funcionalismo,

o antropólogo estadunidense Clifford Geertz (1926-2006) busca um conceito de cultura mais limitado e especializado e, assim, "teoricamente mais poderoso, para substituir o famoso 'o todo mais complexo' de E. B. Tylor, o qual, embora eu não conteste sua força criadora, parece-me ter chegado ao ponto em que confunde muito mais do que esclarece" (GEERTZ, 1989, p. 3). Geertz também critica o excesso de abstração do conceito de cultura, o que poderá fazer com que ele se distancie da realidade e dos problemas sociais. Segundo ele,

> **(...) está sempre presente o perigo de que a análise cultural perca contato com as superfícies duras da vida – como as realidades estratificadoras políticas e econômicas, dentro das quais os homens são reprimidos em todos os lugares – e com as necessidades biológicas e físicas sobre as quais repousam essas superfícies. (GEERTZ, 1989, p. 21)**

Ele diz ter evitado isso ficando atento a essas realidades e necessidades ao ter estudado e escrito sobre nacionalismo, violência, identidade, legitimidade, revolução, urbanização, morte, tempo e "[...] sobre as tentativas particulares de pessoas particulares de colocar essas coisas em alguma espécie de estrutura compreensiva e significativa" (GEERTZ, 1989, p. 21).

Geertz propõe, enfim, ver a cultura como o domínio dos símbolos públicos, os quais são atribuídos pelas pessoas como membros de uma sociedade e com os quais interagem e se expressam, abrindo um leque de possibilidades de realizar uma prática social/cultural e, com isso, de se relacionar com o mundo. Para ele, o ser humano é um animal ligado a teias de significados criadas por ele próprio, consideras cultura. Aos antropólogos, caberia buscar a interpretação desses significados que permeiam os modos de se expressar e as formas de comportamento.

Geertz é contra tomar a cultura como um conjunto de traços, instituições, estruturas; critica "transformar a cultura em folclore e colecioná-lo, transformá-la em traços e contá-los, transformá-la em instituições e classificá-las, transformá-la em estruturas e brincar com elas" (GEERTZ, 1989, p. 20). Propondo um conceito semiótico, em suas próprias palavras, a cultura é tida como um texto que precisa ser interpretado, não havendo uma explicação única e

universal, mas a possibilidade de diferentes interpretações (ou, para Geertz, interpretações de interpretações), de acordo com aquele que produz e aquele que o lê. A cultura como texto e contexto significa que o mais importante não é tanto o que as pessoas fazem, mas os significados que elas atribuem ao que fazem. São esses sentidos que o antropólogo deve buscar, o que ficou conhecido como uma Antropologia Interpretativa ou Hermenêutica. Um exemplo bem interessante do autor é a piscadela, ou o piscar de olhos. Esse simples ato de linguagem corporal pode ter significados diversos de acordo com o sujeito e o contexto. Assim, em um jogo de truco, ele pode sinalizar ao parceiro determinada carta do baralho; em outra situação, pode ser o sinal de uma conspiração ou um complô; o mesmo gesto também pode ser visto como paquera ou, ainda, simplesmente um desconforto com um cílio que caiu no olho. É buscando o sentido naquele contexto específico que o antropólogo poderá interpretar a cena vista.

Adepto da prática metodológica da "descrição densa", ou seja, conviver com as pessoas a serem estudadas e descrever minuciosamente as atividades cotidianas que compõem o seu modo de vida, Geertz "elegeu a religião como epítome de cultura, e tentou descrever o efeito das concepções e práticas religiosas sobre determinados processos políticos, sociais e econômicos" (KUPER, 2002, p. 134). Para ele, a religião, assim como a cultura, é tanto uma visão de mundo quanto uma maneira de agir nele.

Apesar de ter uma nova ótica à Antropologia, vendo como uma situação que está sendo vivida por aquelas pessoas naquele momento, Geertz, segundo Kuper (2002), estaria olhando para a elite de cada sociedade – a cultura como uma grande ópera, um grande espetáculo feito para a apreciação da elite, em que as pessoas representam sempre os mesmos papéis, como em um roteiro já estabelecido. A generalização da cultura como se fosse a visão de todos os indivíduos de uma mesma sociedade também é uma crítica que o antropólogo Adam Kuper faz para Geertz. Para esse autor, apesar de Geertz ter feito um esforço de recuperar a história, acabou incorporando-a dentro da reprodução de um certo *ethos* ou visão de mundo, que seria comum a todas as pessoas. Apesar da crítica à abstração do conceito de cultura, o qual acaba por se descolar das realidades e problemas sociais, Geertz não teria percebido a pluralidade dos sujeitos envolvidos e acabou cometendo

aquilo de mais temível nas críticas feitas ao conceito de cultura: tomá-la como totalidade homogênea, coerente e permanente, como veremos principalmente na próxima seção.

Assim, se cultura é um conceito importante para a Antropologia, sua análise corre o risco de levar a um determinismo cultural, isto é, a cultura é vista como um roteiro para qualquer ação: os interesses individuais, os processos sociais, as relações de poder, os eventos, os conflitos, as manipulações das regras, os fatores econômicos são abarcados todos pelo grande guarda-chuva da cultura. Como nos alerta Adam Kuper,

> **Uma antropologia que se define como o estudo da cultura desprezará fatores sociais, políticos, econômicos e também biológicos. Ideias e valores serão vistos como as causas do comportamento – do crime, das práticas trabalhistas, das práticas educacionais – e não como as consequências de outros fatores, tais como a prosperidade e a pobreza relativas, as oportunidades de emprego, a exclusão dos processos políticos, a corrupção e assim por diante. (KUPER, 2002, p. 09-10)**

A discussão antropológica sobre cultura traz desafios e dilemas conceituais, metodológicos e éticos. Veremos, a seguir, como essa discussão nos ajuda a pensar em alguns problemas sociais com os quais nos deparamos constantemente.

**Assimile**

Ainda que tenha uma definição mais geral, como capacidade de simbolizar, atribuir significados às ações e ao mundo, vimos que o conceito de cultura tem usos e implicações diferentes de acordo com os autores e as perspectivas antropológicas. Assim, o Funcionalismo toma a cultura como a maneira mais eficiente de satisfazer necessidades básicas, como a alimentação, a reprodução e a proteção. Para essa vertente, as pessoas conhecem e classificam as coisas porque elas lhe são úteis. Já o Estruturalismo discorda disso, mostrando que as espécies de plantas e animais não são conhecidas apenas porque são boas para comer, mas porque são, sobretudo, boas para pensar, ou seja, o conhecimento é anterior à utilidade e não depende dela. A perspectiva interpretativa ou hermenêutica, por sua vez, toma a cultura como um

texto, o qual pode ser lido e interpretado de diferentes maneiras, de acordo com o contexto no qual está inserido. Para deixar ainda mais claras as propostas de cada autor, vejamos os trechos a seguir:

A) Funcionalismo

> ... a satisfação das necessidades orgânicas ou básicas do homem e da raça é um conjunto mínimo de condições impostas a cada cultura. Os problemas apresentados pelas necessidades nutritivas, reprodutivas e higiênicas do homem devem ser resolvidos. Eles são solucionados pela construção de um novo ambiente, secundário ou artificial. Esse ambiente, que não é mais nem menos do que a cultura propriamente dita, tem de ser permanentemente reproduzido, mantido e administrado. (MALINOWSKI, 1970, p. 43)

B) Estruturalismo

> Quando cometemos o erro de ver o selvagem como exclusivamente governado por suas necessidades orgânicas ou econômicas, não percebemos que ele nos dirige a mesma censura e que, para ele, seu próprio desejo de conhecimento parece melhor equilibrado que o nosso. (...) os indígenas também se interessam pelas plantas que não lhes são diretamente úteis, devido às relações significativas que as ligam aos animais e aos insetos. (...) É claro que um conhecimento desenvolvido tão sistematicamente não pode ser função apenas de sua utilidade prática. (...) De tais exemplos, que se poderiam retirar de todas as regiões do mundo, concluir-se-ia, de bom grado, que as espécies animais e vegetais não são conhecidas porque são úteis; elas são consideradas úteis ou interessantes porque são primeiro conhecidas. Pode-se objetar que uma tal ciência não deve absolutamente ser eficaz no plano prático. Mas, justamente, seu objeto primeiro não é de ordem prática. Elas antes corresponde a exigências intelectuais ao invés de satisfazer às necessidades. (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 17; 19; 24)

C) Hermenêutica

> O conceito de cultura que eu defendo (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (...) Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade. (GEERTZ, 1989, p. 10)

Para aprofundar a discussão sobre o conceito de cultura, leia o livro:

- SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura?** São Paulo: Brasiliense, 1994. [Coleção Primeiros Passos].

Com uma linguagem fácil e concisa, o livro aborda os diferentes usos e definições de cultura, passando por temas como diversidade e relações de poder.

## Sem medo de errar

Começamos esta unidade com a situação da jovem branca que usou um turbante numa tentativa de esconder a cabeça raspada por causa de um câncer. Na estação, ela foi abordada por uma mulher negra que teria questionado o uso do turbante por este ser um símbolo da cultura africana.

Como vimos, a cultura é dinâmica, não é pura, ou seja, ela tem influências de outras culturas e está em constante transformação. Nesse sentido, não é errado fazer uso de símbolos de outras culturas e fazemos isso o tempo todo, seja ao comer comida japonesa, deitar-nos numa rede – que foi inventada pelos índios –, usar determinada tecnologia, dançar tango, falar inglês etc. Fazer esse diálogo e essa apropriação não faz com que deixemos de ser quem

somos, pois a cultura é muito mais profunda do que um amontoado de coisas, é uma visão de mundo, a maneira pela qual interpretamos o que vemos e fazemos. Assim, poderíamos dizer que a jovem da situação-problema não fez nada de errado ao usar um turbante.

Porém, também temos o ponto de vista da mulher que a questionou. Ainda que todas as culturas tenham suas próprias lógicas e referências, e todas são legítimas e devem ser reconhecidas e respeitadas, sabemos que não é bem assim. As culturas também são atravessadas por relações de poder e desigualdade, e algumas delas ainda são negligenciadas e vistas como "inferiores", por exemplo, as sociedades indígenas. Também podemos dizer que é assim para a cultura africana. Nesse sentido, uma mulher negra questionar uma garota branca pelo uso do turbante ganha outro significado – não só cultural, mas também político –, já que o uso desse símbolo cultural é diferente nos dois casos: para as mulheres negras, usar o turbante é uma forma de afirmação de identidade, luta e resistência contra o preconceito e a desigualdade aos quais são submetidas; já para as mulheres brancas, estando numa posição social consideravelmente mais confortável e hegemônica, o turbante deixa de ter essa conotação política para ser um mero adorno.

Não é necessariamente errado assumir um dos lados da polêmica. Porém, quando mergulhamos no debate, quando o levamos a sério e pensamos de maneira profunda sobre ele, vemos que as escolhas fáceis muitas vezes acabam sendo simplistas e superficiais. Quando conseguimos perceber a complexidade do debate que essa e tantas outras cenas do dia a dia nos trazem, assumir um lado ou outro pode se tornar difícil, porque ponderamos os argumentos e tentamos enxergar os motivos e as referências de cada um deles. Não se trata de ficar neutro ou indiferente, nem de não se posicionar quando a situação assim exige, mas de buscar a compreensão de algo que, à primeira vista, não compreendemos e, com isso, ao invés de fazer um julgamento apressado, refletir com a seriedade e profundidade que a situação merece. Compreender, ao invés de julgar, é um grande e importante passo para um convívio social mais justo, tolerante e saudável.

## Faça valer a pena

**1.** "Mesmo embrulhado dentro de uma bela camisa, dentro de mim eu continuava sendo um habitante da floresta! Por isso costumo repetir aos rapazes de nossa casa: 'Talvez vocês estejam pensando em virar brancos um dia? Mas isso é pura mentira! Não fiquem achando que basta se esconder nas roupas deles e exibir algumas de suas mercadorias para se tornar um deles!'"
(KOPENAWA, D. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 289).

A frase de Davi Kopenawa, líder indígena, chama a atenção para alguns dos aspectos presentes na discussão sobre cultura. Assinale a alternativa correta:

a) Davi Kopenawa fala de como é possível se tornar branco ao usar roupas e mercadorias.
b) Davi Kopenawa fala de como é possível se tornar branco porque a cultura pode mudar.
c) Davi Kopenawa mostra que não é possível se tornar branco porque a cultura é imutável.
d) Davi Kopenawa diz não ser possível virar branco porque a cultura é mais profunda do que usar vestimentas e mercadorias.
e) Davi Kopenawa diz não ser possível virar branco porque a cultura de um povo, sendo profunda, não pode ser aprendida por outras pessoas.

**2.** "No começo do século XIX, o governo do estado de Virgínia, nos Estados Unidos, sugeriu aos líderes de diversos povos indígenas que enviassem alguns de seus jovens para estudar nas escolas dos brancos. Em sua carta-resposta, os chefes indígenas recusaram delicadamente a proposta. Eis algumas das razões alegadas por eles:
'Nós estamos convencidos de que os senhores desejam o nosso bem e agradecemos de todo coração. Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes de ver as coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa ideia de educação não é a mesma que a nossa. (...)
Muitos dos nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência. Mas quando eles voltaram para nós eram maus corredores, ignorantes da vida da floresta e incapazes de suportar o frio e a fome. Não sabiam como caçar o veado, matar o inimigo ou construir uma cabana, e falavam muito mal nossa língua. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros.

Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta e, embora não possamos aceitá-la, para mostrar a nossa gratidão concordamos que os nobre senhores de Virgínia nos enviem alguns de seus jovens, que lhes ensinaremos tudo o que sabemos e faremos deles homens.'"
(BRANDÃO, 1984, p.8-9).

Leia atentamente o texto. Tendo em vista a discussão sobre o conceito de cultura, responda com a alternativa correta:

a) Os chefes indígenas recusaram a oferta dos Estados Unidos porque consideram que os brancos não têm cultura.
b) Os chefes indígenas recusaram a oferta dos Estados Unidos porque acreditam que a cultura é uma visão de mundo e, assim, cada povo tem concepções diferentes sobre educação.
c) Os chefes indígenas recusaram a oferta dos Estados Unidos porque acham que as culturas não devem ter relações e interferências umas das outras.
d) Os chefes indígenas aceitaram a oferta dos Estados Unidos e, em troca, ofereceram que jovens brancos fossem estudar com os índios.
e) Os chefes indígenas aceitaram a oferta dos Estados Unidos porque acreditam que a ciência dos brancos é superior ao conhecimento tradicional.

**3.** O/A _____ propõe pensar a cultura como texto e contexto, em que as ações e os comportamentos ganham diferentes interpretações de acordo com as situações e os sujeitos envolvidos. Para o/a _____, a cultura não está subordinada à utilidade, ou seja, as pessoas classificam a natureza para saciar uma exigência intelectual de colocar ordem no mundo. Já o/a _____ considera que a cultura atende às necessidades biológicas do ser humano.

Leia o enunciado da questão e complete os espaços corretamente:

a) Funcionalismo – Estruturalismo – Hermenêutica.
b) Funcionalismo – Hermenêutica – Estruturalismo.
c) Estruturalismo – Funcionalismo – Hermenêutica.
d) Hermenêutica – Funcionalismo – Estruturalismo.
e) Hermenêutica – Estruturalismo – Funcionalismo.

# Seção 2.2

## Igualdade e diferenças

### Diálogo aberto

Como vimos na abertura desta unidade, o uso do turbante pela garota branca suscitou um debate acalorado na rede social. Podemos encontrar os mais diversos posicionamentos a respeito. Você pode, facilmente, encontrar muitas manifestações pela Internet. Por exemplo:

A) "... o fato de cabelos trançados estarem na moda ou turbantes disponíveis em lojas de departamento e estampados em capas de revistas não se traduz em direitos e respeito aos negros e negras no Brasil. 'Eu, quando uso turbante na rua, as pessoas me apontam e me discriminam. Ao mesmo tempo, uma pessoa branca com o mesmo acessório é vista como moderna', conta Ribeiro [Djamila Ribeiro, colunista de Carta Capital]". (*O uso de turbantes por pessoas brancas é apropriação cultural?*, de Tory Oliveira. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/turbantes-e-apropriacao-cultural>. Acesso em: 23 ago. 2017).

B) "... Assim, Thauane, eu inicio dizendo a você que não sei o que é receber um diagnóstico de leucemia. Não sei como é perder o cabelo aos 19 anos. Não sei como é acreditar que encontrou uma saída estética para cobrir a nudez da cabeça e ouvir que esta saída não é ética. Não sei. Mas tento saber. Acredito profundamente em vestir a pele do outro. Mas sei também do limite deste gesto. Buscamos vestir, mas não conseguimos vestir por completo. A beleza deste movimento é justamente a busca. Ao tentar vestir a sua pele, consciente dos limites deste gesto, posso sentir o quanto deve ter sido duro ouvir o que você conta ter ouvido: 'Você não pode usar turbante porque é branca'. (...) É mais fácil para mim vestir a sua pele branca do que vestir a pele negra da mulher que te abordou com um não. (...) O que as mulheres negras dizem, Thauane, é que não querem que o turbante, que tão precioso é para elas, vire mera mercadoria na nossa cabeça. Então, Thauane, acho que eu e você precisamos escutá-las. E podemos não usar um turbante. Aliás, não usar um turbante é bem o mínimo que podemos fazer. (...) Se as

mulheres negras me dizem que não posso usar um turbante porque para elas o turbante é um símbolo de pertencimento, eu escuto. E compreendo que não devo usar um turbante. ("De uma branca para outra: o turbante e o conceito de existir violentamente", de Eliane Brum. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/20/opinion/1487597060_574691.html>. Acesso em: 23 ago. 2017).

Acesse os links sugeridos, assim como outros que também tratem o tema. Então, perceba se você chegou a mudar a sua opinião sobre a polêmica ou se a manteve. Pergunte-se por quê.

Entre os vários pontos de vista, com qual você concorda e com qual discorda? Por quê? Quais são as visões dos autores sobre as diferenças culturais que estão em jogo na situação do uso do turbante pela garota branca? Como você avalia as opiniões dos autores sobre o assunto, ou seja, houve preconceitos e estereótipos?

Nesta seção, discutiremos alguns conceitos que nos ajudam a refletir sobre essa e muitas outras situações sociais de nosso dia a dia. Etnocentrismo, relativismo cultural e identidade são noções muito importantes ao debate antropológico para analisar cenas, fenômenos e relatos que envolvem a relação entre igualdade e diferenças. Como conciliar essas dimensões tão importantes para a vida social e o mundo em que vivemos?

Embarque nesse desafio por meio dos autores, questões e temas apresentados no *Não pode faltar* e se sinta instigado a pensar sobre assuntos tão relevantes e polêmicos.

## Não pode faltar

### Etnocentrismo

"Os índios são preguiçosos", "os brancos são superiores aos negros", "a cultura ocidental é a mais evoluída", "os *kamikazes* são loucos". Você já deve ter ouvido essas frases ou pode pensar do mesmo modo. Isso acontece porque, como vemos o mundo a partir de nossa própria lente, ou seja, a partir de nosso próprio ponto de vista, tendemos a considerar a nossa visão ou perspectiva a mais correta, a mais natural, a melhor – ou, até mesmo como, a única possível –, tomando as outras como inferiores e/ou incorretas. Como a cultura é uma visão de mundo, olhamos para ele a partir de nossas próprias referências e valores. Essa atitude ganhou o nome de Etnocentrismo,

ou seja, colocar a própria cultura no centro, como ponto de partida para olhar as demais, que estariam em lugares periféricos. Segundo o antropólogo brasileiro Everardo Rocha, "etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo, e todos os outros são pensados e sentidos por meio dos nossos valores, modelos e definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade, etc." (ROCHA, 1988, p. 5).

O Etnocentrismo é uma atitude universal e natural da humanidade, pois todos nós olhamos, analisamos e julgamos os outros – sendo eles de outras sociedades ou nossos vizinhos – a partir de nossa própria cultura, pois é ela que dá sentido ao mundo ao nosso redor. Quando nos deparamos com outros costumes e hábitos, é normal se espantar, ficar perplexo, ter curiosidade diante deles. Assim, quando colonizadores europeus chegaram às Américas, eles ficaram chocados com o estilo de vida indígena, vendo-o como "atrasado", "selvagem", "primitivo". Do mesmo modo, os índios não os compreendiam e questionavam o porquê das roupas, dos relógios, das armas e de tantos outros objetos e comportamentos. Os índios, por exemplo, têm nomes diferentes para se autodenominarem como "humanos", "homens", posicionando-se no centro do mundo, em contraposição aos demais povos. "Os australianos chamavam as roupas de 'peles de fantasmas', pois não acreditavam que os ingleses fossem parte da humanidade" (LARAIA, 2008, p. 73).

Rocha (1988) conta que um pastor veio ao Brasil fazer um trabalho de catequese e evangelização com os índios do Xingu, comprando, para eles, contas, espelhos, pentes etc. Para si, o pastor teria comprado um moderníssimo relógio de pulso, o qual foi muito cobiçado por um dos índios e, depois de muita insistência, resolveu dar o relógio a ele. Após alguns dias, o jovem índio chamou o pastor, muito contente em lhe mostrar o seu trabalho: no topo de uma árvore, o índio fez um altar com penas e contas coloridas, tendo o relógio no centro.

Depois de alguns meses, o pastor voltou para casa. Buscando inspiração para o seu relatório sobre a experiência de evangelização com os índios, olhou as paredes de seu escritório. Nelas, arcos, flechas e cocares formavam uma bela decoração. O que, afinal essa

anedota nos conta? Para Rocha (2008), trata-se de um exemplo de etnocentrismo de ambos os lados: tanto o índio quanto o pastor deram um novo significado ao objeto da outra cultura, fazendo com que ele tivesse sentido no próprio contexto. Como, para o índio, o relógio, enquanto instrumento de medição, não tem qualquer sentido, uma vez que sua cultura tem outra noção de tempo e maneira de marcá-lo, ele fez do objeto um belo adorno, criando um altar para exibi-lo. Pois o mesmo fez o pastor com os arcos, flechas e cocares: se esses objetos, para os índios, são instrumentos de caça, para o pastor, não tendo essa mesma função, eles se tornaram adornos nas paredes. A lógica dos dois foi a mesma: cada um partiu de seu próprio sistema de referências para interpretar e dar um lugar ao objeto do outro. Trata-se, aqui, de um etnocentrismo "cordial", nas palavras de Rocha, pois a interpretação que cada um deu não teve maiores consequências.

> **Para o pastor, o uso inusitado do seu relógio causou tanto espanto quanto o que causaria ao jovem índio conhecer o uso que o pastor deu a seu arco e flecha. Cada um 'traduziu' nos termos de sua própria cultura o significado dos objetos cujo sentido original foi forjado na cultura do 'outro'. O etnocentrismo passa exatamente por um julgamento do valor da cultura do 'outro' nos termos da cultura do grupo do 'eu' (ROCHA, 1988, p. 7).**

Os objetos, assim, não têm um significado próprio inerente a eles: só ganham um sentido quando inseridos em determinado contexto cultural. O antropólogo estadunidense Marshall Sahlins (1997) mostrou como os índios incorporaram os objetos trazidos pelos estrangeiros de modo a fazer sentido em seu próprio contexto. Assim, ao ganharem rádios e espelhos, por exemplo, os índios os desmontavam e, com as peças, faziam colares e miçangas a serem trocadas em rituais, uma vez que tais trocas, ao marcar as relações entre as pessoas são muito importantes para eles, ao passo que os rádios e os espelhos não o são – ou, ao menos, não como são para nós, pois as funções e os significados mudam de um grupo a outro. É nesse sentido que a cultura, voltando a uma questão que já discutimos, não acaba: por mais que incorporemos objetos alheios ou estrangeiros, fazemos do nosso modo, a partir de nossa visão de mundo. As culturas, com isso, estão sempre se transformando.

Por ser uma atitude universal e natural, o etnocentrismo não é um problema em si. Você pode ver a diferença como uma possibilidade de aprender com ela ou, então, você pode vê-la como uma ameaça. O etnocentrismo se torna um problema quando nos leva a transformar diferenças em desigualdades, a discriminar, dominar, eliminar o outro, impossibilitando, com isso, o diálogo e convívio com o diferente. É o caso, por exemplo, de guerras e invasões com a justificativa de levar a civilização ao outro, como se, por ser diferente, ele já não a tivesse. É para evitar atitudes radicais e intolerantes como essas - e tantas outras - que o relativismo cultural se faz tão importante.

## Relativismo cultural

O relativismo cultural ou relativização é a compreensão de que cada cultura tem sua lógica e deve ser olhada a partir de seu próprio sistema de referências. Quando fazemos isso, percebemos que não há cultura superior ou inferior, já que cada uma está de acordo com o contexto no qual está inserida e, portanto, tem sua própria coerência. Por exemplo, ao invés de dizer que "os índios são preguiçosos", tomando a nossa cultura como referência, compreender que se trata de outra maneira de conceber o trabalho e a vida social. Assim, os índios não trabalham mais não porque não podem, mas porque não querem e não precisam: eles trabalham o suficiente para a sobrevivência, uma vez que não participam da lógica capitalista na qual se trabalha mais para o acúmulo de capital e consumo. Nesse sentido, os índios não são preguiçosos, mas são coerentes com o sistema de referências e valores de sua própria cultura e estilo de vida. O mesmo se pode dizer sobre eles não terem armas de fogo: isso não significa que sejam mais atrasados em relação a nós, já que, lá, tal objeto não tem sentido, uma vez que o arco e a flecha são eficientes para caçar e estão de acordo com a concepção que eles têm sobre comida/alimentação. Trata-se, assim, de outra maneira de ver a natureza e viver em sociedade. Quando conseguimos enxergar através do olhar do outro, compreendemos os motivos de ele ser, agir e pensar daquele modo. Nas palavras de Rocha:

> Quando vemos que as verdades da vida são menos uma questão de essência das coisas e mais uma questão de posição: estamos relativizando. Quando o significado de um ato é visto não na sua dimensão absoluta mas no contexto em que acontece: estamos relativizando. Quando compreendemos o 'outro' nos seus próprios valores e não nos nossos: estamos relativizando. Enfim, relativizar é ver as coisas do mundo como uma relação capaz de ter tido um nascimento, capaz de ter um fim ou uma transformação. Ver as coisas do mundo como a relação entre elas. Ver que a verdade está mais no olhar que naquilo que é olhado. Relativizar é não transformar a diferença em hierarquia, em superiores e inferiores ou em bem e mal, mas vê-la na sua dimensão de riqueza por ser diferença. (ROCHA, 1988, p. 9)

Se muitas das explicações de outros povos são, para nós, estranhas e incompreensíveis, elas são lógicas porque estão de acordo com a visão de mundo deles. O antropólogo Roque de Barros Laraia (2008) traz alguns exemplos nesse sentido:

> Sem estes meios materiais (*instrumentos de precisão científica, por exemplo*) o homem tem que tirar conclusões a partir de sua observação direta, valendo-se apenas do instrumental sensorial de que dispõe. Assim, não é nada ilógico supor que é o Sol que gira em torno da Terra, pois é esta sua sensação. Uma conhecida nossa perguntou a um caipira paulista como é que o sol morre todos os dias no Oeste e nasce no Leste. 'Ele volta apagado durante a noite', foi a resposta que obteve. Menos que um pensamento absurdo, trata-se de uma outra concepção a respeito do universo, obviamente diferente da nossa, que dispomos das informações obtidas por sofisticados observatórios astronômicos. Sem o auxílio do microscópio é impossível imaginar a existência de germes, daí ser mais fácil admitir que as doenças são decorrentes da intromissão de seres sobrenaturais malignos. E, consequentemente, o tratamento deve ser formulado a partir de sessões xamanísticas, capazes de controlar e exorcizar essas entidades. (LARAIA, 2008, p. 88)

A Antropologia é a ciência que busca compreender o sistema de referências do outro, a lógica própria de cada cultura. Ela propõe

o movimento de sair do etnocentrismo em direção à relativização, de se abrir ao outro, ouvir o que ele tem a dizer, ver a diferença não como hostilidade e ameaça, mas como possibilidade de aprendizado. Cada sociedade tem um medidor diferente para avaliar o grau de sucesso ou não de algum fenômeno. Assim, no exemplo de Rocha (1988), se tomarmos como referência o futebol, o Brasil é melhor do que os Estados Unidos. Mas se o parâmetro for bandas de rock, nós saímos perdendo. Não há, portanto, um medidor universal e, por isso, não dá para falar que uma cultura seja superior a outra de maneira geral, pois o que é bom para uma sociedade não necessariamente é para outra. As culturas são, assim, equivalentes, pois cada uma tem uma visão, uma concepção, uma lógica própria, coerente com o contexto no qual está inserida. Reconhecer a pluralidade cultural é um passo importante para a relativização.

O antropólogo Claude Lévi-Strauss (1908-2009), em seu texto *Raça e história*, escrito em 1952, questiona a ideia de superioridade racial e, portanto, o etnocentrismo. Ele faz uma importante crítica à ideia de evolucionismo social, ou seja, de que as culturas estariam em estágios ou degraus diferentes de desenvolvimento, estando as sociedades indígenas no patamar mais baixo, tidas como primitivas, e as sociedades ocidentais, consideradas modernas, no topo. Para o antropólogo, ver desse modo é tomar um sistema de referências como único e universal – o sistema ocidental – e desconsiderar os outros. Em uma de suas famosas frases – "O bárbaro é em primeiro lugar aquele que crê na barbárie" (LÉVI-STRAUSS, 2013, p. 364) –, o autor mostra que o sentido da história depende de quem vê e, portanto, o que é considerado bárbaro, selvagem, primitivo muda de acordo com essa visão. Isso pode nos ajudar a ponderar algumas expressões de efeito, como "a guerra contra o terror", uma justificativa amplamente usada pelo governo dos Estados Unidos para invadir o Iraque, em 2003. A questão passa, porém, por saber de que terror, afinal, estamos falando – ou, ainda, quem é o terrorista? Essa pergunta não tem uma única resposta: é possível ver o terror a partir de diferentes lados, dependendo do ponto de vista do observador. Se os Estados Unidos podem ter como claro quem é o terrorista, para os muçulmanos – ou uma parte deles –, a guerra ao Iraque pode ser caracterizada como um ato terrorista.

Lévi-Strauss (2013) é contra a visão de que o progresso é necessário, contínuo e linear, como se todas as sociedades

estivessem indo – e quisessem ir – para a mesma direção. Para ele, o progresso procede por saltos, pulos, mutações, descontinuidades. Trata-se de uma transformação, e não de uma valorização: não de atribuição a um valor positivo ou negativo, mas de um processo de alteração que não tem um sentido em si mesmo, porque a direção depende da posição daquele que vê. No exemplo de Lévi-Strauss:

> **A fim de mostrar que a dimensão e a velocidade do deslocamento dos corpos não são valores absolutos, mas funções da posição do observador, lembra-se que, para um viajante sentado junto à janela de um trem, a velocidade e o comprimento dos outros trens variam conforme estes se deslocam no mesmo sentido ou num sentido inverso. (LÉVI-STRAUSS, 2013, p. 375)**

As sociedades não caminham para uma única e inexorável direção, como se subissem uma escada; elas não estão indo para o mesmo lugar, porque cada uma tem um critério diferente de qual é o melhor caminho a tomar – e de onde chegar. As sociedades indígenas, por exemplo, não necessariamente querem ser iguais às sociedades ocidentais. É por isso que há a diversidade cultural e, por mais forte e presente que seja a globalização, ela não vai transformar o mundo em uma mesmice, porque sempre haverá pontos de vista diferentes. Para Lévi-Strauss, o progresso, quando acontece, resulta da coligação entre as sociedades, quando se reconhece, portanto, a pluralidade cultural. A diversidade pode desencadear transformações no mundo em que vivemos, porque ela permite diferentes respostas para diferentes situações, abrindo um leque de possibilidades de agir, pensar e ser. A história, com isso, torna-se um processo de relativização.

Conhecer o outro em seus próprios termos pode assustar porque, ao fazermos isso, percebemos que, afinal, não somos donos da verdade, uma vez que há outros sistemas de referências, tão coerentes e verdadeiros quanto o nosso. É mais fácil julgar o outro como inferior, louco, selvagem. O difícil é estar disposto a compreendê-lo, pois isso exige esforço, uma abertura à escuta do diferente. Mas essa abertura é o que nos permite ver a vida em sua complexidade. Perceber os desafios, sair de si para encontrar o outro é algo que nos transforma enquanto pessoas que compartilham um mundo em comum – e um mundo

que se queira mais tolerante, saudável, justo, no qual identidades, igualdades e diferenças possam coexistir.

**Assimile**

Como vimos, o etnocentrismo toma o próprio sistema de referências como o centro do universo, tido como o mais correto, natural, verdadeiro – até mesmo como o único possível. O etnocentrismo está presente em todos os grupos sociais, já que cada um vê o mundo a partir de sua própria cultura. Isso pode ter consequências menos nocivas, como a incompreensão, espanto, curiosidade em relação aos valores, comportamentos, maneiras de ser e pensar do outro, e mais graves, como a intolerância, a discriminação e o ódio do diferente.

A seguir, veremos como o líder indígena Davi Kopenawa descreve o primeiro contato que teve com os brancos:

> **Hoje, nossas crianças não têm mais medo dos brancos. Mas eu, antes, tinha pavor deles! Eram mesmo outros. Eu os observava de longe e pensava que pareciam serem maléficos da floresta! Ficava apavorado só de vê-los! Tinham uma aparência horrível. Eram feios e peludos. Alguns eram de uma brancura assustadora. Perguntava a mim mesmo o que podiam ser seus sapatos, relógios e óculos. Esforçava-me para prestar atenção, tentando compreender suas palavras, mas não adiantava nada. Pareciam barulhos soltos! Além do mais, eles manipulavam sem parar vários tipos de coisas que me pareciam tão estranhas e assustadoras quanto eles próprios. Aliás, mesmo muito tempo depois dessa primeira visita, bastava um desses brancos querer se aproximar de mim para eu sair correndo, aos prantos. Eles realmente me apavoravam! Eu tinha medo até da luz que saía de suas lanternas. Mas temia ainda mais o ronco de seus motores, as vozes de seus rádios e os estampidos de suas espingardas. O cheiro de sua gasolina me deixava enjoado. A fumaça de seus cigarros me dava medo de adoecer. Em suma, eu pensava que deviam mesmo ser seres maléficos, famintos de carne humana! (KOPENAWA, 2015, p. 244).**

Se os relatos de colonizadores e missionários europeus mostram o espanto e o horror que sentiram ao entrarem em contato com os

índios, a fala de Kopenawa nos traz o outro lado, ou seja, a visão dos índios, normalmente silenciada dos livros de história, mostrando que eles também ficaram extremamente perturbados e assustados com esse encontro. Se esse relato pode ser visto como um exemplo de etnocentrismo, ele também pode nos abrir à relativização, na medida em que conhecer o ponto de vista do outro – ainda mais quando se trata de um grupo marginalizado, como os índios – é um importante passo para perceber que sua cultura também tem uma lógica.

Quando ouvimos o diferente – seja índio ou não –, passamos a questionar os nossos próprios valores, percebendo que, afinal, por mais distintos e variáveis que sejam, não são tão diferentes assim em relação às outras culturas, já que todas elas, a seu modo, têm uma definição do que seja certo e errado, bom e ruim, verdadeiro e falso, aceitável e abominável. Podemos ver essa atitude relativista no trecho a seguir, do filósofo e escritor francês Michel de Montaigne (1533-1592), que teve notícias e chegou a ter contato com alguns índios Tupinambá.

> **Não me parece excessivo julgar bárbaros tais atos de crueldade, mas que o fato de condenar tais defeitos não nos leve à cegueira acerca dos nossos. Estimo que é mais bárbaro comer um homem vivo do que o comer depois de morto; e é pior esquartejar um homem entre suplícios e tormentos e o queimar aos poucos, ou entregá-lo a cães e porcos, a pretexto de devoção e fé, como não somente o lemos mas vimos ocorrer entre vizinhos nossos conterrâneos (MONTAIGNE, 1984, p. 107).**

**Reflita**

O relativismo implica reconhecer, compreender e respeitar a diversidade cultural, vendo as diferentes maneiras de ser, agir e pensar como equivalentes, coerentes e verdadeiras. Se, por um lado, isso é fundamental, como um contraponto ao etnocentrismo mais radical, possibilitando um convívio mais justo, saudável e tolerante, por outro lado, pode nos levar a um esvaziamento da crítica e da ação política. Se tudo é, afinal, ponto de vista, isso significa que tudo é permitido? Como manter essa posição neutra e passiva diante de situações polêmicas, como o corte do clitóris em algumas sociedades muçulmanas (como

a mulher, naquela cultura, não pode sentir prazer sexual, as meninas acabam tendo o clitóris cortado, e muitas morrem por infecção)? Se o machismo e o rodeio são culturais, isso significa que devam ser tolerados? Qual é o limite do respeito à diversidade cultural? Em que medida, um comportamento, por ser cultural, não pode sofrer qualquer tipo de intervenção?

## Identidade, igualdade e diferenças

A cultura tanto unifica quanto diversifica a humanidade: se ela traz traços específicos de uma espécie, como o ser humano, diferindo-o das demais, também atribui valores, significados e referências de maneira diferente. A grande questão da antropologia é conciliar a igualdade e as diferenças em um mundo comum.

O conceito de identidade, de maneira geral, pode ser descrito como o sentimento de pertencimento a um grupo, compartilhando regras e condutas próprias. Como o etnocentrismo e a relativização, o conceito de identidade também deriva da discussão antropológica sobre cultura. E, assim como a cultura, a identidade é dinâmica, está em constante transformação, não devendo ser tomada como algo fixo, único e imutável. A identidade não é algo herdado, uma vez que nascer dentro de um grupo não significa necessariamente pertencer e se identificar com ele. A identidade é histórica, algo construído em determinado contexto e reivindicado em determinadas situações: identidades novas são criadas, outras são descartadas, e ainda podemos assumir diferentes identidades, de acordo com o momento, uma vez que as pessoas são plurais e assumem inúmeras funções e posições ao longo da vida.

Nesse sentido, a identidade tem uma conotação política: ao se identificar, as pessoas, ao mesmo tempo em que se diferenciam de outros grupos, lutam por reconhecimento e direitos. Assim, negros, índios, mulheres, homossexuais, enquanto minorias (grupos marginalizados/discriminados pela sociedade), reivindicam uma identidade como instrumento importante para chamar a atenção para as desigualdades que sofrem e, com isso, exigir que os direitos sejam cumpridos. É nessa direção que podemos compreender a Parada Gay e os dias da Mulher, do Índio e da Consciência Negra.

Se a identidade é importante para marcar e reconhecer uma diferença e, ao mesmo tempo, mostrar que essa diferença não pode

ser vista como desigualdade, ela acaba sendo um problema quando é vista como uma totalidade homogênea, coerente e permanente, ou seja, quando não se leva em conta as divisões e os conflitos internos ao próprio grupo. Por mais que as pessoas se identifiquem com algo em comum, isso não significa que não haja modos de ser, pensar e agir que as diferem. Assim, para as minorias sociais, criar uma identidade é uma estratégia política e cultural importante para reivindicar direitos que lhes são negados, porém isso não quer dizer que todas as mulheres, todos os negros, todos os homossexuais, todos os índios sejam iguais, como nem todos os brasileiros pensam, agem e são do mesmo modo só porque pertencem a um mesmo grupo – o Brasil.

O grande desafio dos movimentos sociais é conseguir perceber o que os une e os diferencia: se existe uma causa em comum, ela não dissolve as diferenças e os conflitos existentes. É preciso, portanto, conciliar a luta por reconhecimento e igualdade com os interesses, opiniões, vontades, desejos, prioridades e estratégias que variam de um indivíduo a outro. Se a cultura ajuda a identificar grupos e pessoas, ela, porém, não os determina, não dá a eles uma única configuração possível, porque a diversidade continua a existir.

**Exemplificando**

Para mostrar como as identidades são complexas, plurais e, às vezes, contraditórias, leia e pense no exemplo a seguir, contado pelo sociólogo jamaicano Stuart Hall (1932-2014), importante estudioso desse tema:

> **Em 1991, o então presidente americano, Bush, ansioso por restaurar uma maioria conservadora na Suprema Corte americana, encaminhou a indicação de Clarence Thomas, um juiz negro de visões políticas conservadoras. No julgamento de Bush, os eleitores brancos (que poderiam ter preconceitos em relação a um juiz negro) provavelmente apoiariam Thomas porque ele era conservador em termos da legislação de igualdade de direitos, e os eleitores negros (que apoiam políticas liberais em questões de raça) apoiariam Thomas porque ele era negro. Em síntese, o presidente estava 'jogando o jogo das identidades'.**

> Durante as 'audiências' em torno da indicação, no Senado, o juiz Thomas foi acusado de assédio sexual por uma mulher negra, Anita Hill, uma ex-colega de Thomas. As audiências causaram um escândalo público e polarizaram a sociedade americana. Alguns negros apoiaram Thomas, baseados na questão da raça; outros se opuseram e ele, tomando como base a questão sexual. As mulheres negras estavam divididas, dependendo de qual identidade prevalecia: sua identidade como negra ou sua identidade como mulher. Os homens negros também estavam divididos, dependendo de qual fator prevalecia: seu sexismo ou seu liberalismo. Os homens brancos estavam divididos, dependendo, não apenas de sua política, mas da forma como eles se identificavam com respeito ao racismo e ao sexismo. As mulheres conservadoras brancas apoiavam Thomas, não apenas com base em sua inclinação política, mas também por causa de sua oposição ao feminismo. As feministas brancas, que frequentemente tinham posições mais progressistas na questão da raça, se opunham a Thomas tendo como base a questão sexual. (HALL, 2006, p. 18-20)

Se há avanços da análise cultural na compreensão das diferenças, é preciso também reconhecer os seus limites diante da diversidade, do imponderável, da complexidade da vida social, que não se esgota numa teoria. Para o antropólogo Clifford Geertz, "a análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa" (GEERTZ, 1989, p. 20). As críticas aos conceitos de cultura e identidade, quando são vistas como totalidades homogêneas e imutáveis, se inserem em um debate mais amplo sobre o ofício do antropólogo, ou seja, como compreender e representar o outro. Como falar sobre esse outro sem cair em um etnocentrismo arrogante e distanciado nem em um relativismo ingênuo e despolitizado? Geertz (1999) se propõe a pensar nesse dilema, ou seja, nos usos que fazemos da diversidade em um "mundo colagem" – um mundo globalizado, um mosaico de tradições, valores e culturas, em que o outro não está mais isolado em um país longínquo e exótico, mas está do nosso lado frequentando os mesmos lugares e partilhando as mesmas experiências.

Para Geertz, há duas maneiras tradicionais de se lidar com esse outro: o universalismo, ou o relativismo radical, e o etnocentrismo, ou o olhar distanciado. Se o primeiro nos leva a uma incapacidade de julgamento e ao apagamento das diferenças, o segundo nos leva a um obscurecimento de nossa posição em relação ao mundo – e, no limite, a um obscurecimento de nós próprios, já que, segundo o autor, conhecer e lidar com o outro significa compreender e lidar com nós mesmos.

O filósofo estadunidense Ricard Rorty (1931-2007), porém, tem outra visão e maneira de lidar com a diversidade. Para ele, o diálogo entre os diferentes só é possível mantendo a distância a partir da sobreposição de alguns valores, que são locais, mas que merecem ser universais, tal como o de justiça processual, desenvolvido pelas instituições democráticas, que permite abarcar os diferentes sujeitos vindos de diferentes culturas em um ideal de tratamento igualitário. Por mais diferentes que sejamos, somos livres e iguais, mas cada um com sua particularidade, ou seja, podemos e devemos manter a distância necessária para sermos quem quisermos ser, longe dos olhos e das intromissões dos outros. Nesse sentido, Rorty (1997) une relativismo e etnocentrismo na tentativa de lidar com a diversidade no mundo contemporâneo. Para ele, Geertz erra ao acreditar na compreensão do outro como algo próprio da humanidade, uma vez que existe a possibilidade de não o compreender – e, por isso, para ele, a importância de se ter um valor universalizável para regular o convívio entre diferentes. Como, porém, escolher esse "valor universalizável" sem eleger uma cultura em detrimento de outras? Ou, ainda, quem irá fazer essa escolha?

A necessidade de uma reflexão que concilie cultura e ação, igualdade e diferenças, sociedade e indivíduo é consenso na antropologia contemporânea. Não se trata de apagar as diferenças, mas reconhecer mais delas e os modos complexos nos quais elas se entrecruzam. Assim como a cultura não fornece roteiro para tudo, uma sociedade desprovida de qualquer constrangimento normativo também é ilusória. Como abarcar essas duas dimensões passa por questionamentos não só teóricos e metodológicos – o que já seria muito –, mas também éticos.

**Pesquise mais**

Para conhecer mais o ponto de vista dos índios e contribuir, com isso, para ter uma atitude relativista em relação a eles, acesse o link a seguir:

- Disponível em: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/>. Acesso em: 20 out. 2017. Importante projeto desenvolvido com as sociedades indígenas em que os índios se tornam autores da própria cultura a partir da realização de vídeos com cenas e relatos do cotidiano. No site, você poderá assistir aos vídeos produzidos por eles, ler notícias e acompanhar as oficinas realizadas.

## Sem medo de errar

Se uma garota branca usa um turbante – símbolo da cultura africana – e é questionada por outra garota negra, é preciso buscar os sentidos por trás dessas atitudes para evitar julgamentos apressados, simplistas e, às vezes, preconceituosos. Se o etnocentrismo, como vimos, é uma atitude natural e universal da humanidade, isso não significa, porém, que não podemos ou devemos refletir sobre ele e ir além.

Vimos que a cultura é dinâmica e está sempre se reinventando e, por isso, seus objetos e símbolos circulam por diversos grupos sociais. Essas incorporações acabam sendo feitas de modos e com significados diferentes, estando de acordo com o novo contexto no qual foram inseridas. Assim, se a garota branca pode usar um turbante, reivindicando sua liberdade de expressão e igualdade de direitos, também é importante compreender como isso muda o sentido original desse símbolo na cultura onde ele nasceu. Para a mulher negra que a criticou – e outras que também concordaram com a crítica –, o uso do turbante por uma garota branca retira desse objeto a sua importância como instrumento de luta, resistência e identidade do movimento negro. Isso não significa que todas as mulheres negras foram contrárias ao uso do turbante pela garota branca. Como vimos, a identidade não se refere a uma totalidade homogênea, mas ela também tem seus conflitos e diferenças internos, entre os próprios membros do grupo.

As situações sociais são complexas porque não há unanimidade, já que as pessoas não são iguais, mas pensam e agem de maneiras

diferentes, às vezes complementares, outras, antagônicas. É por isso que essa e tantas outras cenas sociais que encontramos ao longo de nossa vida em sociedade são polêmicas e implicam escolhas e dilemas culturais, políticos e éticos. Se o etnocentrismo pode ser uma primeira tentativa de olhar para elas, a relativização nos convida a repensar nossos próprios valores, atitudes, comportamentos, e ver as coisas de outro modo. Ver a diferença como ameaça ou como possibilidade é uma decisão nem sempre clara e fácil. A Antropologia e a Sociologia nos ajudam, nesse sentido, a pensar em nossas escolhas, vê-las de modo mais crítico, dosando os alcances e limites de cada uma delas, e alterá-las, quando for necessário. É ponderando sobre nós mesmos, conhecendo-nos, que poderemos compreender o outro, ainda que não concordemos com ele, e conciliar, assim, as diferenças com a igualdade na construção de um mundo em comum.

## Faça valer a pena

**1.** "Cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra. E é natural, porque só podemos julgar verdade e a razão de ser das coisas pelo exemplo e pela ideia dos usos e costumes do país em que vivemos. Neste a religião sempre é melhor, a administração excelente, e tudo o mais perfeito". (MONTAIGNE, 1984). Esse trecho é de um texto escrito em 1579, século XVI, época da expansão marítima e início da colonização brasileira e de diversas outras terras latino-americanas.

Após ler o trecho anterior, assinale a alternativa correta:

a) O conceito que melhor caracteriza o trecho é o de relativização, porque ajuda a compreender o ponto de vista do outro.
b) O conceito que melhor caracteriza o trecho é o de relativização, porque promove o respeito à diversidade cultural.
c) O conceito que melhor caracteriza o trecho é o de etnocentrismo, porque faz uma crítica à noção de etnia.
d) O conceito que melhor caracteriza o trecho exposto é o de etnocentrismo, porque explica as relações sociais a partir da ideia de etnia.
e) O conceito que melhor caracteriza o trecho exposto é o de etnocentrismo, porque coloca a própria cultura no centro do universo.

**2.** Considere as seguintes frases:

A) O etnocentrismo "não é exclusividade de determinada época nem de uma única sociedade. Talvez o etnocentrismo seja, entre os fatos humanos, um daqueles de mais unanimidade" (ROCHA, 1988).
B) "A cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo" (BENEDICT, 2014).

Como podemos relacionar as frases?

a) Como a cultura é uma visão de mundo, todos os grupos sociais são etnocêntricos.
b) Como a cultura é uma visão de mundo, nem todos os grupos sociais são etnocêntricos.
c) Se a cultura fosse uma visão de mundo, não haveria etnocentrismo.
d) Como a cultura não é uma visão de mundo, não há etnocentrismo.
e) Como a cultura não é uma visão de mundo, há etnocentrismo.

**3.** "Cores, raças, castas, crenças
Riquezas são diferenças."
(Trecho da música Miséria, de Arnaldo Antunes).

Como o trecho da música se relaciona com o conceito de relativização ou relativismo cultural?

a) Relativizar é relacionar as culturas em níveis diferentes.
b) Relativizar é compreender o outro na cultura dele.
c) Relativizar é julgar o outro a partir da cultura do eu.
d) Relativizar é ver a diferença como uma ameaça.
e) Relativizar é estudar o outro a partir do passado.

# Seção 2.3

## Instituições sociais: continuidades e transformações

### Diálogo aberto

O uso do turbante pela garota branca nos permite pensar, entre outras questões, nos alcances e limites da liberdade de expressão e do respeito à outra cultura. Até onde vai a minha liberdade de expressão? Quando ela esbarra no sofrimento e na dominação do outro, ainda assim é liberdade, ou seja, ela deve imperar acima de tudo ou há situações em que a liberdade precisa ser delimitada para não se tornar violenta, desrespeitosa?

Em outra situação sobre uso o de símbolos culturais, temos a polêmica do uso do véu islâmico por mulheres muçulmanas. Em 2010, a França aprovou uma lei que proíbe o uso do véu islâmico em locais públicos, como escolas, hospitais, centros governamentais, transportes coletivos. Na rua, o uso do véu é permitido. Desde então, Bélgica, Bulgária e outras regiões adotaram a lei. Em 2016, foi a vez da Holanda. Se algumas pessoas consideraram a lei válida porque o Estado é laico (ou seja, sem interferência religiosa), outras argumentaram que a lei fere o direito à liberdade religiosa.

Quais são as semelhanças e diferenças entre a polêmica do uso do turbante pela garota branca e a proibição do uso do véu por mulheres muçulmanas?

Como você vê o uso do véu islâmico? Você considera ser uma imposição da religião e da família ou uma escolha pessoal?

Em quais situações o Estado pode/deve interferir na liberdade de expressão (cultural, religiosa etc.) e em quais situações ele não pode/deve?

Se você tivesse que pensar numa solução ao impasse do uso do véu islâmico, qual seria: apoiar a lei, desaprovar a lei e/ou propor algo novo? Por quê?

Nesta seção, veremos como a análise das instituições sociais, como família, religião e Estado, pode nos ajudar a refletir sobre suas influências em nossa maneira de pensar, agir e ser. Isso se mostra importante porque, como membros de uma sociedade, devemos

medir os alcances e limites de nossas escolhas, uma vez que elas têm consequências para além de nós e, em algumas vezes, fogem de nosso controle. Assim, pensar sobre essas consequências, tendo em vista as influências de algumas instituições sociais, é uma maneira de considerar os impactos de nossas ações em outras pessoas que participam de uma vida social em comum.

Em que medida a família, a religião e o Estado configuram nossa visão de mundo? Como conciliar a liberdade individual com o pertencimento a grupos sociais mais amplos e com regras próprias? Quais são os desafios que isso pode trazer? Em *Não pode faltar*, vamos acompanhar como a Sociologia e a Antropologia pensaram algumas instituições sociais que fazem parte de nosso dia a dia, bem como as conquistas e os dilemas que elas trazem à vida em sociedade.

## Não pode faltar

Esta seção vai abordar o olhar sociológico e antropológico sobre algumas instituições sociais, como família, religião e Estado, além de provocar reflexões sobre cenas cotidianas em que há uma tensão entre conciliar a liberdade individual e o pertencimento a grupos sociais

### Família

Abordar formas diversas da família em diferentes sociedades, em grupos sociais distintos vivendo num mesmo país, e as mudanças pelas quais passa essa instituição ao longo da história, leva cientistas sociais e historiadores a considerar que o correto seria utilizar essa palavra sempre no plural: famílias.

Boa parte da pesquisa sociológica e antropológica foi consagrada ao estudo das formas de parentesco em sociedades muito diferentes da nossa – como as sociedades indígenas –, oferecendo um leque muito variado de tipos de casamento e formas de descendência. Para nós, a **família nuclear** (unidade constituída pelo casal e seus filhos dependentes, em oposição à **família extensa**, constituída por três ou mais gerações – além dos pais, os tios e os avós, por exemplo) é a que mais facilmente encontramos ou reconhecemos. Mas não é assim para todas as sociedades, uma vez que as relações familiares mudam de um contexto para outro. Lévi-Strauss (1982) critica a visão de que a família nuclear monogâmica seja superior ou

mais moderna em relação aos outros tipos, vistos como "primitivos" e "promíscuos". Além de mostrar que a monogamia também está presente em outras sociedades, como as indígenas, o antropólogo revela, principalmente, que há diferentes formas de família, sendo a monogamia apenas um modelo possível. Em uma das sociedades por ele estudada, há ainda a ausência de qualquer forma familiar, problematizando, com isso, a universalidade da família.

**Exemplificando**

Os trabalhos do antropólogo polonês Bronislaw Malinowski (1884-1942) sobre a sociedade trobriandesa, na Oceania, são um bom exemplo das possibilidades de composição variadas dos princípios de parentesco, casamento e organização do grupo doméstico e permitem ver como uma realidade como a nossa é um arranjo específico entre outras formas possíveis, e por isso, não pode ser generalizada. Naquela sociedade, os vínculos entre mães e filhos são essencialmente diferentes daqueles entre pais e filhos. Nega-se a participação do genitor masculino no processo reprodutivo: para eles, as crianças são concebidas por espíritos que vagam sobre as águas e penetram na vagina das mulheres quando elas se banham. Relações sexuais apenas alargam a abertura vaginal a fim de permitir a penetração dos espíritos. É o tio materno, o irmão da mãe, quem ocupa as posições sociais próprias do pai na família nuclear moderna, assumindo as funções de autoridade e de transmissão das heranças.

A família nuclear como a organização mais natural, universal e correta não se sustenta. A defesa desse modelo – em que o homem é tido como o provedor do lar e a esposa se encarrega, em tempo integral, do cuidado dos filhos e do marido – tende a ser feita pela alegação de que ele responderia a uma necessidade biológica e desempenharia papéis fundamentais para a sobrevivência da espécie humana, como a regulação da sexualidade, a reprodução, a socialização das crianças, a divisão de trabalho e a cooperação entre os sexos. As ciências sociais, no entanto, mostram que a família nuclear é uma criação relativamente recente na história da nossa sociedade e, portanto, não pode ser entendida como resposta a uma necessidade biológica ou psicológica dos seres humanos em qualquer época ou lugar. Ao contrário, é uma construção histórica cujo significado muda de acordo com o contexto e com o grupo social.

Segundo o historiador francês Philippe Ariès (1914-1984), essa sensibilidade em relação à família nuclear como um espaço do afeto e do cuidado, tal como a conhecemos hoje, e que se mostra tão onipresente e naturalizada, consolidou-se enquanto tal no século XIX, a partir do momento em que o trabalho, o lazer e o convívio familiar passaram a se apresentar como atividades separadas. Focalizando a transformação dos afetos e sentimentos, Ariès (1981) descreve um processo de longa duração que leva à separação de duas esferas, o público e o privado, transformando a casa no espaço da intimidade familiar, no reduto do privado por excelência.

A valorização da família nuclear como reino do carinho e do cuidado não pode nos levar a ignorar as relações de poder e os conflitos que podem resultar em violência – agressões físicas e psicológicas – entre marido e esposa, e entre pais e filhos. Quem já não ouviu a expressão "em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher"? É contra essa ideia de um mundo privado e fechado que as feministas criaram a palavra de ordem "o pessoal é político", levando à criação das delegacias de Defesa da Mulher como uma maneira de intervir em casos de violência doméstica.

Foram as teorias feministas, a partir dos anos 1970, que levaram mais a fundo a crítica à visão idealizada da família nuclear. Os estudos de gênero mostraram, com clareza, que a noção de família tem um peso político, prescrevendo maneiras "moralmente corretas" de conduzir a vida e as formas adequadas de estabelecer trocas, cuidados e outras relações entre os seres humanos. A família, dessa perspectiva, é pensada como uma construção ideológica que reitera papéis sociais no intuito de justificar e legitimar a dominação masculina e a violência de gênero. As feministas criticam, também, a noção de maternidade como um valor buscado e desejado por todas as mulheres: ao contrário, a maternidade como valor pode ser um instrumento de opressão.

Esses estudos foram fundamentais para problematizar as relações familiares, contribuindo para que os crimes ocorridos no ambiente doméstico não fossem mais silenciados, mas sim investigados e punidos.

A família, portanto, não é única nem universal: ela não serve necessariamente à necessidade humana de criação e socialização das crianças; não há, enfim, uma função intrínseca a ela: é preciso situá-la dentro dos processos históricos mais

amplos, contextualizá-la. A vida conjugal e familiar também não está necessariamente fundada sob os pilares do amor, respeito e companheirismo, sendo, muitas vezes, um lugar de opressão, desigualdade, conflito e de muito trabalho para as mulheres. O desafio dos estudos sociológicos e antropológicos é justamente mostrar que não existe um modelo natural de família, mas que há diferentes formas que mudam de acordo com a sociedade, a cultura e a época.

**Reflita**

Os estudos sociológicos e antropológicos têm mostrado a diversidade de arranjos domésticos e formas familiares em função das elevadas taxas de divórcio, de recasamentos e de famílias **monoparentais** (formadas pelo pai e os filhos, ou a mãe e os filhos, e não pelo casal, como é o caso da família nuclear). Completa ainda esse quadro a diversidade de formas de **coabitação** (quando duas ou mais pessoas vivem juntas sem estarem casadas ou moram com outros parentes, como avós, tios e primos), as **famílias recompostas** (unidades em que pelo menos um dos cônjuges tem filhos de outro casamento), os **casais homossexuais** que conseguiram, em vários países, o direito de serem definidos como família.

Esses novos arranjos, somados aos avanços das **novas tecnologias reprodutivas** (entre as quais ganha destaque a fertilização *in vitro*, ou seja, a fecundação do óvulo pelo espermatozoide em um laboratório), indicam que o processo de transformação por que passa a família é de tal forma que esta, em um futuro muito próximo, poderá conter estruturas relacionais inimagináveis. Como sugere, com humor, a socióloga Ana Maria Goldani (2004, p. 224), "os filhos *in vitro*, por exemplo, podem ter até cinco pais, não contando mudanças de possíveis novos casamentos: uma mãe doadora (a que doa os óvulos para fertilização), uma mãe de nascimento (aquela que gera a criança), uma mãe social (aquela que assume e cuida da criança depois do nascimento, e que pode não ser a mãe biológica), um pai social (responsável pela criação da criança) e um pai doador (o que doou o sêmen para fecundação)". Essas mudanças nas relações familiares levaram alguns estudiosos a falar em uma crise da família. Seria essa uma instituição à beira da extinção ou, pelo contrário, essas mudanças indicariam a vitalidade das formas da família, que tendem a entreter relações cada vez mais igualitárias entre seus membros?

**Pesquise mais**

Para aprofundar na discussão sobre como a família influencia nossas escolhas e pensamentos, veja o filme:

- *Casamento grego* (2002), de Joel Zwick. Moça grega tenta convencer a família a aceitar seu noivo estrangeiro.

Trailer disponível em: <http://globotv.globo.com/rede-globo/rede-globo/v/confira-um-trailer-exclusivo-do-filme-casamento-grego/1984367/>. Acesso em: 31 out. 2017.

## Religião

A religião é constituída por um conjunto de regras seguidas por todos os membros daquele grupo, as quais implicam maneiras coletivas de pensar, agir e ser, tidas como corretas e verdadeiras pelos participantes. Porém, sabemos que é comum considerar a própria religião a mais correta e verdadeira – até mesmo a única possível –, vendo as outras como inferiores ou falsas. Essa atitude etnocêntrica pode levar a guerras e conflitos entre os adeptos de diferentes religiões. A Sociologia e a Antropologia, ao terem uma visão relativista, procuram mostrar que todas as religiões, por mais diferentes que sejam, são equivalentes, pois cada uma tem uma lógica própria, devendo ser consideradas verdadeiras e corretas.

Para o antropólogo Clifford Geertz, a religião é um sistema cultural, um conjunto de símbolos sagrados que compõem tanto uma visão de mundo – a maneira pela qual as pessoas atribuem significados às coisas – quanto um modo de agir – o estilo de vida, os comportamentos e as escolhas morais. Nesse sentido, Geertz (1989) argumenta que a religião é tão importante quanto uma necessidade biológica, discordando, assim, de quem vê no simbólico, ou seja, na atribuição de significados e códigos culturalmente compartilhados, uma função menor, uma vez que compreender o mundo é fundamental para viver nele.

Ainda que a fé seja algo pessoal, já que cada pessoa a sente e vive de uma maneira, bem como tem motivos diferentes para segui-la, os atos religiosos, como os cultos, os rituais e os símbolos sagrados "são acontecimentos sociais como quaisquer outros; são tão públicos como o casamento e tão observáveis como a agricultura"

(GEERTZ, 1989, p. 68). Nesse sentido, cada religião tem padrões culturais ou modelos de conduta que independem dos indivíduos. É nessa dimensão social, pública e compartilhada que o olhar sociológico e antropológico vai se deter, buscando a compreensão dos símbolos e atos religiosos dentro de cada contexto específico.

Émile Durkheim também tem a religião como um de seus temas de análise. Em seu livro *As formas elementares da vida religiosa*, publicado pela primeira vez em 1912, o sociólogo se propõe a estudar a religião mais simples – aquela que não tem influência de qualquer elemento de outra religião – como meio mais fácil para compreender a natureza religiosa do ser humano. Ele reconhece a diversidade das religiões, mas acredita que há um elemento em comum, uma essência presente em todas elas: a diferenciação entre sagrado e profano. Os ritos e as crenças religiosas exprimem a natureza das coisas sagradas e se afastam do que consideram profano, sendo que essas noções, ou seja, o que é considerado sagrado e profano, mudam de uma religião para outra.

Para Durkheim, uma instituição humana não pode se assentar no erro e na mentira, porque, se assim fosse, não poderia perdurar. Qualquer mito ou ato religioso, por mais estranho que seja, traduz alguma realidade social. Não é possível, assim, estabelecer uma hierarquia entre as religiões, já que todas são igualmente verdadeiras e corretas, porque expressam coisas reais, ainda que de modos diferentes, sendo a atividade religiosa uma manifestação da própria atividade humana. Segundo o sociólogo, os primeiros sistemas de representação do mundo são de origem religiosa; em outras palavras, a religião é uma primeira tentativa de compreender a vida, uma primeira forma simbólica de expressar uma categoria de pensamento. Por exemplo, as categorias de tempo e espaço são de origem religiosa.

Para Durkheim, tanto a ciência quanto a religião têm uma função explicativa, mas cada vez menos as pessoas explicam o mundo de maneira religiosa. A ciência não tira da religião o direito de existir, mas o de especular e dogmatizar a vida do ser humano. Isso não significa, porém, que a religião vai desaparecer ou que a ciência irá substituir a religião, uma vez que a ciência, tendo um avanço muito lento, não é capaz de atender às necessidades das pessoas, que são urgentes, e dar um sentido à vida. Nessa perspectiva, a religião tem uma função prática: ela nos ajuda a viver, a agir no mundo.

O sociólogo Max Weber, por sua vez, tem como principal questão compreender até que ponto a religião influencia nas relações econômicas, percebendo, com isso, como as crenças religiosas orientam determinadas condutas práticas. Em seu livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, publicado pela primeira vez em 1905, ele mostra como a religião protestante, ao favorecer um tipo de conduta individual, gerou uma mudança de mentalidade que contribuiu para o desenvolvimento do capitalismo. Ele não está dizendo, com isso, que o protestantismo deu origem ao capitalismo, mas que ajudou com que ele se expandisse pelo mundo.

Ao partir da constatação de que os homens de negócio, os grandes empresários são, na maioria, protestantes, Weber (2002a) procura compreender o porquê dessa afinidade entre protestantismo e capitalismo. Segundo ele, o capitalismo moderno se caracteriza por uma busca racional – ou seja, sistemática, organizada, planejada – pelo lucro por meio do trabalho. Essa necessidade de trabalhar para ganhar cada vez mais dinheiro precisou de uma mudança de mentalidade das pessoas, que estavam acostumadas a trabalhar apenas o necessário para a subsistência – e não para o acúmulo de capital. E é aqui que entra a religião protestante, como aquela que teve um importante papel para essa mudança de mentalidade: para o protestantismo, o sucesso no trabalho é visto como um sinal de fé e virtude, um estado de graça, uma bênção divina. Assim, trabalhar é uma vocação, uma maneira de mostrar o seu valor a Deus. A riqueza, aqui, não é vista como pecado quando ela provém do trabalho incansável e contínuo. Nesse sentido, a valorização do trabalho, o ganho de dinheiro como prova divina e a formação de uma personalidade disciplinar, ética, rígida, formal – o que Weber chama de uma ética protestante - estão de acordo com o espírito do capitalismo, o que acabou por contribuir para o seu desenvolvimento.

O risco das pessoas que trabalham cada vez mais é o de levar à rotinização, a uma burocracia em que as ações percam o sentido e a vida se torne uma enorme prisão de ferro. Para Weber (2002b), a modernidade caminha para a racionalização: cada vez mais as pessoas explicam o mundo a partir da ciência e tecnologia, e não mais por meio da religião. O sociólogo chamou esse processo de **desencantamento do mundo**, ou seja, o mundo está cada vez mais desencantado porque não há mais explicações encantadas, como as religiosas e místicas, mas uma valorização das explicações

científicas, baseadas na razão, previsão e técnica, havendo, com isso, uma perda das ilusões mágicas e dos mistérios sobre a vida.

Para Karl Marx (2010), em um tom mais crítico, a religião é o ópio do povo: como uma expressão real do sofrimento humano, a religião é uma necessidade para aliviar a dor, tendo, assim, um efeito parecido com o consumo de uma droga. Apesar de considerar a sua importância para aqueles que a seguem, o sociólogo vê na religião um modo de alienação das pessoas, uma ideologia que pode ser usada pelas classes dominantes como uma maneira de manter e justificar relações de desigualdade social. Por exemplo, quando uma religião fala que tudo o que acontece é "porque Deus quis assim", as pessoas acabam por se conformar com a situação na qual se encontram – se a pessoa é pobre, ela poderá achar que, por ser uma vontade de Deus, aquilo não precisa ou não deve mudar. Segundo Marx, isso é uma "falsa consciência" ou uma "falsa liberdade", porque, ao aceitar ser tudo uma vontade de Deus, as pessoas não buscam a compreensão do porquê ser assim e não de outro jeito e, com isso, não buscam a mudança, ficando, dessa forma, à mercê dos mandamentos divinos. Para ele, recusar a explicação e o conformismo religiosos e pensar por si próprio são a verdadeira consciência e liberdade.

A modernidade não acabou com as crenças religiosas, mas as deslocou para a esfera mais privada, pessoal, íntima. De qualquer forma, a religião permanece como importante instituição social, mesmo num mundo em constante transformação. Para acompanhar as mudanças, a religião também precisa se reinventar e é frequente ela se deparar com conflitos e escolhas éticas. Como continuar a condenar o uso do preservativo diante do avanço de doenças sexualmente transmissíveis? Como fechar os olhos para o aborto uma vez que ele se tornou um problema de saúde pública? Como abominar o divórcio se ele é cada vez mais comum? Como caracterizar algumas práticas como pecado se até mesmo os fiéis as fazem? É preciso, assim, abrir-se para o novo mundo, os problemas sociais, o diálogo de temas polêmicos e controversos – mas urgentes e necessários –, e perceber que os fiéis, eles próprios, estão mudando, repensando valores e comportamentos, os quais nem sempre estão de acordo com os mandamentos religiosos.

**Pesquise mais**

Para refletir sobre a influência da religião em nossa vida, veja o filme:

- *Lutero* (2003), de Eric Till. Biografia de Martinho Lutero, cuja ruptura com a Igreja católica deu início à Reforma Protestante.

Trailer disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pfAEqfVWLUU>. Acesso em: 31 out. 2017.

## Estado

Por fim, veremos como o Estado foi pensado por alguns autores como uma instituição que regula os conflitos sociais ao garantir o direito à ordem, à vida e à propriedade privada, trazendo a difícil questão de como conciliar liberdade e autoridade. Para o sociólogo Max Weber, o Estado é um agrupamento político, com regras próprias, delimitado por um território, e que tem o monopólio do uso legítimo da força, ou seja, é o único órgão social que pode se utilizar da coerção e da violência para garantir o exercício das leis, o que é feito por agentes estatais, como os policiais. É considerado um uso legítimo, porque é visto como um direito e, portanto, aceito pela sociedade, sendo para qualquer outro grupo proibido o uso da força, por exemplo, uma organização criminosa e uma manifestação ou revolta popular.

Para Weber, o Estado "consiste em uma relação de dominação do homem pelo homem" (WEBER, 2002c, p. 61). Dominação é a probabilidade de encontrar obediência a determinado mandato (mando) e ela só será estável quando se basear na convicção profunda daqueles que obedecem. Assim, a dominação é legítima quando é um acordo livre entre cidadãos, uma expressão da vontade da maioria. Uma dominação baseada apenas na força não é estável, já que abre a possibilidade de revolta. Para Weber, a dominação, em si, não é algo ruim, desde que ela seja legítima e não imposta, já que ela ordena e regulamenta a sociedade, que, como vimos, é vista por ele como conflituosa e caótica.

Karl Marx (1999; 2005; 2006), por sua vez, toma a dominação como algo problemático, já que promove a luta de classes (por exemplo, os conflitos entre operários e burgueses, empregados e patrões). Segundo o sociólogo, o aumento populacional levou à

divisão do trabalho (especialização em diferentes áreas e profissões), possibilitando, com isso, uma nova desigualdade social, e o Estado surge, nesse contexto, para garantir a propriedade privada e os interesses da classe dominante. A ideia de que o Estado representa o povo ou a coletividade é, para o autor, ilusória, uma vez que ele atende aos interesses da classe dominante, ou seja, o grupo que detém não só o monopólio econômico (aquele que tem o dinheiro), mas também o intelectual (aquele que difunde seus próprios interesses e ideias como se fossem da maioria). Em uma sociedade capitalista, a burguesia é a classe dominante.

Após fazer um estudo crítico sobre o Estado como aquele que mantém os interesses capitalistas, Marx propõe o fim dessa organização política para que as pessoas sejam, de fato, livres, conscientes e donas de si mesmas (e não mais alienadas por instituições como Estado, religião e família, que exercem grande influência em nosso modo de ser, agir e pensar). Marx defendia, assim, uma revolta popular, em que os operários (o grupo explorado pela burguesia) tomassem o poder para difundir suas ideias (o que ele chamou de socialismo) e, com isso, desencadear uma mudança de mentalidade que levaria, posteriormente, ao fim do próprio Estado, passando para as mãos do povo a regulação da vida em sociedade e dos meios de produção (que seria o comunismo).

O antropólogo francês Pierre Clastres (1394-1977) mostra que nem todas as sociedades têm Estado. Ao fazer pesquisa de campo com sociedades sul-americanas, como os índios Guayaki, Guarani e Yanomami, o autor descreve outra forma de organização política, que não se baseia no poder centralizador e uso da força, como é no Estado. Nos grupos estudados por ele, não há propriedade privada, mas coletiva, e o trabalho se divide por sexo e idade. Com isso, não há classes sociais nem luta de classes, sendo o poder exercido pela sociedade, que é quem toma as decisões de acordo com suas tradições e necessidades. O chefe, assim, não exerce o poder de mando nem a força física, tendo a função de representar a comunidade diante de outros grupos sociais, regulando, por exemplo, as guerras entre eles. O chefe mantém a paz na sociedade por meio da fala, como mediador entre as partes envolvidas quando há algum conflito.

Em função dessa maneira de se organizar politicamente, essas sociedades foram vistas como sociedades sem Estado. O

que Clastres (2003) mostra, porém, é que não se trata de não ter Estado, mas de ser contra o Estado: esses grupos inventaram uma organização deliberada para evitar a centralização do poder e o uso da força física; escolheram, assim, ser contra o Estado, regulando a vida social de maneira mais coletiva e igualitária.

Seja a partir de uma visão positiva ou negativa, o Estado, em nossa sociedade capitalista, permanece como importante regulador da vida social. Se ele pode ser visto como fundamental para a garantia da ordem, ele também pode se tornar autoritário, disciplinador, ameaçador dos direitos e interesses coletivos – ainda que tente se mostrar como "democrático". O filósofo italiano Giorgio Agamben (1942) critica o excesso de monitoramento a que os indivíduos são submetidos constantemente, como câmeras de vigilância, formulários, fichamentos, coleta de impressões digitais, revistas e outros procedimentos – medidas que, segundo ele, deveriam ser tomadas apenas com criminosos, e não com cidadãos livres em acordo com a lei. Se as pessoas tendem a ver isso como normal, para o autor é um primeiro passo para uma sociedade autoritária, na qual o que deveria ser uma medida provisória e excepcional se torna regra e técnica permanente de governo.

Para Agamben (2004-2007), o controle cada vez maior dos cidadãos configura um Estado de exceção, em que os direitos civis são anulados por meio da ameaça constante de vigilância e monitoramento, como se a cidade se transformasse em um campo de concentração. A partir da exacerbação da insegurança e do medo, justificam-se medidas disciplinares autoritárias, com a privatização cada vez maior dos espaços e o consequente confinamento dos indivíduos. Esse autoritarismo crescente põe em xeque a legitimidade do Estado, abrindo a possibilidade para revoltas, movimentos sociais e manifestações populares contrários a esse poder centralizador e repressor.

Assim como a família e a religião, o Estado está em constante transformação, assumindo diferentes formas e significados, de acordo com a sociedade, a época e a situação.

## Pesquise mais

Para aprofundar a discussão sobre Estado, poder e política:

- LEBRUN, G. **O que é poder**. São Paulo: Brasiliense, 1984. Coleção Primeiros Passos. Com uma linguagem didática e acessível, o autor percorre os mecanismos do poder e da dominação.

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 28. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2014.

- *O pensamento é a coragem do desespero*. Nessa entrevista, Giorgio Agamben discute situações atuais de abuso de poder pelo Estado e como as pessoas vêm reagindo a isso, além de propor algumas reflexões e soluções por meio do pensamento filosófico e social.

Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2014/08/28/agamben-o-pensamento-e-a-coragem-do-desespero/>. Acesso em: 30 out. 2017.

## Assimile

Família, religião e Estado influenciam nossa maneira de ser, pensar e agir. As Ciências Sociais buscam mostrar como essas instituições mudam de acordo com a sociedade, a época e a situação. Assim, a família nuclear, por exemplo, tão presente em nossa sociedade, é uma invenção relativamente recente, sendo apenas uma das formas de organização familiar existentes. A religião também abarca uma multiplicidade de ordenações possíveis, as quais, por mais diferentes que sejam, são vistas pelo olhar sociológico e antropológico como equivalentes, já que todas são verdadeiras e corretas porque expressam realidades sociais, visões de mundo e modos de agir. O Estado, por sua vez, também implica diferentes configurações, funções e significados, dependendo do grupo social e do momento histórico. Se alguns autores vão vê-lo como necessário para a manutenção da ordem, outros questionam qual é o limite do exercício do poder estatal, uma vez que ele pode se tornar autoritário e repressor, mesmo que seja em um governo tido como democrático. Uma das grandes questões por trás da análise das instituições sociais é a de como conciliar o pertencimento ao grupo (a família, a religião, o Estado) com a liberdade individual de cada um.

## Sem medo de errar

A polêmica do uso do turbante pela garota branca e a proibição do véu islâmico em países ocidentais nos trazem uma reflexão sobre os alcances e limites de nossa liberdade de expressão e em que momentos essa liberdade pode ou deve sofrer intervenção de instituições sociais como família, religião e Estado. Se a liberdade de expressão fere alguém ou algum grupo social, ainda assim é liberdade? Como conciliar a liberdade individual com o respeito à diversidade e o pertencimento a grupos sociais?

O uso de símbolos culturais ganha significados diversos de acordo com o contexto e o grupo social no qual estão inseridos. Nesse sentido, o uso do turbante por negros é diferente do uso do turbante por brancos: nessa passagem, ou nessa apropriação, o turbante perde a conotação política de um elemento de luta e resistência, como é para o movimento negro, uma vez que, como sabemos, trata-se de um grupo discriminado pela sociedade. Se, do ponto de vista da liberdade individual, cada um pode fazer uso de símbolos culturais de outros grupos, isso não significa, porém, que não devemos pensar sobre as consequências dessa escolha. No caso, aqui, não são só consequências culturais, mas sim, consequências políticas em que a desigualdade social está em jogo.

Uma reflexão semelhante pode ser feita sobre a proibição do uso do véu islâmico por muçulmanas em países ocidentais. O Estado pode proibir algo que diz respeito à expressão religiosa e cultural de um grupo? Se o Estado, nas sociedades ocidentais, é laico, ou seja, sem interferência religiosa, como ele deve agir quando o símbolo religioso em questão vem de outro contexto e cultura? Até que ponto, em nome da laicidade, justifica-se a proibição da liberdade religiosa do outro? Trata-se de uma grande questão e não há respostas fáceis, mas escolhas e dilemas éticos, em que é preciso ponderar as causas e as consequências, os limites e os alcances de nossas ações.

Para nós, ocidentais, o uso do véu islâmico pode soar estranho e ofensivo, como uma imposição cultural, religiosa e familiar, e uma medida de desigualdade em relação às mulheres – o que algumas muçulmanas concordam e, assim, são contra o uso, não mais o fazendo e, para isso, tiveram que assumir os riscos dessa escolha, como a expulsão do grupo familiar e religioso e até mesmo a saída do país. Porém, para ter uma dimensão mais completa e crítica e perceber

o quão complexa é a situação, é preciso olhar e ouvir todos os lados: para algumas dessas mulheres, não se trata de imposição, mas de escolha e identidade pessoal. Assim, não se sentem ofendidas em ter que usar o véu: a ofensa vem quando não é possível usá-lo. Aquelas que se recusaram a deixar de usar acabaram por sair da escolha que frequentavam nos países ocidentais onde estavam.

Você pode pensar: mas por que usar o véu islâmico em um país que não é islâmico? Trata-se de um elemento político, mais até do que religioso ou cultural: o uso do véu por muçulmanas em países ocidentais é uma maneira de afirmar algo que normalmente é desrespeitado e discriminado; o uso, assim, é uma forma de resistência, de marcar uma identidade muçulmana em países onde o preconceito contra muçulmanos é acentuado. Nesse sentido, a cultura, assim como a religião e a família, também é atravessada por relações de poder em que se estabelecem a desigualdade e a dominação entre diferentes grupos.

Tanto o uso do turbante pela garota branca quanto a proibição do véu islâmico em países ocidentais nos mostram, assim, os dilemas de se levar em conta o relativismo cultural e o reconhecimento das diferenças. Ao longo de nossa vida em sociedade, somos constantemente provocados por cenas e situações como essas. Como vimos, a Sociologia e a Antropologia nos ajudam a olhar para elas de outro modo, a conhecer e compreender, ao invés de julgar, a respeitar e aprender, ao invés de discriminar.

## Faça valer a pena

**1.** Família, família
Papai, mamãe, titia
Família, família
Almoça junto todo dia
Nunca perde essa mania
Mas quando a filha quer fugir de casa
Precisa descolar um ganha-pão
Filha de família se não casa
Papai, mamãe, não dão nem um tostão
Família êh! Família ah!
Família!
Família êh! Família ah!
Família!

(Trecho da música Família, dos Titãs).

Considerando a letra da música apresentada e tendo em mente o olhar sociológico e antropológico sobre a família, assinale a alternativa correta:

a) A família nuclear é uma invenção recente e não está presente em todas as sociedades.
b) A família nuclear é o modelo mais evoluído de família.
c) A família é necessariamente onde imperam o amor, o cuidado e a proteção.
d) A família não influencia a vida em sociedade.
e) Em todas as sociedades, a organização familiar é a instituição mais importante.

**2.** "Todas são igualmente religiões, como todos os seres vivos são igualmente vivos, desde os mais simples plastídios até o homem. Portanto, se nos voltamos para as religiões primitivas, não é com a intenção de depreciar a religião em geral; porque essas religiões primitivas não são menos respeitáveis que as outras" (DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989).

Levando em conta a ideia de Durkheim e a discussão que fizemos sobre religião, assinale a alternativa correta:

a) As religiões primitivas são inferiores às religiões modernas.
b) As religiões são equivalentes, porque são falsas.
c) As religiões são equivalentes, porque expressam realidades sociais.
d) As religiões vão acabar com o avanço da ciência.
e) As religiões não contribuem para a vida social.

**3.** Considere o seguinte trecho de Max Weber:

> **Por evidência, a violência não é o único instrumento de que se vale o Estado – não se tenha a respeito qualquer dúvida –, mas é seu instrumento específico. Na atualidade, a relação entre o Estado e a violência é particularmente íntima. Desde sempre, os agrupamentos políticos mais diversos – começando pela família – recorreram à violência física, tendo-a como instrumento normal do poder. Entretanto, nos dias de hoje devemos conceber o Estado contemporâneo como uma comunidade humana que, dentro dos limites de determinado território – a noção**

de território corresponde a um dos elementos essenciais do Estado – reivindica o monopólio do uso legítimo da violência física. Sem dúvida, é próprio de nossa época o não reconhecer, com referência a qualquer outro grupo ou aos indivíduos, o direito de fazer uso da violência, a não ser nos casos em que o Estado o tolere. Nesse caso, o Estado se transforma na única fonte do 'direito' à violência (WEBER, M. A política como vocação. **Ciência e Política**: duas vocações. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 60).

Sobre o Estado, é correto afirmar:

a) O poder do Estado é ilegítimo, porque é baseado na violência.
b) Somente o Estado ditatorial faz uso da violência.
c) Porque usa a violência, o Estado não pode ser transformado.
d) Só o Estado pode usar a violência, porque, para ele, é um direito.
e) Não existe qualquer relação entre Estado e violência.

# Referências


AGAMBEN, G. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

BENEDICT, R. **O crisântemo e a espada**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRUM, E. De uma branca para outra: o turbante e o conceito de existir violentamente. **El País**, 20 fev. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/20/opinion/1487597060_574691.html>. Acesso em: 23 out. 2017.

CLASTRES, P. **A sociedade contra o Estado**: pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GEERTZ, C. A religião como sistema cultural; "Ethos", visão de mundo e a análise de símbolos sagrados. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 65-103.

_____. Os usos da diversidade. **Horizontes Antropológicos**, ano 5, n. 10, p. 13-34, maio/1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v5n10/0104-7183-ha-5-10-0013.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017.

_____ . **Uma descrição densa**: por uma teoria interpretativa da cultura. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOLDANI, A. M. Relações intergeracionais e reconstrução do Estado de Bem-Estar. Por que se deve repensar essa relação para o Brasil? In: CAMARANO, A. A. (org.). **Os novos idosos brasileiros**: muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004, p. 211-250.

HALL, S. A identidade em questão. In: **A identidade cultura da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

KOPENAWA, D. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KUPER, A. **Cultura**: a visão dos antropólogos. Bauru: Edusc, 2002.

LARAIA, R. de B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Papirus, 1989.

_____ . Antropologia estrutural. In: CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

_____. Raça e História. In: **Antropologia estrutural II**. São Paulo: Cosac &Naify, 2013, p. 357-399. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/231452/Ra%C3%A7a-e-Hist%C3%B3ria-L%C3%A9vi-Strauss.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017.

_____. A família. In: SHAPIRO, H. L. (org.). **Homem, cultura e sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

MALINOWSKI, B. **Uma teoria científica da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

MARX, K. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____ . **O 18 de Brumário de Louis Bonaparte**. São Paulo: Centauro, 2006.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

_____ . **Manifesto comunista**. Ed. Ridendo Castigat Moraes, 1999.

MONTAIGNE, M. E. **Ensaios**. Livro I - Dos Canibais. São Paulo: Nova Cultural, 1984.

OLIVEIRA, T. O uso de turbantes por pessoas brancas é apropriação cultural? **Carta Capital**, fev. 2017. Disponível em: (copiar link do texto). Acesso em: 23 ago. 2017.

ROCHA, E. P. G. **O que é etnocentrismo?** São Paulo: Brasiliense, 1988.

RORTY, R. Acerca do etnocentrismo: uma réplica a Clifford Geertz. In: **Objetivismo,** Relativismo e Verdade, Escritos Filosóficos, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

SAHLINS, M. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção. **Mana**, v. 3, n. 1, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100002>. Acesso em: 20 out. 2017.

TYLOR, E. **Primitive culture**. Londres: John Mursay & Co, 1871.

WEBER, M. **A ciência como vocação. Ciência e Política**: duas vocações. São Paulo: Martin Claret, 2002b.

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2002a.

_____ . **A política como vocação. Ciência e Política**: duas vocações. São Paulo: Martin Claret, 2002c.

# Trabalho, classe social e globalização

**Convite ao estudo**

Nesta jornada do conhecimento sobre os Fundamentos Antropológicos e Sociológicos, você conhecerá o mundo do trabalho, a estrutura de classe social desenvolvida nas economias capitalistas e o processo de globalização. Você vai compreender que o processo de globalização influencia a organização do mundo do trabalho e a divisão de classes sociais em países capitalistas, como o Brasil. Assim, esta unidade de ensino abordará trabalho e vida econômica; classe social, desigualdade e mundo do trabalho; globalização e diversidade social e cultural.

Vale destacar que nesta unidade os resultados da aprendizagem são o domínio da análise sociológica sobre as classes sociais, o trabalho e a globalização. Caro aluno, você necessita compreender como se estruturam as classes sociais em uma sociedade capitalista, bem como se organiza o mundo do trabalho (ideia mais ampla do que mercado de trabalho, visto que o último se refere apenas a relação entre trabalhadores e patrões, a partir do trabalho assalariado, já mundo do trabalho se refere às diversas formas de trabalho existentes em uma sociedade, tais como autônomos, estagiários, cooperados etc.) e de que forma pode-se perceber a influência da globalização em sua vida e no seu cotidiano, seja em questões econômicas, políticas ou mesmo culturais.

Nas situações-problema desta unidade, trataremos de um grupo social que enfrenta uma condição desfavorável no mundo do trabalho, a juventude (que pela legislação brasileira possui entre 15 e 29 anos – Estatuto da Juventude, mas que

para as Organizações das Nações Unidas (ONU) fazem parte do grupo entre 15 e 24 anos de idade), e que quando se é de classe trabalhadora ou da classe média baixa, pode-se ter essas dificuldades ampliadas. Vale salientar que, no Brasil, os indivíduos entre 15 e 17 anos representam 8,2% da população e o grupo entre 18 e 24 anos representa 13,5%, segundo a Pesquisa Nacional de Amostragem de Domicílios (PNAD) contínua, referente ao primeiro trimestre de 2017, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A situação de grande parte dos jovens no mercado de trabalho é bastante precária, tanto em relação às dificuldades de conquista do primeiro emprego, como em relação ao desemprego, tal como demonstram os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), realizada pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) e pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). A PED está focada em quatro regiões metropolitanas (Distrito Federal, Porto Alegre, Salvador e São Paulo). Agora comparamos os dados da taxa de desemprego juvenil nas quatro regiões em junho de 2017: Distrito Federal: 42,9%; Porto Alegre: 22,8%; Salvador: 48,7% e São Paulo: 38%. A PED referente a junho de 2017 demonstra ainda que o desemprego juvenil se expandiu em quase todas as regiões metropolitanas estudadas entre junho de 2016 e junho de 2017, exceto em Porto Alegre com queda de 0,9%.

Complementando o contexto de aprendizagem descrito aqui, deixamos para a sua reflexão a letra de uma música que trata das temáticas discutidas na unidade *Música de Trabalho*, da Legião Urbana:

"Sem trabalho eu não sou nada
Não tenho dignidade
Não sinto o meu valor
Não tenho identidade
Mas o que eu tenho

É só um emprego
E um salário miserável
Eu tenho o meu ofício
Que me cansa de verdade
Tem gente que não tem nada
E outros que têm mais do que precisam
Tem gente que não quer saber de trabalhar
Mas quando chega o fim do dia
Eu só penso em descansar
E voltar pra casa pros teus braços
Quem sabe esquecer um pouco
De todo o meu cansaço
Nossa vida não é boa
E nem podemos reclamar
Sei que existe injustiça
Eu sei o que acontece
Tenho medo da polícia
Eu sei o que acontece
Se você não segue as ordens
Se você não obedece
E não suporta o sofrimento
Está destinado...
Mas isso eu não aceito
Eu sei o que acontece
Mas isso eu não aceito
Eu sei o que acontece
E quando chega o fim do dia
Eu só penso em descansar
E voltar pra casa pros teus braços
Quem sabe esquecer um pouco

Do pouco que não temos

Quem sabe esquecer um pouco

De tudo que não sabemos"

Compositores: Dado Villa-Lobos / Marcelo Bonfa / Renato Russo © EMI Music Publishing.

Após ler a letra desta música, reflita sobre as seguintes questões: Você se identifica com esta música? Por quê? A qual classe social você pertence? Como chegou a essa conclusão? A música trata do tema da desigualdade social e da organização e funcionamento do mundo do trabalho, o que você pensa sobre isso?

# Seção 3.1

## Trabalho e vida econômica

### Diálogo aberto

Caro aluno! Seja bem-vindo à Seção 3.1, Trabalho e Vida Econômica. Conforme destacamos no contexto de aprendizagem desta Unidade, os jovens das classes trabalhadoras (que são os indivíduos que precisam vender a força de trabalho para viver, não são empresários) têm enfrentado o desemprego e dificuldades para ingressar e permanecer no mundo do trabalho, em especial em empregos formais e não precarizados. Será sobre esta temática que estudaremos nesta seção e, para aprofundar esta discussão, propomos a seguinte situação-problema.

Maria Júlia tem 18 anos, moradora de um bairro de periferia, acabou há um ano o Ensino Médio, estudou em uma escola pública e teve curtas experiências no mercado de trabalho, trabalhou em buffets infantis e entregou panfletos de propaganda nos faróis, ou seja, desde cedo vivenciou experiências em trabalhos precários, marcados pela informalidade e uma baixa remuneração. Como muitos outros jovens brasileiros, ela enfrenta dificuldades de inserção no mercado de trabalho e a sua condição social a obriga a trabalhar para ajudar no orçamento familiar. Seus pais possuem baixa escolaridade e trabalhos de baixa remuneração: sua mãe é almoxarife na prefeitura de sua cidade, localizada no interior paulista, e seu pai é serralheiro em uma microempresa local. Com a crise dos últimos anos, Maria Júlia tem sido pressionada ainda mais pelos seus pais para trabalhar, mas ela não tem conseguido emprego e se vê no grupo dos milhares de jovens brasileiros desempregados. Além disso, Maria Júlia tem dificuldades para elaborar um currículo e participar de processos seletivos. Ela sabe que para poder cursar a faculdade de Psicologia (seu projeto de vida) precisa ter um emprego para custear os estudos. Desse modo, ela é uma vítima da desigualdade social brasileira e já se sentiu envergonhada de dizer para as pessoas que está desempregada, tem medo do que pensarão sobre ela. A jovem tem certa facilidade com Informática, reconhece

que precisa ter essa habilidade em um mundo globalizado e sabe que necessita estar devidamente preparada para poder ingressar no mercado de trabalho.

De que forma Maria Júlia pode superar parte dessas dificuldades que encontra para se inserir no mercado de trabalho? Como você poderia justificar o fato de a garota ter tido apenas empregos precários e informais? O fato da jovem estar desempregada é responsabilidade individual dela? Por quê? Como a classe social a qual a garota pertence afeta as suas possibilidades de estudar e trabalhar?

## Não pode faltar

Este conteúdo propõe reflexões acerca da organização do mundo do trabalho e do conceito sociológico de desemprego. Além disso, será possível entender os motivos que fazem o desemprego ser mais intenso entre os jovens.

### 1) Conceito de mundo do trabalho

Muito se fala em mercado de trabalho, mas uma conceituação mais ampla pode ser encontrada no conceito de mundo do trabalho. O primeiro está focado apenas na relação entre trabalhador e patrão a partir do trabalho assalariado (que pode ser formal – com carteira assinada – ou informal), já o conceito de mundo do trabalho diz respeito a relações mais amplas de trabalho, que ultrapassam o trabalho assalariado, tais como estagiário, empregador, cooperado, autônomo, entre outros. No Brasil atual, encontram-se várias dessas formas de trabalho muitas delas precárias. No segundo semestre de 2017, os dados do IBGE apresentam uma pequena queda do desemprego, mas que foi possibilitada pela ampliação da informalidade.

Neste tópico é de grande relevância tratar do conceito de trabalho. Araújo; Bridi; Motim (2011) argumentam que o trabalho na Antiguidade tinha relação com o esforço físico, o cansaço e a penalização. A origem etimológica da palavra trabalho (vem do latim) e associa o trabalho a *tripalium*, que era um instrumento de tortura, que segundo as autoras, era feito de três varas cruzadas nas quais os réus deveriam ser presos. Na Antiguidade, o trabalho

era visto como uma atividade indigna, que era reservada aos escravos. Ao passo que na Modernidade, o trabalho, segundo Araújo; Bridi; Motim, mudou de significado, pois deixou de ser atividade desprezada passando a ser uma forma de expressão da própria humanidade, que levaria à produtividade e riqueza. No século XX, por exemplo, o trabalho se consolidou como uma atividade valorizada, inclusive moralmente.

Uma reflexão interessante sobre o conceito sociológico de trabalho é de Oliveira; Santos e Cruz:

> **Ao longo da história e na atual conjuntura, o trabalho e as relações de trabalho vêm sofrendo mudanças significativas decorrentes, em grande parte, de transformações que afetam a economia e o modo da produção, estabelecendo uma nova cultura de trabalho. (OLIVEIRA, SANTOS E CRUZ, 2007, p. 3).**

O trabalho é uma esfera presente na vida social, pois para boa parte dos indivíduos apenas trabalhando é que se pode garantir a sobrevivência e ter acesso a mercadorias e serviços (são os trabalhadores). Diante dessa situação, pode-se pensar no caso dos jovens, que poderiam ter no trabalho um meio de integração social e de emancipação da família, contudo, no contexto atual, os grupos juvenis se deparam tanto com um desemprego crescente quanto com barreiras quase intransponíveis à inserção no mundo do trabalho.

**Pesquise mais**

Procure em *sites* e artigos científicos como é o perfil da mão de obra brasileira. A pesquisa ajudará você a entender a discussão desta seção. Sugere-se, como leitura, a entrevista de Marcio Pochmann, professor do Instituto de Economia da Unicamp, à Revista *Carta Capital* em junho de 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/economia/marcio-pochmann-201ca-mao-de-obra-brasileira-nao-e-cara201d> Acesso em: 31 jan. 2018.

Vale destacar que o mundo do trabalho tem enfrentado uma série de transformações ao longo do tempo, que vão desde as

esferas tecnológicas, estruturais (nas mudanças do capitalismo), organizacionais (nos modelos de organização e de reestruturação das empresas) até as mudanças decorrentes das conjunturas econômicas, políticas e sociais.

Ricardo Antunes (1995) argumenta que nos países centrais têm ocorrido um processo de desproletarização do trabalho industrial, manual e fabril, o que leva ao encolhimento da força de trabalho industrial e sua migração para o setor de serviços. A produção industrial, devido ao desenvolvimento tecnológico, permite que se empregue cada vez menos funcionários e que se produza cada vez mais. Antunes ainda destaca que desde os anos 1980, o Fordismo cedeu espaço para um modelo flexível de produção, que acabou por possibilitar uma nova forma de organização produtiva, que deixa de lado a produção em massa e responderia de forma imediata às oscilações do mercado.

Este processo, quando se analisa os dias atuais, também aconteceu em países periféricos, como o Brasil, aliado ao crescimento das condições precárias de trabalho (contratos informais, desrespeito às normas de saúde e segurança do trabalho, entre outros fatores) e da insegurança no mundo do trabalho, já que os trabalhadores convivem com incertezas quanto à possibilidade ou não de se ter um emprego.

As transformações no mundo do trabalho levam a formas atípicas de desemprego e emprego: empregos de duração determinada, trabalho temporário e trabalho em tempo parcial.

Para encerrar o tópico torna-se interessante a reflexão abaixo de Antunes (2008), que trata da ampliação do trabalho intelectual e imaterial na dinâmica das empresas, que não garantiu melhorias das condições de trabalho e da remuneração dos trabalhadores, mas levou à modernização das empresas, a partir da ampliação tanto da precarização do trabalho quanto do desemprego tecnológico:

> **Há, entretanto, um elemento importante, na nova configuração, na nova configuração do mundo do trabalho, que devemos mencionar com destaque: trata-se da ampliação do trabalho "cognitivo", mais "intelectualizado", do trabalho "imaterial", realizado nas esferas da comunicação, informação, publicidade e marketing, próprias da sociedade do logos, da marca, do simbólico, do involucrale do**

> supérfluo, do informacional. É o que o discurso empresarial chama de "sociedade do conhecimento", presente no design da Nike, na concepção de um novo software da Microsoft, nos modelos da Benetton, na nova planta da Telefônica e que resultam do labor imaterial que, articulado e inserido no trabalho material, expressam as formas contemporâneas do valor. (ANTUNES, 2008, p. 23).

### A morfologia do trabalho no mundo globalizado

Na próxima seção, discutiremos com mais atenção o conceito de Globalização. Uma boa caracterização do que é a globalização é realizada por Carneiro (2002). Na visão deste autor, ela ocorre no plano doméstico, através da progressiva liberalização financeira e no plano externo pela crescente mobilidade de capitais, bem como pela importância das corporações transnacionais na redefinição da produção e do emprego.

Como diz Ianni (1996), a globalização gerou ampla transformação na esfera do trabalho e no modo pelo qual o trabalho se relaciona com a organização social da vida do indivíduo, das famílias e das classes sociais.

Por que se fala aqui em morfologia do trabalho? Porque como destacou Antunes (2008), o mundo do trabalho passou por muitas transformações desde os anos 1980, por exemplo, com a ampliação dos trabalhadores terceirizados e do desemprego, fatores que afetaram negativamente os trabalhadores.

Ricardo Antunes (2012) faz uma reflexão bastante significativa sobre a ideia de nova morfologia do trabalho e as transformações ocorridas nas últimas décadas:

> *Nova morfologia* que pode presenciar, simultaneamente, a retração do operariado industrial estável de base tayloriano-fordista e, por outro lado, a ampliação, segundo a lógica da flexibilidade toyotizada, das novas modalidades precarizadas de trabalho, de que são exemplos as trabalhadoras de *telemarketing e call center*, os *motoboys* que morrem nas ruas e avenidas, os digitalizadores que laboram (e se lesionam) nos bancos, os assalariados do *fast food*, os trabalhadores jovens dos hipermercados, etc. (ANTUNES, 2012, p. 30).

Além disso, Antunes (2008) demonstra que desde os anos 1970, as empresas têm enfrentado um processo de reestruturação produtiva que se fundamentou na ideia de empresa enxuta, que deveria limitar e restringir a quantidade de trabalho vivo (mão de obra) e ampliar o uso de máquinas e robôs, que era chamado por Karl Marx de trabalho morto. Essa utilização de máquinas e robôs levou a uma nova organização da empresa, diferente do que era no Taylorismo/Fordismo, e permitiu o crescimento da produtividade, além de possibilitar que a produção se realizasse em diversas partes do planeta, sobretudo naquelas que ofereciam mão de obra barata. Sobre isto Antunes (2008) afirma: "Onde havia uma empresa concentrada pode-se substituí-la por várias pequenas unidades interligadas pela rede, com número muito mais reduzido de trabalhadores e produzindo muitas vezes mais.". (ANTUNES, 2008, p. 21).

O resultado desse processo, segundo Antunes, foi a expansão do desemprego e da precarização do trabalho, perda de direitos, rebaixamento de salários e ampliação dos trabalhadores terceirizados. Essas alterações fizeram os trabalhadores passarem a ser chamados de colaboradores ou parceiros, além de precisarem ser polivalentes, multifuncionais, situação que não vai se verificar apenas na indústria, mas também no comércio, nos serviços e na agricultura. Vale salientar que essas alterações demonstram o que se pensa sobre a morfologia do trabalho no mundo globalizado.

Antunes argumenta que o trabalho estável com direitos passa a ser substituído pelo trabalho precário, terceirizado e de curta duração ou de tempo parcial ou se estimula que o trabalhador se transforme em cooperado (experiência marcada também por falsas cooperativas, geralmente criadas por empresas para fugir do pagamento de direitos trabalhistas) ou empreendedor, situação em que ele abre o seu próprio negócio. A partir dessa ideia de precarização, destaca-se a reflexão de Antunes:

> **É neste quadro de precarização estrutural do trabalho que os capitais globais estão exigindo dos governos nacionais o desmonte da legislação social protetora do trabalho. E flexibilizar a legislação social do trabalho significa aumentar ainda mais os mecanismos de extração do sobretrabalho, ampliar as formas de precarização e destruição dos direitos sociais que foram arduamente conquistados pela classe**

> trabalhadora, desde o início da Revolução Industrial, na Inglaterra, e especialmente após 1930, quando se toma o exemplo brasileiro. (ANTUNES, 2008, p. 22).

Vale salientar que no Brasil devido à crise do mundo do trabalho dos últimos anos, uma parte dos trabalhadores ao serem demitidos e verificarem perspectivas ruins de conseguir uma nova vaga acabaram por investir o dinheiro recebido com o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) em um pequeno negócio.

No que se refere à legislação trabalhista, torna-se relevante refletir sobre a alteração da legislação trabalhista no Brasil, chamada de reforma, que foi aprovada pelo Senado e sancionada pelo presidente Michel Temer em julho de 2017 e entrou em vigor desde o mês de novembro do mesmo ano. O argumento governamental e de instituições empresariais, como a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), é que a Reforma Trabalhista moderniza as relações de trabalho no Brasil. Essa reforma flexibiliza pontos fundamentais da Consolidação da Legislação Trabalhista (CLT), criada em 1943 pelo governo de Getúlio Vargas, como torna o negociado acima do legislado (lei), extingue o imposto sindical, permite a jornada de 12 horas diárias (com 36 horas de descanso), possibilita a divisão das férias em três partes e o horário de almoço deixa de ser de no mínimo de uma hora e pode passar a ser de apenas 30 minutos, além de criar regulamentações para o trabalho parcial e o home office. Pesquisadores, entidades sindicais e de juízes trabalhistas têm visto a Reforma Trabalhista como retrocesso em relação aos direitos trabalhistas e à cidadania, além de entenderem que a reforma alavancará as formas precárias de trabalho e expandirá à desigualdade social. Assim, pode-se relacionar essa reforma com a morfologia do trabalho no mundo globalizado.

Outro ponto destacado por Antunes (2008) é que os jovens viraram cidadãos de segunda classe no mundo do trabalho devido à precarização ocupacional que eles enfrentam juntamente com as altas taxas de desemprego. De acordo com Castel (1998), jovens que décadas atrás tinham garantido sua integração ao mercado de trabalho encontram-se atualmente condenados a vagar de estágio em estágio ou de um pequeno serviço a outro, ou seja, estão em busca de estratégias de sobrevivência. Nardi (2006), ao analisar o

trabalho no mundo atual, aponta que os jovens são precocemente expostos à precarização, ao emprego informal e ao desemprego.

**Assimile**

Nesta seção, você está estudando sobre o mundo do trabalho. Lembre-se de que o mundo do trabalho não é uma esfera à parte da sociedade, já que ele é impactado pelas transformações econômicas, políticas e culturais de uma sociedade. A Globalização, por exemplo vai impactar diretamente no mundo do trabalho. Uma reflexão sobre este processo é de Dupas (1999): "À medida que exclui progressivamente postos formais do mercado de trabalho, o processo de globalização estimula a flexibilização e incorpora a precarização como parte de sua lógica.". (DUPAS, 1999, p. 225).

### Conceito de desemprego e os tipos de desemprego

O desemprego passou a ser um grave problema social das sociedades contemporâneas, desde as últimas décadas do século XX, seja nos países desenvolvidos ou nas nações em desenvolvimento, o que tem vínculo com o processo de Globalização. Porém, o desemprego não atinge todos os grupos sociais da mesma forma, já que alguns são mais afetados, tais como as mulheres, os jovens, os negros (no caso brasileiro) e os indivíduos com mais de 40 anos.

Convém destacar que a categoria sociológica desemprego é uma construção social, política, econômica, estatística e jurídica, uma vez que a sociedade e, sobretudo, o Estado estabeleceram o que é estar desempregado. A categoria desemprego é necessária para se entender o funcionamento do capitalismo e as relações de classe e de produção. Além disso, foi criado o conceito de taxa de desemprego, que seria a proporção que os desempregados representam dentro da População Economicamente Ativa (PEA).

Costa (2002) assinala que o desemprego deixou de ser visto, ao longo do tempo, como uma questão individual e moral, passível de caridade ou de castigo, para ser entendido como uma forma de consequência da desorganização social. Assim, o desempregado deveria ser protegido pelas políticas de proteção social e, com isso, ter acesso a um seguro público para obter renda, o seguro desemprego.

No entendimento de Marx (1985) e Keynes (1985), o capitalismo, em sua dinâmica própria, gera uma mão de obra excedente no que se refere à sua utilização no mercado de trabalho. Deste modo, ela não é consequência do comportamento do mercado de trabalho, mas do funcionamento da economia capitalista. Na visão de Keynes, o desemprego é um fenômeno essencialmente involuntário, o que permitiu destruir a imagem de que o desemprego se dava por uma escolha do trabalhador. Assim, Keynes argumenta que o nível de emprego em uma economia depende da demanda efetiva, ou seja, da proporção da renda que é usada em consumo e investimento.

O desemprego não é um problema somente relacionado à esfera econômica, mas também à esfera política e social. Nas sociedades capitalistas existe a ideia de que desemprego é algo passageiro, caracterizado como um período curto entre dois empregos. Contudo, atualmente nem sempre é o que ocorre, pois há desempregados que permanecem anos sem conseguir um lugar no mundo do trabalho.

**Exemplificando**

No mundo atual, todo trabalhador é um possível desempregado, quase sempre o desemprego é involuntário. Segundo o jornal *O Estado de S. Paulo*, de 12 de janeiro de 2017, de cada três novos desempregados no mundo em 2017, um será brasileiro e o Brasil terá maior aumento de desemprego entre os países do G-20. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,de-cada-tres-novos-desempregados-no-mundo-em-2017-um-sera-brasileiro,10000099759>, segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Acesso em: 31 jan. 2018.

Para boa parte da bibliografia, os principais tipos de desemprego se referem ao desemprego involuntário, ou seja, aquele em que o indivíduo se encontra sem emprego por não existirem postos de trabalho disponíveis no mercado.

Na visão de Standing (1982), o desemprego involuntário se manifesta de quatro formas: Cíclico ou Conjuntural; Friccional ou Natural; Tecnológico e Estrutural. Abaixo destacamos cada um deles.

**a) Desemprego Cíclico ou Conjuntural**: se manifesta nas alterações de ritmo da atividade econômica e, especialmente, nas crises econômicas, à medida que a produção, os investimentos e o poder de compra dos trabalhadores passam por uma

diminuição drástica (Standing, 1982). Durante as recessões, a taxa de desemprego aumenta, e nas fases de recuperação e expansão da economia, ela diminui.

**b) Desemprego Friccional ou Natural**: de maneira constante, há trabalhadores mudando de empregos, ou seja, existe na economia uma parcela de indivíduos que é despedida ou que pede demissão, ao passo que outra parcela vai ser contratada. Esse desemprego pode ocorrer, por exemplo, quando empregadores com vagas a serem preenchidas não têm conhecimento da existência de mão de obra desempregada (Standing, 1982).

**c) Desemprego Tecnológico**: resulta das alterações na tecnologia de produção e na estrutura produtiva (por exemplo, o aumento da mecanização e da automação) e, também da diminuição da procura por trabalhadores que realizam funções braçais, já que essas funções foram substituídas por máquinas e robôs. Quase sempre as alterações no processo de produção levam à redução do emprego. Porém, não há como eliminar o progresso tecnológico para diminuir o desemprego, pois esse processo está presente na dinâmica do capital (Singer, 1979).

**d) Desemprego Estrutural**: ocorre em virtude de mudanças na própria estrutura da sociedade: modificações na legislação trabalhista, na esfera da produção produtiva, nas exigências de qualificação para o trabalho, nos fatores ligados à demografia, entre outros (Standing, 1982).

**Exemplificando**

Muito se fala sobre o desemprego e seus impactos na vida dos indivíduos. A ciência tem deixado claro esses impactos com pesquisas nas áreas de Sociologia e da Psicologia. O cinema trata dessa questão no filme Amor sem escalas (EUA, 2009, dirigido por Jason Reitman e protagonista: George Clooney). O filme trata da história de um consultor que tem como função demitir pessoas em várias partes dos EUA, ele é contratado por diversas empresas para que comunique as demissões aos funcionários que não farão mais parte dos planos. O consultor, por estar acostumado com o desespero, as angústias e as frustrações das pessoas ao serem demitidas, tornou-se um indivíduo frio.

### Jovens desempregados

Inicialmente destaca-se que se entende como jovens todos os indivíduos que possuem entre 15 e 24 anos, conforme definição da ONU, contudo no Brasil já se fala que eles se constituem pelos indivíduos que possuem entre 15 e 29 anos, tal como é estabelecido no Estatuto da Juventude (lei nº 12.852/2013).

Em 2017, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), havia no Brasil 4,3 milhões de jovens desempregados, com uma taxa de desemprego de 27,3% entre esse grupo social. O desemprego juvenil é um grave problema social, não só no Brasil, mas também em outras nações, sejam elas centrais ou periféricas. Geralmente, a taxa de desemprego dos jovens é de pelo menos o dobro da verificada entre os trabalhadores adultos. Na visão de D'Intignano (2000), muitos jovens ao se encontrarem sem um lugar na estrutura produtiva podem se refugiar na revolta, na estrutura da violência e das drogas.

O desemprego juvenil é um dos graves problemas da sociedade brasileira e um indicador das crises econômica e social do Brasil contemporâneo. Na visão de Quadros (2001), a ampliação do desemprego juvenil é resultado da desestruturação do mercado de trabalho brasileiro. Pelo fato de atingir atualmente muitos indivíduos e ampliar a desigualdade social e o círculo de pobreza, o desemprego juvenil precisar ter a devida atenção do Estado e da sociedade. O desemprego acaba por colocar os jovens em uma situação de vulnerabilidade, desespero, impotência e risco. Pelo fato de terem maiores dificuldades para ingressar e permanecer no mercado de trabalho, os jovens se tornaram muito dependentes das famílias e das políticas públicas.

Segundo Bombach (2004), os jovens desempregados enfrentam um momento de desamparo e cerceado pelo fantasma da desilusão. O jovem em busca "de um espaço, de uma inserção social que custa a chegar e que, quando chega, nem sempre representa a situação por ele esperada, ou por seus pais, que nele depositaram a esperança de uma vida melhor" (Bombach, 2004, p. 67). Por isto, existem jovens que, com medo em relação às perspectivas profissionais e diante de poucas oportunidades, acabam aceitando empregos de baixa qualidade, sobretudo aqueles que não garantem os direitos trabalhistas. Bombach (2004)

menciona que a juventude atual possui como plano de carreira estar 'empregada' no dia seguinte.

Não se pode esquecer que o desemprego juvenil é superior ao registrado entre os adultos, porque os jovens possuem menos diferenciais para disputar um emprego (não possuem experiência profissional acumulada e muitas vezes também não têm escolaridade e qualificação elevadas, principais exigências das empresas). Mesmo aqueles que possuem muitos anos de estudo encontram dificuldades para ingressar e se manter no mercado de trabalho, já que há uma baixa na geração de postos de trabalho atualmente, além do preconceito dos empregadores com os jovens, considerados por muitos sem a devida responsabilidade para o trabalho.

Conforme Standing (1982), a geração de poucos postos de trabalho por períodos prolongados exerce efeitos negativos sobre os jovens, impedindo-os de conseguirem um emprego formal. Sobre isso, Pochmann (2000) afirma: "As alternativas ocupacionais do jovem estão distantes, cada vez mais, dos setores modernos da economia e associados geralmente aos segmentos de baixa produtividade e à alta precariedade do posto de trabalho.". (POCHMANN, 2000, p. 56).

**Reflita**

Você considera que o mundo do trabalho oferece as mesmas oportunidades para todos? Pense sobre a situação das mulheres. O preconceito de gênero, por exemplo, é fortíssimo no mundo do trabalho no Brasil. Reportagem do Jornal O Globo, de 5 mar. 2017, relata essa situação: "Mulheres estão em apenas 37% dos cargos de chefia nas empresas". Quando se verifica os dados para o setor público, eles pioram ainda mais, pois nesse setor apenas 21,7% das mulheres possuíam cargos de chefia. Em 2016, segundo o IBGE, as mulheres representavam 43,8% dos trabalhadores brasileiros e recebiam em média 76% do salário dos homens.

## Sem medo de errar

Na situação-problema desta seção, vimos o caso da Maria Júlia, uma jovem que terminou o Ensino Médio, está sem emprego

e sonha em cursar Psicologia no Ensino Superior. Para que você relembre essa situação, destacam-se a seguir as questões:

De que forma Maria Júlia pode superar parte dessas dificuldades que encontra para se inserir no mercado de trabalho? Como você poderia justificar o fato de a garota ter tido apenas empregos precários e informais? O fato de a jovem estar desempregada é responsabilidade individual dela? Por quê? Como a classe social a qual a garota pertence afeta as suas possibilidades de estudar e trabalhar.

Quanto à primeira questão, destaca-se que Maria Júlia vive em uma sociedade com muitas pessoas desempregadas e com um mundo do trabalho com muitas mudanças, tal como vimos nesta seção. A primeira forma de Maria Júlia superar essa condição vai ser continuar estudando, talvez iniciar um curso técnico ou superior, se não tiver condições de custear essa nova formação, ela deve buscar instituições públicas ou privadas que ofereçam bolsas de estudo. Outra situação possível, é ela buscar empregos que exigem menos qualificações ou experiência, para que possa ter uma renda e poder estudar e auxiliar no orçamento doméstico.

A segunda questão incentiva para que você pense sobre outras questões e possa chegar em uma resposta: Maria Júlia teve muitas oportunidades na vida? Ela teve condições de estudar línguas e informática em quanto fazia o Ensino Médio?

Como se estudou nesta seção, o desemprego é quase sempre involuntário e é resultado da dinâmica econômica e social, deste modo, não se pode pensar que a situação de Maria Júlia é de sua exclusiva responsabilidade, bem como o desemprego juvenil é consequência da falta de políticas públicas para garantir aos jovens o acesso ao mercado de trabalho.

O fato de ser de classe popular causa consequências sérias quanto às oportunidades ocupacionais e educacionais, visto que Maria Júlia teve de estudar em escolas menos qualificadas e como trabalhava não tinha as mesmas condições de outros alunos para acompanhar as aulas (poderia chegar atrasada às aulas, faltar mais, ter sonolência durante as aulas e até ter uma menor produtividade). Deste modo, ingressar prematuramente no mundo do trabalho pode implicar seriamente nas oportunidades futuras, pois pode gerar menor aprendizagem do que é ensinado ou até evasão escolar.

## Avançando na prática

### Classe Social, desigualdade e mundo do trabalho

#### Descrição da situação-problema

João tem 17 anos de idade e é morador de uma cidade de médio porte do interior de um estado brasileiro. Ele ainda cursa o primeiro ano do Ensino Médio, pois reprovou um ano e abandonou a escola em um outro por causa de um trabalho que arrumou. As necessidades econômicas de sua família fizeram que ele começasse a trabalhar aos 10 anos de idade, pois precisava ajudar a mãe com as contas de casa. Ele não conheceu seu pai. No momento, estuda no período noturno em uma escola pública estadual e é vendedor em uma pequena loja de sapatos, com uma remuneração mensal de um salário mínimo. Diante dessa situação, você entende que João valoriza o trabalho em detrimento da escola? Por quê?

#### Resolução da situação-problema

João não tem conseguido frequentar as aulas todos os dias, porque prefere ficar até mais tarde na loja que trabalha para aumentar a sua comissão. Por que ele faz isso? Inicialmente porque ainda não percebeu o quanto perde em faltar nas aulas e porque prefere ampliar a renda e ter acesso ao mundo do consumo, ter um celular de última geração, por exemplo, e auxiliar no orçamento doméstico. Devido às exigências do mundo do trabalho, ele não deveria deixar de lado seu processo educacional. Na visão de João e de alguns jovens, o acesso a certos bens pode passar uma imagem de melhoria de vida, de ascensão social, quando na prática não é isso, sobretudo porque certos bens são apenas acessíveis por meio do acesso ao crédito.

## Faça valer a pena

**1.** "Diante de um cenário de dificuldades no mundo do trabalho, o economista Marcio Pochmann, presidente da Fundação Perseu Abramo, defende 'uma nova agenda do trabalho civilizado', com ingresso no mercado apenas depois do curso superior – o que já acontece com 'os filhos dos ricos' – e com jornada semanal menor. 'Temos uma massa de jovens que são heróis do Brasil, porque trabalham e estudam', afirmou, durante o 20º

Congresso Nacional dos Procuradores do Trabalho, encerrado no sábado. Para ele, é possível imaginar a entrada no mercado de trabalho depois dos 22 anos e com jornadas semanais cada vez mais reduzidas." (NUZZI, Victor. "Pochmann defende agenda do trabalho civilizado, com jornada menor". Rede Brasil Atual, 21/04/2015. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/economia/2015/04/pochmann-defende-agenda-do-trabalho-civilizado-com-jornada-menor-5265.html>. Acesso em: 31 jan. 2018.

Sobre esse cenário, referente ao mundo do trabalho, é possível afirmar que a situação, defendida por Marcio Pochmann, é:

a) Absurda, pois trabalhar depois dos 22 anos faria os jovens não terem uma postura própria para o trabalho.
b) Uma ilusão, visto que nosso país é muito desigual e não há interesse do Estado para que os jovens tenham condições de retardar seu ingresso à vida profissional.
c) Algo próprio de países em desenvolvimento, exceto no Brasil, tanto é que não existe mais denúncias de trabalho infantil em países como a China.
d) Impossível, pois diminuir a jornada de trabalho levará a uma queda da produção e da produtividade.
e) Possível, a partir de uma precarização do trabalho que se manifesta de forma intensa em países como o Brasil.

**2.** O desemprego _____ diz respeito ao uso em larga escala da tecnologia da informática e das telecomunicações, juntamente a técnicas gerenciais que pretendem ampliar a produtividade e diminuir o uso da força de trabalho.

A alternativa que melhor completa a lacuna da frase acima é:

a) Cíclico
b) Estrutural
c) Conjuntural
d) Juvenil
e) Tecnológico

**3.** A precariedade no trabalho pode ser pensada a partir de algumas ideias, que estão a seguir:
I. Desrespeito à legislação trabalhista.
II. Incentivos a melhorias de condições de trabalho e respeito ao ser humano.

III. Pressão intensa no cotidiano de trabalho.
IV. Uso diário dos equipamentos de proteção individual.
V. Novas formas de contratação dos empregados e de intensificação do trabalho.

A partir da leitura das frases, escolha a alternativa que indica as que estão corretas.

a) I e II, apenas
b) II, III e IV, apenas
c) I, II, III, IV e V
d) I, III e V, apenas
e) III, IV e V, apenas

# Seção 3.2

## Classe social, desigualdade e mundo do trabalho

### Diálogo aberto

Caro aluno, seja bem-vindo à Seção 3.2, **Classe social, desigualdade e mundo do trabalho**. Prosseguindo com a reflexão sobre as condições de vida dos jovens das classes trabalhadoras brasileiras em um contexto de globalização, conforme anunciado no contexto de aprendizagem da Unidade, questionamos se você já pensou sobre como a inserção precoce e precária no mercado de trabalho afeta a escolarização de adolescentes e jovens?

Para aprofundar esta discussão, resgatamos o histórico de nosso personagem João e apresentamos uma nova situação-problema:

João, morador de uma cidade de médio porte do interior de um estado brasileiro, tem 17 anos. Ele ainda cursa o primeiro ano do Ensino Médio, já que reprovou um ano e abandonou a escola em um outro ano por ter arrumado um trabalho. Devido às necessidades econômicas de sua família, ele começou a trabalhar aos 10 anos de idade, pois precisava ajudar a mãe com as contas de casa. Ele não conheceu seu pai. No momento, estuda no período noturno e é vendedor em uma pequena loja de sapatos com uma remuneração mensal de um salário mínimo. Para ter uma renda maior e ajudar a sua mãe a comprar uma casa própria, João tem ficado além do seu horário com a intenção de vender mais e aumentar sua comissão, mas isso tem feito ele chegar atrasado ou faltar nas aulas, o que coloca em risco sua aprovação na escola. Como muitos outros jovens, ele possui vontade de consumir produtos da moda e de tecnologia, sobretudo celular e *tablet*. Assim, para se manter conectado aos amigos e às redes sociais, ele decidiu comprar de forma parcelada um celular de última geração, que equivale a cerca de três salários de João. Isso o faz intensificar os dias em que fica além do horário. Diante desta situação, você entende que João valoriza o trabalho em detrimento da escola? Por quê? Qual a relação entre mercado de trabalho e consumo? Bens materiais representa uma ascensão social? A desigualdade social interfere no acesso ao consumo? Se sim, de que maneira?

## Não pode faltar

Caro aluno, a seguir você vai ter a possibilidade de refletir sobre algo que está presente no cotidiano de nosso país: o conceito de classe social, de desigualdade social, de pobreza, de exclusão social e ainda será abordado que a desigualdade social vai além das fronteiras nacionais, ela é uma marca do mundo globalizado.

### Conceito sociológico de classes sociais

Na Sociologia, utiliza-se o conceito de estratificação social para descrever as desigualdades existentes entre os indivíduos no interior de uma sociedade. "Pode-se considerar que as sociedades constituem em 'estratos' em uma hierarquia, com os mais favorecidos no topo e os menos privilegiados perto da base." (GIDDENS, 2012, p. 311). Historicamente há quatro sistemas básicos de estratificação social: escravidão, casta, estamento e classes sociais. Nesta seção, nosso enfoque se dá nas classes sociais.

Vivemos em uma sociedade capitalista em que a divisão social se dá pelas classes sociais. Muito se fala sobre isso, pois as pessoas são identificadas por serem de certas classes sociais e por isso teriam certas características e estilos de vida.

A partir disso, pode-se pensar no vínculo entre as classes sociais e o status, tal como tratou o alemão Max Weber no texto "Classe, estamento, partido" (1974), questão essa que será aprofundada ainda nesta seção.

**Pesquise mais**

Você deve estudar mais sobre as diferenças de classe social no Capitalismo. Como sugestões de pesquisa e estudo, destacamos uma reportagem. Publicada no site da *Folha de S.Paulo* que trata do crescimento de milionários no país. 29 set. 2017.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/09/1922834-numero-de-milionarios-do-pais-cresceu-11-em-2016-apesar-de-recessao.shtml>. (Acesso em: 06/02/2018) e um livro POCHMANN, Marcio. *O mito da grande classe média*: Capitalismo e estrutura social. São Paulo: Boitempo, 2014.

Não se pode tratar de classe social sem falar de desigualdade social. Segundo Dias (2014), o conceito de desigualdade social remonta uma condição em que os membros de uma determinada sociedade têm diferentes condições de renda, de prestígio e de poder. Não se pode esquecer que uma das marcas do capitalismo é a existência de desigualdade social, mas em níveis diferentes conforme a organização econômica, social e jurídica de uma sociedade. A comparação entre o grau de desigualdade de renda no Brasil e o observado em outros países comprova que a desigualdade brasileira é das mais elevadas do planeta.

Os autores mais discutidos no que se refere à estratificação social são Karl Marx (1818-1883) e Max Weber (1864-1920).

Marx (2001) foi um dos primeiros autores a utilizar a expressão classe social e entendia que as sociedades industriais eram fundamentadas em relações econômicas capitalistas. Marx faz uma reflexão importante sobre as classes sociais e o funcionamento da economia capitalista no fragmento abaixo:

> **Duas espécies bem diferentes de possuidores de mercadorias têm de confrontar-se e entrar em contato: de um lado, o proprietário de dinheiro, de meios de produção e de meios de subsistência, empenhado em aumentar a soma de valores que possui, comprando a força de trabalho alheia; e, do outro os trabalhadores livres, vendedores da própria força de trabalho e, portanto, de trabalho. Trabalhadores livres em dois sentidos, porque não são parte direta dos meios de produção (...) e porque não são donos dos meios de produção (...) O sistema capitalista pressupõe a dissociação entre os trabalhadores e a propriedade dos meios pelos quais realizam o trabalho. (MARX, 2001, p. 828).**

Na visão marxista, a relação entre essas duas classes é de exploração, já que o proletariado produz mais durante o seu trabalho do que o valor em que é remunerado, isso gera um excedente, um lucro para a burguesia, que foi chamado por Marx de **mais valia**. Haveria na visão de Marx uma marca na sociedade capitalista que é a luta de classes, ele defendia que os trabalhadores deveriam ter uma consciência de classe e se unir para lutar contra o capitalismo e a burguesia e instalar o socialismo. Ao mesmo tempo em que a existência de uma classe social pressupõe a existência de outra ou

outras. Assim, não há burguesia (empresariado) sem a existência de proletariado (trabalhadores) e vice-versa.

**Outro importante autor na discussão de classe social é Max Weber. (1974), entendendo que a sociedade se caracteriza por conflitos tanto por poder quanto por recursos, tal como demonstra o fragmento abaixo:**

> **[...] situação de classe, que podemos expressar mais sucintamente como a oportunidade típica de uma oferta de bens, de condições de vida exteriores e experiências pessoais de vida, e na medida em que essa oportunidade é determinada pelo volume e tipo de poder, ou falta deles, de dispor de bens ou habilidades em benefício de renda de uma determinada ordem econômica. A palavra classe refere-se a qualquer grupo de pessoas que se encontram na mesma situação de classe. (WEBER, 1974, p. 212).**

Na visão de Weber, os grupos sociais se diferenciam a partir de certas características como: nível de educação, renda, profissão, religião, local de moradia (rural ou urbano), comportamento e prestígio. **Além disso, Weber vincula estratificação social ao poder.** Assim, o modo de estruturação da ordem social influencia a distribuição de poder econômico, ou outro, dentro de certos limites de cada sociedade.

**Para Weber, a estratificação social vai além da questão de classe social (situação de mercado), pois ele leva em consideração também outros dois aspectos: status e partido.**

Giddens (2012) demonstra que a ideia de status para Weber se refere às diferenças existentes entre os grupos sociais vinculadas à honra e ao prestígio social que recebem de outros indivíduos, que vão além das classes sociais. Os dois principais critérios de diferenciação de status são, segundo Weber, as oportunidades de vida (acesso a bens e serviços, possibilidades de consumo) e o estilo de vida (comportamento, valores sociais e religiosos, aspirações).

A ideia de partido tratada por Weber é, segundo Giddens, uma forma de poder e diz respeito a um grupo de indivíduos que trabalham juntos, pois possuem origens, metas ou interesses comuns. Muitas vezes, um partido atua de modo organizado rumo a um objetivo que é relevante para os seus membros.

Ao se refletir sobre a sociedade capitalista a partir de Weber, pode-se entender que, além do partido, o status também pode influenciar nas oportunidades de um indivíduo no mundo do trabalho. Giddens (2012) argumenta que a posse de riqueza e a ocupação (cargo, profissão no mercado de trabalho) são os principais aspectos utilizados para se pensar as diferenças de classe. Vale salientar que as classes não são estabelecidas por medidas legais ou religiosas. O indivíduo ao nascer em uma classe social pode não ficar nela por toda a vida, já que há a ideia de mobilidade social (movimento ascendente ou descendente entre posições de classe de um indivíduo). Outro ponto salientado por Giddens é que as classes sociais têm base econômica, já que podem se estruturar a partir de diferenças econômicas, assim, uma forma de visualizar a desigualdade social está nas diferenças de salário e de condições de trabalho dos indivíduos. Por exemplo, a inserção precoce dos jovens no mercado de trabalho, muitas vezes, está relacionada à desigualdade social e à falta de oportunidades das famílias em permitir que seus filhos permaneçam somente estudando durante o ensino básico.

**Assimile**

Caro aluno, você precisa saber um pouco da biografia de Karl Marx e de Max Weber para entender o processo de organização das classes sociais.

Karl Marx (1818-1883) foi um intelectual alemão, fundamental para a estruturação da Sociologia e da Economia. Ele abordou diversos assuntos em seus trabalhos, tais como Política, Economia, Socialismo, História, entre outros. Como ele percebeu o crescimento industrial ao longo do século XIX, quis entender a desigualdade social e a exploração do trabalho resultante desse processo. Ele foi um intelectual engajado na luta pelo Socialismo e continua tendo seu pensamento como fonte para entender o capitalismo e seus processos de mudanças (Giddens, 2012).

Max Weber (1864-1920) foi também um intelectual alemão, **nasceu em uma influente família judia, teve ampla formação acadêmica, sendo filho de pai jurista e mãe religiosa**. Ele escreveu sobre diversos temas relevantes para a Sociologia, tais como Economia, Direito, Filosofia e Religião. Ele teve uma grande preocupação com o desenvolvimento do Capitalismo Moderno e a maneira como a sociedade moderna estava

organizada em comparação às sociedades mais antigas. Weber focava na investigação da ação social e de seus significados, o exemplo mais claro disso é a análise que o autor fez da influência do protestantismo no desenvolvimento do capitalismo (Giddens, 2012).

Completa-se a discussão deste tópico a partir de uma reflexão sobre o consumo. No capitalismo é fundamental que se estimule o consumo para que as empresas possam vender, estimulando o crescimento da economia, sendo o estímulo ao consumo algo presente em políticas econômicas. Na última década, a discussão, por parte do governo ou por parte de intelectuais, sobre consumo no Brasil tem crescido muito, especialmente vinculando-se consumo à mobilidade social e tratando da formação de uma nova classe média (classe C). Esta nova classe média seria resultado de uma economia que voltou a crescer desde o meio dos anos 2000, da expansão do mercado de trabalho formal e do acesso a crédito que possibilitaria os indivíduos a financiar a casa própria, carros populares e eletrodomésticos. Sociologicamente muito se critica esta visão de criação de uma nova classe média por meio do consumo. Scalon e Salata (2012) tratam disso:

> **De todo modo, é importante chamar atenção que a medição do consumo apenas pela posse de bens apresenta limites. Uma análise sociológica mais completa demandaria o estudo das práticas de consumo, revelando padrões, tendências e gostos que podem ser bastante diferenciados entre indivíduos ou grupos de indivíduos que, no volume/quantidade, parecem similares. (SCALON E SALATA, 2012, p. 402).**

Marcio Pochmann (2014) também aborda de forma crítica essa questão de se ter uma nova classe média no país. O centro da análise em seu texto é a polêmica em relação à criação de uma "nova classe média" no Brasil com a implementação das políticas socioeconômicas dos governos petistas. O autor argumenta que a utilização do termo "nova classe média" não só é insustentável frente aos dados socioeconômicos como demonstra uma disputa política pelas transformações que aconteceram na estrutura social brasileira. Pochmann explica, baseando-se nesses dados, que

não existe uma expansão da classe média no país, o que torna injustificado a utilização do termo uma nova classe média. O que ele revela é que houve uma redução considerável da base da pirâmide social, ou seja, uma diminuição da miséria absoluta.

### Pobreza e exclusão social como marcas do capitalismo

No entendimento de Giddens (2012) há dois tipos de pobreza: absoluta e relativa. Pobreza absoluta se baseia na ideia de subsistência (recursos para que o indivíduo possa ter uma existência física saudável). Assim, pessoas que não possuem acesso à alimentação, a roupas e à uma moradia vivem em situação de pobreza absoluta. O autor afirma que o conceito de pobreza absoluta pode ser aplicado universalmente, ou seja, pode ter validade em várias partes do mundo. Não se pode esquecer que há países em desenvolvimento que possuem boa parte da população vivendo em situação de pobreza. Um ponto destacado é que os países desenvolvidos eliminaram a pobreza extrema, mas ainda possuem desigualdade social. Já nos países em desenvolvimento ainda é comum que as pessoas morram em situações de pobreza absoluta.

Giddens demonstra que uma técnica comum utilizada para medir a pobreza absoluta é definir a linha da pobreza, que se baseia no preço de mercadorias básicas necessárias para que se dê a sobrevivência humana em uma sociedade. Quanto à ideia de pobreza relativa, na visão do autor, é definida culturalmente e não pode ser estabelecida a partir de um padrão pensado universalmente para a questão da privação. Utiliza-se como argumento para isto que as necessidades humanas não são iguais em toda parte, pois elas diferem dentro e também entre as sociedades. O autor ressalta inclusive que algumas coisas que são vistas como essenciais em uma sociedade podem ser consideradas como luxo em outra, há um aspecto cultural a ser levado em consideração.

Enquanto a ideia de exclusão social está vinculada às diferentes maneiras em que os indivíduos e comunidades passam por situações de exclusão, tal como aborda Giddens. Uma das formas de pensar a exclusão social diz respeito à ausência de acesso à moradia, que está entre as formas mais extremas de exclusão social. E, ainda na visão do autor, a exclusão pode ter uma dimensão espacial: bairros variam muito em várias questões, como segurança, disponibilidade

de serviços e instalações públicas e ainda condições ambientais. Não se deve esquecer que o conceito de exclusão social é mais amplo que pobreza, apesar de abrangê-lo. Giddens faz uma interessante reflexão sobre o tema:

> **A exclusão social refere-se a maneiras que os indivíduos podem ser separados do envolvimento pleno da sociedade mais ampla. Por exemplo, pessoas que vivem em conjuntos residenciais degradados, com escolas pobres e poucas oportunidades de emprego na área, podem ter negadas as oportunidades de melhorar, que são oferecidas à maioria das pessoas. (GIDDENS, 2012, p. 357).**

A exclusão social pode se manifestar também pela dificuldade de acesso à cidadania e aos direitos, bem como às políticas sociais e ao mercado de trabalho. A exclusão do mercado de trabalho pode levar o indivíduo a enfrentar longos períodos de desemprego ou ficar vagando de emprego precário em emprego precário, como acontece com muitos jovens, sobretudo aqueles mais pobres. A exclusão do mercado de trabalho pode levar a outras formas de exclusão social, como pobreza, exclusão de serviços públicos e até a exclusão de relações sociais, segundo Giddens. O autor ainda ressalta que a exclusão do mercado de trabalho eleva de forma significativa o risco de exclusão social. Pode-se completar isso com a situação de vulnerabilidade vivenciada pelos indivíduos excluídos no mercado de trabalho, que são vistos em um processo de desfiliação, que seria a tendência ao enfraquecimento, ou mesmo a ruptura dos laços sociais que ligam o indivíduo à sociedade, segundo a análise de Robert Castel (1998).

Outro ponto que não pode ser esquecido é que pode haver relação entre criminalidade e exclusão social, o que não significa que todo pobre será criminoso, mas que a falta de certos recursos pode inclinar o indivíduo a praticar ações criminosas. A exclusão social está relacionada a situações em que os indivíduos por alguma razão não podem participar plenamente das atividades realizadas pela maioria das pessoas e que ainda podem ampliar o risco de injustiça social. Muitas vezes se percebe na sociedade uma invisibilidade social em relação aos grupos excluídos, sejam eles crianças e moradores de rua, sejam eles desempregados. Esta invisibilidade tem relação com

a ideia de que esses grupos enfrentam essa condição por não terem devidamente se esforçado e que o esforço e a meritocracia seriam as formas de justificar pobreza e injustiças sociais.

**Exemplificando**

A ideia de pobreza é clara para a maioria das pessoas, mas muitas vezes ela é negada ou desconsiderada por indivíduos que vivem em uma sociedade capitalista tão desigual como a brasileira. E nem sempre ter um emprego significa deixar a pobreza. Para que fique mais claro esta reflexão, leia a reportagem da *Folha de S.Paulo* destacada a seguir:

<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/05/1772869-um-terco-dos-muito-pobres-tem-emprego-aponta-pesquisa-mundial-da-oit.shtml>. Acesso em: 1 fev. 2018.

### Desigualdade social em esfera global

Busca-se refletir sobre as interferências da globalização na desigualdade social. A abertura dos mercados no mundo globalizado junto com o aumento do poder do capital financeiro e à redução do papel do Estado acarretaram o aumento da desigualdade social. Completa-se esta ideia com os argumentos de Dias (2014), que destaca o fato da globalização ter criado novos problemas, como o enfraquecimento dos Estados Nação (caracterizado por ter um território definido, um governo legítimo, uma soberania e um povo) e acentuado problemas já existentes, como o desemprego e a desigualdade social.

Na visão de Turolla (2004), a Globalização permitiu uma elevação dos fluxos de capitais, de mercadorias e de investimentos diretos, porém causou expansão da desigualdade entre os países ricos e pobres. Na visão do autor, por esta expansão da desigualdade social gerou-se indivíduos extremamente descontentes com a globalização. Sobre o Brasil, o autor menciona: "O Brasil vem participando ativamente do processo de globalização. Embora o país tenha elevado o padrão de vida médio de seus cidadãos, não reduziu a desigualdade de forma significativa." (TUROLLA, 2004, p. 20).

No que se refere à globalização, Estanque (2005) afirma que a perversidade da globalização pode ser vista na situação precária e desumana dos trabalhadores migrantes. O autor complementa

isso com os seguintes argumentos: "E a globalização neoliberal tem vindo a contribuir para acentuar as situações de opressão, de exploração, precariedade e dependência que hoje caracterizam o mundo laboral." (ESTANQUE, 2005, p. 130).

Sobre a desigualdade na Globalização, Ianni afirma que :

> **[...] a globalização do capitalismo implica sempre e necessariamente o desenvolvimento desigual, contraditório e combinado. "Desigual", devido aos desníveis e às irregularidades na realização das forças produtivas e das relações de produção. "Contraditório", porque leva consigo tensões e atritos entre os subsistemas econômicos nacionais e regionais, enquanto províncias do sistema econômico global. E "combinado", já que, a despeito das desigualdades de todos os tipos e das contradições também múltiplas, desenvolve-se em geral alguma forma de acomodação, associação, subordinação ou integração, nas quais os polos dominantes ou mais dinâmicos subordinam, orientam ou administram os "emergentes". (IANNI, 1998, p. 28-29).**

Já na visão de Giddens, outro ponto é mencionado: a dinâmica do mundo do trabalho na globalização. Ele aborda a ideia de que, na globalização, houve a ampliação do poder das multinacionais, o que tem feito os trabalhadores competirem uns contra os outros por um salário que lhes proporcione viver e ao mesmo tempo aceitarem condições muito precárias de trabalho.

**Reflita**

Você consegue perceber no seu dia a dia as consequências da Globalização? Você percebe a redução do papel do Estado em nossa sociedade e o crescimento do poder político e econômico das multinacionais? Para pensar sobre estas questões, sugerimos a leitura do artigo de opinião intitulado "Declínio devido à globalização não representa fim dos Estados-nação" de Robert Muggah, publicado na *Folha de S.Paulo* em 16/11/2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/11/1935775-declinio-devido-a-globalizacao-nao-representa-fim-dos-estados-nacao.shtml>. Acesso em: 31 jan. 2018.

## Sem medo de errar

O personagem de nossa situação problema, João, tem 17 anos, e é mais um jovem que é afetado fortemente pela desigualdade social no Brasil. Por isso, ele teve de ingressar prematuramente no mercado de trabalho e isso afeta não apenas suas possibilidades de escolarização como suas oportunidades no futuro. Ele, desde muito cedo, teve sua vida marcada pela convivência entre escola e trabalho. Essa situação é típica de um país com má distribuição de renda e ausência de mecanismos que impeçam uma inserção precoce no mercado de trabalho, além de poder reproduzir os níveis de pobreza familiar.

Ele não tem conseguido frequentar as aulas (Ensino Médio, 1º ano) todos os dias porque prefere ficar até mais tarde na loja que trabalha para aumentar as vendas e consequentemente sua comissão, o que pode impactar positivamente em sua renda e o afastá-lo da pobreza. Por que ele faz isso se o 'preço' pode ser tão alto no futuro? Inicialmente porque ainda não percebeu o quanto perde em faltar nas aulas e porque prefere ampliar a renda e ter acesso ao mundo do consumo, ter um celular de última geração, por exemplo, e auxiliar no orçamento doméstico. Devido às exigências do mundo do trabalho, ele não deveria deixar de lado seu processo educacional, afinal de contas está perdendo conteúdos que podem ser uteis no momento que for fazer a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) ou algum vestibular. João ainda não percebeu que, quando terminar o Ensino Médio, vai precisar continuar estudando para que possa ter outras oportunidades no mercado de trabalho e evoluir na carreira. Quando se pensa a história de João e de outros tantos jovens pobres no Brasil, devemos considerar que não basta apenas melhorar as leis e as políticas de emprego existentes ou criar novas leis e políticas; é preciso gerar melhores condições de vida para a população pobre através da melhor distribuição da renda com o intuito de não a incentivar a colocar seus filhos precocemente no mercado de trabalho.

Não se pode esquecer que a renda familiar é uma variável importante quando se refere à educação dos jovens, sobretudo porque uma renda familiar mais elevada diminui as chances de os jovens trabalharem precocemente. Welters (2009) aborda de forma aprofundada esta questão:

> Assim, entre os mais pobres pode-se ter uma antecipação de responsabilidade pelo sustento do lar exigindo sua entrada precoce no mercado de trabalho, bem como entre os de renda mais elevada pode-se constatar situações em que atingem a idade adulta sem assumir os papéis a ela inerentes, mantendo a dependência dos pais (WELTERS, 2009, p. 7).

Além disso, na visão de João e de alguns jovens, o acesso a certos bens pode passar uma imagem de melhoria de vida, de ascensão social. Quando, na prática, não é isso, sobretudo porque certos bens são apenas acessíveis por meio do acesso ao crédito e decidir por sua compra é deixar de lado bens necessários a uma vida saudável, como gastar com frutas, verduras e alimentos mais saudáveis.

Finaliza-se a resolução da situação-problema com alguns argumentos centrais nesta discussão. Pense sobre eles e os relacione com a organização social e econômica de nossa sociedade. Os jovens que ingressam prematuramente no mercado de trabalho deveriam estar na escola (ou só na escola), tendo, ainda, direito ao lazer, à cultura, ao invés de serem explorados em diversas formas de trabalho. Não podemos perder de vista que o trabalho precoce normalmente está vinculado aos mais pobres, além de reproduzir o ciclo de pobreza e de expandir a desigualdade social. Assim, indivíduos que ingressam precocemente no mercado de trabalho têm menores chances de, na fase adulta, conseguir melhores empregos, o que impulsiona um ciclo vicioso de pobreza e de necessidade da mão de obra infantojuvenil para auxiliar no orçamento familiar. O trabalho precoce é uma das principais causas de evasão escolar e faz com que muitos jovens se submetam ao subemprego, tornando-se presas do mercado de trabalho informal e podendo nunca mais sair desse ciclo de baixa escolarização e trabalho precário. Todo este contexto só amplia à desigualdade social e as injustiças tão percebidas no cotidiano brasileiro, além de destruir o futuro de muitos jovens.

## Faça valer a pena

**1.** Na nossa sociedade, que é baseada no sistema capitalista, há uma divisão social que se organiza a partir do acesso dos indivíduos à renda, ao trabalho, aos direitos e à qualidade de vida. Esta divisão indica também a organização econômica e social de um país, já que permite perceber o nível de desigualdade social de uma sociedade.

A divisão social da sociedade capitalista e os nomes dos dois autores da Sociologia mais relevantes na análise dessa divisão são respectivamente:

a) Casta, Marx e Durkheim.
b) Classe, Durkheim e Weber.
c) Estamentos, Marx e Bourdieu.
d) Classe Social, Marx e Weber.
e) Casta, Weber e Foucault.

**2.** Amartya Sem (2000), importante economista indiano e professor de Harvard, argumenta que a pobreza pode ser conceituada como uma manifestação da privação das capacidades básicas de um indivíduo e não somente como uma renda inferior a um determinado patamar pré-estabelecido.

O autor faz uma crítica a que tipo de pobreza?

a) Absoluta
b) Relativa
c) Extrema
d) Brasileira
e) Capitalista

**3.** A desigualdade social é uma das marcas da sociedade capitalista. Em países como o Brasil, ela é muito intensa e provoca a inserção precoce no mercado de trabalho, a evasão escolar, a expansão da pobreza, a dificuldade de acesso a direitos, entre outras.

Assinale a alternativa que melhor define desigualdade social.

a) Situação em que não há qualquer diferença econômica entre os indivíduos.
b) Caracterizada pela grande diferença econômica e de oportunidades entre as classes sociais.

c) Condição em que o indivíduo não possui as condições básicas para a sua subsistência.
d) Sistema econômico em que a produção e a distribuição se baseiam na propriedade privada.
e) Condição em que o indivíduo mesmo muito qualificado não consegue se inserir no mundo do trabalho.

# Seção 3.3

## Globalização e diversidade social e cultural

### Diálogo aberto

Caro aluno, seja bem-vindo à Seção 3.3, **Globalização e diversidade social e cultural**. Você já pensou sobre como o capitalismo e a globalização afetam seu cotidiano, inclusive suas possibilidades de inserção no mundo do trabalho?

Como vimos no contexto de aprendizagem desta Unidade, muitos jovens estão desempregados (como a situação hipotética da jovem Maria Júlia, estudada da seção 3.1) ou estão em empregos precários e com baixa remuneração (como o exemplo fictício do jovem João, na seção 3.2). Agora, nesta seção, analisaremos uma outra situação representativa dos jovens trabalhadores brasileiros.

Carlos tem 20 anos, é universitário e trabalha em uma multinacional do setor alimentício. Acabou de ser promovido – ele era aprendiz – tem uma trajetória profissional bem-sucedida, quando comparada a muitos de seus colegas de faculdade. Agora trabalha na área de exportação e tem contato com profissionais de diversas partes do mundo, inclusive no seu ambiente de trabalho, ou seja, ele trabalha em um ambiente de diversidade cultural. Carlos chegou a fazer piadas sobre os hábitos de um iraniano que trabalha com ele e com a cultura de países islâmicos, sobretudo porque esses países exigem que a carne comprada de sua empresa seja cortada de uma forma específica. Faz parte da estratégia de sua empresa buscar novos mercados e atender as necessidades de seus clientes e a política de sua empresa prega a valorização da diversidade cultural. Como foi repreendido pelos colegas, percebeu que estava errado. Para mudar, teve de conhecer um pouco da cultura dos países de seus colegas estrangeiros de trabalho e dos países que sua empresa exporta produtos. Carlos fala muito mal a língua inglesa e tem pouco interesse nesse idioma, mas já foi avisado pelo seu superior imediato que terá um ano para ser fluente no idioma – necessidade de um mundo globalizado – caso contrário, não será promovido e poderá até ser desligado da empresa. Ele já foi avisado também que terá

de acabar a faculdade no tempo correto e ainda que será avaliado pela empresa e gestores semestralmente e caso sua avaliação não seja como esperada, poderá ser demitido. Carlos tem se sentido pressionado e ouve dos colegas que não é a globalização que se adapta a gente, mas a gente que se adapta a ela, por isso tem ficado nervoso e angustiado com o trabalho.

Se você estivesse na posição de Carlos, como analisaria todo esse processo e como agiria para manter seu emprego? Afinal, o que é globalização? Quais são os seus impactos? Estes são os mesmos para as diferentes classes sociais? De que forma deve-se lidar com a diversidade social e cultural em um mundo globalizado?

## Não pode faltar

Nesta seção, trataremos de globalização, processo econômico e social que você vivencia diariamente, bem como dos impactos da globalização na cultura, na economia, na sociedade e no mundo do trabalho. Sem que você entenda o mundo globalizado, dificilmente será possível compreender a sociedade em que você vive.

### Conceito sociológico de globalização

A Sociologia traz importantes contribuições para se pensar o processo de globalização, especialmente por demonstrar que ele é mais que um processo econômico, é também caracterizado pela organização da sociedade da informação. Reinaldo Dias (2014) define a globalização como um termo que designa a formação de uma economia mundial, que é caracterizada pelo enfraquecimento do Estado-Nação e a interdependência cada vez maior entre as várias regiões do planeta. A globalização é uma prática complexa que se estruturou ao longo do processo histórico das últimas décadas, voltada aos interesses do capitalismo e às estratégias mundiais não apenas dos Estados, mas também das multinacionais.

O poder das multinacionais dependeu muito das mudanças nas políticas estatais, sobretudo com a redução do papel do Estado. Para que isso se estruturasse foi fundamental a utilização das Tecnologias da Informação (TICs) que facilitou a comunicação, o acesso à informação e as transações comerciais.

Conforme Octávio Ianni (2000), o mundo está sendo abalado por transformações de amplas proporções, intensas e profundas. Para o autor, ocorrem transformações em modos de vida e trabalho, nas formas de sociabilidade, de hábitos e de expectativas. Ele apresenta a ideia da existência de um novo mapa do mundo, um mundo sem fronteira, uma aldeia global.

De acordo com Rogério Haesbaert (1998), a globalização deve ser compreendida como um produto da expansão cada vez mais ampliada do capitalismo e da sociedade de consumo, numa sociedade moldada pelo fetichismo da mercadoria, relacionado à mercantilização da sociedade e a valorização do consumo e a atração pelo que é produzido pelas multinacionais, especialmente roupas e produtos eletrônicos.

**Pesquise ma**

Para Karl Marx, fetichismo da mercadoria diz respeito ao encantamento criado pelas mercadorias nos indivíduos, que impedem que eles percebam as relações sociais e econômicas existentes nos produtos que são comprados e consumidos. "Em Karl Marx, o fetichismo corresponde a características que os consumidores buscam nas mercadorias e que não são proporcionadas por suas qualidades materiais, mas interferem em seu valor. (Costa, 2010, p. 63). Sobre isto leia: RETONDAR, Anderson Moebus. *Sociedade de consumo, modernidade e globalização*. São Paulo: Annablume, 2007.

Diversos outros autores falam em uma nova ordem mundial, principalmente relacionando-a com o fenômeno da globalização. Esta é definida como a "intensificação das relações sociais em escala mundial que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa" (GIDDENS, 1991, p. 69).

Vale mencionar que a globalização é um processo em curso, que, segundo Ianni (1998), está gerando novas perspectivas sociais, econômicas, políticas e culturais, bem como transformações de conceitos seculares. Sob a perspectiva social, Sandro Ruduit (2002) menciona o caso dos *shoppings* como símbolos do isolamento e do consumismo, pois as normas envolvidas no contexto das interações não são discutidas pelos frequentadores, uma vez que

se trata de espaços privados; os indivíduos não vão aos shoppings para trocas sociais, mas para observar produtos, principalmente. Economicamente, podemos ressaltar a "intensificação das relações de produção, distribuição e consumo em âmbito mundial, caracterizando a emergência de uma nova economia que opera como uma unidade em tempo real, em âmbito planetário." (CASTELLS, 1999, *apud* RUDUIT, 2002, p. 82). Politicamente, "Os Estados passam a depender dos mercados de capitais, implicando na perda de autonomia e de legitimidade [...], deslocando poderes do âmbito nacional para o global (MUZIO, 1999, *apud* RUDUIT, 2002, p. 87-88). No âmbito cultural, assiste-se à uma combinação do global e local, como disputas entre as culturas ocidentais dominantes que tentam impor padrões a serem seguidos e culturas não ocidentais e não dominantes reproduzidas com traços nativos próprios que tentam se afirmar. (RUDUIT, 2002).

Cabe ainda completar a discussão do conceito de Globalização com a visão de Anthony Giddens (2012) ao afirmar que as corporações transnacionais (multinacionais) são centrais na globalização econômica, já que elas são responsáveis por cerca de dois terços de todo comércio mundial, além de serem relevantes na difusão de novas tecnologias ao redor do planeta e são atores importantes nos mercados financeiros internacionais. No nosso cotidiano, na publicidade, nas questões ligadas a mercados, na expansão da poluição e até nos conflitos relacionados com o Estado se percebe o poder das multinacionais.

Giddens menciona uma série de fatores políticos que levaram à consolidação da globalização, destaca-se a seguir os dois principais. O primeiro deles é o colapso do socialismo no leste europeu (sobretudo o fim da URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), que na visão de Giddens é também um resultado da própria globalização. O segundo fator é o crescimento de mecanismos internacionais e regionais de governo, tais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial do Comércio (OMC), que vão reunir Estados-Nações em um fórum político global.

A ideologia econômica da globalização é o Neoliberalismo. Sobre ele, Piovesan (2012) faz uma interessante reflexão:

> O processo de globalização econômica, inspirado na agenda do chamado "Consenso de Washington", passou a ser sinônimo das medidas econômicas neoliberais voltadas para a reforma e a estabilização das denominadas "economias emergentes". Tem por plataforma o neoliberalismo, a redução das despesas públicas, a privatização, a flexibilização das relações de trabalho, a disciplina fiscal para a eliminação do déficit público, a reforma tributária e a abertura do mercado ao comércio exterior. (PIOVESAN, 2012, p. 242).

**Assimile**

O que é Neoliberalismo? Na visão de Moraes (2001) é uma forma de ver o mundo social, uma ideologia, bem como uma corrente de pensamento. Um dos seus principais pensadores é o austríaco Ludwing von Mises (1881-1973). O Neoliberalismo critica a intervenção do Estado na economia, repudia o Estado de bem-estar social e o Neoliberalismo. Solicita a redução do tamanho do Estado por meio das privatizações e dos processos de parceria entre órgãos públicos e privados.

Eric Hobsbawn (2007) é outro autor que trata das ameaças da globalização para o poder do Estado de conseguir conduzir suas políticas, sejam elas econômicas ou sociais. Segundo ele:

> Temos uma economia mundial em rápida globalização, baseada em empresas privadas transnacionais que se esforçam ao máximo para viver fora do alcance das leis e dos impostos do Estado, o que limita fortemente a capacidade dos governos, mesmo os mais poderosos, de controlar as economias nacionais. (HOBSBAWN, 2007, p. 70).

### A diversidade cultural no mundo globalizado

O historiador inglês Eric Hobsbawn (2007) afirma que a globalização não deve ser entendida como algo novo, visto que ela demonstra o funcionamento do capitalismo desde sempre. A globalização e a mundialização são processos sociais que transcendem os grupos, as classes sociais e as nações e caracterizam a emergência de uma sociedade global, visto que há interligação,

interdependência e conexão entre os países e empresas (Ianni, 2000). Sob esse prisma, a problemática nacional adquire novo sentido. Pode-se pensar inclusive a partir do impacto da língua inglesa, que se tornou uma língua global e necessária em vários espaços: da mídia, do mundo do trabalho, da cultura, da arte, do mundo dos negócios entre outros.

Segundo Renato Ortiz (1994), a mundialização pressupõe um desenvolvimento do processo tecnológico e econômico da globalização, mas se distingue no seu interior. Ortiz ainda afirma que existe uma cultura mundializada que se expressa na emersão de uma identidade cultural popular, cujos signos estariam dispersos pelo mundo. Como exemplos, cita redes de alimentos e marcas de produtos de consumo que seriam facilmente identificáveis de um estilo de vida global. O iPhone, celular produzido pelo Apple, está relacionado com esta ideia de produtos que são identificados em um estilo de vida global, pois em várias partes do planeta há o desejo de possuir um iPhone, o que garantiria um produto de boa qualidade que facilitaria o dia a dia, bem como algo que representa certo status. Uma notícia do portal UOL, de 17/10/2014, faz pensar nisto: Jovens pagam até R$ 170 por aluguel de iPhone para ostentar na balada. Disponível em: <https://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/10/17/jovens-pagam-ate-r-170-por-aluguel-de-iphone-para-ostentar-na-balada.htm>. Acesso em: 31 jan. 2018.

Na visão de Costa (2010), a cultura de massa (resultado da mercantilização cultural e artística promovida pela industrialização em larga escala, apoiada pela tecnologia da comunicação) é um dos processos responsáveis pela globalização, pois na medida em que histórias idênticas são ouvidas e programas ou séries são assistidos em várias partes do planeta acabam até por interferir na experiência coletiva de vários grupos. Basta pensar na influência do cinema estadunidense para criar hábitos, inclusive de consumo, instituir visões de mundo e até preconceitos. Não se pode esquecer do impacto de provedores globais de séries de televisão via streaming (internet), como o Netflix, que tem mais de 100 milhões de assinantes, no cotidiano dos indivíduos em várias partes do mundo. Giddens complementa esta discussão:

> As mudanças por que o mundo passa atualmente estão a tornar as diferentes culturas e sociedades muito mais interdependentes do que se passava antigamente. À medida que o ritmo de mudança se acelera, o que acontece em determinado ponto do mundo pode afetar diretamente outras regiões. (GIDDENS, 2012, p. 45).

Como há uma grande interdependência entre os países com a globalização, mudanças que ocorrem em certos países e em certas culturas acabam por impactar muitas pessoas, inclusive aquelas que estão fora do território de onde acontecem essas mudanças. Com a globalização, incrementou-se a tecnologia de comunicação e, com isso, tornou-se facilitada a transmissão dos valores culturais. Contudo, esse processo não ocorre de forma igualitária, pois os países desenvolvidos, que possuem maior poder econômico, têm condições de transmitir mais a sua cultura.

**Reflita**

A globalização está criando uma cultura global homogênea? Reflita sobre exemplos em que a cultura, produtos ou mesmo marcas ocidentais alteraram culturas não ocidentais.

### Os impactos sociais e políticos da globalização

Conforme argumenta Ribeiro (2009), a globalização tem apresentado sinais de ser um processo cada vez menos inclusivo, o que indica que ela amplia a polarização entre países e classes quanto a três importantes fatores: distribuição de riqueza, renda e emprego.

Para entender os impactos sociais da globalização, torna-se relevante discutir três autores: Manuel Castells, Anthony Giddens e Ulrick Beck.

Castells (1942-), sociólogo espanhol, sempre estudou questões urbanas, mas nos anos 1990 decidiu analisar o impacto da mídia e das tecnologias da informação no mundo globalizado. Ele trabalha com o conceito de sociedade da informação, que indica uma sociedade marcada pela ascensão de redes e de uma economia de rede (Castells, 1999). O autor demonstra que a nova economia depende das estruturas e das conexões possibilitadas pelas comunicações

globais (importância dos computadores e dos meios de comunicação globais), o que a mantém como uma economia capitalista. O autor ainda considera que a internet pode ser uma ferramenta de comunicação preferencial para organizar e mobilizar, por exemplo, movimentos antiglobalização (que questionam o processo de globalização e denunciam os efeitos negativos desse processo), entre outros movimentos. Os movimentos sociais não deixaram de existir no mundo globalizado, ao contrário alguns se tornaram globais e passaram a lutar e questionar a globalização, sobretudo ao argumentar que ela amplia as injustiças sociais. Nas críticas feitas por esses movimentos sociais estão a perda do poder dos Estados-Nações e o poder exagerado das multinacionais. Esses movimentos se organizaram sobretudo nos Fóruns Sociais Mundiais, que tiveram suas primeiras experiências na cidade de Porto Alegre, Brasil.

Enquanto Anthony Giddens (1938-), sociólogo inglês, argumenta que o mundo globalizado se baseia em uma rápida transformação em que as formas tradicionais de confiança (baseadas em instituições nacionais e burocráticas) se dissolvem. "Contudo, vivendo em uma sociedade globalizada, nossas vidas são influenciadas por pessoas que nunca vemos ou conhecemos, que talvez vivam do outro lado do mundo." (Giddens, 2012, p. 83). Exemplos dessas pessoas são cientistas, políticos, presidentes de empresas, militantes de movimentos sociais, entre outros. Ainda sobre confiança e risco, ele menciona o seguinte:

> **... temos que ter confiança em agências que lidam com regulação alimentar, purificação da água ou a efetividade do sistema bancário. A confiança e o risco estão intimamente ligados. Temos que ter confiança nessas autoridades se quisermos confrontar os riscos que nos rodeiam e reagir a eles de maneira efetiva. (GIDDENS, 2012, p. 83).**

Giddens ainda trata de um conceito considerado por ele essencial para se compreender a vida em uma sociedade globalizada: a reflexividade social, que diz respeito ao fato de que as pessoas constantemente precisam pensar ou refletir sobre as circunstâncias que vivem suas vidas, sobretudo porque no mundo globalizado as mudanças são rápidas e intensas.

Outro ponto mencionado por Giddens é que as nações perdem um pouco do poder que tinham. Por exemplo, os países possuem atualmente menos poder de influência sobre as políticas econômicas do que antes, devido ao poder das multinacionais e dos agentes multilaterais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento – conhecido como Banco Mundial (BIRD).

O terceiro autor é o alemão Ulrick Beck (1944-2015), crítico da pós-modernidade que aborda a ideia de que se vive atualmente uma segunda modernidade, o que tem relação com o fato de que as instituições modernas se tornaram globais, enquanto o cotidiano dos indivíduos está cada vez menos influenciado por dois aspectos: a tradição e o costume (Beck, 2010). Ele diz que se passou de uma sociedade industrial para uma sociedade de risco. Assim, a sociedade de risco se estrutura pelo risco e pela incerteza e a administração do risco passa a ser a principal característica da sociedade global. Beck não quer dizer que no mundo contemporâneo haja mais riscos do que em períodos anteriores, mas que houve alteração na natureza dos riscos que devem ser enfrentados. Por exemplo, para Beck, os riscos atualmente derivam menos de perigos naturais do que de incertezas geradas pelo desenvolvimento social.

Beck (2010) argumenta que uma característica da sociedade global é que os seus perigos não são espacialmente, temporariamente ou socialmente restritos. Desse modo, os riscos atuais afetam todos os países e todas as classes sociais, tendo consequências globais e não somente pessoais. O terrorismo e a poluição são formas para exemplificar de como os riscos atravessam fronteiras nacionais. Em relação ao papel do Estado-Nação de atuar diante dos riscos globais, Beck considera que não há mais como o Estado-Nação dar conta desses riscos. Por isso, Beck defende a necessidade de cooperação transnacional entre os Estados para que os riscos possam ser resolvidos. Esta cooperação permite que os países entendam que certas situações e riscos são comuns e que precisam ser resolvidos a partir da integração de suas forças.

### O mundo do trabalho na Globalização

O mundo do trabalho atual tem forte impacto da globalização e possui, como uma de suas características, a criação de novas

modalidades (trabalho temporário, estágios, trabalhos terceirizados, em tempo parcial, entre outras). Essas novas modalidades de trabalho se efetivam em vários países e, no discurso do mercado global, os países que não criarem novos tipos de contrato de trabalho (por exemplo: flexíveis e temporários, com remuneração variável, como a Participação em Lucro e Rendimentos – PLR) estarão impossibilitados de receber novos investimentos e consequentemente novos empregos, o que pressiona governos a aprovarem reformas da legislação trabalhista.

Uma das consequências da globalização é a expansão do desemprego tanto em países desenvolvidos quanto nos em desenvolvimento. Se o lema é "produzir onde a mão de obra é barata e vender onde ela é cara", os trabalhadores dispostos a aceitar salários mais baixos e estar menos protegidos podem obter trabalho. Exemplo disso se dá no relato de Nardi:

> **A empresa Nike é um bom exemplo desta nova divisão internacional do trabalho. A empresa não produz um só par de tênis na Europa ou nos EUA. Os 6.500 trabalhadores da empresa que estão encarregados da concepção e do marketing são europeus ou norte-americanos e os 75.000 trabalhadores que produzem os tênis são trabalhadores subcontratados na Ásia. Sabemos que as empresas subcontratadas pela Nike foram diversas vezes denunciadas devido à exploração do trabalho infantil. (NARDI, 2006, p. 54).**

Antônio Ribeiro (2009) demonstra que a globalização levou à adoção de novas tecnologias (especialmente computadores e internet) e formas de organizar a produção, bem como de realizar a gestão nas empresas, além de levar à constituição de blocos regionais para fortalecer o comércio regional, tais como o Mercosul, o Nafta e a União Europeia. Este autor aborda a ideia de que algumas empresas se tornaram globais. Ribeiro cria um exemplo do que é uma empresa global: empresa francesa com capital suíço; máquinas coreanas; fabricação de seus produtos na chinesa; *marketing* realizado na Itália; sócios capitalistas em diversas partes do mundo (na Polônia, no Marrocos e no México), além de vendas realizadas nos Estados Unidos.

Como diz Ianni (1998), a globalização gerou ampla transformação na esfera do trabalho e no modo pelo qual o trabalho se relaciona com a organização social na vida do indivíduo, das famílias e das classes sociais.

Outro autor que aborda a questão dos efeitos da globalização sobre a força de trabalho é André Gorz (2004). Para ele, a globalização, aliada à intensificação da concorrência em todos os mercados de todos os países, levou ao aumento do desemprego, à precarização do trabalho e à deterioração das condições de trabalho devido as alterações nas formas de produzir, nas políticas de gestão de pessoas, entre outras.

Atualmente há também a necessidade de os trabalhadores estarem preparados para conviver com colegas de diferentes culturas e nacionalidades, pois pode-se trabalhar com pessoas de diferentes países e nacionalidades, tanto em multinacionais como em empresas de outro porte.

### Exemplificando

**Reflita sobre a globalização e as discussões desta seção a partir de exemplos do seu cotidiano:**

Existem modelos de carros que são produzidos por uma montadora em um determinado país e são vendidos em muitos. Exemplo:

O Toyota Corola, produzido em Indaiatuba – interior de São Paulo, é vendido no mercado interno e é exportado para cerca de quinze países.

Na Copa do Mundo de 2014, um turista japonês tinha a condição de conhecer a cultura e culinária brasileira e de comprar a bola da Copa, a Brazuca. Esta bola é de uma marca alemã (Adidas), fabricada na Ásia e vendida no Brasil.

## Sem medo de errar

Retomamos agora a história de Carlos, que tem 20 anos e trabalha em uma multinacional. Sua carreira está indo bem, já que ele ingressou na empresa como aprendiz. Contudo, para permanecer no emprego, Carlos precisa ter a formação esperada por uma empresa multinacional em um mundo globalizado. Ele sabe que os impactos da globalização não são idênticos para todos e por ele

já cursar o Ensino Superior provavelmente será menos impactado pelas condições do mundo do trabalho.

Carlos vai precisar saber inglês fluente (idioma mais relevante e falado no mundo globalizado), uma exigência da empresa juntamente com a pressão para terminar a faculdade no tempo correto sem quaisquer reprovações em disciplinas, o que acaba deixando-o pressionado, mas consciente de que é assim que tem de agir se quiser seguir carreira na empresa. Outro ponto a ser salientado é que Carlos, como seus colegas de trabalho, sofre a pressão de ser constantemente avaliado por seus superiores (para verificar se o funcionário se enquadra no que a empresa espera e para decidir se ele ficará ou não na empresa a partir do cumprimento ou não de metas), causando-lhe medo e insegurança. Ao mesmo tempo, essa situação o impele a dedicar-se muito (às vezes até mais do que o definido para o seu cargo) para ser bem avaliado e se manter no emprego. Devemos também levar em consideração que essa avaliação ainda o faz competir com seus colegas, já que precisa mostrar o tempo todo que está devidamente preparado para o cargo que possui. Esta consciência pode fazer que ele deixe de lado alguns valores, tais como a ética, já que para manter o emprego pode aceitar ou fazer ações que não são devidamente éticas e que podem atrapalhar outras pessoas.

Por trabalhar em uma multinacional e verificar suas políticas de gestão de pessoas, de marketing e de vendas, ele percebe na prática um dos elementos centrais da globalização, que é o poder acentuado do mercado, mas de forma mais acentuada nas multinacionais. Outro ponto que o cotidiano profissional deixa claro para Carlos é a necessidade de saber conviver com indivíduos de diferentes nacionalidades e de várias culturas.

Caro aluno, como você viu nas unidades anteriores, a questão cultural é muito importante quando se pensa uma sociedade. Por isso, deve-se evitar o etnocentrismo (que é considerar uma cultura superior a outra), portanto, Carlos precisa deixar de lado seus preconceitos para respeitar seus colegas estrangeiros de trabalho e poder ser visto como um funcionário devidamente preparado para o mundo global, que vai ser uma exigência de sua empresa e uma necessidade para aqueles indivíduos que trabalham com pessoas de diferentes nacionalidades.

Como Carlos, talvez você, sinta as pressões vindas do mundo do trabalho e da competitividade capitalista em um mundo globalizado. Para saber como agir nesse contexto, é fundamental entender o que é e como funciona a globalização, fato que abordamos nesta seção. Um ponto a ser pensado por você, caro aluno: a globalização pode levar as pessoas a deixarem de lado certos valores éticos para manter um emprego, um status ou certo nível de vida? Você concorda com isso? Lembre-se de que é próprio do capitalismo estimular o individualismo e a ideia de meritocracia e isso se intensifica na globalização, o que pode ampliar preconceitos e desrespeitos e gerar conflitos para o convívio social.

## Faça valer a pena

**1.** A globalização é um processo econômico, político e cultural que afeta pessoas e instituições, como os Estados-Nações e as empresas. Não há como negar que sofremos influências da globalização em nosso cotidiano e em nossas possibilidades de consumir e de ingressar e permanecer no mundo do trabalho.
Assinale a alternativa que indica duas características da globalização:

a) Protecionismo econômico e pouco poder das multinacionais.
b) Fortalecimento do Estado-Nação e grande influência da tecnologia da informação.
c) Facilidade de comercialização de produtos e ampliação do poder das multinacionais.
d) Enfraquecimento dos órgãos multilaterais, como a ONU e difusão das ideias neoliberais.
e) Uso da internet como forma de fazer negócio e poder restrito do capital financeiro.

**2.** O mundo do trabalho no período da globalização é marcado por mais incertezas, maiores exigências de qualificação, expansão da precarização do trabalho, novos tipos de contrato de trabalho e uma grande competição entre os trabalhadores para conseguir um emprego.
Outra característica do mundo do trabalho na globalização é:

a) Expansão do desemprego em diversos países (desenvolvidos ou subdesenvolvidos) relacionada ao avanço tecnológico.
b) Ampliação dos direitos trabalhistas em várias partes do mundo, inclusive no mundo subdesenvolvido.

c) Eliminação de todo tipo de trabalho análogo ao escravo, bem como do trabalho infantil.
d) Prática de salários semelhantes entre países subdesenvolvidos e desenvolvidos.
e) Diminuição do uso das tecnologias nas atividades industriais.

**3.** "Com a globalização, os destinos dos países estão interligados. Se é que um dia foi possível analisar cada país como uma ilha, definitivamente isso agora não faz mais sentido. Não só o crescimento, como também a desigualdade de um país como o Brasil, por exemplo, depende da desigualdade e do crescimento de regiões inteiras do planeta – por exemplo, do crescimento chinês, que impulsionou a expansão da agricultura brasileira na última década. O que cada pessoa ganha e o que cada grupo social ganha ou perde, dentro de cada país, também depende daquilo que acontece na economia global, para além das fronteiras de cada nação." (MEDEIROS, Marcelo. O mundo é o lugar mais desigual do mundo. Folha de S.Paulo, junho de 2016. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-mundo-e-o-lugar-mais-desigual-do-mundo/> Acesso em: 31 jan. 2017.)

Qual conceito sociológico é tratado no trecho acima? Assinale e alternativa correta.

a) Protecionismo
b) Vantagens comparativas
c) Classes sociais
d) Exclusão social
e) Interdependência

# Referências


ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaios sobre as metamorfoses e a centralização do mundo do trabalho.** São Paulo: Cortez, 1995.

_____. Desenhando a nova morfologia do trabalho: as múltiplas formas de degradação do trabalho. **Revista Crítica de Ciências Sociais.** Coimbra – Portugal: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, nº 83, dez/2008.

ARAÚJO, Silva Maria de; BRIDI, Maria Aparecida; MOTIM, BenildeLenzi. **Sociologia: um olhar crítico.** São Paulo: Contexto, 2011.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade.** São Paulo: Editora 34, 2010.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política.** São Paulo: Editora UNB, 2004.

BOMBACH, Luciane. **Tu, jovem nefasto** – Lendas e fábulas sobre a situação sócio-ocupacional juvenil na RMSP. Dissertação de Mestrado, Instituto de Economia da UNICAMP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

CARNEIRO, Ricardo. **Desenvolvimento em crise** – A economia brasileira no último quarto do século XX. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

CASTEL, Robert. **As Metamorfoses da Questão Social.** Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1990.

COSTA, Cristina. **Sociologia: questões da atualidade.** São Paulo: Moderna, 2010.

COSTA, Luciano de Souza. **O desemprego e seus indicadores.** Tese de mestrado, IE / Unicamp, 2002.

D'INTIGNANO, Beatrice. **A fábrica de desempregados.** São Paulo: Bertrand Brasil, 2000

DIAS, Reinaldo. **Fundamentos de Sociologia Geral.** Campinas: Alínea Editora, 2014.

DUPAS, Gilberto. **Economia global e exclusão social**: pobreza, emprego, Estado e o futuro do Capitalismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

ESTANQUE, Elísio. "Trabalho, desigualdades sociais e sindicalismo". **Revista Crítica de Ciências Sociais.** Universidade de Coimbra, Portugal, nº 71, 2005.

FARIA, V. E. Brasil: Compatibilidade entre a estabilização e o resgate da dívida social, in Pobreza e Política Social. In: **Cadernos Adenauer**, nº 1. São Paulo: Fundação Konrad Adeunauer, 2000.

FOLHA DE S.PAULO. **Número de milionários do país cresceu 11% em 2016, apesar de recessão.** 29 set. 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/09/1922834-numero-de-milionarios-do-pais-cresceu-11-em-2016-apesar-de-recessao.shtml>. Acesso em: 6 fev. 2018.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Unesp, 1991.

_____ . **Sociologia**. Porto Alegre: Penso, 2012.

GORZ, André. **Misérias do presente, riqueza do possível.** São Paulo: Annablume, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Globalização e fragmentação do mundo contemporâneo.** Niterói: Editora UFF, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HOBSBAWN, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

IANNI, Octávio. "Globalização e Neoliberalismo". In: **São Paulo em Perspectiva.** São Paulo: Fundação Seade, número 12(2) 1998

_____. **A era do globalismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

_____. **Teorias da Globalização.** São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.

KEYNES, John Maynard. **A Teoria Geral do Emprego, dos Juros e da Moeda.** São Paulo: Atlas, 1985.

MANCEBO, Deise. Globalização, cultura e subjetividade: discussão a partir dos meios de comunicação de massa. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Brasília, vol. 18, n. 3, 2002

MARX, Karl. **O Capital.** 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. 1 v.

_____ . **O Capital:** crítica da economia política, vol. 1. São Paulo: Civilização Brasileira, 2001.

MORAES, Reginaldo. **Neoliberalismo.** São Paulo: Editora SENAC, 2001.

NARDI, Henrique Caetano. **Ética, trabalho e subjetividade.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

O CORTE. Direção de Costa-Gavras. Roteiro: Costa-Gavras, Jean-claude Grumberg. Música: Armand Amar. Bélgica, 2005. (122 min.) son., color.

OLIVEIRA, Hilderline Câmara, SANTOS, Joseneide Sousa Pessoa e CRUZ, Eduardo Franco Correia. O mundo do trabalho: concepções e historicidade. Anais da 3ª Jornada Internacional de Políticas Públicas. São Luís – MA: Agosto de 2007.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

PIOVESAN, Flávia. **Direitos Humanos e o Direito Constitucional Internacional.** São Paulo: Saraiva, 2012.

POCHMANN, Márcio. **A Batalha do Primeiro Emprego.** São Paulo: Ed. Publisher Brasil, 2000.

_____ . **O mito da grande classe média:** Capitalismo e estrutura social. São Paulo: Boitempo, 2014.

QUADROS, Waldir. O Desemprego Juvenil no Brasil dos Anos Noventa. **Cadernos do CESIT.** Campinas: IE. UNICAMP, 2001.

RIBEIRO, Antonio de Lima. **Teorias da Administração.** São Paulo: Saraiva, 2009.

RUDUIT, Sandro. Globalizações e novas questões sociais. In **Sociedade em debate, Pelotas**, 8(3)73-105, dez. 2002.

SALGADO, Jorge. Las desigualdades desde una perspectiva de complejidad: haciaunepistemología teórico-normativa delconflicto social. **Revista de Paz y Conflictos**. Madrid, n. 2, p.44-58, 2010.

SANTANA, Marco Aurélio. O mundo do trabalho em mutação: as reconfigurações e seus impactos. **Cadernos IHU Ideias**. São Leopoldo: UNISINOS, nº 34, 2005.

SCALON, Celi e SALATA, André. "Uma nova classe média no Brasil da última década? O debate a partir da perspectiva sociológica. **Estado e Sociedade**, vol. 22, nº 2. Brasília: UNB, maio/ agosto 2012.

SEN, Amartya K. **Desenvolvimento como Liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

STANDING, Guy. El concepto de desempleo estrutural. *Revista Internacional del Trabajo*. v. 102, n. 2. OIT. 1982.

TUROLLA, Frederico Araújo. "Globalização e desigualdade". In: **RAE Executivo.** FGV, São Paulo: Volume 2, nº4, nov 2003 a jan 2004.

VILAS, Carlos. "Seis ideias falsas sobre a Globalização." In: **Estudos de Sociologia.** Marília: UNESP, v. 4, nº 6, 1999.

WEBER, Max. Classe, estamento, partido. In: GERTH, Hans e MILLS, Wright (Org.). Max Weber - **Ensaios de sociologia.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

WELTERS, Ângela. Os filhos adolescentes e o mercado de trabalho: uma análise do perfil socioeconômico, familiar e de gênero dos jovens entre 15 e 19 anos no Brasil em 2006. **Dissertação de mestrado.** Instituto de Economia, Campinas: Unicamp, 2009.

# A sociologia na era da informação

**Convite ao estudo**

Nesta jornada do conhecimento sobre os Fundamentos Antropológicos e Sociológicos, você aprenderá, na Unidade de Ensino 4, sobre a Terceira Revolução Industrial, a ciência, a tecnologia, os impactos dela na vida das pessoas e nas sociedades, as novas tecnologias da comunicação e o poder da mídia.

A tecnologia está presente no cotidiano das pessoas, o que levou a alterações na forma de produção, de trabalho e de comunicação. Para isso foi fundamental o desenvolvimento das tecnologias da informação, sobretudo da informática. A sociedade atual não pode ser pensada sem a tecnologia e seus impactos na vida dos indivíduos, inclusive no mundo do trabalho. A tecnologia no processo produtivo possibilitou avanços na produtividade (produzir mais com menos tempo e menos custo), mas que não foram acompanhados pela manutenção ou expansão dos empregos, ao contrário, foi possível expandir a produção reduzindo o número de postos de trabalho, o que gera o desemprego tecnológico e, assim, um problema social grave para os estados e os indivíduos. Além disso, em alguns setores da economia, o uso intenso da tecnologia pode acarretar a precarização do trabalho, pois exige que os trabalhadores tenham que se adequar ao ritmo das máquinas. Por outro lado, o uso da ciência e da tecnologia permitiu expandir a cura de certas doenças e tornou mais confortável a vida de muitos indivíduos em várias partes do mundo, porém, essas comodidades não são para todos e excluem indivíduos e grupos sociais em diversos locais do planeta, de modo mais intenso nos países em desenvolvimento.

Sem a ciência não seria possível expandir a produção, a cura de doenças e entender o funcionamento e a organização das sociedades (pesquisas das Ciências Humanas). Apesar de ser em diversas partes do mundo financiada pelo Estado, a ciência tem seus interesses muitas vezes voltados para as grandes corporações e seus negócios, o que faz algumas áreas das Ciências Humanas não terem recursos, ou apenas poucos recursos, para a realização de certas pesquisas, como as que tratam dos impactos negativos da economia capitalista.

Ainda sobre o tema das novas tecnologias, é importante relacioná-lo à ideia de indústria cultural, que se refere à transformação das atividades artísticas e culturais em mercadorias. Juntamente à discussão sobre indústria cultural está a da mídia, que influencia ideias, pensamentos e opiniões em nossa sociedade e que nem sempre (ou melhor, raramente) ajudam na construção de uma sociedade mais justa, republicana e democrática.

Para compreendermos esta discussão, acompanharemos de perto um pouco da vivência e dilemas do personagem Raimundo, que é morador de uma comunidade na cidade do Rio de Janeiro, tem 50 anos e há 20 anos trabalha como cobrador de ônibus urbano. Ele gosta de ler, de futebol, de novelas e não perde o jornal televisivo mais assistido do país.

# Seção 4.1

## Tecnologia e sociedade

### Diálogo aberto

Caro aluno, seja bem-vindo à Seção 4.1, Tecnologia e sociedade. Você já pensou sobre como a tecnologia interfere na sua vida, no seu trabalho e nas suas formas de se comunicar?

Para refletir mais profundamente sobre este tema, vamos tratar da história de Raimundo, cobrador de ônibus urbano com 50 anos de idade. O setor que ele atua tem passado por muitas alterações com o objetivo de diminuir custos e aumentar a eficiência. A empresa em que ele trabalha tem instalado nos ônibus catracas eletrônicas em que os usuários somente poderão fazer o pagamento da passagem com a utilização de cartões eletrônicos, recarregados em guichês da empresa ou em outros estabelecimentos. Esse processo torna desnecessário o cargo de cobrador e automatiza o processo de passagem nas catracas dos ônibus. Raimundo foi avisado nessa semana que pelo período de dois meses continuará como cobrador para auxiliar os passageiros que possuem dificuldades em usar o cartão, mas que depois passará por um processo avaliativo que poderá levá-lo à alteração de cargo ou ao desligamento da empresa. Raimundo tem pouca escolaridade, apenas o Ensino Fundamental e está muito preocupado com o risco de ser demitido. Ele se pergunta: Será que não há limite para o uso da tecnologia? É justo que ela elimine o seu emprego e de outros cobradores? Ao pensar na situação de Raimundo, você consegue perceber o quanto a tecnologia está em nosso dia a dia e afeta inclusive as possibilidades de trabalho dos indivíduos? O desenvolvimento tecnológico leva em conta os interesses dos diversos grupos sociais? Qual a relação entre as tecnologias, as grandes empresas e o interesse dos proprietários das indústrias e seus acionistas?

## Não pode faltar

Caro aluno, a seguir você vai ter a possibilidade de refletir sobre algo que está presente no seu cotidiano: a tecnologia, a ciência e as novas formas de produção, além do impacto da tecnologia na vida social e no mundo do trabalho.

### Terceira Revolução Industrial

Antes de se discutir a Terceira Revolução Industrial, trataremos o conceito de Revolução Industrial, bem como o conceito de primeira e de segunda Revolução Industrial.

Na visão de Zedequias Cavalcante e Mauro Silva (2011), a Revolução Industrial é um marco no desenvolvimento histórico da humanidade, pois seus desdobramentos afetaram sociedades, economias e países. Ela foi um acontecimento que alterou o processo produtivo, levando os produtos a deixaram de ser manufaturados e passarem a ser produzidos por máquinas. Assim, foi possível a produção em massa, por meio da ampliação da produtividade (produção em escala, gastando-se menos tempo e com baixo custo). Deste modo, pode-se caracterizar a primeira revolução industrial (ocorrida entre os séculos XVIII e XIX) como aquela em que houve a invenção da máquina a vapor e sua aplicação na indústria têxtil, e que implicava em condições bem degradantes de trabalho. Segundo Marcio Pochmann (2002), com a primeira Revolução Industrial (1780-1820), a Inglaterra se tornou pioneira e protagonista da industrialização, transformando-se na grande oficina do mundo durante o século XIX.

Cavalcante e Silva (2011) argumentam que a Revolução Industrial vai além de uma mudança tecnológica na produção, visto que consolidou o capitalismo, aumentou a produtividade do trabalho, além de criar novos comportamentos sociais e uma nova visão de mundo. Ao mesmo tempo em que contribuiu para dividir a sociedade em duas classes sociais antagônicas: empresários (burguesia) e trabalhadores (proletariado). Os autores argumentam:

> **É pertinente enfatizar que a Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra no século XVIII foi o grande precursor do capitalismo, ou seja, a passagem do capitalismo comercial para o capitalismo industrial. É fascinante, como a revolução industrial mudou a vida das pessoas daquela época e como até hoje seus reflexos continuam transformando o nosso dia a dia com a revolução tecnológica. (CAVALCANTE E SILVA, 2011. p.1).**

Adam Schaff (1995) argumenta que a primeira revolução industrial teve como grande mérito a substituição da produção pela força física do homem pela energia das máquinas (primeiro pela utilização do vapor e depois pela eletricidade). Já a segunda revolução industrial ampliou as capacidades intelectuais do homem, e substituiu trabalhadores por máquinas. Pode-se caracterizar a segunda revolução industrial como aquela que vai da metade do século XIX até a metade do século XX, envolve desenvolvimento na indústria química, elétrica, de petróleo e de aço, além do avanço das telecomunicações. Essa revolução industrial foi um aperfeiçoamento das tecnologias da primeira revolução industrial.

Conforme Paul Singer (1996), todas as revoluções industriais causaram acentuado aumento da produtividade do trabalho, e, dessa forma, causaram desemprego tecnológico. Mas a Terceira Revolução Industrial (a expressão passou a ser utilizada a partir dos avanços científicos e tecnológicos na indústria ocorridos desde a década de 1970) é singular em relação às anteriores, gerando acelerado aumento da produtividade do trabalho, tanto na indústria quanto nos outros setores da economia, além da grande importância das tecnologias da informática.

Soraia Medeiros e Semiramis Rocha (2004) argumentam que a Terceira Revolução Industrial impactou seriamente no mundo do trabalho, sobretudo com o uso de novas tecnologias no trabalho, o que acarretou novas formas de organização do trabalho. Ao mesmo tempo, também gerou ampliação do desemprego e de outros problemas sociais, tal como se destaca a seguir:

> A Terceira Revolução Industrial imprime a marca da exclusão, na qual a força de trabalho é dicotomizada em trabalhadores centrais e periféricos, desempregados e excluídos, dividindo também a parcela de apreensão do conhecimento e a utilização de tecnologias, gerando relações desiguais de poder pelo saber e pelo controle econômico, colocando no topo da escala os empregados das grandes empresas, seguidos dos trabalhadores do setor informal, cujo trabalho é precário e parcial. No extremo inferior da escala estão os desempregados, muitos dos quais não mais conseguirão voltar ao mercado de trabalho. (MEDEIROS E ROCHA, 2004, p. 400).

No entendimento de Manuel Castells (2000), a revolução tecnológica atual, também conhecida como Terceira Revolução Industrial, se originou e difundiu-se em um período histórico de reestruturação global do capitalismo, para o qual foi uma ferramenta básica. Além disso, ele também afirma que a revolução da tecnologia da informação está presente em todas as esferas da atividade humana. O autor ressalta que a tecnologia não determina a sociedade, mas a sociedade não consegue controlar totalmente o desenvolvimento científico devido a fatores como a criatividade e a iniciativa empreendedora.

> Na verdade, o dilema do determinismo tecnológico é, provavelmente, um problema infundado, dado que a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas. (CASTELLS, 2000, p. 25).

O autor menciona que a sociedade pode sufocar o desenvolvimento científico por intermédio do Estado. Ou o Estado por meio de muitas intervenções na economia pode acelerar o desenvolvimento tecnológico e, assim, provocar alterações positivas na sociedade e no bem-estar dos indivíduos.

**Exemplificando**

Você consegue pensar o mundo em que você vive sem a ciência? Provavelmente não, sem ela a expectativa de vida seria muitas vezes menor, sem ela morreríamos de algumas doenças, como o sarampo, a rubéola, o tétano, entre outros. A ciência possibilitou as vacinas, a esperança de curas de várias doenças (como o câncer e a Aids), o tratamento da água, o que significou avanços na qualidade de vida, acarretou ainda formas de se produzir mais alimentos (sementes modernas e até alteradas em laboratório, as chamadas transgênicas – que levam a vários debates pelo mundo) e até mesmo a produção industrial passou a ter menor impacto no meio ambiente. Sem a ciência o seu celular não teria todos os recursos que estão disponíveis, como o GPS.

### As tecnologias no processo produtivo

Cristina Costa (2010) afirma que alguns fatores acarretam o desenvolvimento industrial: o crescimento populacional, a expansão do consumo, o desenvolvimento científico, a descoberta de novas fontes de matérias-primas e as relações de produção vigentes no capitalismo. A autora define tecnologia como procedimentos utilizados na produção de bens, bem como o processo de invenção e fabricação de equipamentos e máquinas. Um sentido mais atual para tecnologia a relaciona a equipamentos, produtos ou máquinas que são resultado da aplicação da ciência na produção material ou simbólica de uma sociedade.

Cabe aqui a definição de Costa sobre o que é uma indústria:

> **Dá-se o nome de indústria à produção em grande escala, resultante do trabalho de muitos operários e de máquinas, ocupados em uma atividade planejada e controlada. É importante considerar que o surgimento de formas mais complexas de produção material não eliminou as demais. (COSTA, 2010, p. 156).**

O desenvolvimento e o funcionamento do capitalismo estimulam a mudança tecnológica no setor industrial com o objetivo de ampliar a produtividade e as margens de lucro dos empresários. Desde a Primeira Revolução Industrial, há um forte vínculo entre a produção industrial e a ciência, especialmente para criar formas de diminuir o uso do trabalho humano e, assim, diminuir os custos empresariais com a produção.

Costa explica que como o custo do investimento em tecnologia é alto, a substituição do trabalho humano por máquinas depende do custo da mão de obra. Assim, o processo de mecanização ocorreu de forma mais rápida em locais nos quais os salários dos trabalhadores eram mais altos e os benefícios sociais, garantidos aos trabalhadores, eram maiores. Já nos países pobres, em que os salários eram mais baixos, o investimento em tecnologia foi menor.

Costa trata de um conceito muito usado na área de Administração de Empresas, e que é muito importante neste trabalho, que é o de reengenharia de processos. Segundo a autora, este conceito diz respeito a um modelo de administração de empresas que objetiva repensar a estrutura produtiva a partir do incremento da produtividade, além de estimular à divisão do trabalho e criar processos que utilizem poucos trabalhadores. O termo reengenharia de processos foi criado por um ex-professor do MIT (Massachusetts Institute of Tecnology – Instituto de Tecnologia de Massachusetts) e consultor de empresas chamado Michael Hammer.

Giddens (2012) demonstra que o capitalismo promove constantemente uma revisão da tecnologia de produção, que é um processo em que a ciência está envolvida. A indústria é o setor com grande inovação tecnológica. Sobre os computadores, Gidddens afirma:

> **Em décadas recentes, o poder dos computadores aumentou milhões de vezes. Na década de 1960, um computador era construído usando-se milhares de conectores feitos à mão; um aparelho equivalente, hoje em dia, não apenas é muito menor, como requer apenas um punhado de elementos em um circuito integrado. (GIDDENS, 2012, p. 101).**

As mudanças no mundo globalizado no início do século XXI têm relação com o forte desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação (TICs). Para Costa (2010), a tecnologia se transformou em objeto de estudo das Ciências Sociais com o objetivo de se compreender, por exemplo, as consequências de uma determinada tecnologia em certas esferas: variação da produção, uso de mão de obra, entre outras.

Na visão de Giddens, a Globalização é motivada por avanços nas tecnologias de informação e comunicação que permitiram que se intensificasse a velocidade e o alcance de interações entre as pessoas em várias partes do planeta. Um ponto interessante, abordado por Giddens, é que as tecnologias da informação não estão restritas apenas aos países desenvolvidos. Como exemplo disso, o autor menciona que o mercado de celular que mais cresce no mundo é o africano.

**Pesquise mais**

Para aprofundar seu entendimento sobre o conceito de tecnologia, sugere-se a leitura do livro *O que é tecnologia?*, de José Adelino Medeiros e Lucília Atas Medeiros, da Coleção Primeiros Passos, Editora Brasiliense, 2000. O livro trata do conceito de tecnologia, das transformações e das contradições geradas por ela, bem como da questão do consumo que é possibilitada e estimulada pela tecnologia.

Além disso, Giddens ainda argumenta que o impacto da tecnologia e da ciência na vida das pessoas vai além da esfera econômica, especialmente porque a ciência e a tecnologia influenciam os fatores políticos e culturais e são influenciadas por eles. Outro aspecto importante da ciência e da tecnologia é que ela ajudou a criar formas modernas de comunicação, como a televisão e o rádio, veículos que influenciaram a maneira como as pessoas pensam e se relacionam com o mundo, inclusive em relação à política.

Um dos fatores que contribui para a Globalização é a ascensão da tecnologia das comunicações e da informação. "A internet emergiu como o instrumento de comunicação de crescimento mais rápido já desenvolvido – por volta de 140 milhões de pessoas ao redor do

mundo usavam a internet em 1998, e estima-se que mais de um bilhão de pessoas a usava em 2007." (Giddens, 2012, p. 104).

A tecnologia está fortemente presente no processo produtivo na atualidade, pois ela permite que se repense as formas de produzir, as máquinas utilizadas, a quantidade de mão de obra necessária e ainda possibilita que se produza mais com menos custos. Assim, a tecnologia é elemento essencial para as empresas (especialmente as indústrias). Conforme menciona Costa (2010), a aceitação das tecnologias no processo produtivo e na sociedade como um todo dependem de variáveis políticas, econômicas e culturais.

### Automação e substituição do trabalho humano

Inicia-se o tópico com uma definição elaborada por Anthony Giddens (2012) para automação: "processos de produção monitorados e controlados por máquinas com a mínima supervisão de pessoas" (p. 788). Cabe ainda complementar esta definição com a reflexão de que a automação é organizada como um processo em que o trabalho humano é substituído por máquinas e robôs, que vão produzir de forma mais rápida e econômica.

Um fator a ser mencionado quando se pensa em automação e substituição do trabalho humano é a reestruturação produtiva, manifestada pela introdução de inovações tecnológicas combinadas com novas formas de organização e gestão do trabalho. O que acarretou a diminuição dos postos de trabalho para diversos tipos de trabalhadores, mas de forma mais intensa para grupos desfavorecidos no mercado de trabalho, como os jovens.

Quanto às mudanças no mundo do trabalho provocadas pela tecnologia, Giddens argumenta: "[...] as gerações mais antigas de trabalhadores passavam grande parte de suas carreiras em uma quantidade pequena de organizações burocráticas e duradouras, a nova geração é muito mais provável de fazer parte de um número maior de organizações 'flexíveis' e ligadas em rede" (GIDDENS, 2012, p. 584).

Conforme Mattoso (1995), a tecnologia destrói postos de trabalho, empresas, ao mesmo tempo em que pode criar novos produtos, novas empresas, e consequentemente, novos empregos. Por isso, esse autor afirma que a tecnologia não gera desemprego, a diminuição dos postos de trabalho é causada pela má administração e gestão da tecnologia, juntamente ao baixo crescimento econômico.

A reestruturação produtiva, a adoção das novas tecnologias e as formas de gestão da força de trabalho vêm causando efeitos sobre o trabalho, visto que as empresas estão menos dependentes de mão de obra e demandantes de maior capacitação profissional, para que possam contratar um trabalhador. Deste modo, há uma responsabilidade central do sistema produtivo na produção e ampliação do desemprego.

De acordo com Antunes (2007), a reestruturação produtiva foi implementada pelas empresas com o objetivo de recuperar o ciclo de reprodução do capital. Essa reestruturação criou uma nova divisão do trabalho e um forte movimento de flexibilização da produção, dos processos de trabalho e das relações de trabalho. O próprio Antunes, em texto de 2008, trata de como a tecnologia foi utilizada até para substituir o trabalho intelectual:

> **uma vez que parte do saber intelectual é transferida para as máquinas informatizadas, que se tornam mais inteligentes, reproduzindo parte das atividades a elas transferidas pelo saber intelectual do trabalho. Como a máquina não pode eliminar cabalmente o trabalho humano, ela necessita de uma maior interação entre a subjetividade que trabalha e a nova máquina inteligente. (ANTUNES, 2008. p. 27).**

Antunes assinala que a reestruturação produtiva dos anos pós-1990 se baseia na ideia de empresa enxuta ("empresa moderna"), que restringe e limita o trabalho humano e expande o maquinário técnico-científico. Nesse processo, se dá fortemente a redução do trabalho vivo juntamente com a ampliação de sua produtividade. Neste contexto, vale destacar os argumentos de Giddens (2012), que menciona o fato de que a Globalização, juntamente à disseminação da tecnologia da informação, teria alterado a natureza do trabalho realizado pelas pessoas, sobretudo por ter eliminado empregos de baixa qualificação (como nas linhas de produção industrial), o que levou também ao declínio da participação desses trabalhadores nos sindicatos. Na visão de Giddens, a tecnologia da informação pode gerar novas oportunidades de trabalho para os indivíduos altamente qualificados e que trabalham em certas áreas, como informática, mídia, propaganda e *design*.

**Reflita**

Reflita sobre os limites do uso da tecnologia. Até quando ela pode ser usada? Até quando ela pode substituir mão de obra humana? Seria justo tributar os robôs que substituem trabalhadores? A última questão foi trazida à tona por um dos maiores empresários do mundo, Bill Gates, que defende que os robôs que geram desemprego devem ser tributados. Pense sobre isso e discuta com seus colegas e professores. Leia a reportagem: "Bill Gates se une ao cerco contra o capitalismo dos robôs: Proposta do criador da Microsoft de taxar donos de robôs por empregos que destroem alimenta debate" (*El País*, 5 abr. 2017). Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/05/tecnologia/1491390957_573772.html>. Acesso em: 19 mar. 2018.

### Consequências sociais do emprego da tecnologia

Na visão de Costa (2010), um dos aspectos característicos do desenvolvimento tecnológico da humanidade é de que esse processo passou por uma crescente aceleração. Ele argumenta que a tecnologia traz várias consequências para a sociedade, tais como quantidade de mercadoria produzida, forma de se organizar a divisão social do trabalho e os tipos de bens disponíveis no mercado. A tecnologia faz inclusive com que seja alterado o tipo de trabalhador, a sua qualificação e a sua remuneração. "Uma máquina, ou uma nova forma de energia, pode ser mais ou menos aceita dependendo das variáveis sociais existentes, especialmente o jogo de forças políticas e econômicas." (COSTA, 2010, 159).

Bauman e May (2010) trazem uma importante reflexão: "Adquirimos computadores que ao longo de um mês já se tornaram obsoletos pelo aumento de velocidade dos processadores e da capacidade de memória. É possível viver com essas mudanças? Ou, melhor, é possível viver sem elas?" (p. 236).

Uma interessante reflexão acerca da não neutralidade da tecnologia:

> O desenvolvimento da ciência e da tecnologia tem acarretado diversas transformações na sociedade contemporânea, refletindo em mudanças nos níveis econômico, político e social. É comum considerarmos ciência e tecnologia motores do progresso que proporcionam não só desenvolvimento do saber humano, mas, também, uma evolução real para o homem. Vistas dessa forma, subentende-se que ambas trarão somente benefícios à humanidade. Porém, pode ser perigoso confiar excessivamente na ciência e na tecnologia, pois isso supõe um distanciamento de ambas em relação às questões com as quais se envolvem. As finalidades e interesses sociais, políticos, militares e econômicos que resultam no impulso dos usos de novas tecnologias implicam enormes riscos, porquanto o desenvolvimento científico-tecnológico e seus produtos não são independentes de seus interesses. (PINHEIRO ET AL., 2007, p. 71).

Feenberg (2002) demonstra que a filosofia da tecnologia acaba por não considerar que a tecnologia é uma ferramenta sociocultural, que não está livre das influências de diversos tipos, especialmente históricos, políticos e culturais. Assim, a tecnologia pode estar sujeita até à luta de classes. Deste modo, a tecnologia e a ciência estão inseridas em uma sociedade que possui relações de poder, interesses econômicos e ideologias, o que a impede de ser considerada neutra. Por isso, se faz necessário controlar a tecnologia e não ser controlado por ela. Sobre esta discussão, torna-se interessante destacar a reflexão abaixo de Manuel Castells (2000):

> ... embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico. (CASTELLS, p. 26).

**Assimile**

Um ponto relevante nesta seção é entender o que é ciência. Para isso, utiliza-se a reflexão de Thomas Kuhn, no livro *A Estrutura das Revoluções Científicas*, que foi publicado no ano de 1962. Kuhn disse que a ciência é um método utilizado para resolver problemas usando crenças e valores (procedimentos experimentais) que vão gerar paradigmas. O paradigma seria um exemplo típico ou mesmo um modelo de algo, portanto, ele é uma representação de um padrão a ser seguido. O autor menciona que alguns cientistas, como Copérnico, Newton, Darwin e Einseint quebraram paradigmas e geraram revoluções científicas.

## Sem medo de errar

A tecnologia está presente no cotidiano das pessoas e permitiu ampliar a produção, criar novos produtos e, quando ela está aliada à ciência, é possível até encontrar cura para doenças e tornar mais acessível remédios e produtos. Muito se discute os limites da tecnologia e quais interesses estão presentes no seu desenvolvimento. Quanto aos limites da tecnologia, seria relevante que o Estado tivesse uma agenda e um planejamento para o uso da ciência e da tecnologia (sempre dentro de princípios democráticos e republicanos), bem como seria necessária a participação da sociedade civil nos projetos tecnológicos e científicos, não deixando que a tecnologia fosse determinada somente pelos interesses de mercado (em especial das multinacionais). A tecnologia deve ser usada para atender aos interesses da sociedade e ser pensada para que os empregos eliminados sejam gerados em outros setores ou com a qualificação daqueles trabalhadores que foram substituídos por máquinas. Retorna-se agora ao caso de Raimundo, tratado no início desta seção. Ele enfrenta os impactos da tecnologia em seu trabalho e por isso provavelmente irá perder o seu emprego. Ele tem pouca qualificação e sabe, portanto, que terá muita dificuldade para retornar ao mercado de trabalho. Como tem família e contas a honrar, tais como o aluguel da casa que reside, sabe que viverá um momento muito difícil. A mudança tecnológica proposta pela empresa que Raimundo trabalha leva em conta apenas os interesses da própria empresa para ter lucro, deixa de lado os interesses e as necessidades de seus funcionários,

o que amplia os problemas sociais, como a desigualdade social e o desemprego. O caso de Raimundo permite que se pense o fato de que muitas vezes a tecnologia está voltada mais para interesses privados do que para o desenvolvimento da sociedade ou para as ações do Estado. Raimundo e seus colegas cobradores não foram consultados sobre o que achavam da automação dos ônibus, apenas foram informados de que suas funções deixariam de existir. Isso demonstra uma situação da qual tratamos ao longo desta seção: a tecnologia não é neutra e está relacionada aos interesses de determinados grupos e esses interesses muitas vezes geram problemas sociais, os quais não serão resolvidos por esses grupos, mas pelo Estado e pelos indivíduos.

## Faça valer a pena

**1.** Manuel Castells (2000), em seu livro *A Sociedade em Rede*, diz que a tecnologia é a sociedade e que é impossível pensar e entender a sociedade sem considerar suas ferramentas tecnológicas. Ele também considera que a tecnologia não determina a sociedade.

Sobre as ideias de Castells tratadas acima, pode-se afirmar que:

a) A tecnologia estabelece as formas de estratificação social.
b) A sociedade contemporânea pode ser analisada sem que se considere a tecnologia.
c) Ao se pensar na tecnologia, percebe-se que não há relação entre ela e a organização social.
d) A sociedade tem de ser pensada levando em conta a tecnologia e seus impactos.
e) Só se pode pensar em impactos da tecnologia em sociedades com pouca desigualdade social.

**2.** Ela ocorreu entre os séculos XVIII e XIX, alterou a dinâmica econômica e social da Inglaterra, permitiu a expansão da produção, a criação de uma classe trabalhadora que deixava o campo para morar nas cidades e que tinha quase nenhum direito trabalhista.

Trata-se de qual processo histórico trabalhado nesta seção?

a) Revolução Francesa.
b) Primeira Revolução Industrial.
c) Revolução da Biotecnologia.

d) Automação.
e) Revolução Científica.

**3.** "Cada coisa que você inventa tende a dar vantagem a algumas pessoas e substituir outras, diminuindo a utilidade destas últimas do ponto de vista social. Uma vez iniciado o jogo, já não há retorno. Você inventa algo que transforma minhas habilidades em inúteis. Se tenho a capacidade cognitiva e legal para te imitar, posso recuperar, fazendo o mesmo e voltando a ser útil." Michele Boldrin, em entrevista para o *El País*, em 8 ago. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/19/economia/1500475025_052040.html>. Acesso em: 19 mar. 2018.

Sobre qual processo social o professor italiano se refere?

a) Expansão da tecnologia e da ciência com a destruição de emprego.
b) Crescimento econômico e do emprego com a inovação.
c) A inovação tecnológica não faz que certas profissões e conhecimentos se tornem inúteis.
d) Processo científico sem influência tecnológica.
e) A inutilidade de certas profissões só ocorre quando não há valorização cultural.

# Seção 4.2

## Ciências sociais e tecnologia

### Diálogo aberto

Caro aluno, seja bem-vindo à Seção 4.2, Ciências Sociais e Tecnologia. Você já pensou sobre como se dá a organização e o funcionamento da ciência? Para refletir sobre este tema, voltemos à situação de Raimundo, nosso personagem desta unidade. Ele decidiu voltar a estudar, vai cursar o Ensino Médio na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos) com o objetivo de ter mais chances de emprego, pois sabe que devido à tecnologia, provavelmente perderá seu emprego de cobrador de ônibus urbano a qualquer momento. Ele percebe, no seu trabalho, no cotidiano da cidade e da sua comunidade, nas mudanças decorrentes da tecnologia (tais como automatizações de equipamentos, inclusive nos ônibus em que trabalha) e conclui que não se pode separar a organização da sociedade da influência exercida pela ciência. Ele começou a se interessar pelos temas da tecnologia, da ciência e da inovação e decidiu comprar mensalmente uma revista especializada nesses temas. Aproveita os momentos livres durante as viagens que faz como cobrador para ler as revistas e tem percebido que a tecnologia e o seu uso, ao contrário do que muitos pensam, faz parte das políticas das empresas, dos governos e da organização econômica e política de uma comunidade. Como tem ouvido falar bastante sobre inovação e startups na mídia, ele decidiu colocar seu filho de 12 anos em um projeto social da sua comunidade, vinculado a duas grandes empresas, para aprender robótica. Raimundo tem falado para as pessoas próximas que se seu filho aprender robótica e cursar engenharia, vai criar novas tecnologias, talvez como cientista, e, assim, poderá evitar o risco da demissão futuramente, como deve acontecer com o seu pai.

Diante desta situação, quais fatores levaram Raimundo a retornar aos estudos? Se o seu filho realmente fizer engenharia, isso será garantia de que nunca será demitido?

Por que muitos estudiosos dizem que "a ciência não é neutra"? Você está de acordo com essa ideia? A tecnologia e a inovação são controladas por políticas governamentais e empresarias?

## Não pode faltar

Nesta seção, conheceremos a relação entre ciências sociais e tecnologia e, para isso, serão apresentadas as teorias sociológicas a respeito; a influência da tecnologia e inovação na transformação da sociedade; a tecnologia e as novas formas de organização social; o controle e uso da ciência e da tecnologia no mundo globalizado.

### Teorias sociológicas sobre ciência e tecnologia

As pesquisas científicas e tecnológicas foram grandes impulsionadoras da Revolução Industrial, que, por sua vez, configurou nossa estrutura social contemporânea. A ciência e a tecnologia estão presentes em nossa sociedade, seja no aspecto cultural (entretenimentos); no mercadológico (desenvolvimento de novos produtos), no da saúde (medicamentos) e muitos outros.

Anthony Giddens (2012) define ciência como "[...] o uso de métodos sistemáticos de investigação empírica, análise de dados, pensamento teórico e avaliação lógica de argumentos para desenvolver um corpus de conhecimento sobre um determinado tema de estudo." (p. 43). Já tecnologia é definida por Giddens como a "aplicação do conhecimento do mundo material à produção. A tecnologia envolve a criação de instrumentos materiais (como máquinas) usados nas interações humanas com a natureza" (p. 805).

Não se pode esquecer que a tecnologia e a ciência são essenciais para o desenvolvimento de países e de empresas. Tanto a tecnologia quanto a ciência agregam valores a produtos e podem alavancar a competitividade de empresas e de países num mundo globalizado. Pode-se ver a tecnologia a partir da relação entre ciência e técnica ou como uma forma de ciência aplicada, assim percebe-se que ambas estão muito vinculadas. Durante muito tempo, o desenvolvimento científico e tecnológico foi visto de forma positiva e considerado como elemento essencial para o progresso e o bem-estar da sociedade. Mas com o tempo, as teorias sociológicas vão questionar essa ideia e demonstrar que elas não são neutras e que refletem a estrutura social em que estão organizadas.

Thomas Kuhn (1997), importante teórico da área científica, entende que a ciência é a reunião de fatos, teorias e métodos reunidos nos textos científicos. Os cientistas são os indivíduos que

contribuem nesse processo. O desenvolvimento científico é o processo gradativo em que novos conhecimentos são adicionados isoladamente ou em combinação ao conhecimento científico já existente. No prefácio de seu livro A estrutura das revoluções científicas (1997), Kuhn apresenta seu conceito de paradigma:

> **[...] considero 'paradigmas' as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, oferecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência" (KUHN, 1997, p. 13).**

Quando um novo paradigma substitui o antigo, ocorre aquilo que Kuhn chama de revolução científica. Os cientistas que participaram de revoluções científicas forçaram a comunidade científica a rejeitar a teoria anteriormente aceita em favor de uma outra incompatível com aquela. A nova teoria repercute inevitavelmente sobre muitos trabalhos científicos já concluídos com sucesso. A nova teoria é mais que um incremento ao que já é conhecido. Sobre as novas teorias, Kuhn afirma: "[...] uma nova teoria, por mais particular que seja seu âmbito de aplicação, nunca ou quase nunca é um mero incremento ao que já é conhecido. Sua assimilação requer a reconstrução da teoria precedente e a reavaliação dos fatos anteriores" (Kuhn, p. 26).

Quando falamos da análise sociológica da Ciência e Tecnologia, não podemos deixar de lado as contribuições da Escola de Frankfurt (principais autores: Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse, Max Horkheimer, Jurgen Habermas, entre outros). Essa escola foi formada por intelectuais alemães, quase todos judeus e marxistas, que se exilaram nos Estados Unidos devido ao Nazismo e que analisaram diversas questões, com maior ênfase na comunicação. As pesquisas da Escola de Frankfurt criaram a teoria crítica que vai se contrapor à teoria tradicional, pois demonstram que não dá para falar da neutralidade das teorias e é preciso analisar as condições sociopolíticas da aplicação das teorias. Inclui-se, nessa discussão, a reflexão sobre a relação entre saber e poder, assim como a crítica ao Positivismo (que procura entender as coisas do mundo com olhos exclusivamente científicos) e ao uso político e ideológico da ciência.

Para a Escola de Frankfurt, a ciência não é neutra, e a técnica é utilizada na dominação de uma classe por outra, sendo a Indústria Cultural uma forma de massificação do conhecimento científico. Neste sentido, Herbert Marcuse (1999) defende a ideia de que não há como produzir ciência neutra, já que ela é apropriada pela sociedade capitalista. O autor menciona a necessidade de rejeitar que a técnica é neutra e que está além do bem e do mal, visto que ela é instrumento de dominação ideológica das sociedades capitalistas. No entendimento do autor, a ciência torna-se um veículo para que se efetivem certos valores (ideologias), inclusive os não científicos.

Max Horkheimer e Theodor W. Adorno (1995) criticam os fundamentos e resultados da ciência moderna. A crítica se aprofunda em relação ao Positivismo. Os autores argumentam que, enquanto se imagina que a ciência auxilia a vencer o desconhecimento da natureza, ela acaba por submeter os indivíduos a novas pressões sociais. Os autores também demonstram que muitas pessoas têm uma visão errônea ao considerar o pensamento científico como inquestionável.

Por fim, mencionamos a contribuição de Bruno Latour (1994). Ele defende que o cientista considere, em seus trabalhos, as controvérsias contemporâneas existentes em nossa estrutura social. Ele argumenta que o cientista deve ser um profissional com dedicação exclusiva, sobrevivendo como tal; o cientista é um profissional que também veicula conhecimentos em revistas de divulgação científica e que demonstra conduta ética que lhe confere prestígio em sua carreira. Uma dura realidade, apontada por Latour, é que o domínio do conhecimento acaba por ser menos importante do que as estratégias que os cientistas precisam ter para convencer seus pares, o Estado e a sociedade sobre a existência e relevância do seu trabalho.

**Reflita**

Qual o prejuízo para uma sociedade se a ciência não desenvolver novos paradigmas?

Como a tecnologia afeta o seu trabalho? Como a ciência e a tecnologia estão presentes na sua cidade e no seu bairro?

### Tecnologia, Inovação e Transformação da Sociedade

Ao se refletir sobre o mundo atual, não se pode ignorar o impacto da tecnologia em nossa sociedade. O avanço da tecnologia é grande o bastante para que o relacionamento entre pessoas de países distantes seja instantâneo (eliminação de barreiras físicas) e a tecnologia possibilita mudanças aceleradas na forma de produzir, de comprar, de se comunicar, de estudar, de realizar tratamento médico, de se relacionar com o poder público (governo eletrônico), entre outras coisas. Um objetivo da tecnologia é facilitar a vida dos indivíduos, e ela se baseia em formas de aplicar na prática o saber produzido pela ciência.

Segundo Castells (2000), a tecnologia da informação foi primordial para reestruturação socioeconômica a partir da segunda metade dos anos 1970, redefinindo-se as relações de produção e de poder. O autor trata da ideia de Capitalismo Informacional, no mundo globalizado, em que há um forte vínculo entre produtividade e inovação e entre competitividade e flexibilidade. Ele diz ainda que a tecnologia da informação é atualmente o que a eletricidade representou para a era industrial. Para complementar a reflexão de Castells, cabe a citação abaixo:

> **Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação remodelando a base material da sociedade em ritmo acelerado. Economias por todo o mundo passaram a manter a interdependência global, apresentando uma nova forma de relação entre economia, Estado e a sociedade em um sistema de geometria variável... (CASTELLS, 2000, p. 21).**

Para Castells (2000), vivemos um paradigma da tecnologia da informação, em que uma de suas características é que as próprias tecnologias atuam sobre a informação e não apenas o contrário (como acontecia na primeira e na segunda revoluções industriais). Ou seja, as tecnologias transformaram-se em verdadeiras matérias-primas para o fomento da informação em nossa sociedade atual, quando antes, a relação era apenas da informação como matéria-prima para o desenvolvimento de novas tecnologias. Outra característica é que, pelo fato de a informação estar fortemente presente na vida das pessoas, todos os processos ligados à existência

individual e coletiva dos indivíduos estão diretamente sendo moldados pelas mudanças tecnológicas. "As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela." (CASTELLS, 2000, p. 22).

Enquanto a inovação se refere à introdução de algo novo (ideia, procedimento, recurso). Tidd, Bessant e Pavitt (1997) apresentam a inovação como algo inerente ao produto, ao processo, à estrutura e às pessoas. São as pessoas que geram a inovação dentro de uma organização. A condição essencial da inovação é ter a capacidade de melhorar as diversas práticas vigentes. Segundo Castells (2000), as descobertas tecnológicas ocorrem em agrupamentos, portanto, a inovação não é uma ocorrência isolada. O sistema tecnológico atual que tanto valoriza a inovação teve seu surgimento nos anos 1970 e se concentrou nos Estados Unidos (Vale do Silício) com o desenvolvimento do microprocessador. "Foi o Estado e não o empreendedor de inovações em garagens que iniciou a revolução da Tecnologia da Informação nos EUA como em todo o mundo." (CASTELLS, 2000, p. 77).

No contexto econômico, a inovação é vista como um dos elementos essenciais para a competitividade das empresas. De acordo com a OCDE (2005), a inovação pode ser entendida como a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, um processo, um novo método de *marketing* ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas da empresa. "A lucratividade e a competitividade são os verdadeiros determinantes da inovação tecnológica." (CASTELLS, 2000, p. 100).

Conforme afirma Maciel (2001), a inovação, que deve ser entendida em um sentido amplo: tecnológico e social, tornou-se objeto-chave para a Ciência Social, bem como para as políticas e estratégias de desenvolvimento. Esta autora afirma que não existe inovação sem produção, acumulação e distribuição do conhecimento.

Bruno Latour (2000) traz uma reflexão interessante sobre o processo inovativo, que ele entende que deve se desenvolver a partir de ações estratégicas dos indivíduos inseridos no processo

de inovação. Assim, quem inova precisa tanto controlar o contexto social em que se dá a prática da inovação quanto se adaptar a ele. Se quem produz inovação não tiver autonomia, não terá condições de realizar inovações importantes.

Os estudos que envolvem as relações entre tecnologia, ciência e sociedade devem entender como a ciência se organiza em diferentes sociedades e como as forças sociais e econômicas moldam e controlam o desenvolvimento científico e tecnológico. Atualmente, as transformações sociais têm forte relação com as aceleradas transformações tecnológicas. Nesse cenário, constatamos um mundo globalizado em que os computadores ocupam um espaço relevante na sociabilidade, já que eles influenciam os mais variados setores da sociedade em questões relacionadas ao comércio, aos serviços, ao exercício da cidadania, ao mundo do trabalho, ao acesso à informação e ao relacionamento entre os indivíduos.

### A tecnologia e as novas formas de organização social

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) estão presentes no cotidiano das pessoas e são elementos indispensáveis para às comunicações pessoais, de trabalho e até de lazer. Na visão de Giddens (2012), as comunicações globais foram facilitadas pelos avanços na tecnologia e na infraestrutura de telecomunicações do planeta. Sobre o impacto dessas tecnologias, Giddens afirma:

> **O impacto desses sistemas de comunicação tem sido estarrecedor. Em países com infraestrutura de comunicações bem desenvolvidas, os lares e escritórios hoje têm várias conexões com o mundo externo, incluindo telefones (tanto linhas fixas quanto celulares), televisão digital, por satélite e a cabo, correio eletrônico e internet. A internet emergiu como o instrumento de comunicação de crescimento mais rápido já desenvolvido – por volta de 140 milhões de pessoas ao redor do mundo usavam a internet em 1998 e, estima-se que mais de um bilhão de pessoas a usava em 2007. (GIDDENS, p. 104)**

A internet, também chamada de rede mundial de computadores, foi criada nos Estados Unidos em 1969, com objetivos militares. Desde os anos 1990, as sociedades conseguiram ter acesso à internet. Ela permitiu que fossem transmitidos sons, imagens, vídeos, arquivos etc. Essa rede mundial gerou uma nova forma de organização social e de comunicação, caracterizando-se como uma tecnologia revolucionária na forma com que as pessoas se comunicam, trabalham e acessam os mais diversos tipos de informações. Por exemplo, pela internet é possível ter acesso a acervos de vários museus do mundo, sem ter a necessidade de sair de casa.

Ao longo dos últimos 100 anos, a tecnologia permitiu duas situações: ampliação da capacidade intelectual (calculadoras, primeiros computadores etc.) e substituição da capacidade intelectual (inteligência artificial, simuladores etc.). Isso remete a uma reflexão de Giddens (2012) sobre as mudanças sociais no mundo moderno, que são caracterizadas por modos de vida e instituições que são diferentes dos existentes em um passado recente.

Não se pode esquecer que o desenvolvimento e o uso de uma nova tecnologia alteram a trajetória do homem, provocam mudanças na vida das pessoas, nas relações sociais e na vida do homem em sociedade. David Harvey (2004), por exemplo, afirma que a tecnologia facilita a compreensão do tempo e do espaço, inclusive porque o uso da internet tem acelerado e aprofundado a Globalização, inclusive em regiões pobres, como África e Oriente Médio. Não se pode deixar de ressaltar que as pessoas estão se relacionando (interconectando) por meio da tecnologia, o que possibilitou que lugares distantes ficassem menos distantes.

Como afirma Giddens, a disseminação da tecnologia da informação acarretou a expansão das possibilidades de contato entre as pessoas ao redor do mundo, bem como tornou mais fácil o fluxo de informações sobre as pessoas e os acontecimentos que se dão em diversas partes do planeta. Assim, diariamente, lembra Giddens, as pessoas por meio da mídia global (por exemplo, a norte-americana CNN e a Globo no Brasil) recebem notícias, imagens e informações sobre várias partes do mundo. Exemplo disso foi o ataque de 11 de setembro de 2001, que ficou conhecido por milhões de indivíduos, chocou as pessoas e as fez ter medo do terrorismo.

"Os indivíduos hoje estão mais cientes de sua interconexão com outras pessoas e são mais prováveis de se identificar com questões e processos globais que no passado." (GIDDENS, 2012, p. 104). Por isso, as pessoas tiveram de perceber que a responsabilidade dos indivíduos e Estados não termina nas fronteiras nacionais, já que se estende além delas, há até mobilizações globais contra guerras, catástrofes ambientais e ditadores.

### Controle e uso da ciência e da tecnologia no mundo globalizado

A ciência e a tecnologia proporcionam diversos benefícios para as pessoas e suas sociedades, contudo não se pode deixar de lado os riscos que tanto a ciência quanto a tecnologia podem causar aos indivíduos. Por exemplo, quando a ciência e a tecnologia são utilizadas para beneficiar somente alguns grupos sociais ou apenas algumas empresas ou setores econômicos, distanciam-se de um uso republicano que geraria benefícios para a sociedade como um todo.

As discussões sobre a ciência e a tecnologia envolvem também questões polêmicas, tais como os debates acerca da reprodução humana, das células tronco e até sobre a clonagem, que levam à reflexão sobre questões éticas e problemas jurídicos sobre até onde a ciência e a tecnologia podem atuar. "O poder produz saber (...), não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder" (FOUCAULT, 2010, p. 30). A relação entre poder e saber é muito intensa, pois o poder (como exemplo os investimentos estatais em pesquisas em áreas estratégicas para um país) vai produzir saber (conhecimento), contudo não existe poder sem conhecimento (saber), uma vez que para ter poder, controle e domínio sobre algo ou alguém é preciso utilizar o conhecimento (para ganhar uma guerra, um país precisa conhecer o seu inimigo, inclusive as armas e o território dele). Além disso, ao pensar o fragmento de Foucault entende-se também que não há saber sem poder, visto que o conhecimento e a ciência geram poder ou mesmo um diferencial para uma empresa ou um Estado (por exemplo, uma montadora de carros que investe em pesquisa científica terá automóveis mais modernos e isso gerará para ela maior poder no mercado em que está inserida).

**Assimile**

Na visão de Francisco Matos (2012), ética é o conjunto de valores e princípios que norteiam a conduta humana na sociedade. A Ética é construída com base nos valores históricos e culturais. Além disso, Matos afirma que a Ética estuda as ações e o comportamento dos seres humanos e busca descobrir o que está por trás do nosso modo de ser e de agir.

Laymert Garcia dos Santos (2003) vai refletir sobre a relação entre tecnologia e sociedade e contribui com reflexões interessantes sobre esse tópico. Inicialmente, ele questiona qual será o futuro da humanidade em uma sociedade cada vez mais 'povoada' de máquinas inteligentes e superpoderosas. Santos afirma que as novas tecnologias (informática, nanotecnologia, genética etc.) têm provocado transformações profundas e gerado processos novos sem precedentes na história, por exemplo, a informática possibilitou novas formas de comunicação entre as pessoas e a genética permitiu que a reprodução humana se desse sem que ocorra uma relação sexual.

**Pesquise mais**

Aprofunde seus estudos e compreenda melhor quais são os pontos positivos e negativos da grande valorização das máquinas e tecnologia pela sociedade. Indicamos a leitura de Laymert Garcia dos Santos: *Politizar as novas tecnologias*: o impacto sociotécnico da informação digital e genética. São Paulo: Editora 34, 2003. Ler especialmente o capítulo: "Tecnologia, perda do humano e crise do sujeito de direito".

O livro de Santos se chama *Politizar as novas tecnologias*, porque ele considera que esse seja o caminho para que a humanidade domine as tecnologias e não seja dominada por elas.

Na visão de Santos (2003), no capitalismo atual emergem duas racionalidades: a econômica e a tecnocientífica. E emergem juntas as ideias de que não devem existir limites ao capital e ao progresso tecnocientífico. A tecnologia, segundo Santos, permitiu novas formas de reprodução humana, inclusive a opção da reprodução assistida para casais que não podem ou não querem ter filhos

pelas vias biológicas naturais. Santos diz que esse processo é a possibilidade da procriação sem sexo. Assim há inovações, como a inseminação artificial, clonagem, bancos de esperma, as células tronco, entre outras possibilidades. O autor diz que o Direito não está totalmente preparado para atuar nesse contexto. Desta forma, o Direito no mundo globalizado precisa traçar limites para o mercado e também para a ciência, que não representam censura, mas garantias para a vida social.

Quando pensamos no controle e uso da ciência no contexto global, enfrentamos algo que sempre se dá nas sociedades: o conflito entre os direitos dos indivíduos e os direitos da coletividade. A tecnologia pode piorar esse conflito. Meksenas (2002) argumenta que, na globalização, a ciência está reduzida à tecnologia produtiva e à de mercado. E, nessa lógica, os interesses de bem-estar humano são substituídos pelos interesses de mercado.

**Exemplificando**

Pensar sobre o papel da ciência na engenharia genética e a questão ética se torna relevante. Portanto, assista ao vídeo de um trecho da entrevista de Roberto D'Ávila com a geneticista Mayana Zats, renomada cientista brasileira e professora da Universidade de São Paulo (USP).

GLOBO NEWS. Roberto D'ávila entrevista Mayana Zats. s/d. Duração do vídeo: 5:52 min. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/roberto-davila/videos/v/roberto-davila-a-geneticista-mayana-zatz/6356283/>. Acesso em: 19 mar. 2018.

Para complementar esta discussão sobre ética e ciência, assista a um debate entre Mario Sérgio Cortella e Clóvis de Barros Filho acerca de ética no cotidiano.

INSTITUTO CPFL. *Ética no cotidiano*, com Mario Sergio Cortella e Clóvis de Barros Filho. 9 abr. 2015. Duração do vídeo: 52:09 min. Disponível em: <http://www.institutocpfl.org.br/play/etica-no-cotidiano-mario-sergio-cortella-e-clovis-de-barros-filho/>. Acesso em: 19 mar. 2018.

Completa-se esta discussão com os questionamentos feitos por Meksenas (2002): para que serve a ciência? E a quem ela serve? A ciência é utilizada para escravizar ou para libertar? Por que a ciência, às vezes, não é utilizada para o bem da humanidade? Na citação a seguir, o autor realiza uma reflexão sobre esses questionamentos:

"Todo o rigor de método para elaborar os diversos conhecimentos científicos das naturezas físicas e humanas não são isentos da defesa de interesses particulares da classe social que detém o controle da sociedade" (MEKSENAS, p. 48).

Para Foucault (1979), a ciência e o conhecimento são formados por meio de relações entre sujeitos, entre poderes. O autor argumenta que o conhecimento é originário de relações de poder de cada época, já que através das formas de organização do poder é que o conhecimento é buscado. Na visão de Foucault, o poder está em todas as relações, indo além do Estado, e tanto o saber como o poder podem ser utilizados como formas de controle da (na) sociedade. Por isso, os discursos de cada grupo social podem ser relacionados com os mecanismos utilizados para gerar poder. Como exemplo disso, o autor demonstra a relação entre a medicina e o capitalismo ao longo do século XX. Algumas doenças, como a hanseníase, e suas curas somente foram pesquisadas por causa das necessidades do capitalismo (o Estado ou empresários financiaram pesquisas para que certas doenças não atrapalhassem a produção), já que era preciso minimizar os impactos de certas doenças para que a classe trabalhadora ficasse menos doente e pudesse produzir mais.

Gilles Deleuze (1998) atualiza a teoria de Foucault sobre o controle social (que era chamado de sociedade disciplinar). Deleuze proclama o fim das instituições de confinamento (presídio, fábrica, escola, manicômio, entre outras, que eram utilizadas na visão de Foucault como locais para controlar/disciplinar os indivíduos), que foram estudadas por Foucault, e o aparecimento de novos dispositivos de controle. Deleuze chama essa nova estrutura de sociedade de controle, que cria a ilusão nos indivíduos de desfrutarem de mais autonomia por terem acesso às facilidades da internet em um mundo globalizado. Contudo, os comportamentos e hábitos de consumo dos indivíduos podem ser conhecidos por governos, por empresas multinacionais, por bancos (é feito de forma sutil, mas muito eficaz). Assim, a tecnologia, ao invés de libertar, amplia o controle sofrido pelas pessoas, tanto é que a frase comum colocada próxima a câmeras: "sorria, você está sendo filmado(a)" demonstra a perda de privacidade dos indivíduos no mundo globalizado. Além disso, a sociedade de controle parte da lógica da técnica e do mercado, em que as novas relações de poder estão vinculadas à informação.

## Sem medo de errar

A tecnologia gerou nos últimos 50 anos vários impactos socioeconômicos, não apenas em países desenvolvidos, mas também naqueles em desenvolvimento. Algumas situações elucidam esses impactos: o aumento da produção industrial, o crescimento da produtividade do trabalho humano, a criação de novos produtos, a diminuição do trabalho manual realizado pelo homem, a produção de medicamentos e equipamentos que deram qualidade de vida para pessoas com certas doenças e deficiências, entre outras atividades. A relação entre ciência e tecnologia, quando bem estruturada e apoiada pelo Estado e pelas empresas, pode facilitar que as invenções cheguem mais rapidamente às pessoas e ao mercado com preços acessíveis a boa parte da população.

Quando se pensa no impacto socioeconômico da tecnologia, entende-se que ela pode destruir postos de trabalho, como acontece com Raimundo. Para ampliar as chances de conseguir um novo emprego, alguns trabalhadores decidem retornar aos estudos e até mesmo aprender uma nova profissão, como é o caso de Raimundo, que voltou a estudar e decidiu cursar um supletivo de Ensino Médio. Ele e muitos indivíduos possuem a ilusão de que ao estudar certas profissões ampliam-se as chances de nunca ser demitido, mas não é bem assim, pois mesmo trabalhos que exigem conhecimento em tecnologia podem ser mecanizados. Tanto é que Raimundo colocou na cabeça que seu filho deve cursar engenharia e estudar robótica, o que traria a possibilidade de o filho nunca perder o emprego. Contudo, com as políticas de reestruturação produtiva e de gestão de pessoas, independente do curso, da experiência profissional e da faixa etária, sempre haverá risco de demissão em um mundo de trabalho inserido na globalização.

A ciência não é neutra, visto que ela está presente em um projeto de sociedade, de Estado e de mercado, o que faz com que certos interesses da sociedade civil não sejam respeitados e por isso se mecaniza sem pensar no impacto social em certos postos de trabalho. Não se pode esquecer que, tanto a ciência quanto a tecnologia, possuem relevância social e só com o avanço científico foi possível que houvesse as revoluções industriais. A Sociologia questiona o funcionamento da ciência e, em uma de suas vertentes, a Escola de Frankfurt, demonstrou-se que a ciência não é neutra e pode ser

estruturada para que ocorra a dominação de uma classe social por outra e a necessidade de se levar em consideração as condições sociopolíticas de aplicação das teorias científicas. Há também de se pensar sobre o fato de que a ciência pode ser utilizada para o controle social. A ciência, a tecnologia e a inovação quase sempre se baseiam nos interesses empresariais e governamentais, porém mais organizadas nos empresariais devido ao poder das grandes empresas no mundo globalizado. As tecnologias da informação impulsionam a globalização, e a inovação é uma exigência de nossa contemporaneidade, instigando novas formas de comunicação, de transações, de produção, de educação e de organização social.

Além disso, a ciência precisa ser pensada a partir de princípios éticos, não apenas para questões como reprodução humana e células tronco, mas para o desenvolvimento cotidiano da ciência, como na utilização de certas tecnologias que podem afetar a biodiversidade ou que podem acabar com uma determinada profissão. Um dado para pensar sobre as escolhas e o uso que se faz da tecnologia e da ciência: segundo estudos da Consultoria McKinsey e do Fórum Econômico Mundial, apenas no Brasil, 15,7 milhões de pessoas perderão seus empregos por causa da automação (PERRIN, 2018). Desse modo, as transformações científicas e tecnológicas atingem o mundo do trabalho e a estrutura produtiva e, ainda, têm efeitos sobre as relações sociais e as condições de vida dos indivíduos.

## Faça valer a pena

**1.** A neutralidade da ciência é algo questionável por autores de diferentes matrizes teóricas da Sociologia. Esse questionamento precisa ser feito sobretudo pelo impacto da ciência no mundo globalizado, nas economias e nas sociedades de países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Uma escola teórica da Sociologia que critica a neutralidade da ciência é
a) Escola Nova.
b) Weberianismo.
c) Positivismo.
d) Estruturalismo.
e) Escola de Frankfurt.

**2.** Leia a seguir o fragmento de reportagem da Folha de S.Paulo de 21 jan. 2017.

> No mundo, no período entre 2015 e 2020, o Fórum Econômico Mundial prevê a perda de 7,1 milhões de empregos, principalmente aqueles relacionados a funções administrativas e industriais. A avaliação de especialistas da área é que o mercado de trabalho passa por uma grande reestruturação, semelhante à revolução industrial. A diferença é que agora tudo acontece muito mais rápido: desde 2010, o número de robôs industriais cresce a uma taxa de 9% ao ano, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT).

PERRIN, Fernanda. Automação vai mudar a carreira de 16 milhões de brasileiros até 2030. In: Folha Uol. 21 jan. 2018. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/01/1951904-16-milhoes-de-brasileiros-sofrerao-com-automacao-na-proxima-decada.shtml>. Acesso em: 19 mar. 2018.

A partir da leitura do fragmento acima, assinale a alternativa que indica dois impactos negativos dessa alteração na estrutura produtiva e do mundo do trabalho.

a) Desemprego e desigualdade social.
b) Desigualdade social e crescimento econômico.
c) Preconceito de gênero e assédio moral.
d) Poluição e desemprego.
e) Queda da produtividade e do assalariamento.

**3.** Leia atentamente o fragmento a seguir.
A _____ e a tecnologia estão muito _____ e elas permitiram uma série de transformações econômicas, sociais e _____ ocorridas no último século. Não há mais como viver sem usar um _____ e um *smartphone* e tornou-se impossível viver em um mundo sem internet.
Escolha a alternativa que melhor complementa as lacunas do fragmento acima:

a) automação, atrasadas, culturais, telefone.
b) ciência, avançadas, tecnológicas, automóvel.
c) ciência, interligadas, produtivas, computador.
d) ética, ligadas, culturais, emprego.
e) medicina, desvinculadas, conjunturais, computador.

# Seção 4.3

## Mídia e indústria cultural

### Diálogo aberto

Caro aluno, seja bem-vindo à Seção 4.3, Mídia e Indústria Cultural. Você já pensou sobre como a mídia está presente na sua vida e de seus conhecidos? Aprofundando essa questão, pense sobre o seguinte: a mídia interfere nas principais decisões de sua vida, como quando e que tipo de carro comprar, que candidato votar em uma eleição, na sua visão sobre crime e corrupção, por exemplo? Vamos aprofundar essa discussão a partir de nosso personagem Raimundo.

Ele tem o hábito de assistir diariamente ao jornal das oito da noite e à novela das nove, ambos produzidos pela maior emissora de televisão do país (TV Globo) e isso já ocorre há pelo menos três décadas. Com a internet e as suas novas possibilidades, Raimundo tem começado a ler sites de notícias de futebol e de novela, mas tem percebido que, para ter acesso ao conteúdo completo deles, precisa pagar e nem sempre possui condições para isso, mas não troca a notícia vinda da internet pelo seu jornal televisivo. Em muitos momentos de sua vida, Raimundo tomou suas decisões com base no que falavam os meios de comunicação, desde para comprar certos produtos até para decidir o voto para presidente da República. Ele acredita em quase tudo que a mídia fala, sem a devida criticidade. Muitas vezes, ele já teve dificuldade para separar ficção de realidade, por exemplo, separar o ator da novela do personagem vilão que era interpretado. O que faz pessoas, como Raimundo, serem tão influenciadas pelo que a mídia fala? O poder da mídia pode ser visto além da esfera econômica? Por que a televisão ainda continua sendo importante fonte de informação no Brasil? Qual é o papel da internet na divulgação de notícias e de entretenimento no contexto de globalização?

## Não pode faltar

O tema de nossa última unidade é Mídia e Indústria Cultural. Abordaremos temas como: a sociedade de massa; as novas tecnologias das comunicações e a internet; o poder da mídia no mundo globalizado.

### A Sociedade de massa

A sociedade de massa pode ser pensada a partir de uma organização social, em que boa parte da população está vinculada à produção e ao consumo de bens e serviços, além de possuírem certos comportamentos típicos e sofrerem a influência dos meios de comunicação de massa. Mauro Wolf (2011) demonstra que a sociedade de massa foi constituída a partir do pensamento político do século XIX, de cunho muito conservador, ela foi resultante da crescente industrialização e das mudanças técnicas nos transportes e no comércio, além da difusão de valores, como a liberdade e a igualdade.

**Assimile**

O pensamento político do século XIX organizou-se com base em correntes ideológicas que se dividiam em consonância (a favor) e dissonância (contra) o capitalismo. As primeiras defendiam ideias como a propriedade privada, o lucro, economia baseada no mercado etc.; as segundas defendiam a propriedade coletiva, o bem-estar coletivo, a economia controlada pela própria sociedade etc. Exemplos das primeiras: o Nacionalismo e o Liberalismo Econômico. Exemplos das segundas: o Socialismo e o Anarquismo.

Sobre o viver em uma sociedade de massa, Theodor Adorno e Max Horkheimer (1973) argumentam:

> **[...] sempre que se trata de comportamentos específicos das massas, é possível descobrir neles um momento de irracionalidade, que vai desde o pânico numa sala de teatro até, segundo parece, às pretensas sublevações de um povo inteiro, nas quais os seguidores de alguns líderes sustentam com entusiasmo interesses que, com frequência, são violentamente opostos à sua razão e à sua autopreservação (ADORNO; HORKHEIMER, 1973, p. 73).**

Adorno e Horkheimer demonstram que muitas vezes a ideia de massas está vinculada a algo negativo, como totalitarismo, dominação, perda de autonomia e irracionalidade. Segundo os autores, isso se deu como forma de desqualificar os movimentos operários e socialistas que se organizaram na Europa no início do século XX.

Na reflexão de Adorno e Horkheimer sobre a sociedade de massa, há uma crítica da razão, em que eles se referem à razão iluminista, que objetivava a emancipação dos indivíduos e também o progresso social, mas que acabou por levar a uma grande dominação das pessoas em virtude do desenvolvimento tecnológico e industrial.

**Assimile**

O Iluminismo foi a base da Revolução Francesa (1789) e caracteriza-se como um conjunto de ideias que fundamentaram a oposição ao Absolutismo (modelo político em que o rei concentra todo o poder) e à organização política de países absolutistas. Entre as ideias do Iluminismo estão: a defesa da igualdade jurídica (não econômica, já que o Iluminismo defende princípios essenciais para o capitalismo, como a diferença econômica entre as classes sociais), da liberdade e da fraternidade, bem como a divisão de poderes em três (Executivo, Legislativo e Judiciário) e a ideia de que as pessoas devem ser portadoras de direitos a partir de princípios republicanos. O Iluminismo defende o pensamento científico e a razão em todas as situações.

Por viverem em uma sociedade de massa, os membros dessa sociedade se identificam e possuem símbolos comuns ao grupo. Além disso, como aborda Wolf (2011), a massa também é composta de indivíduos que não se conhecem e que estão espacialmente separados uns dos outros e possuem pouca ou nenhuma possibilidade de interação. A massa é, portanto, um novo tipo de organização social.

Jean Baudrillard (2008), sociólogo francês, compreende a ideia de massa a partir de um corpo que vai amortizar as forças políticas e sociais, ou seja, a massa faz que os indivíduos se conformem com as relações e estruturas sociais, sendo, assim, o conformismo um dos pilares fundamentais das sociedades de massas.

O filósofo José Ortega y Gasset (1962) cria, a partir da ideia de sociedade de massas, a concepção do homem-massa, que é

um conceito utilizado para explicar o indivíduo inserido em uma sociedade de massa. Para esse autor, o indivíduo contemporâneo é conformista em relação às estruturas econômica, política e social em que vive. Ortega y Gasset argumenta que a individualidade e o próprio indivíduo perdem força na sociedade de massas, pois ocorre uma homogeneização das diferenças. Desta forma, o "homem-massa" somente se sente confortável quando se vê em conformidade com a massa. Além disso, o '"homem-massa" se arrisca a deixar-se levar por líderes que podem ser medíocres.

Outra reflexão interessante sobre as sociedades de massas é proposta por Hannah Arendt (1998). Ela demonstra que, nas sociedades de massas, as pessoas não estão vinculadas a um interesse comum, que as façam deixar de lado um interesse individual em prol de um interesse coletivo. Arendt ainda argumenta que o indivíduo massificado representa o "princípio e o fim" do totalitarismo, uma vez que a sociedade de massas pretende criar indivíduos coesos, de atitudes previsíveis e de uniformidade de pensamento, o que facilita a defesa ou simplesmente indiferença a regimes totalitários. "Ora é muito perturbador o fato de o regime totalitário, malgrado o seu caráter evidentemente criminoso, contar com o apoio das massas." (Arendt, 2008, p. 712).

**Assimile**

O totalitarismo é um regime político em que um único indivíduo domina o Estado, tomando para si todos os poderes vinculados ao Estado. Exemplos de momentos históricos em que se teve totalitarismo: Nazismo com Hitler e Fascismo com Mussolini.

A sociedade de massas leva à criação da sociedade de consumo. Baudrillard (2008) afirma que a sociedade pós-moderna é uma sociedade de consumo, já que nela os indivíduos são sempre vistos como consumidores. Nessa sociedade, expandem-se os espaços para o consumo que passa a moldar as relações entre os indivíduos. Baudrillard vai demonstrar que já não se consomem coisas, mas apenas signos, o que indica que muitos indivíduos estão mais interessados no significado que os produtos possam ter e menos em suas funcionalidades.

**Exemplificando**

Há indivíduos que compram um *iPhone* de última geração não por suas funcionalidades, mas pelo *status* que este aparelho pode trazer nas suas relações sociais.

### A indústria cultural – Fundamentos Antropológicos e Sociológicos

Anthony Giddens (2012) menciona que, a partir da Teoria Crítica, elaborada pelos membros da Escola de Frankfurt, surge o conceito de Indústria Cultural que traz, em seu bojo, uma reprovação aos efeitos da mídia de massa sobre os indivíduos, sobre a cultura e até mesmo sobre o comportamento das pessoas.

Wolf (2011) argumenta que a expressão Indústria Cultural foi utilizada pela primeira vez por Horkheimer e Adorno no livro *A Dialética do Esclarecimento*, publicado em 1947. A Escola de Frankfurt reconhece, como Indústria Cultural, as empresas do entretenimento (cinema, televisão, rádio, jornais, revistas, músicas) que exercem grande influência sobre as culturas das sociedades. Os autores dessa escola afirmavam que, nas sociedades de massa, a produção cultural se tornou padronizada (inclusive os gostos do público) e dominada pela busca do lucro, como já acontecia com outros setores da sociedade e da economia. "Em uma sociedade de massa, a indústria do lazer era usada para induzir valores apropriados entre o público: o lazer já não era uma pausa do trabalho, mas a preparação para ele." (GIDDENS, 2012, p. 534). Os membros da Escola de Frankfurt (Adorno, Horkheimer, Habermas, Marcuse entre outros) consideram que, na sociedade capitalista, o tempo de lazer foi industrializado.

Sobre a Escola de Frankfurt, Giddens faz uma relevante reflexão:

> **A Escola de Frankfurt foi estabelecida nas décadas de 1920 e 1930, consistindo em um grupo livre de teóricos inspirados por Marx, mas que consideravam que as ideias de Marx precisavam de uma revisão radical. Entre outras coisas, eles argumentavam que Marx não havia dedicado suficiente atenção à influência da cultura nas sociedades capitalistas modernas. (GIDDENS, p. 531).**

Além disso, a Escola de Frankfurt abordou o fato de que a disseminação da Indústria Cultural, com seus produtos padronizados e muitas vezes sem qualidade, acabou por enfraquecer a capacidade dos indivíduos de pensamento crítico e independente. Há também a ideia de que as pessoas não conseguem se livrar da propaganda midiática e, por isso, tornam-se suas presas. Wolf (2011) trata do fato de que, num mundo baseado na Indústria Cultural, o indivíduo não toma mais suas decisões de forma autônoma, e a sociedade acaba por manipular o indivíduo. O autor ainda menciona que:

> **Embora os indivíduos creiam que, no período em que não trabalham, eximem-se dos rígidos mecanismos produtivos, na realidade a mecanização determina de modo tão integral a fabricação dos produtos de distração, que o que se consome são apenas cópias e reproduções do próprio processo de trabalho. (WOLF, p. 77).**

Horkheimer e Adorno assinalam que as produções artísticas, na Indústria Cultural, levam os indivíduos a acreditarem que estão em pleno momento de diversão, esquecendo-se de suas dores e evitando a responsabilidade do pensar. Não seria uma fuga da realidade, segundo os autores, mas uma fuga do último pensamento de resistência que ainda poderia ter sido deixado pela realidade. A seguir, reproduzimos citação de Adorno a esse respeito.

> **Na América, podemos ouvir da boca dos produtores cínicos que seus filmes devem dar conta do nível intelectual de uma criança de onze anos. Fazendo isso, eles se sentem sempre incitados a fazer de um adulto uma criança de onze anos. (ADORNO, 1978, p. 293).**

**Assimile**

O conceito de Indústria Cultural diz respeito à ideia de que, em uma economia capitalista, os bens culturais (teatro, música, esculturas, cinema etc.) se transformaram em mercadorias que têm, como objetivo, garantir lucro aos seus donos ou exploradores. Walter

Benjamim (um dos membros da Escola de Frankfurt) defende a ideia (em seu artigo "A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução", in: *A Ideia do Cinema*, Editora Civilização Brasileira, 1969, p. 55-95) de que, devido à Indústria Cultural, as obras de arte perderam algumas de suas características por terem se tornado repetitivas e modistas, além de terem se transformado em bens de consumo. Além disso, a Indústria Cultural é portadora da ideologia dominante, ou seja, da ideologia capitalista, que estimula o individualismo. A Escola de Frankfurt vai defender que a Indústria Cultural é um importante agente de manutenção das relações de poder da sociedade capitalista.

### As novas tecnologias das comunicações e a internet

A sociedade de massas se desenvolveu com a industrialização e gerou uma sociedade de consumo, nascendo, desse contexto, a indústria cultural que vai ser caracterizada pela transformação das atividades culturais (reproduzidas como mercadorias) em um negócio, em um ramo da economia. Além disso, a indústria cultural acabou por adaptar a produção cultural para o consumo das massas, o que pode impactar negativamente na produção cultural, especialmente por diminuir a liberdade dos artistas.

É indiscutível que a internet representou avanços na forma de uma pessoa se comunicar, de estudar, de trabalhar, de ter acesso à informação, de buscar emprego, de se relacionar com os bancos (*home banking*) e até com o Estado que passou a disponibilizar informações e serviços pela internet, inclusive para facilitar a relação com o cidadão e tornar os processos administrativos e burocráticos mais transparentes (no Brasil, houve avanços com o Portal da Transparência, em que os governos disponibilizam informações sobre gastos públicos e salários de servidores públicos).

A internet possui pontos positivos, como ter facilitado a comunicação, mas há também pontos negativos, como usuários que sofrem fraudes e golpes, além da violação de seus direitos, tais como o direito à privacidade. Duas questões podem ser destacadas nessa discussão: será que a internet nos tornou mais livres e inteligentes? Será que as redes sociais tornaram as pessoas mais felizes?

Vamos para a primeira questão: a internet possibilitou maior acesso à informação, contudo, isso não foi garantia de que as pessoas tenham ficado mais inteligentes, pois, na internet, veiculam-

se informações falsas (*fake News*) e se reproduz senso comum, assim como preconceito contra vários indivíduos e grupos sociais. Já a segunda questão diz respeito ao fato de que as redes sociais nem sempre deixam as pessoas mais felizes, pois nelas há pessoas que tornam público seus problemas ou que criam uma imagem que não é verdadeira sobre suas vidas, seus trabalhos e vida social com a intenção de ter algum *status*.

Sobre as redes sociais, Zygmund Bauman, em entrevista para o El País no início de 2016, traz considerações importantes.

> **Mas, nas redes, é tão fácil adicionar e deletar amigos que as habilidades sociais não são necessárias. [...] as redes sociais não ensinam a dialogar, porque é muito fácil evitar a controvérsia. Muita gente as usa não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que eu chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes, onde o único que veem são os reflexos de suas próprias caras. As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha. (QUEIROL, Ricardo de. Entrevista: Zygmund Bauman. As redes sociais são uma armadilha. 9 jan. 2016. In: *El Pais*.)**

Atualmente, é possível acessar à internet a partir de dispositivos que vão além dos computadores, como *smartphones* e *tablets*, o que tornou a internet mais acessível para muitos indivíduos que antes não podiam acessá-la. Além disso, houve melhoria na qualidade dos serviços e no tráfego de dados nos últimos anos.

Contudo, como aborda Giddens, a internet também é um ambiente dominado pelos interesses privados, sobretudo das multinacionais, o que pode limitar (ou já limita) a liberdade dos indivíduos e a democracia na rede. Sobre isso, o sociólogo inglês ainda afirma:

> **A visão da internet nas mãos de vários conglomerados midiáticos opõe-se em nítido contraste à ideia de um domínio eletrônico livre e irrestrito, que os entusiastas da internet imaginavam apenas alguns anos atrás. Em seus primeiros**

> anos, a internet era vista como um domínio individualista, onde os usuários podiam navegar livremente, pesquisando e compartilhando informações, fazendo conexões e interagindo fora do domínio do poder corporativo. Todavia, a presença dos gigantes e anunciantes da mídia corporativa tem ameaçado isso. Os críticos preocupam-se de que o aumento do poder corporativo sobre a internet afundará tudo, exceto a 'mensagem corporativa', e poderá levar a internet a se tornar um domínio restrito acessível apenas a assinantes. (GIDDENS, 2012, p. 547).

Ainda sobre a internet, Manuel Castells (2000) afirma que ela propicia, às empresas, a capacidade gerencial de atividades que estão descentralizadas e que possuem alta complexidade. Já para os indivíduos, no entendimento do autor, a internet possibilita novas formas de trabalho e emprego, além de formas diferenciadas de expressão individual (*blogs*, redes sociais entre, outras formas) e de sociabilidade. Castells considera que a internet é muito relevante para as ações dos ativistas políticos, já que ela possibilita que se coopere e dissemine várias mensagens ao redor do mundo.

Castells (2000) denomina de Sociedade da Informação (ou Sociedade em Rede) esse contexto digital em que se vive atualmente. Essa sociedade foi organizada a partir de dois elementos chaves: os avanços tecnológicos e a internet, que estão presentes nas relações sociais e na organização econômica e política dos países.

Giddens (2012) vai falar também das redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter*, que permitiram que as comunicações pela rede se tornassem populares para indivíduos de diferentes faixas etárias, escolaridades e classes sociais. Em relação aos jovens, por exemplo, o autor afirma que eles têm abandonado a passividade da televisão para aderir a meios mais interativos, como as redes sociais e até o *YouTube* (há atualmente jovens que dizem que seus projetos de vida são atuar como youtubers – produtores de vídeos para o *YouTube*). Devido à perda de público, a televisão teve de alterar seus programas e a relação com os telespectadores, agora mais dinâmica, graças à internet e às redes sociais. Em relação à rede social mais utilizada – o *Facebook* –, torna-se relevante lembrar que: "Se o *Facebook* fosse um país, ele seria o terceiro maior do mundo, atrás apenas da China e da Índia." (Qualman, 2011, p. 16).

Quando pensamos na relação entre mídia tradicional e internet, uma característica da internet é que ela permite uma grande interatividade, o que não era possível com a televisão e o rádio, por exemplo. O receptor da mensagem pode inclusive selecionar a abrangência e a profundidade com que os temas podem ser tratados, tal como demonstra Castells (2001). A ideia do autor é complementada a seguir.

> a mídia eletrônica (não só o rádio e a televisão, mas todas as formas de comunicação, tais como o jornal e a internet) passou a se tornar o espaço privilegiado da política. Não que toda a política possa ser reduzida a imagens, sons ou manipulações simbólicas. Contudo, sem a mídia, não há meios de adquirir ou exercer poder. Portanto, todos [os partidos políticos, de ideologias distintas] acabam entrando no mesmo jogo, embora não da mesma forma ou com o mesmo propósito. (CASTELLS, 2001, p. 367)

### O poder da mídia no mundo globalizado

Giddens (2012) argumenta que, nas últimas três décadas, houve grandes transformações nas empresas de mídia. Isso se deu devido ao processo de globalização e também por causa das novas tecnologias da informação que levaram à criação de novas formas de mídia (como os portais de notícias na internet). O autor diz ainda sobre essas transformações:

> No começo do século XXI, o mercado global da mídia era dominado por um grupo de aproximadamente 20 corporações multinacionais, cujo papel na produção, distribuição e comercialização de notícias e entretenimento podia ser sentido em quase todos os países do mundo. (GIDDENS, 2012, p. 543).

Há alguns fatores que contribuíram para uma nova ordem global da mídia, segundo Giddens, tais como: a mídia global é dominada por um pequeno número de grandes empresas (grande parte delas com sede nos Estados Unidos); as empresas de mídia deixam de ser na totalidade ou parcialmente estatais, virando um setor organizado

pelo capital privado; as grandes empresas de mídia operam em diversos países, vão além de fronteiras nacionais; as empresas de mídia oferecem vários produtos, como a *Time Warner* (que oferecem música, notícias, filmes, programação de televisão etc.) ou as organizações Globo no Brasil. Outro ponto salientado por Giddens é o grande número de fusões entre empresas de mídia. "Por meio da mídia eletrônica, os produtos culturais ocidentais certamente são difundidos de forma ampla ao redor do planeta. Como já vimos, os filmes norte-americanos estão disponíveis por todo o mundo, assim como a música popular ocidental." (GIDDENS, 2012, p. 544).

Convém salientar que, como as principais agências de notícias são de países desenvolvidos, há o risco de que as notícias publicadas tenham uma perspectiva baseada nos interesses econômicos, políticos e ideológicos de seus países sede, inclusive para reproduzir valores capitalistas e da globalização.

Milton Santos (2000) afirma que a globalização é o ápice da internacionalização do capitalismo. Assim, um dos aspectos muito importantes do processo de globalização é a aceleração dos fluxos de informações, o que resultou em mudanças não só para as pessoas, mas também para as empresas e os Estados.

No capitalismo globalizado, em que é demasiada a busca pelo lucro, os meios de comunicação de massa são ferramentas essenciais para esse processo, pois a mídia tem papel econômico e político, que vai além de divulgar notícias, já que forma a opinião pública e dita até regras de comportamento dos indivíduos. Não se pode deixar de ressaltar que a mídia cria impactos sobre indivíduos de diferentes classes sociais e níveis de escolaridade com o objetivo de impulsionar o consumo (mesmo do que não se precisa) e manipular a opinião pública. Nas propagandas, por exemplo, os indivíduos recebem mensagens, que de certa forma podem ser vistas como agressivas, tais como: compre este carro, mude a sua operadora de telefonia, compre uma tevê nova, beba tal refrigerante, e nessas mensagens muitas vezes está presente o fetichismo da mercadoria, desenvolvido por Karl Marx.

**Assimile**

O caráter fetichista da mercadoria deriva de que as relações sociais entre as pessoas adquirem necessariamente a forma ilusória de uma relação de coisas. No mundo das mercadorias, "os produtos do trabalho humano" se relacionam entre si como se fossem "coisas autônomas", como se tivessem "vida própria". (SOUZA; MATTOS, 2007, p.169)

No mundo globalizado, a mídia, sobretudo a televisão e a internet (em portais de entretenimento), vai explorar a vida de pessoas comuns e seus comportamentos, nos chamados *reality shows*, que, no Brasil, ficaram marcados pelo Big Brother, exibido pela TV Globo e bastante explorado e noticiado pelo portal Globo.com. A ideia desses programas é fazer com que as pessoas se interessem por intrigas, por algo que não está programado e por pessoas desconhecidas em situações que levam a algum desconforto (como ficar isolado do mundo em uma casa com outros desconhecidos por mais de 40 dias em que se expõem intimidades e fraquezas) e que teriam reações que interessariam aos telespectadores e internautas. Os participantes dos *reality shows* fazem isso por sonhar receber altas quantias em dinheiro ou mesmo ficar famosos rapidamente.

Castells (2013) afirma que a mídia no mundo globalizado é uma das fontes decisivas de construção do poder. O autor complementa que os meios de comunicação de massa são amplamente controlados por governos e empresas midiáticas. Para fugir disso, sociedades e indivíduos podem utilizar as formas de comunicação disponíveis, como a internet e as plataformas de comunicação sem fio. Na visão do autor, as redes sociais possibilitam comunicação de forma mais livre, sem os impedimentos da mídia tradicional, sobretudo porque, como ele afirma, na última década, a mídia não se tornou confiável para indivíduos e instituições, como os movimentos sociais.

Torna-se ainda importante trazer as contribuições de um outro livro de Castells, *Rede de indignação e esperança* (2013), em que ele trata da luta dos movimentos sociais em um mundo globalizado e que dispõe de uma nova forma de comunicação a partir da internet. Ele trata de importantes lutas da sociedade civil junto a movimentos sociais ocorridos em 2011: a Revolução na Tunísia, a Revolução Egípcia e o *Occupy Wall Street* (EUA). Sobre o uso da internet na organização dos movimentos sociais, Castells afirma:

> Começou nas redes sociais da internet, já que estas são espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas, que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder. Compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais. Uniram-se. E sua união os ajudou a superar o medo, essa emoção paralisante em que os poderes constituídos se sustentam para prosperar e se reproduzir, por intimidação ou desestímulo – e quando necessário pela violência pura e simples, seja ela disfarçada ou institucionalmente aplicada. (CASTELLS, 2013, p. 10).

Castells analisa um poder que as pessoas e movimentos sociais passaram a ter com a internet e, mais especificamente, com as redes sociais, pois há menos controle das empresas e dos governos na internet. As redes sociais permitiram inclusive que as pessoas se organizassem em torno de certas ações e projetos. Como afirma Castells, foi possível compartilhar dores e esperanças, o que foi muito relevante para que os movimentos sociais conseguissem apoio e pudessem se organizar.

**Pesquise mais**

Como há uma relação entre as reflexões realizadas nesta seção e o jornalismo/produção de reportagens, indicamos a leitura do livro *Showrnalismo*: a notícia como espetáculo, de José Arbex Júnior., editora Casa Amarela, 2001.

Na obra, Arbex faz uma reflexão sobre o funcionamento da mídia e demonstra que muitas vezes é muito sútil a fronteira que separa notícia de espetáculo. O capítulo a ser lido é o primeiro, chamado "Memórias e histórias", e os tópicos que indicamos são 1 e 2: "Telenovela ou domesticação do imaginário" e "O império das corporações", respectivamente.

## Sem medo de errar

O Brasil sempre esteve entre os países que mais se assiste televisão e que mais se influencia por ela. Uma parte dos brasileiros, como Raimundo, sempre baseou suas decisões no que é noticiado pela imprensa, que não é neutra e cria heróis e vilões. A baixa escolaridade, a despolitização, a alienação e a ausência de criticidade permitem que a mídia, sobretudo no Brasil a TV Globo, exerça um papel de ditar gostos, escolhas e posições políticas e ideológicas. Não se pode perder de vista que as empresas de mídia buscam lucro, são, portanto, negócios, que têm anunciantes e interesses. A internet ainda não está acessível a todos no Brasil, o que faz a televisão continuar sendo relevante para uma parte considerável da população. A internet facilita o contato com o mundo globalizado por meio de notícias, de museus on-line, de transações financeiras e de compras. A seguir aprofundaremos essas questões.

A mídia está presente na vida de todos, independentemente da classe social, da religião, do nível de escolaridade e da etnia. Como discutiu-se ao longo da seção, a sociedade atual se caracteriza por ser de massas e por ter uma produção cultural voltada aos interesses de mercado (a indústria cultural).

Vale salientar que algumas pessoas conseguem ter uma criticidade em relação ao que a mídia divulga, defende ou critica, porém, boa parte das pessoas não consegue fazer isso, e, acaba, muitas vezes, por aceitar passivamente o que o conteúdo midiático transmite. Como vimos nesta seção, a partir do pensamento de autores relevantes como Castells, Giddens, Baudrillard, entre outros, a mídia possui muito poder e ela é atualmente globalizada e liderada por grupos que geralmente defendem uma visão de mundo baseada nos interesses das grandes multinacionais e de países desenvolvidos.

Por isso, não se pode ter a ilusão de que o poder da mídia é apenas econômico ou político, já que ela influencia mentes e corações também no âmbito sociocultural. Vimos que a mídia tem pretensão de formar indivíduos acríticos e que possuem um estilo de vida que vai beneficiar os interesses das grandes multinacionais e da elite econômica. Você já pensou quantas vezes a mídia cria preconceitos com indivíduos, etnias, culturas, países e profissões? O impacto negativo disso é que esses preconceitos são reproduzidos quase que diariamente por pessoas em várias partes do mundo.

Mesmo com o avanço da internet, a televisão continua sendo poderosa, a exemplo da TV Globo. Para manter ou reconquistar públicos, a televisão teve de se modificar e se tornar mais interativa, por exemplo, utilizando redes sociais como meios para obter maior contato com seus telespectadores.

A internet popularizou o acesso a informações e a notícias sobre vários assuntos, o que democratiza as informações, porém como os principais veículos de produção de notícias e entretenimento estão vinculados a grandes grupos econômicos, nem sempre se tem uma pluralidade de informações e de posições sobre os variados temas. A internet possibilitou que fossem se desenvolvendo mecanismos alternativos de informações, vinculados a *blogs* e as redes sociais, e isso foi fundamental para a comunicação entre os membros e apoiadores dos movimentos sociais, tal como argumenta Manuel Castells (2013).

## Faça valer a pena

**1.** A sociedade de massa pode ser pensada a partir de uma organização social em que a boa parte da população está vinculada à produção e ao consumo de bens e serviços, além de possuírem certos comportamentos típicos e sofrerem a influência dos meios de comunicação de massa.

A respeito do tema, podemos afirmar:

I. A sociedade de massa leva à criação da sociedade de consumo.
II. A massa faz com que os indivíduos se conformem com as relações e estruturas sociais.
III. O próprio indivíduo perde força na sociedade de massas, pois ocorre uma homogeneização das diferenças.

Assinale a alternativa que apresenta as afirmações corretas:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) III, apenas.
e) I, II e III.

**2.** Segundo Giddens (2012), as principais empresas de mídia são multinacionais e possuem sede nos países desenvolvidos. Elas possuem muito poder e recursos econômicos. São exemplos: a CNN, a Fox, a Sony, a Warner, a Disney, entre outras.

Diante do que apresenta o texto, analise as seguintes asserções:

I. Empresas midiáticas multinacionais podem limitar a cobertura jornalística ao que é de seu interesse ou dos governos de onde estão sediadas.

PORQUE

II. O maior risco do poder exagerado dessas empresas é o estímulo a uma visão de mundo extremamente democrática.

Acerca dessas asserções, assinale a opção correta:

a) As duas asserções são proposições verdadeiras, e a segunda é uma justificativa correta da primeira.
b) As duas asserções são proposições verdadeiras, mas a segunda não é uma justificativa da primeira.
c) A primeira asserção é uma proposição verdadeira, e a segunda, uma proposição falsa.
d) A primeira asserção é uma proposição falsa, e a segunda, uma proposição verdadeira.
e) Tanto a primeira quanto a segunda asserções são proposições falsas.

**3.** A sociedade de _____ tem como características: grande parte da _____ está envolvida com a produção, a distribuição e o _____ de bens e são muito influenciados pelos meios de _____de massa. Essa sociedade está relacionada com a sociedade do _____.

Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas das frases acima.

a) consumo, população, transporte, comunicação, entretenimento.
b) economia, comercialização, lucro, transporte, lucro.
c) massa, população, consumo, comunicação, consumo.
d) classes, mercadoria, comércio, revolução, capital.
e) massa, economia, lucro, comércio, consumo.

# Referências


ADORNO, Theodor W. "A indústria Cultura". *In*: COHN, Gabriel (Org.), **Comunicação de Massa e Indústria Cultural**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. **Temas básicos da sociologia**. São Paulo: Edusp/Cultrix, 1973.

ANTUNES, Ricardo. "O neoliberalismo e a precarização estrutural do trabalho na fase da mundialização do capital". In: SOUTO MAIOR, Jorge Luiz, et al. **Direitos humanos**: essência do direito do trabalho. São Paulo: LTr, 2007

_____. "Desenhando a nova morfologia do trabalho: as múltiplas formas de degradação do trabalho". **Revista Crítica de Ciências Sociais.** Coimbra – Portugal: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, nº 83, dez/2008.

ARBEX JR, José. **Showrnalismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Portugal: Edições 70, 2008.

BAUMAN, Zygmunt& MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2001

_____. **Rede de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAVALCANTE, Zedequias Vieira e SILVA, Mauro Luis Siqueira. "A importância da Revolução Industrial no mundo da tecnologia". **VII EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica**. Maringá: CESUMAR, outubro 2011.

COSTA, Cristina. **Sociologia**: questões da atualidade. São Paulo: Moderna, 2010.

D'ÁVILA, Roberto. Entrevista: MayanaZats. s/d. Duração do vídeo: 5:52 min. **Globo News**. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/roberto-davila/videos/v/roberto-davila-a-geneticista-mayana-zatz/6356283/>. Acesso em: 29 jan. 2018.

DELEUZE, Giles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1998.

FEENBERG, A. ***Transforming Technology***. New York: Oxford University Press, 2002.

FOUCAULT, Michel. Ciência e Saber. In: **A Arqueologia do Saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Editora Loyola, 2010.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Penso, 2012.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

INSTITUTO CPFL. **Ética no cotidiano**, com Mario Sergio Cortella e Clóvis de Barros Filho. 9 abr. 2015. Duração do vídeo: 52:09 min. Disponível em: <http://www.institutocpfl.org.br/play/etica-no-cotidiano-mario-sergio-cortella-e-clovis-de-barros-filho/>. Acesso em: 29 jan. 2018.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1997.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**. São Paulo: Unesp, 2000.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MACIEL, Maria Lucia. "Hélices, sistemas, ambientes e modelos: os desafios à Sociologia da Inovação. *In*: **Sociologias**. Porto Alegre, ano 3, nº 6, jul/dez 2001

MARCUSE, Herbert. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. **Algumas implicações sociais da tecnologia moderna**. In: Kellner, D. (Ed.) Tecnologia, guerra e fascismo. São Paulo: Unesp, 1999.

MATOS, Francisco Gomes. **Ética na Gestão Empresarial**. São Paulo: Saraiva, 2012.

MATTOSO, Jorge. **A desordem do trabalho**. São Paulo: Scritta, 1995.

MEDEIROS, José Adelino e MEDEIROS, Lucília. **O que é tecnologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MEDEIROS, Soraya Maria de & ROCHA, *Semiramis Melani Melo*. "Considerações sobre a 3ª Revolução Industrial e a força de trabalho em saúde em Natal". **Ciência e Saúde Coletiva**. 9(2), Rio de Janeiro: Junho 2004.

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa social e ação pedagógica**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

OCDE. **Manual de Oslo**: Diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação. 3. ed. Paris: OCDE, 2005.

OLIVEIRA, André J. Entrevista: Mario Sergio Cortella. Não basta ter informação, é preciso saber o que fazer com ela. 23 ago. 2017. **Revista Galileu**.

Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/08/mario-sergio-cortella-nao-basta-ter-informacao-e-preciso-saber-o-que-fazer-com-ela.html>. Acesso em: 24 jan. 2018.

ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. Rio de Janeiro: Livro Ibero-americano, 1962.

PERRIN, Fernanda. "Automação vai mudar a carreira de 16 milhões de brasileiros até 2030". *In*: **Folha Uol**. 21 jan. 2018. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/01/1951904-16-milhoes-de-brasileiros-sofrerao-com-automacao-na-proxima-decada.shtml>. Acesso em: 29 jan. 2018.

PINHEIRO, Nilceia Aparecida et al. "Ciência, tecnologia e sociedade: a relevância do enfoque CTS para o contexto do Ensino Médio" In: **Ciência & Educação**, v. 13, nº 1. Bauru: Unesp, 2007.

POCHMANN, Marcio. **O Emprego na Globalização – a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu**. São Paulo: Boitempo, 2002.

QUALMAN, Erik. ***Socialnomics*. Como as mídias sociais estão transformando a forma como vivemos e fazemos negócios**. São Paulo: Saraiva, 2011.

QUEIROL, Ricardo; BAUMAN; Zygmunt. "As redes sociais são uma armadilha". In: **El Pais/Cultura**. 9 jan. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html>. Acesso em: 8 fev. 2018.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Laymert Garcia dos. **Politizar as novas tecnologias**: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética. São Paulo: Editora 34, 2003.

SCHAFF, Adam. **A sociedade informática**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SINGER, Paul. "Desemprego e Exclusão Social". **São Paulo em Perspectiva**, n. 10(1), São Paulo: Seade, 1996.

SOUZA, Jessé; MATTOS, Patrícia (orgs). **Teoria crítica no século XXI**. São Paulo: Editora Annablume, 2007.

TIDD, J.; BESSANT, J.; PAVITT, K. ***Managinginnovation: integratingtechnological, marketandorganizationalchange***. West Sussex: John Wiley & Sons, 1997.

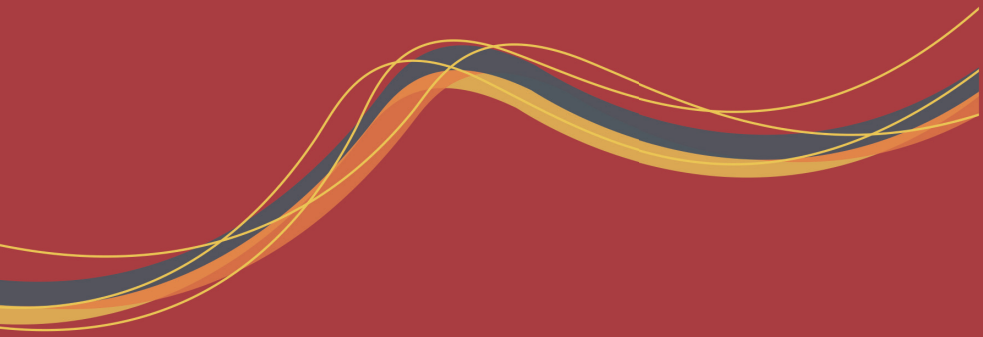
WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

# Anotações

# Anotações

# Anotações

# Anotações



ISBN 978-85-522-0614-9